



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**CAMINHOS CRUZADOS: ITINERÁRIOS DE PIONEIROS PROFESSORES DO
ENSINO SUPERIOR EM SERGIPE (1915-1954)**

JOÃO PAULO GAMA OLIVEIRA

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2015**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**CAMINHOS CRUZADOS: ITINERÁRIOS DE PIONEIROS PROFESSORES DO
ENSINO SUPERIOR EM SERGIPE (1915-1954)**

JOÃO PAULO GAMA OLIVEIRA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação, Linha de Pesquisa: “Historia, Sociedade e Pensamento Educacional”.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Eva Maria Siqueira Alves

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2015**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



JOÃO PAULO GAMA OLIVEIRA

“CAMINHOS CRUZADOS: ITINERÁRIOS DE PROFESSORES DO ENSINO
SUPERIOR SERGIPANO (1915-1954)”

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal de Sergipe e
aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em 18.09.2015

Prof.^a Dr.^a Eva Maria Siqueira Alves (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof.^a Dr.^a Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof. Dr. Samuel Barros de Medeiros Albuquerque
Universidade Federal de Sergipe/UFS

Prof. Dr. Norberto Dallabrida
Universidade do Estado de Santa Catarina/ UDESC

Prof.^a Dr.^a Lina Maria Brandão Aras
Universidade Federal da Bahia /UFBA

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2015

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE**

O48c Oliveira, João Paulo Gama
Caminhos cruzados : itinerários de pioneiros professores do ensino superior em Sergipe (1915-1954) / João Paulo Gama Oliveira ; orientadora Eva Maria Siqueira Alves. – São Cristóvão, 2015.
319 f. : il.

Tese (doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2015.

1. Educação – História – Sergipe. 2. Ensino superior - Sergipe. 3. Professores. 4. Educadores. 5. Faculdade de Filosofia de Sergipe. I. Alves, Eva Maria Siqueira, orient. II. Título.

CDU 378.011.3(813.7)(091)

À Maria Marleide, minha inesquecível “vó” (*in memoriam*).
À Maria Edna e Eduardo Francisco, meus pais e exemplos de vida.
À Roselusia Morais Oliveira, minha amada.
A todos aqueles que, nos caminhos da vida, deixam pegadas a serem seguidas.

AGRADECIMENTOS

Aos fins das tardes, após o árduo trabalho do dia, costumo escrevinhar estas linhas. Ouço vir de longe um som trôpego e obstinado de Oboé. Certamente de um aprendiz. Penso, ao escrever estas crônicas, perseguindo “o Engenho e a arte”: sou eu, talvez, como este obstinado aprendiz de Oboé?! (Manoel Cabral Machado, 2005b, p. 9).

Um “aprendiz de Oboé” assim se auto descrevia Cabral Machado ao começar seu livro de mesmo título. Aquele que tenta “escrevinhar estas linhas”, após horas longas de trabalho, como um aprendiz na busca por dominar um novo instrumento. Com o espírito de “aprendiz” do conhecimento científico, cuja tese é o seu título máximo, contei constantemente com a contribuição de pessoas para que o fruto culminasse no presente trabalho. Então, é chegada a hora de agradecer.

Sempre grato a Deus, pela sua infinita bondade e providência, iluminou-me ao longo dos anos de doutoramento, da escrita desta tese; nas horas fáceis e difíceis sempre pude contar com a fé e a certeza de que “tudo posso Naquele que me fortalece”. Só com Deus o sonho do jovem interiorano pode se transformar em realidade.

Na materialização do sonho em elemento real, os personagens principais foram meus pais. Maria Edna e Eduardo Francisco nunca pouparam esforços para investir na educação, não só minha, mas dos seus três filhos. De um povoado de uma cidadezinha do interior da Bahia, de família humilde, a mentalidade de professora me guiou para as letras, para a escola desde muito cedo, sempre com o apoio de um dos poucos homens da localidade que não colocava seu filho para trabalhar na roça e priorizava a educação.

Edna e Eduardo não mediram forças para que eu estudasse em cinco cidades, ao tempo que o grau de ensino aumentava e necessitava estudar mais. Sem o amor de vocês e a educação esmerada que recebi, o Doutorado não teria sido possível. Junto a esses raios de luz, estão meus irmãos amados, Pedro Henrique e Valéria Patrícia, que já me tratavam como Doutor bem antes do título, orgulham-se do irmão, ajudaram-me neste trabalho, ouviram-me e compartilharam das venturas e desventuras desses anos de estudos.

À vó Marleide e ao vô Edgar (*in memoriam*), que partiram deste plano nos últimos tempos, mas deixaram as marcas de suas vidas impregnadas naqueles que os rodeavam. Marleide será lembrada como a mulher guerreira, alegre e confiante em dias melhores, aquela que me ensinou acerca da beleza e fugacidade da vida, a jovem senhora que me instruiu a viver mais e melhor. A primeira professora do meu povoado, aquela que plantou a semente da educação na nossa família, a lutadora e desbravadora de horizontes. Aos meus tios maternos,

Edagilsa e Edilson Torres, que são a extensão da minha família e a certeza de que sempre estaremos juntos, mesmo diante de tantos desafios que a vida proporciona.

À Roselusia Morais Oliveira, minha amada esposa. Nossa história de amor trilhou junto à escrita desta tese e esses anos de doutoramento. Pesquisadora que és, ouviu, leu, opinou e, sobretudo, ajudou, desde os pequenos gestos de cumplicidade, com a leitura das primeiras versões dos escritos até as complexas discussões teóricas e epistemológicas. Amor, agora só eu e você, as nossas teses finalmente nasceram, que venham outros frutos, outras bênçãos, outros “nascimentos” nos nossos caminhos, pois “o que era sonho virou realidade”. Só me resta a agradecer a Deus por ter colocado você na minha vida e a você por se permitir me amar e deixar ser amada, rompendo barreiras, distâncias e construindo nossos projetos, nossa família, na certeza de que juntos somos mais!

Agradeço à minha orientadora, Eva Maria Siqueira Alves, que confiou em mim desde o princípio, acreditou que eu podia fazer o doutorado e, mais que isso, me possibilitou mudar o foco da tese, rever os caminhos traçados e seguir na direção aqui exposta. Mulher forte, de personalidade singular, um exemplo de dedicação e seriedade no trabalho como professora e pesquisadora que és. Sou feliz e grato por ter sido seu orientando ao longo de toda essa trajetória de formação e como aprendi com a digníssima professora elementos cruciais do ofício de ser pesquisador, professor e pessoa no mundo acadêmico. Aqui se encerra uma etapa da relação profissional, contudo, ainda percorreremos juntos muitos outros trajetos, tanto nos projetos acadêmicos, como também da vida. Meu muito obrigado, professora Eva!

À minha amiga/irmã Simone Paixão, que tanto ouviu e colaborou comigo ao longo desse doutorado. Uma pessoa iluminada e excelente pesquisadora, cujos conselhos, sugestões e observações foram fundamentais na vivência desses últimos anos, assim como na escrita da Tese. Grato também pela leitura da versão preliminar do trabalho e comentários sempre certos de sagaz pesquisadora. Um muito obrigado de verdade! Ao Grupo de Pesquisa “Disciplinas Escolares: História, Ensino e Aprendizagem”, cujas leituras e debates incitaram novas reflexões e repercutiram direta ou indiretamente na tese, especialmente à Ana Márcia Barbosa e Sayonara Almeida.

Aos meus amigos do mundo de Clio, agradeço a todos em nome do meu irmão/padrinho Jairton Peterson. O que era para ser mais um colega de graduação tornou-se um amigo para todas as horas, o companheiro de longas jornadas com as quais juntos sofremos, sorrimos, aprendemos e criticamos, mas, sobretudo, vivemos a boa fase de estudantes universitários, o ingresso na profissão docente, as amarguras, alegrias, a pós-

graduação... E a amizade permanece agora nas aventuras do ‘trintando’ que recentemente fomos apresentados.

Ao casal mais simpático e agradável da intelectualidade sergipana: Beatriz Gois e Ibarê Dantas. Sumidades nas suas áreas de atuação, foram alunos e/ou amigos dos professores estudados na tese; na companhia de ambos, pude conhecer mais dos docentes analisados e, com eles, “viajar” no tempo. Registro meu agradecimento às tardes na casa de vocês, aos e-mails que rapidamente me respondiam com as minhas incansáveis dúvidas, as indicações de referências e pessoas para conversar e, acima de tudo, pelo exemplo de que competência e humildade podem caminhar juntas no mundo acadêmico.

À professora Terezinha Oliva, pelos contatos fornecidos das famílias pesquisadas e por ser uma “fada madrinha” que me auxiliou a trilhar o universo da pesquisa desde a graduação em História, quando tive a oportunidade de ser estagiário no Museu do Homem Sergipano. Agradeço também ao amigo Samuel Albuquerque pela confiança depositada quando me entregou a direção do Arquivo e da Biblioteca do IHGSE. Em seu nome, agradeço a todos aqueles com quem tive a oportunidade de conviver nos meus “tempos de Instituto”. Bons colegas como: Aline Cruz, Fernanda Santos, Nayara Santos e Pablo Marone, bem como a toda a diretoria da qual fiz parte.

Docentes que estiveram presentes na Banca de Defesa da Tese, Anamaria Freitas, Joaquim Tavares, Lina Aras, Norberto Dallabrida e Samuel Albuquerque, muito obrigado pelos comentários precisos e pela leitura minuciosa. Assim como, os professores da Banca de Qualificação, Margarida Louro Felgueiras, Eliana Souza e Samuel Albuquerque. As indicações certeiras contribuíram de forma decisiva para a confecção desta tese. Os professores do Doutorado, especialmente à querida Anamaria Bueno, exemplo de professora que ama o ofício e compartilha o conhecimento; e às inesquecíveis aulas de Jorge Carvalho e Paulo Neves.

Aos amigos, que a correria da vida não deixou os laços desatarem, Paulo Dantas, Agnaldo Almeida, Emília Guerra, Cristiane Torres, Dênis Correia, Diego Matos, Elizangela Souza, Iara Alves, Ricardo Nascimento, Lucas Passos, Igor Teles, Maria José Dantas, Sayonara Rodrigues e Daniele Virginie. Aos colegas do curso de Doutorado, em nome de toda a turma agradeço na pessoa de Socorro Lima, que está sempre presente e disponível a ajudar um amigo. À amiga Nadja Bonifácio, pela pesquisa realizada na Biblioteca da Unicamp e contribuição nos desafios do arquivo dos Salesianos. À Sônia Albuquerque, pela correção ortográfica e sempre disponibilidade. Ao nobre amigo Daniel Renno que, com presteza, colaborou no trato com as imagens e no design do texto.

À Vanessa Magalhães da Silva e Lina Aras, pelas indicações de local de pesquisa e pessoas com as quais pude contar na capital baiana – as direções apontadas por ambas se concretizaram com o apoio da família Carmo, especialmente, a amiga feirense Roseane Carmo, que me guiou nas ruas e ladeiras de Salvador nos tempos em que pesquisei nos Arquivos da Bahia; nesta época, até me recordava que sou um baiano/interiorano.

Aos colegas de trabalho, especialmente àqueles que entendem o significado de um doutorado em conjunto com a labuta da sala de aula, e aos meus alunos que tantas vezes queriam saber mais do que eu “vivia a estudar”.

Às famílias dos intelectuais aqui pesquisados, que se mostraram disponíveis a aceitar abrir seu “baú de memórias” para um “estranho”. Especialmente, a Luiz Carlos Fontes, que prontamente me recebeu para falar do seu pai, e a Elze Silveira Fontes, que me permitiu o acesso aos seus “arquivos pessoais” e o contato com fragmentos, muito bem guardados, da vida de Silvério Fontes. Da mesma forma, fui recebido por Marinalva Fortes. Estas duas mulheres me proporcionaram visualizar as obras de Bonifácio e Silvério, olhar seus quadros, imaginar os seus dias de trabalho, leitura e escrita naquele espaço. Sem sombra de dúvidas, uma viagem pelo tempo.

O sobrinho de Maria Thetis Nunes, Fernando Nunes, que tive a oportunidade de visitá-lo em Salvador e dialogar sobre a sua tia, bem como Anita Barreto, pelos contatos fornecidos para tratar da sua tia Thetis. Carmen Machado, sempre disponível a colaborar; e a filha de Felte Bezerra, Suzana Bezerra, morando no Rio de Janeiro, conversou comigo por telefone e respondeu meus e-mails com uma disponibilidade constante. Carmen Duarte, prima de Cabral Machado, e Ascendina Machado, filha do rosarense, que também colaboraram com o trabalho.

Às Instituições pesquisadas, um agradecimento especial à Dona Ângela do IHGSE; Solenar, no Arquivo da Faculdade de Direito da Bahia; Marli, na Faculdade de Filosofia da Bahia; Cristina Fortuna, memorialista da Faculdade de Medicina e Louise arquivista da Escola Politécnica da UFBA. Às “evitas” do CEMAS; ao sempre prestativo Eanes, na secretaria do PPGED/UFS, e aos funcionários das demais instituições educacionais nas quais busquei revirar os seus arquivos.

Por fim, fica a certeza de que pesquisar exige laços de amizade com pessoas que auxiliam, entendem, questionam e, mais que isso, vivem este momento da vida particular de cada um. Sou feliz por ter ao meu lado essas pessoas que tornaram a caminhada mais agradável e saborosa.

O risco é da condição humana e por isso mesmo a sua grandeza, como dizia Pascal, é que precisamos participar o mais intensamente possível das coisas e dos acontecimentos para não nos escravizarmos nem a um nem aos outros. É o paradoxo da beleza suprema do nosso destino. Para nos libertarmos devemos nos submeter. Para termos paz devemos aceitar a luta. Para compreendermos o valor das coisas sensíveis, devemos atravessar o labirinto das coisas complicadas (Palavras de Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Ataíde, citadas por Maria Thetis Nunes na abertura do seu discurso de posse na Academia Sergipana de Letras em 1990).

RESUMO

A presente tese tem por objeto de investigação um grupo de pioneiros professores do ensino superior em Sergipe. Mais especificamente, a pesquisa analisa os caminhos trilhados por Felte Bezerra (1908-1990), José Bonifácio Fortes Neto (1926-2004), José Silvério Leite Fontes (1925-2005), Manoel Cabral Machado (1916-2009) e Maria Thetis Nunes (1923-2009), desde a vida estudantil, atuação no ensino secundário até a docência nas primeiras turmas de graduação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FCFS), no recorte temporal de 1915 a 1954. O objetivo geral desta pesquisa de doutoramento é analisar os itinerários individuais de um grupo de intelectuais desde a formação escolar até seu ingresso no magistério secundário e primeiros passos como docentes na pioneira instituição de formação de professores no ensino superior em Sergipe, a FCFS. Diante da perspectiva de estudar cinco professores que compõem uma parcela da “elíte cultural” de Sergipe, os fundamentos teórico-metodológicos que embasam este estudo atendem aos conceitos de intelectual, itinerários e estruturas de sociabilidade compostas por redes e microclimas do autor francês Jean-François Sirinelli, além de dialogar com as reflexões de Maurice Halbwachs acerca da memória e Carlo Ginzburg sobre as “pistas, indícios e sinais”. As fontes escolhidas são múltiplas: entrevistas, discursos, boletins, cartas, cadernetas de aulas, atas das reuniões nas escolas que trabalharam e na FCFS, escritos em jornais e revistas, álbuns de formatura, diários pessoais, “livro de família”, livros de ponto, livros de registro de diplomas, livros de atas, livros de contratos dos funcionários, caderno escolar, fotografias, e, principalmente, as memórias dos professores em análise. Dessa forma, defendo a tese de que os pioneiros professores do ensino superior em Sergipe eram intelectuais reconhecidos entre os seus contemporâneos, com uma notoriedade angariada pelas “redes” das quais seus familiares já faziam parte, como também ao longo da vida estudantil, no trabalho como professores do ensino secundário e como membros de diferentes instituições da cidade de Aracaju. Seus caminhos já haviam se cruzado em diferentes espaços de formação e atuação, sendo a FCFS mais um ponto de encontro dos itinerários individuais da intelectualidade sergipana de meados do século XX.

Palavras chave: Faculdade de Filosofia. História da profissão docente. História do Ensino Superior. Intelectuais. Itinerários.

ABSTRACT

This thesis aims to research a group of pioneering teachers of higher education in Sergipe. More specifically, the research analyzes the paths of Felte Bezerra (1908-1990), José Bonifácio Fortes Neto (1926-2004), José Silvério Leite Fontes (1925-2005), Manoel Cabral Machado (1916-2009) and Maria Thetis Nunes (1923-2009), covering their student lives, their performance in secondary education and their acting as professors in the first undergraduate classes of the Catholic Faculty of Philosophy of Sergipe (FCFS), from 1915 to 1954. The main objective of this PhD research is to analyze the individual itineraries of a group of intellectuals from school education to secondary teaching and first steps as professors at the first teacher training institution in higher education in Sergipe, the FCFS. Due to the prospective of studying five teachers who make up a portion of the "cultural elite" of Sergipe, the theoretical and methodological foundations that underpin this study meet the concepts of intellectual, itineraries and sociability structures composed by networks and microclimates of the French author Jean-François Sirinelli, along with Maurice Halbwachs's reflections on memory and Carlo Ginzburg's about the "clues, evidence and signs." The selected sources are multiple: interviews, speeches, reports, student's reports, class records, minutes of meetings in schools where they worked and in the FCFS, newspapers and magazines articles, graduation albums, personal diaries, "family book", time sheets, books in which diplomas were registered, minutes books, books with the employees' contracts, school notebooks, photographs, and especially the memories of the teachers, who were subject this study in the analysis. Thus, I defend that the pioneers of higher education teachers in Sergipe were recognized intellectuals among their contemporaries, with a reputation gained by "networks" of which their families were already part of, as well as throughout the student life, as teachers of secondary education and as members of different institutions in the city of Aracaju. Their paths had already crossed in different areas of education and work, being the FCFS another intersection for their individual itineraries of intelligentsia found in Sergipe in the mid-twentieth century.

Keywords: Philosophy School. History of the teaching profession. Higher Education History. Intellectuals. Itinerary.

RÉSUMÉ

Ce travail a pour objet d'étude un groupe de professeurs pionniers dans l'enseignement universitaire sergipanaïs. Mais, surtout cette recherche analyse les chemins parcourus par Felte Bezerra(1908- 1990), José Bonifácio Fortes Neto (1926-2004), José Silvério Leite Fontes (1925-2005), Manoel Cabral Machado (1916-2009) et Maria Thetis Nunes (1923-2009), depuis leurs débuts scolaires, en tant qu'élèves, leurs travaux aux lycées jusqu'à leurs engagements dans l'enseignement supérieur dans les premiers cours de la Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FCFS), entre 1915 à 1954. Ainsi, le but de cette étude de Doctorat est d'analyser les parcours individuels des enseignants cités, depuis leurs formations scolaires jusqu'à leur engagement dans l'enseignement universitaire à la FCFS. Les cinq professeurs étudiés composent ce qu'on peut appeler la "crème intellectuelle" de Sergipe, par conséquent les fondements théoriques-méthodiques que guident cette étude s'accordent aux concepts d'intellectualisme, parcours, structures de sociabilités composées par des réseaux et microclimat de l'auteur français Jean-François Sirinelli. De plus, on dialogue avec les réflexions de Maurice Halbwachs sur la mémoire et celles de Carlo Ginzburg sur les " pistes, indices et signes". Leurs sources choisies sont diverses: interview, discours, bulletins, lettres, carnet des cours, enregistrements officiels des réunions pédagogiques, écrits dans des journaux et magazines, album de cérémonies de remise de diplômes, journaux intimes, " carnet de famille", livre de point, livre d'enregistrement de diplômes, minutes livres de contrats d'embauchement des employés, cahiers scolaires, et surtout les mémoires des maîtres des professeurs analysés. De cette façon, on défend la thèse que les professeurs pionniers de l'enseignement supérieur de Sergipe étaient des intellectuels reconnus dans leur époque, avec une notoriété acquise par des "réseaux" lesquelles les gens de leur famille participaient, ainsi que par leurs parcours scolaires, par leurs travaux dans des lycées et par leurs contributions dans plusieurs institutions dans la ville d'Aracaju. Leurs chemins se sont déjà croisés lors de leurs formations et leurs actions professionnelles, ainsi leur retrouvailles à la FCFS a rendu ce espace sergipanaïs une référence intellectuelle dans le XX^{ème} siècle.

Palavras chave: Faculdade de Filosofia. Histoire de la profession enseignante. Histoire de l'enseignement supérieur. Intellectuels. Parcours.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – “Sobradão” onde nasceu Manoel Cabral Machado em Rosário do Catete/SE	64
Figura 2 – Manoel Cabral Machado – 1916	66
Figura 3 – Silvério Fontes e sua irmã/madrinha – Celuta em 1924.....	71
Figura 4 - Silvério Leite Fontes – 1925	72
Figura 5 - Casa onde viveu Bonifácio Fortes no período de infância – Aracaju/SE	80
Figura 6 - Aspecto dos bondes elétricos em trecho da Rua João Pessoa, Aracaju/SE na década de 1930	101
Figura 7- Rua Laranjeiras em Aracaju (1930)	103
Figura 8 - Professores do Atheneu Sergipense em 1936	112
Figura 9 - Silvério Leite Fontes na época de estudante do Colégio Tobias Barreto	119
Figura 10 - Professores e alguns alunos do Atheneu Sergipense – Entre o final de 1930 e início de 1940	130
Figura 11 - Capa do caderno das aulas da cadeira de História da aluna Maria Thetis Nunes – 1939	136
Figura 12 - Formatura do curso complementar de Thetis Nunes no Atheneu Sergipense – 1939.....	146
Figura 13 - Placa da turma de concludentes do curso fundamental do Atheneu Sergipense - 1939	147
Figura 14 - Jaime Cunha, Isaías Alves e Maria Thetis Nunes – Formatura de Geografia e História da FFB em 1945	177
Figura 15 - Thetis Nunes em reunião de estudantes universitários – 1943	180
Figura 16 - Maria Thetis Nunes e demais colegas de Faculdade na solenidade de entrega do prêmio de monografia	181
Figura 17 - Colação de Grau de Maria Thetis Nunes em Geografia e História na Faculdade de Filosofia da Bahia	183
Figura 18 - Prédio da Faculdade de Direito da Bahia na Rua Teixeira de Freitas-Salvador/BA	196
Figura 19 - Formatura de Cabral Machado na Faculdade de Direito da Bahia –1942	204
Figura 20 - Colação de grau de José Silvério Leite Fontes na Faculdade de Direita da Bahia - 1946.....	212
Figura 21 – Turma de Bacharéis da Faculdade de Direito da Bahia – 1950	214
Figura 22 - Casamento de Manoel Cabral Machado com Lourdes Maria – 1944	240
Figura 23- Professores da FCFS – Pioneiros docentes do ensino superior em Sergipe	269

Gráfico 1 – Cadeiras e notas da discente Maria Thetis Nunes no curso fundamental do Atheneu Sergipense (1935-1939)	133
--	-----

Mapa 1 – Locais de nascimento de professores do ensino superior em Sergipe.....	83
Mapa 2 – Residências e instituições de formação e/ou atuação dos professores da FCFS na cidade de Aracaju/SE.....	267

Quadro 1- Professores da FCFS: situando os primeiros caminhos trilhados	82
Quadro 2-Itinerários da formação educacional de Felte Bezerra no Colégio Tobias Barreto ..	93
Quadro 3 - Itinerários do aluno Manoel Cabral Machado no Atheneu Sergipense.....	107
Quadro 4 - Cadeiras e catedráticos do curso complementar pré-jurídico do Atheneu Sergipense (1940-1941)	123
Quadro 5 - Itinerários de Maria Thetis Nunes como discente do curso fundamental do Atheneu Sergipense (1935-1939)	128
Quadro 6 - Anotações de Maria Thetis Nunes nas aulas de História da Civilização de Arthur Fortes (1939)	139
Quadro 7 - Itinerários de José Bonifácio Fortes Neto como discente do curso ginásial do Colégio Tobias Barreto (1938-1942)	153
Quadro 8 - Instituições educacionais sergipanas e professores particulares na primeira metade do século XX: itinerários estudantis de Bonifácio Fortes, Cabral Machado, Felte Bezerra, Silvério Fontes e Thetis Nunes	161
Quadro 9 - Formação acadêmica do grupo de professores da FCFS na Bahia	169
Quadro 10 - Concurso vestibular de Maria Thetis Nunes para o curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia da Bahia (1943)	172
Quadro 11 - Itinerários da discente Maria Thetis Nunes na Faculdade de Filosofia da Bahia (1943-1945)	175
Quadro 12 - Maria Thetis Nunes aluna, do Curso de Didática da FFB em 1946	184
Quadro 13 - Itinerários do discente Felte Bezerra no curso de Odontologia da Faculdade de Medicina da Bahia (1930-1932)	191
Quadro 14 - Formação dos sergipanos na Faculdade de Direito da Bahia: José Bonifácio Fortes, José Silvério Leite Fontes e Manoel Cabral Machado.....	198
Quadro 15 - Notas do concurso para a cátedra de História Geral no Atheneu Sergipense em 1945	234
Quadro 16 - Atuação dos pioneiros professores do ensino superior sergipano na FCFS (1951-1954)	257

LISTA DE SIGLAS

ASL – Academia Sergipana de Letras

CEMAS – Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense

CTA – Conselho Técnico Administrativo

DIESP – Divisão da Inspeção Escola de Sergipe

ESSS – Escola Superior de Serviço Social

FCES – Faculdade de Ciências Econômicas de Sergipe

FCFS – Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe

FDS – Faculdade de Direito de Sergipe

FFB – Faculdade de Filosofia da Bahia

FFCH – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

FAMEB – Faculdade de Medicina da Bahia

IHGSE – Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

JUC – Juventude Universitária Católica

LEC – Liga Eleitora Católica

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFS – Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

1 – HORIZONTES DA CAMINHADA: UMA INTRODUÇÃO	19
2 – “DEU OS PRIMEIROS PASSOS E D’AHÍ CONTINUOU A CAMINHAR”: NAS TRILHAS DE LINHAS FRAGMENTADAS	42
2.1.- PERCORRENDO OUTRAS TRILHAS EM BUSCA DE NOVOS CAMINHOS	45
2.1.1 - Os grupos de intelectuais sergipanos pelas lupas de diferentes viajantes no tempo	51
2.2 - ENTRE SUJEITOS E SUAS HISTÓRIAS: PRIMEIROS PASSOS DE DISTINTOS PERCURSOS.....	56
3 - MEMÓRIAS DOS “MESTRES DE TUDO”: ITINERÁRIOS ESTUDANTIS NAS TERRAS SERGIPANAS DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	85
3.1 - ITINERÁRIOS DO ALUNO FELTE BEZERRA NO COLÉGIO TOBIAS BARRETO: PROFESSORES QUE MARCARAM SUAS MEMÓRIAS.....	87
3.2 - DAS AULAS EM CAPELA AO GINÁSIO DA BAHIA: ASPECTOS DA VIDA ESTUDANTIL DE MANOEL CABRAL MACHADO.....	96
3.3 - A ESCOLARIZAÇÃO DE SILVÉRIO LEITE FONTES: DE ARACAJU A SALVADOR.....	118
3.4 - UMA ITABAIANENSE EM ARACAJU: A ALUNA MARIA THETIS NUNES NO ATHENEU SERGIPENSE	125
3.5 - DAS PRIMEIRAS AULAS COM IAIAZINHA AOS ESCRITOS NO CURSO CLÁSSICO DO ATHENEU SERGIPENSE: O ALUNO BONIFÁCIO FORTES.....	150
4 - “VIVI, COMO ESTUDANTE, NA CIDADE DO SALVADOR”: PERCURSOS DE ACADÊMICOS SERGIPANOS NA BAHIA	167
4.1 - MARIA THETIS NUNES: UMA SERGIPANA NA PRIMEIRA TURMA DA FACULDADE DE FILOSOFIA DA BAHIA	170
4.2 - FELTE BEZERRA: O DESCONTENTAMENTO COM A FORMAÇÃO EM ODONTOLOGIA	186
4.3 - CABRAL, SILVÉRIO E BONIFÁCIO: SERGIPANOS NA FACULDADE DE DIREITO DA BAHIA	193
5 - “AO RETORNARMOS A SERGIPE, FORMADOS, NOS ENCONTRARÍAMOS NO MAGISTÉRIO”: “OS LAÇOS QUE SE ATAM” NA DOCÊNCIA COMO UM “CAMPO MAGNÉTICO”	218
5.1 - “PROFESSOR POR VOCAÇÃO”: TRAÇOS DA PROFISSONALIZAÇÃO DOCENTE NO ENSINO SECUNDÁRIO SERGIPANO	220
5.1.1 - “Tomei gosto pelo magistério”: Felte Bezerra e a docência	221
5.1.2 - Maria Thetis Nunes: o ingresso da “subversiva” nos caminhos do magistério...	231
5.1.3 - Da Faculdade de Direito na Bahia à sala de aula em Sergipe: itinerários de bacharéis sergipanos	238
5.2 - DE DOCENTE DO ENSINO SECUNDÁRIO A PROFESSOR DO ENSINO SUPERIOR: O “MICROCLIMA” DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE	249

“MUITOS FORAM OS CAMINHOS POR MIM PERCORRIDOS”: “POSSO DIZER MENINOS EU VI...”	271
REFERÊNCIAS	278
FONTES	296
APÊNDICES	309
APÊNDICE A – CAMINHOS CRUZADOS: INSTITUIÇÕES DAS QUAIS PARTICIPARAM O GRUPO DE PIONEIROS PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR EM SERGIPE (1915-1954)	310
APÊNDICE B – PUBLICAÇÕES DO GRUPO DE PIONEIROS PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR SERGIPANO	315

1 – HORIZONTES DA CAMINHADA: INTRODUÇÃO

Diariamente, caminhando para o trabalho, ou por outro motivo qualquer, pisamos o solo das mesmas ruas e praças. Aquelas pedras, aquelas paredes, aquelas casas, o céu, o sol, as estrelas, a chuva caindo, a ardência do calor, o nordeste impetuoso, as fisionomias humanas dos nossos cidadãos, o ritmo da vida da cidade; tudo isso entra pelos olhos, os ouvidos e o coração, começando a fazer parte de nós mesmos.

Com que saudades vemos erguer-se um edifício onde antes se levantava um velho prédio de linhas memoráveis! Como aquela rua, hoje calçada a paralelepípedos, lembra-nos as areias em que brincávamos ainda crianças! Como a nossa cidade, crescendo e mudando, traz-nos a dolorosa reminiscência do passado morto, a agitação do presente e a esperança no futuro desconhecido! Como a cidade é parte de nós mesmos! Ela está povoada dos amigos e dos inimigos, dos que nos estão ligados pelo amor ou pelo ódio! Como Aracaju é parte da história viva de cada um de nós! Eu não seria como sou se vivesse fora de Aracaju. Nem qualquer dos que me ouvem. Nós todos e Aracaju somos inseparáveis (SILVÉRIO LEITE FONTES, 1957, p. 10).

Diante do que escreveu José Silvério Leite Fontes acerca da cidade de Aracaju, em 1957, convido então o leitor a visualizar uma capital quase centenária e que tinha sua vida cultural calcada nas ruas do centro e no entorno. Nessa região, concentravam-se os cinemas como o *Guarany* e o *Rio Branco*, as sorveterias, as festas religiosas e os bondes elétricos¹. Este é o ponto de partida para a leitura desta tese, a capital sergipana em meados do século XX.

Ao longo do texto, quando os embalos do passado se encaminharem para as primeiras décadas do século XX, farei um convite para uma visita à cidade de Itabaiana, terra natal de Maria Thetis Nunes. Uma ou outra ida às cidades de Rosário do Catete e Capela, locais que residiu Manoel Cabral Machado. Ou mesmo à cidade de Aracaju para percorrer um caminho até o Parque Teófilo Dantas, ir até a casa de Bonifácio Fortes, ou de Felte Bezerra no centro da cidade, andando um pouco mais e até mesmo pegando o bonde, poderia chegar até a colina de Santo Antônio, onde Silvério Fontes nasceu.

Pelas ruas da cidade, o percurso pode seguir até o Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, ao Colégio Tobias Barreto do seu diretor Zezinho, já o Atheneu Sergipense era quase uma passagem obrigatória para aqueles que se arvoravam a cursar o ensino secundário. Bem mais que espaços construídos para concentrar a formação educacional da mocidade sergipana, as escolas evocam lembranças que extrapolam a aprendizagem de conteúdos e forjam uma memória dos indivíduos. Assim, os espaços percorridos e lugares frequentados também contribuíram para a formação de “meúdos adolescentes”² na primeira metade do século XX.

Por essa época, nas noites da capital sergipana, muitas vezes conversava-se às portas das casas; em outras, ouvia-se rádio, todavia, na maior parte da cidade, o silêncio preponderava. Ruas e praças que marcaram o tempo e que ainda exalam a história das pessoas que por ali transitavam entre a Rua João Pessoa, a Rua Laranjeiras, a Praça Fausto Cardoso, a Rua da Aurora, a Praça Tobias Barreto, a Rua Itabaiana e tantos outros espaços que fazem parte da memória do povo sergipano.

Para Mário Cabral (1948), a Rua Laranjeiras era o local em que o pequeno burguês realizava suas compras, era uma rua popular com pequenas lojas de tecidos, das casas de ferragens, dos armazéns de secos e molhados, das padarias, pastelarias, dos bares e dos cafés

¹ Descrição baseada nos estudos de Cabral (1948), Graça (2002), Melins (2007), Diniz (2009), Andrade e Brito Filho (2012), Porto (2011), os artigos veiculados na “Revista de Aracajú”, em meados do século XX, além das próprias fotografias da cidade naquele período.

² Expressão utilizada por Garcia Moreno (1952) para fazer referência a Felte Bezerra.

de uma qualidade inferior. Já o operário, comprava no Mercado e o “granfino” se dirigia à rua João Pessoa – em geral, a mais movimentada da cidade onde abrigava lojas, bares, sorveterias, hotéis, bancos e barbearias. Ali, naquela rua, estavam o Cinema Rio Branco, vários cafés e salões, a Casa Leal, a Sorveteria Primavera, além da Gráfica Editora e as livrarias: Comercial, Monteiro e Regina.

Espaços como os da Livraria Regina³ eram frequentados pelos intelectuais sergipanos que ali localizavam os lançamentos da área em estudo, seus autores prediletos ou uma novidade qualquer. Nas livrarias, em cafés na casa dos amigos, nas reuniões em diferentes locais, falava-se sobre distintos autores, discutia-se sobre estudos, assuntos publicados na imprensa, leituras despretensiosas e, também, aquelas alusivas aos assuntos em questão. Nesses espaços criavam-se, forjavam-se, ou intensificavam-se laços de amizade ou de distanciamento.

Na região central de Aracaju, e em seu entorno, também se concentravam escolas como o Atheneu Sergipense⁴, a Escola Normal Rui Barbosa⁵, os Grupos Escolares⁶ e os colégios: Tobias Barreto⁷, Jackson de Figueiredo⁸, Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora⁹, Nossa Senhora de Lourdes¹⁰, entre outros estabelecimentos públicos e particulares que eram passagem obrigatória para aqueles que chegavam à sala de aula. Além dos estabelecimentos de ensino, também se localizavam por ali, espaços que agregavam intelectuais como a

³ Para outras informações acerca da Livraria Regina, um marco na circulação de livros na cidade de Aracaju no século XX, consultar a monografia de Santos (2004).

⁴ Segundo Alves (2005), ao longo dos anos, o Atheneu Sergipense recebeu variadas denominações: Atheneu Sergipense (1870), Lyceu Secundário de Sergipe (1881), Escola Normal de Dois Graus (1882), Atheneu Sergipense (1890), Atheneu Pedro II (1925), Atheneu Sergipense (1938), Colégio de Sergipe (1942), Colégio Estadual de Sergipe (1943), Colégio Estadual Atheneu Sergipense (1970), e atualmente Centro de Excelência Colégio Atheneu Sergipense (desde 2003). Ao longo da tese, utilizarei a denominação Atheneu Sergipense, com exceção de quando se tratar de transcrição de fontes, na qual utilizarei o termo presente no documento. O Atheneu Sergipense foi criado em 1870, sendo a primeira escola de ensino secundário de Aracaju, ainda em funcionamento na aurora do século XXI, essa “Casa de Educação Literária” constituiu-se como a principal instituição de ensino secundário de Sergipe ao longo do final dos oitocentos e a primeira metade do século XX. A respeito dos diferentes traços da história do Atheneu Sergipense ver Alves (2005).

⁵ A Escola Normal recebeu várias denominações ao longo da sua história, Escola Normal Rui Barbosa (1924), Ginásio Estadual do Instituto Pedagógico Ruy Barbosa (1945), Instituto de Educação Rui Barbosa (1954), embora ciente dessas nomenclaturas ao longo da tese utilizarei a denominação Escola Normal Rui Barbosa, exceto quando tratar de documentos nos quais a referida instituição for mencionada, seguirei assim seu nome como citado. Sobre a história da Escola Normal, consultar entre outros, Freitas (2003a) e Barroso (2011).

⁶ No tocante aos grupos escolares da cidade de Aracaju ver, entre outros estudos, a dissertação de Santos (2009).

⁷ Com relação ao Colégio Tobias Barreto ver os estudos de Mangueira (2003) e Conceição (2012).

⁸ A respeito de diferentes elementos da história do Colégio Jackson de Figueiredo, ver a dissertação de Pimentel (2014) que almejou analisar as práticas educativas e a história do colégio desde a fundação em 1938 até o momento que deixou de ser escola particular em 1980.

⁹ Sobre a história do Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, ver Silva (2000).

¹⁰ O Colégio Nossa Senhora de Lourdes foi fundado em Aracaju, no ano de 1909, pelas Irmãs Sacramentinas, uma escola feminina em regime de internato que abrigava majoritariamente as filhas de famílias abastadas do interior do Estado, para mais informações sobre o Colégio consultar Costa (2003) e Conceição (2012).

Livraria Regina, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)¹² e algumas instituições de ensino superior criadas no final da década de quarenta e no início dos anos cinquenta do século XX¹³. Entre as quais, a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FCFS), com início das atividades em 1951, funcionou por oito anos no prédio do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, conhecido como “Colégio das Freiras”, localizado no centro da capital sergipana e, em 1959, transferiu suas atividades para sua sede própria na rua de Campos no bairro São José.

As pioneiras faculdades criadas em Aracaju datam do final de 1940, Economia e Química¹⁴; no início da década de cinquenta do século XX, criam-se a FCFS¹⁵ e a Faculdade de Direito¹⁶; logo depois, a Escola Superior de Serviço Social e a Faculdade de Medicina. As seis instituições foram o embrião que, reunidas, deram vida à Universidade Federal de Sergipe (UFS), que iniciou suas atividades em 1968¹⁷.

Entre essas, a FCFS constituiu-se como a única instituição entre as “pioneiras” faculdades com mais de um curso superior ofertado para a comunidade sergipana. Ao longo da primeira década de funcionamento, a Faculdade Católica contou com alunos nos cursos de Filosofia, Geografia e História, Letras Neolatinas, Letras Anglo Germânicas e Matemática. Na FCFS, ocorreu pioneiramente a formação do professor no ensino superior em terras sergipanas, com o objetivo de preparar docentes para atuação no ensino secundário e normal.

Assim, dos professores que lecionaram nas seis primeiras faculdades sergipanas criadas em meados do século XX, optou-se por analisar os docentes de uma instituição de

¹² Sobre a História do IHGSE, a análise de Dantas (2012), em tom conclusivo da sua obra que foca a “História da Casa de Sergipe” ao longo do seu centenário, enfatiza “[...] ao longo dos primeiros cem anos de existência, a Casa de Sergipe, proporcionou uma contribuição inestimável à cultura sergipana. Nascida sob a influência de intelectuais impregnados pela mentalidade cientificista, não obstante os seus exageros, a tendência em explicar os fatos a partir de causas naturais e/ou científicas concorreu para difundir entre os sergipanos uma certa visão secularizada e crítica da sociedade. Essa concepção dotada de senso histórico dos acontecimentos reforçou os objetivos do IHGSE de cultivar a memória e produzir saber. Dentro dessa orientação, a Casa de Sergipe formou valioso patrimônio cultural, ultrapassou as adversidades, empenhou-se em acompanhar as demandas dos novos tempos, incorporou novas tecnologias e ampliou seu campo de ação, contribuindo para a construção da identidade sergipana. Esse foi o legado do primeiro centenário” (DANTAS, 2012, p. 435). Na obra do referido autor encontra-se a vasta bibliografia acerca de diferentes elementos do IHGSE, ainda sobre a “Casa de Sergipe” ver também a obra organizada por Albuquerque, Santos e Santos (2014).

¹³ Faz-se necessário esclarecer que nas primeiras décadas do século XX, Sergipe contou com o seu primeiro curso superior ofertado pelo Seminário Sagrado Coração de Jesus voltado exclusivamente para a formação religiosa, sobre o citado seminário consultar Barreto (2004).

¹⁴ Sobre a história da Escola de Química ver a dissertação de Conceição (2010).

¹⁵ Para saber mais sobre a Faculdade de Filosofia em Sergipe ler os estudos de Lima (1993) e Oliveira (2008; 2011; 2013).

¹⁶ Com relação à história da Faculdade de Direito de Sergipe por meio de diferentes ângulos, ver a tese de Cruz (2014).

¹⁷ No tocante à história da UFS, ver entre outros trabalhos, Souza (2015), mais especificamente sobre a criação da única Universidade pública de Sergipe ler Oliva (2003) e Bretas (2014).

ensino superior que formavam outros professores, por isso a opção por investigar os docentes da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Após a seleção da instituição, a busca incidiu por saber quem eram os seus professores e mesmo como eles assim chegaram a fazer parte do seu corpo docente. Para lecionar na FCFS, foi recrutado um grupo de professores, agregando uma série de intelectuais, muitas vezes bem mais cultores da educação dos seus alunos do que dos salários incipientes que recebiam (DANTAS, 2009). Além das aulas na Faculdade Católica, os professores também ministravam aulas inaugurais, participavam de bancas de admissão de alunos, bancas de defesa de tese¹⁸, publicavam em jornais e revistas (inclusive, a própria Revista da FCFS), participavam de eventos científicos em diferentes locais do país, buscavam cursos de especialização, escreviam livros, trocavam cartas com pares no Estado ou fora dele, exerciam cargos públicos, atuavam em outras instituições de ensino secundário e superior, além de estarem presentes em diferentes instituições culturais e políticas de Sergipe.

Alguns assumiram a direção de escolas; outros, de instituições culturais, como o IHGSE e mesmo a direção de jornais ou cargos políticos como assessores do governo do Estado e, ainda, indicações para representar Sergipe em diferentes eventos pelo país. Além disso, na década de 1950, estiveram, de alguma forma, unidos em torno de um projeto da Igreja Católica em conjunto com o governo do Estado, à época, José Rollemberg Leite (1947-1951), projeto do qual nasceu a FCFS. O projeto da “FAFI”, como a instituição era carinhosamente conhecida pelos seus contemporâneos, congregou diferentes personagens, com distintas trajetórias em torno de um ideal liderado pelo então padre Luciano José Cabral Duarte¹⁹.

É dentro dessa perspectiva que a presente tese tem por objeto de investigação: um grupo de pioneiros professores do ensino superior sergipano; mais especificamente, a pesquisa analisa os caminhos trilhados por Felte Bezerra (1908-1990), José Bonifácio Fortes

¹⁸ As defesas de tese constituíam uma etapa dos concursos para professores catedráticos dos estabelecimentos de ensino secundário.

¹⁹ O Padre Luciano José Cabral Duarte configura-se como um dos pilares fundamentais na construção da FCFS como também do ensino superior sergipano. Segundo Lima (2009), Luciano Duarte, nascido em 21 de janeiro de 1925, na rua de Japarutuba, Aracaju – SE, fez seus estudos primários na “Escola de Aprendizes Artífices de Sergipe”. Em Aracaju, primeiramente ingressou no Seminário Menor na capital sergipana, e logo depois em 1942 foi admitido no Seminário provincial de Olinda em Pernambuco, onde cursou dois anos de Filosofia e um de Teologia. Em 1945 ingressou no Seminário Central de São Leopoldo/ RS, onde terminou seus estudos, sendo ordenado sacerdote em 1948, com 23 anos de idade. Foi diretor e professor de Grego e Latim no Seminário Menor de Aracaju, dirigiu o Jornal A Cruzada, de 1949 a 1954, além de diretor da FCFS, de 1951 a 1954 e de 1958 a 1968, lecionou Latim, Psicologia, Teologia, Filosofia, Conversação Francesa e Psicologia Educacional. Ainda em 1954 bacharelou-se em Teologia pela Faculdade de Teologia de São Paulo; nesse mesmo ano viajou a Paris, permanecendo até o ano de 1957, quando recebeu o título de doutor em Filosofia com a mais alta menção da Sorbonne (LIMA, 2009).

Neto (1926-2004), José Silvério Leite Fontes (1925-2005), Manoel Cabral Machado (1916-2009) e Maria Thetis Nunes (1923-2009), desde a vida estudantil, atuação no ensino secundário até a docência nas primeiras turmas de graduados da FCFS. Sendo o objetivo geral desta pesquisa de doutoramento analisar os itinerários individuais de um grupo de intelectuais desde a formação escolar até seu ingresso no magistério secundário e primeiros passos como docentes na pioneira instituição de formação de professores no ensino superior em Sergipe, a FCFS.

Assim, intento construir um esboço biográfico desse grupo de professores, como também analisar as instituições educacionais que frequentaram, tanto no ensino primário, secundário como no superior, e de que forma alguns professores deixaram marcas no processo formativo desses jovens intelectuais nas memórias por eles registradas. Diante do percurso formativo, volto o olhar para investigar a entrada na profissão docente, as “redes” das quais faziam parte e as distintas formas como este grupo se envolveu nos passos iniciais da FCFS.

Dessa forma, defendo a tese de que os pioneiros professores do ensino superior em Sergipe eram intelectuais reconhecidos entre os seus contemporâneos – notoriedade angariada ao longo da vida estudantil, no trabalho como professores do ensino secundário e como membros de distintas instituições da cidade de Aracaju. Seus caminhos já haviam se cruzado em diferentes espaços de formação e atuação, sendo a FCFS mais um ponto de encontro dos itinerários individuais da intelectualidade sergipana de meados do século XX.

Os caminhos percorridos por esse grupo de pioneiros professores, desde a vida estudantil até os primeiros passos na docência do ensino superior em Sergipe, mais especificamente da FCFS, revelam aspectos da história dos intelectuais durante a sua formação escolar, bem como o processo de transição entre os bancos acadêmicos e o exercício da docência – tanto no ensino secundário, quanto no superior até o início da década de cinquenta do século XX.

O recorte temporal da tese inicia-se em 1915, com o ingresso de Felte Bezerra no Colégio Tobias Barreto, sendo esta primeira instituição educacional de formação de Felte, o mais velho entre os professores do grupo aqui estudado, e encerra-se em 1954, quando a FCFS formou a primeira turma de licenciados em Sergipe, cujos trabalhos iniciaram em 1951, contando no seu corpo docente com a atuação do grupo de professores pioneiros no ensino superior sergipano. Dessa forma, o fim é um começo de outras histórias acerca da profissionalização docente em Sergipe.

É necessário explicitar que, metodologicamente, utilizei alguns requisitos para a definição dos docentes estudados²⁰: lecionar na FCFS; ter ensinado mais de uma disciplina em mais de um curso; ensinar em outra instituição de ensino superior na década de 1950, além da Faculdade de Filosofia; fazer parte da administração da FCFS, ocupando cargo no Conselho Técnico Administrativo e/ou na Congregação; ser citado pelos ex-alunos da FCFS, que foram entrevistados nos trabalhos de monografia e dissertação (OLIVEIRA, 2008; 2011); ter sido indicado para cursos e/ou banca de concursos dentro e fora do Estado de Sergipe ao longo das décadas de 1940 e 1950, sendo esse um elemento que tanto o distinguia dos demais colegas, como também diz respeito a sua busca pela participação no âmbito das atividades docentes e de aperfeiçoamento profissional; ter registrado, de alguma forma, seja em livro de memórias, diários ou entrevistas, algo relacionado à sua atividade de professor na FCFS, bem como dos seus colegas de magistério naquela instituição.

Diante dos critérios, cinco professores preencheram os requisitos necessários para a análise: Felte Bezerra, José Bonifácio Fortes Neto, José Silvério Leite Fontes, Manoel Cabral Machado e Maria Thetis Nunes. Assim, o foco incide sobre um grupo de professores com uma ampla atuação desde a docência em sala de aula, publicações em meios diversos, participação em bancas de concursos, em eventos locais e nacionais, até o exercício administrativo na FCFS. Dessa forma, eles caracterizam-se pela visibilidade das ações e mobilidade nas “redes” da esfera educacional da época. Neste sentido, esses cinco professores estão envolvidos na acepção que Rebeca Gontijo (2007, p. 311) possui acerca de parte significativa da problemática que envolve a cultura história, sendo que a mesma “[...] diz respeito a um complexo trabalho de apreensão da temporalidade”, e um dos seus maiores problemas consiste justamente no:

[...] culto de determinado indivíduos, frequentemente recrutado no mundo das artes, das letras e da política. Tais indivíduos são vistos, por exemplo, como símbolos de um grupo ou nacionalidade, uma vez que suas ações e/ou suas obras são lidas como portadoras de valores e ideias considerados dignos de serem compartilhados e celebrados em dado momento (GONTIJO, 2007, p. 311).

²⁰ Pelos estudos realizados na monografia de graduação em História e pela dissertação de mestrado constatou-se que a FCFS contou com 106 professores nas décadas de 1950 e 1960, diante desse número e dos dados levantados nos estudos anteriores, apliquei os critérios expostos até a redução para o grupo de cinco docentes. Para conhecer os nomes dos docentes, as disciplinas e os cursos que lecionaram na FCFS consultar Oliveira (2008, 2011; 2013). Ainda da dissertação foram utilizadas as entrevistas realizadas com seis alunos da instituição que ali estudaram nas décadas de 1950 e 1960 e as memórias referentes aos seus ex-professores.

Com esse entendimento e mesmo diante das especificidades de cada um dos membros do grupo de professores em foco, no âmbito pessoal ou profissional, suas experiências configuram um grupo único com as suas singularidades que se entrelaçaram no pioneirismo do trabalho na primeira instituição formadora de professores no ensino superior sergipano. Estudar esse grupo dentro dessa perspectiva contribui para a compreensão do ser docente em meados do século XX, seus problemas, avanços e estratégias, tanto no que concerne aos aspectos sociais, quanto institucionais. Assim, a tese justifica-se na medida em que fornece contribuições para o debate na área da história da profissão docente em terras sergipanas, para a história dos intelectuais e para a História da Educação brasileira.

Investigar o grupo proposto é entender para além dos nomes arrolados, buscando analisar aspectos da profissionalização de um grupo de intelectuais que ocupou lugar de destaque em várias instituições políticas e culturais do Estado de Sergipe e do Brasil, ao longo do século XX. É também, conhecer suas instituições formadoras, espaços frequentados, aprendizagens e embates realizados e os caminhos trilhados por esses sujeitos que conseguiram fazer com que seus nomes não se perdessem na imensidão do passado, mas que ficassem gravados na memória da sociedade sergipana²¹.

Escrutinar a vida dos sujeitos investigados e as “estruturas de sociabilidade” construídas representa também elementos do universo educacional mais amplo no período em estudo, e assim constitui-se como uma diferente chave para a leitura e interpretação da História da Educação. Dentro dessa perspectiva, a tese não foca na história do ensino secundário, como também na história do ensino superior, mas por meio dos itinerários dos docentes, a pesquisa perpassa as diferentes modalidades de ensino em períodos distintos e assim apresenta uma diferente lupa para olhar o passado educacional. Nesse sentido, na tese, a partir da análise dos itinerários dos intelectuais emergem as instituições educacionais, professores e disciplinas e assim lançam luz sobre espaços, sujeitos e práticas educativas ao longo de quatro décadas do século XX a partir de um distinto prisma: os itinerários de um grupo de docentes do ensino superior em Sergipe.

Tal proposta desvela elementos como a história dos bacharéis em seu processo formativo escolar e acadêmico, suas “estruturas de sociabilidade”, suas publicações em jornais e revistas como estudantes secundaristas e universitários, disciplinas e aulas ministradas quando ingressaram como docentes no ensino secundário e nas primeiras turmas

²¹ Ver as instituições das quais os professores em tela participaram no Apêndice A da tese.

da FCFS, formação, embates e fracassos – ou seja, busquei investigar esses sujeitos tendo em vista atingir os objetivos expostos e, assim, por meio da constituição dos itinerários de um grupo de intelectuais, a tese evidencia aspectos da constituição e profissionalização docente em Sergipe em meados do século XX, ciente de que “[...] se o historiador tenta restituir um passado abolido e, portanto, reconstituir uma realidade desaparecida, ele sabe muito bem que esta não apenas é complexa mas, ainda por cima, nunca pode ser percebida instantaneamente em sua realidade intrínseca” (SIRINELLI, 2014, p. 11).

Jean-François Sirinelli (1998, 2003, 2006) também ensina que a história dos intelectuais não é uma história autônoma, nem fechada sobre si, pelo contrário, é aberta e localizada no cruzamento das histórias política, social e cultural²². Para o referido autor, o intelectual precisa ser estudado a partir da sua atuação tanto no âmbito político como cultural ou da produção do conhecimento. O teórico francês acentua que o meio intelectual constitui “um pequeno mundo estreito”, no qual, “os laços se atam” em torno da redação de uma revista ou de um conselho editorial (SIRINELLI, 2003, p. 248).

Entendo que as instituições educacionais também se configuram como um lugar no qual “os laços se atam” a depender da “sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas”. Diante desse prisma, a análise dos itinerários docentes permite visualizar como tais laços se conformaram ao longo do tempo e os espaços frequentados pelos professores em análise até o ingresso na docência do ensino superior.

O conceito de “itinerário” advém do mesmo autor, o qual trata dos “itinerários políticos” como aqueles que “[...] deveriam permitir desenhar mapas mais precisos dos grandes eixos de engajamento dos intelectuais” (SIRINELLI, 2003, p. 245). Utilizo o conceito de itinerários para analisar o engajamento desses cinco professores em sua vida estudantil até o ingresso como docentes no magistério secundário e no ensino superior. Ou seja, não tomo como prisma somente os “itinerários políticos”, mas a partir da ideia do autor francês e de acordo com os objetivos da tese traço os “grandes eixos” nos quais estiveram presentes os pioneiros professores do ensino superior sergipano, de acordo com o seguinte entendimento dos “itinéraires”:

Ces itinéraires individuels ou collectifs devraient donc permettre, par superposition, de faire apparaître les parcours types de l'engagement et aussi,

²² Faço referência aqui, ao artigo de Sirinelli publicado no Brasil pela primeira vez em 2003, sendo a presente indicação fruto da segunda edição datada de 2006. A publicação original data de 1988 no livro de René Remond intitulado “Por une histoire Politique” e o artigo citado denomina-se “Les intellectuels”.

en arrêtant le déroulement chronologique à une époque donnée, d'établir de véritables coupes datées de la société intellectuelle. A travers deux dimensions, seraient ainsi facilités le passage du portulan à la carte et celui de la radiographie au scanner, et disparaîtraient peu à peu les *terrae incongnitae* qui recouvrent encore largement, pour l'instant, les atlas dont l'historien dispose l'étude des intellectuels²³ (SIRINELLI, 1985, p. 102).

A investigação dos itinerários individuais de Felte Bezerra, Cabral Machado, Thetis Nunes, Bonifácio Fortes e Silvério Leite possibilita compreender o percurso de jovens sergipanos no seu processo de escolarização, engajamento em movimentos estudantis e mesmo aspectos da vida de acadêmico e o início da profissionalização docente. Assim, as “terras desconhecidas”, no tocante à história desse grupo de intelectuais sergipanos, são desbravadas por meio de análise documental em diálogo com o referencial teórico metodológico proposto, de forma que explicito o modo como, por meio dos itinerários, pode-se compreender a mudança do “*portulano* ao mapa” da mesma forma que “da radiografia ao *scanner*” no trato com os “criadores” e “mediadores culturais”.

Para o teórico francês, os “intelectuais” são: “[...] criadores e ‘mediadores’ culturais [...] estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito [...]” (SIRINELLI, 2003, p. 242). Em outra obra, o autor explica mais minuciosamente seu entendimento acerca dos “criadores” e dos “mediadores culturais”: “[...] à primeira categoria pertencem os que participam da criação artística e literária ou no progresso do saber, na segunda juntam-se os que contribuem para difundir e vulgarizar os conhecimentos dessa criação e desse saber” (SIRINELLI, 1998, p. 261).

Ainda com relação à mediação cultural, o autor esclarece que: “As elites de mediação cultural poderiam ser, com efeito, entendidas como dotados de certa capacidade de ressonância e de amplificação, noutros termos de um poder de influência” (SIRINELLI, 1998, p. 261). Desse modo, tendo em vista os itinerários dos professores da FCFS em foco, os mesmos podem ser situados na citada classificação. É nesse sentido que faço referência à categoria intelectual, ao longo do texto, dentro de uma concepção do intelectual em uma visão polimorfa e polifônica.

²³ Tradução livre: “Estes itinerários individuais ou coletivos devem, portanto, permitir, por sobreposição, mostrar os tipos de percursos de engajamento e também, convencionando a sequência cronológica de um determinado momento ao estabelecer verdadeiros recortes de uma dada sociedade intelectual. Através de duas dimensões seria assim facilitada a passagem do *portulano* ao mapa, e da radiografia ao scanner, e desapareceriam pouco a pouco as *terrae incongnitae* (terras desconhecidas) que recobrem ainda amplamente, por enquanto, os atlas cujo historiador dispõe o estudo dos intelectuais”.

Assim, os cinco intelectuais são compreendidos como “criadores culturais”, pois todos possuíam um reconhecimento entre os seus pares e notoriedade nas áreas onde atuavam, bem como uma série de publicações – reconhecimento angariado paulatinamente desde os bancos escolares e acadêmicos, até as publicações e os discursos ali divulgados. Da mesma forma, entendo que esses eram “mediadores culturais” pelo poder de influência que exerciam entre os seus contemporâneos pelos cargos de direção de centro acadêmico, liderança dos grupos de estudos, associações religiosas, na condução de instituições educacionais, presidente de bancas de concursos, entre outros aspectos explorados na tese. Todavia, Sirinelli (1998) também alerta para o cuidado com os “espelhos deformantes” que essas imagens podem projetar, atento a tais ponderações, procedi à análise dos itinerários do grupo em foco.

Após o período correspondente ao recorte temporal da presente tese, os professores estudados dirigiram o IHGSE por quase toda a segunda metade do século XX, todos fizeram parte da Academia Sergipana de Letras (ASL), conduziram projetos relacionados à documentação da história sergipana, fizeram parte de comissões de concursos e participaram de eventos científicos dentro e fora do Brasil sendo reconhecidos pelos seus contemporâneos e com uma notoriedade entre os pares. Em conjunto, os cinco intelectuais lançaram dezenas de obras²⁴ e, sobretudo, ensinaram centenas de jovens que frequentaram escolas e faculdades de Sergipe, inclusive, atuaram na formação de centenas de professores.

Faz-se necessário problematizar os itinerários da vida desses sujeitos, não como agentes inertes situados em um tempo e um espaço e movido pelas circunstâncias de sua época, mas seres com vontades, medos e expectativas que, diante de escolhas efetuadas ao longo de diferentes momentos de suas vidas, construíram paulatinamente uma história, dentro de uma série de outras opções, ou não, que se apresentavam naquele momento.

É nesse sentido que busco delinear também as “estruturas de sociabilidade” da qual fizeram parte os docentes da instituição e a forma como essa rede era ativada diante de determinados interesses. Sirinelli (1986) trata pioneiramente sobre o tema no artigo “Le hasard ou la nécessité: une histoire en chantier: L’histoire des intellectuels”, ali ele expõe conceitos aprofundados em outros trabalhos, como na sua obra “Génération intellectuelle: Khâgneux et Normaliens dans l’entre-deux-guerres”, publicada dois anos depois.

Em “Génération intellectuelle”, o autor conceitua as “estruturas de sociabilidade” e, assim, questiona ao mesmo tempo em que responde: “Structures de sociabilité? Entendons par

²⁴ Ver lista de obras publicadas pelos professores Bonifácio Fortes, Cabral Machado, Felte Bezerra, Silvério Fontes e Thetis Nunes no Apêndice B.

lá, d'abord, un groupe (ment) permanent ou temporaire, quel que soit son degré d'institutionnalisation auquel on choisit de participer”²⁵ (SIRINELLI, 1988, p. 12). Em outro escrito mais específico sobre os intelectuais, ele assim define:

Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidade difíceis de aprender, mas que o historiador não pode enganar ou subestimar (SIRINELLI, 2003, p. 248, grifos meus).

Então, é preciso definir o que o autor entende por “sociabilité”:

La sociabilité peut toutefois s'entendre aussi d'une autre façon. Ces ‘réseaux’ secrètent, en effet, des microclimats, et l'activité et le comportement des intellectuels qui écrivent et, éventuellement, s'engagent sous ces cieux différents présentent souvent des traits propres que confèrent à ces milieux une certaine spécificité. Dans cette perspective, le mot sociabilité revêt donc une double acception, à la fois ‘reseaux’ qui structurent et ‘microclimat’ qui caractérise un microcosme intellectuel particulier (SIRINELLI, 1988, p.12).²⁶

É nessa direção que o autor indica que a sociabilidade é interpenetrada pelo afetivo e pelo ideológico, sendo que a palavra “sociabilidade” está revestida concomitantemente pelas “redes” que estruturam as relações entre os sujeitos e o “microclima”. Este “caracteriza um microcosmo intelectual particular” (SIRINELLI, 1986, 1988, 2003). Ao trazer o diálogo do autor francês para a presente tese é possível afirmar que as “redes” dos professores da FCFS, analisados, foram constituídas, ao longo dos seus itinerários, tanto como estudantes, como também nas relações familiares de parentesco, aliados ou não, a determinados partidos políticos e o trabalho seja no magistério, ou em outros “microcosmos” de Aracaju.

Vale somar ainda o que ensina Sirinelli, com relação à afetividade e às afinidades ideológicas que esses professores tiveram em determinadas épocas e espaços. Já em relação ao que o teórico denomina de “microclima”, este era configurado no “microcosmo” das instituições culturais frequentadas, nos jornais em que publicavam, escolas como o Colégio Tobias Barreto, o Atheneu Sergipense, entre outros, como também as Faculdades baianas de

²⁵ Tradução livre: “Estruturas de sociabilidade? Significa, por um lado, um grupo (mento) permanente ou temporário, independentemente do seu grau de institucionalização que se escolhe para participar”.

²⁶ Tradução livre: “A sociabilidade, no entanto, também pode ser entendida de outra maneira. Essas “redes” secretam na verdade, microclimas, e a atividade e o comportamento dos intelectuais que escrevem e eventualmente se envolvem debaixo dos céus, muitas vezes têm características específicas que dão a estas comunidades uma especificidade. Nesta perspectiva, a palavra sociabilidade, portanto, tem uma dupla aceção, “redes” que a estruturam e “microclima” que caracteriza um microcosmo intelectual particular”.

Direito, Filosofia e Medicina e, a *posteriori* a própria FCFS. Tais espaços são entendidos como “lugares” de sociabilidade²⁷.

Atento ao cuidado apontado por Warde (2003) de não converter o itinerário da formação desses intelectuais em “sua autogênese” ou “de como o indivíduo extraiu de si mesmo o intelectual que se tornou”, pois concordo com a autora que: “Fazer do ‘intelectual o parceiro de si mesmo’ é conceder ao indivíduo uma margem de liberdade abusiva, para além dos constrangimentos interpostos pelas circunstâncias vividas” (WARDE, 2003, p. 149). Em outras palavras, os intelectuais pertencem a uma época, a um tempo e um espaço nos quais estão a todo o momento trocando experiências e sendo formados, não tem como pensar que o intelectual é simplesmente formado por si e sim por um conjunto de ideias e sujeitos em diferentes momentos e espaços da sua vivência.

Dentro dessa perspectiva é que vislumbro os professores investigados: quatro homens e uma mulher, com formações em diferentes espaços de Sergipe e do Brasil, com distintas trajetórias, todavia com algumas características em comum e, como afirma Nascimento:

[...] os indivíduos se organizam em grupos que partilham certa sensibilidade diante das questões do seu tempo, por meio de trocas, articulações e contatos. São vinculações afetivas, sociais, religiosas e políticas, com níveis de formalização distintos que indiciam elementos importantes da vida do indivíduo e o restituem nas redes de relações concretas que estabelece (NASCIMENTO, 2011, p. 32).

Os citados autores e seus estudos devem ajudar a questionar uma série de fontes em busca de uma aproximação com o que foi efetivamente vivido por esses professores no recorte temporal da tese e, assim, construir uma página da história da profissão docente²⁸ em Sergipe. Com o pensamento de que:

[...] a história cultural, interessando-se pelas operações de apreensão do real e, na medida assumida pelos sentidos assumidos por esse real através dos mecanismos de percepção, que são ao mesmo tempo processos de alteração, se situa de *facto* no coração de qualquer tentativa historiográfica de levar em

²⁷ Tais “lugares” de sociabilidade são compreendidos na concepção de Angela de Castro Gomes (1996), na qual esses são valiosos indicadores de movimentos de produção e circulação de ideias. Espaços como escolas, associações intelectuais, revistas, salões, entre outros, são fundamentais para o entendimento do universo intelectual de dada época e espaço.

²⁸ O conceito de profissão aqui foi pensado com Rogério Fernandes, autor português ensina sobre a profissão propondo: “[...] que aceitemos como definição de profissão uma atividade cujo exercício assenta na celebração continuada de contratos (orais ou escritos) de prestação de serviços remunerados, mediante os quais uma das partes contratantes reconhece à outra a capacidade técnica ao desempenho das tarefas inerentes ao contrato” (FERNANDES, 2004, p. 733).

consideração o sujeito agente e pensante. Por outro lado, essa valorização do sujeito, necessária para o estudo histórico de todas as épocas, assume uma importância ainda maior para o século XX, trabalhado em profundidade por vetores culturais cada vez mais poderosos, que interferem necessariamente nesses processos de percepção-alteração. Deixa de situar a história do século XX sob o feixe iluminador da história cultural leva a deixar na penumbra chaves essenciais para sua compreensão (SIRINELLI, 2014, p. 11 – 12).

Nesse sentido, para atingir os objetivos da tese, faz-se necessário um rigor metodológico, a começar pelas fontes, com base em documentos como: entrevistas, discursos de posse na ASL, boletins, cartas, cadernetas de aulas, atas das reuniões nas escolas que trabalharam e na FCFS, escritos em jornais e revistas, álbuns de formatura, diários pessoais, “livro de família”, livros de ponto, livros de registro de diplomas, livros de atas, livros de contratos dos funcionários e, principalmente, as memórias dos professores em análise, que procuro escrever uma história dos itinerários desse grupo de professores da FCFS. Baseado nessa perspectiva, e tendo em vista atingir os objetivos da presente pesquisa, investiguei as diferentes fontes em distintas instituições.

O modelo epistemológico escolhido para pesquisar e analisar os documentos é baseado no paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (2007) que pressupõe a busca de “indícios” “traços” e “pistas” na elaboração e composição de uma “trama” que considera desde as minúcias até o conjunto dos “elementos reveladores do fenômeno” em questão. Compartilhar dessa afirmação demarcou a busca do método indiciário que pressupõe o reconhecimento de sinais com a garantia de uma legítima pluralidade das interpretações, também definido por Ginzburg (1989) como “paradigma alternativo”.

Assim, o referido autor afirma que o paradigma indiciário permite “uma atitude orientada para a análise de casos individuais, reconstruíveis somente através de pistas, sintomas, indícios” (GINZBURG, 1989, p.154), implicando operações de análise, comparações e classificações. Baseado em Ginzburg (1989), o paradigma indiciário é necessário examinar os “pormenores mais negligenciáveis” no ato da investigação. Significa nas palavras do autor: “farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais” (GINZBURG, 1989, p. 151). O uso do paradigma indiciário implica um esforço metodológico e de análise que procurou reunir e organizar as fontes a fim de estabelecer uma rede de relações que considere o procedimento investigativo de identificar as “miudezas” da pesquisa. Para isso, são necessários “elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição” (GINZBURG, 1989, p.179).

Dentro dessa perspectiva analítica, o primeiro local de levantamento de fontes foi o IHGSE. Instituição cultural na qual Cabral, Thetis, Bonifácio, Felte e Silvério atuaram de distintas formas, tanto com contribuições nas páginas da sua revista, como no comando da “Casa de Sergipe”. No Arquivo, Biblioteca e Hemeroteca do IHGSE, localizei livros, jornais com escritos dos sujeitos pesquisados, ou que, de alguma forma, possuem uma vinculação com os mesmos, artigos em revistas, além das teses defendidas para o ingresso no ensino secundário, por Felte Bezerra, Thetis Nunes e Silvério Leite.

De forma particular, a “Casa de Sergipe” abriga um pequeno acervo de Maria Thetis Nunes, concentrado em três caixas arquivo com recortes de jornais, além de algumas placas com homenagens e seu álbum de formatura na Faculdade de Filosofia da Bahia (FFB). No “Catálogo de Maria Thetis Nunes” não consta a sua atuação na diretoria do IHGSE que faz parte da documentação da instituição. O “pequeno arquivo” de Thetis, segundo a família, consiste em todo o acervo deixado pela professora e pesquisadora que viveu mais de oito décadas em terras sergipanas, trabalhou em várias instituições em Sergipe, no Brasil e mesmo fora do país, escreveu centenas de artigos e publicou vários livros. O que Thetis guardou, ou se entender de outra forma, do que ela guardou e o que foi doado para o IHGSE, contém traços de uma seleção, pois:

[...] não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

Um exemplo das “maçãs guardadas” na “cesta pessoal” concerne ao arquivo organizado pela própria Thetis Nunes com anotações logo abaixo das matérias escritas sobre ela ou com assuntos dos quais gostava, ou não. Nesse arquivo, não é possível localizar embates, críticas ou assuntos que não contribuem para uma imagem positiva da “Thetis pioneira”. Nos arquivos das vidas dos sujeitos pesquisados, os documentos tratam de fragmentos das suas trajetórias e denotam versões do seu passado, vistos por olhos atentos e cientes do seu significado para aqueles que se aventurassem em “abrir as portas” daquele passado.

Outra instituição pela qual passou todos os professores estudados foi a Academia Sergipana de Letras, ali procurei as pastas dos acadêmicos e as revistas da instituição com discurso dos professores em estudo, como também alguma fala que fizesse referência aos

docentes em análise – diante das cerimônias de posse, alguma comemoração, ou mesmo em virtude do falecimento.

Nos rastros dos seus itinerários como estudantes e professores, pesquisei os arquivos das seguintes escolas: Atheneu Sergipense, Escola Normal Rui Barbosa²⁹, Colégio Tobias Barreto, Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora³⁰, Colégio Jackson de Figueiredo, além da Diretoria de Inspeção Escolar de Sergipe (DIESP/SE), que guarda o acervo das escolas que não estão mais em funcionamento – como é o caso do Colégio Nossa Senhora de Lourdes e os colégios Tobias Barreto e Jackson de Figueiredo, escolas particulares que passaram a fazer parte da rede estadual de ensino, sendo a documentação referente ao seu passado particular guardado nos arquivos do Estado.

No Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS)³¹, investiguei as pistas dos alunos Maria Thetis Nunes, Silvério Leite Fontes, Manoel Cabral Machado e Bonifácio Fortes. Além da atuação dos mesmos como docentes, somados a Felte Bezerra que se tornou catedrático e diretor, localizei documentos referentes a concursos, cadernetas de notas e aulas, livros de atas, livros de contratos dos funcionários, livros de exames de admissão, livro de matrículas, entre outros documentos fundamentais para o entendimento da vivência desses estudantes e professores.

No Colégio Tobias Barreto, a procura por documentos não foi fácil, tendo em vista que a documentação resguardada na instituição educacional não obedece aos princípios da arquivística. Naquela escola, busquei “vestígios” dos alunos, depois professores, Felte Bezerra, José Silvério Leite Fontes, Bonifácio Fortes e Thetis Nunes. Contudo, não alcancei

²⁹ Com relação à pesquisa no arquivo na Escola Normal Rui Barbosa, desde o ano de 2013 por seguidas vezes procurei os responsáveis pelo mesmo, contudo segundo as informações apresentadas, o arquivo encontra-se ao longo desse lapso temporal em processo de organização e não disponível para pesquisa. Embora com promessas de busca dos nomes aos quais o pesquisador tem interesse em pesquisar e entrega de resultados, até o momento de finalização da tese, primeiro semestre de 2015, não foram disponibilizadas nenhuma informação sobre Silvério Leite Fontes e José Bonifácio Fortes Neto como professores da escola na década de 1940.

³⁰ Não foi possível fazer uma pesquisa efetiva nos arquivos do Colégio Salesiano. As normas da instituição deliberam que o pesquisador deve solicitar o assunto que tem interesse repassar para a funcionária da instituição que, após alguns dias, retorna com aquilo que localizou. No caso em tela, a funcionária me autorizou a fotografar sete documentos relativos à Cabral Machado, a saber: uma folha com as notas dos Exames de Admissão datada de 1931; quatro folhas com os pedidos de inscrição para os exames da terceira e quarta série, bem como as notas dessas séries; consta também a guia de transferência do Salesiano para o Atheneu Sergipense com a data de 1935, as disciplinas e notas do período ginásial e outro pedido datado de 1943 solicitando o histórico escolar, possivelmente por conta da sua formatura na Faculdade de Direito da Bahia nesse ano.

³¹ Criado no ano de 2005, o “Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense – CEMAS”, tem por principal objetivo preservar os vestígios escritos ou não, o testemunho histórico e os documentos produzidos por aquela “Casa de Educação Literária”, além de criar informações necessárias para salvaguardar o patrimônio cultural e manter exposição permanente da memória educacional e social do Atheneu Sergipense que é parte significativa da História da Educação do Estado de Sergipe. Outras informações, sobre o CEMAS consultar a obra organizada por Alves (2015).

êxito na pesquisa no arquivo da instituição. Já na DIESP, localizei indícios dos estudantes Bonifácio Fortes e Silvério Leite, seus nomes e notas no Livro de Exames de Admissão, notas de algumas das séries lá cursadas e ainda registros de Felte Bezerra, Cabral Machado e Thetis Nunes como docentes da escola.

Todavia, na DIESP, em consequência da pouca documentação disponível referente ao período em tela, da desorganização, além da ausência de zelo com tais registros não localizei elementos da atuação docente de Bonifácio Fortes, no Colégio Jackson de Figueiredo; e de Manoel Cabral Machado, no Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Por conseguinte, outras fontes, para além dos arquivos públicos, auxiliaram-me a descortinar tais trajetórias. Ainda em Aracaju, no Arquivo Público do Estado de Sergipe e na Biblioteca Pública Epifânio Dórea, procurei “pistas” da vida desses professores.

Na procura de familiares, para conseguir documentos dos intelectuais investigados, a família de Cabral Machado informou que toda a documentação havia sido doada. O acervo encontra-se no Palácio Museu Olímpio Campos, instituição que conta com a “Biblioteca Professor Manoel Cabral Machado”. Ali estão resguardadas centenas de livros do docente; todavia, apenas duas caixas arquivos de documentos alusivos àquele membro da família Cabral, entre eles, uma carta da mãe, Dona Nina, no início da década de 1940, explorada ao longo desta tese.

Os “arquivos privados”³² da família do professor Bonifácio Fortes, com a esposa dele, Marinalva Fortes, e da família de Silvério Leite Fontes, com a esposa dele, Elze Fontes, foram fundamentais para conhecer diferentes elementos da vida dos docentes. No caso da família de Bonifácio Fortes, gentilmente, foi cedido o álbum de formatura, jornais que trataram de Bonifácio e ainda uma “Breve biografia” construída paulatinamente pelo sergipano e a família – trata-se de uma cronologia daquilo que considerou mais relevante ao longo da sua trajetória. Já no caso do acervo da família Leite Fontes, tive acesso aos álbuns de família e dois Diários, sendo um de autoria de Silvério Fontes, datado entre 1945 e 1946, e outro, que denomino de “Livro de Família”, com os registros maternos de Iracema Leite Fontes acerca de eventos

³² Utilizo o termo em consonância com os escritos de Ângela de Castro Gomes (1998) e Ana Chrystina Mignot (2002). A primeira trata da valorização dos arquivos privados atrelados a valorização do indivíduo na história e consequentemente das suas ações, baseadas em intenções que são escolhas dentro de um campo de possibilidades. A historiadora assegura que nesse âmbito dos arquivos privados “[...] não apenas a história cultural está no centro dessa transformação, mas igualmente uma "nova" história política e uma "nova" história social, cujas fronteiras são fluidas e móveis” (GOMES, 1998, p. 124). Em uma perspectiva semelhante Mignot (2002) acentua que os arquivos privados “Resultam de escolhas efetuadas. A sua existência não é a garantia de objetividade, de recriação dos fatos tal como ocorreram. Contêm documentos, e estes, não são portadores da ‘verdade histórica’” (MIGNOT, 2002, p. 51).

familiares – desde 1923 até meados do século XX, sobretudo a escolarização dos seus três filhos³³.

Artières (1998, p. 11) entende que “Num diário íntimo, registramos apenas alguns acontecimentos, omitimos outros; às vezes, quando relemos nosso diário, acrescentamos coisas ou corrigimos aquela primeira versão”. Dentro dessa perspectiva, Cunha (2011) ressalta que a escrita pessoal é nutrida por relatos de acontecimentos coletivos que em certa medida impactaram a vida de quem escreveu, e fez parte de uma realidade vivida. Nesse sentido, pode-se entender que a “Breve Biografia” de Bonifácio Fortes, os escritos de Silvério Fontes no seu Diário (1945-1946), assim como os registros memorialísticos de Felte Bezerra intitulados “Notícias de minha vida” (1988) podem ser tratados como “memória individual” no sentido atribuído por Maurice Halbwachs:

Ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente. Não é menos verdade que não conseguimos lembrar senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, ou seja, nossa memória não se confunde com a dos outros. Ela está muito estreitamente limitada no espaço e no tempo (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Dentro do conceito citado, entendo as memórias de Cabral Machado, registradas no livro “Aprendiz de Oboé” (2003), e o de crônicas “Zepelim” de Bonifácio Fortes (1998), nos quais os autores expõem suas memórias da infância e juventude. No caso do primeiro, Cabral Machado me presenteou e recomendou a leitura do mesmo para o entendimento de “passagens da sua vida”, desde a infância na cidade de Capela/SE a aspectos da vida política e pessoal. No segundo, a família entende a obra de Bonifácio Fortes como um conjunto de histórias perpassadas por acontecimentos que marcaram sua vida. As passagens das obras analisadas são questionadas e relacionadas a outras fontes, pois as memórias, assim como

³³ O “Diário” de Silvério Leite Fontes (1945-1946), assim como o “Livro de Família”, de sua mãe, Iracema Leite Fontes (1923-s/d) e os escritos em um caderno cuja capa consta “Curso de Doutorado I Paris 1957” no qual contêm crônicas e impressões do sergipano no curto espaço de tempo em que esteve na capital francesa, voltando a Sergipe pelo agravamento de seus problemas de saúde, estão todos no acervo pessoal da sua esposa Elze Silveira Fontes, que gentilmente cedeu o material para que pudesse fotografar. Tais *escritas ordinárias* como assinala Cunha (2011), servem como trilhos para o entendimento de maneiras de viver e pensar de dada época. Tais escritos merecem um estudo específico que pode lançar luz tanto sobre a vida de Silvério e/ou sua família, como suas práticas de leitura, suas vinculações com o catolicismo, a escolarização da família Leite Fontes, entre outros temas frutíferos de pesquisa.

todo e qualquer documento, necessitam de problematizações condizentes com o grau de subjetividade que as permeiam. Neste sentido, entendo essas obras nas modalidades dos gêneros autobiográficos propostas por Antonio Vinão:

En las *memorias, testimonios, recuerdos o impresiones* no predomina, por el contrario, la introspección, sino la extroversión; no el yo que recuerda y que narra, sino el mundo exterior, los acontecimientos y personajes que se recuerdan y de los que se habla. La distinción con las autobiografías en sentido estricto es en éste, como en otros casos, más teórica y académica que real. Lo habitual es la combinación en un mismo texto de ambos aspectos y el uso indistinto, en los títulos, de unos u otros términos (VIÑAO, 2000, p. 7-8)³⁴.

São memórias, recordações e impressões de tempos vividos, tratadas como fontes históricas que dizem acerca do passado desses sujeitos. Nessa perspectiva, considero ter existido uma construção da memória: os sujeitos estudados, intelectuais que se consolidaram na sociedade sergipana, buscaram erigir uma memória para si. Outro ponto digno de nota são as memórias que buscaram gravar sobre si, como também daqueles que os cercavam. Todos escreveram ou forneceram entrevistas, traçando linhas mais ou menos retilíneas nas quais suas vidas seguiram. Nessas histórias, falam de si, dos seus e buscam gravar uma memória da sua atuação em vários âmbitos, inclusive, no universo educacional. Dentro dessa perspectiva, vale o alerta de Jean-François Sirinelli para aqueles que se dedicam a estudar as “elites culturais”:

Por que, por um lado, estas elites arrastam uma memória seletiva, reflexo das grandes lutas ideológicas que ritmaram o século XX e que deixaram vencedores e vencidos. Por outro lado, essa memória, é uma memória dominada: por essência, os letrados sabem dominar o verbo e, por conseguinte compor a sua própria história. Dar-lhes a palavra é expor-se a desempenhar o papel de caixa de ressonância de uma memória mais reconstruída do que as vindas de outros meios (SIRINELLI, 1998, p. 279, grifos meus).

“Dar-lhes a palavra” e problematizá-la para não correr o risco de funcionar como “caixa de ressonância” de elementos construídos pela memória. Questionar suas memórias e entender as intersecções do seu passado, da sua história, foi o que procurei nas entrevistas

³⁴ Tradução livre: “Nas memórias, testemunhos, recordações ou impressões não predominam, pelo contrário, a introspecção, mas a extroversão; não é aquele que se lembra e narra, mas o mundo exterior, os eventos e personagens que são lembrados e falados. A distinção com as autobiografias é neste sentido restrito, como em outros casos, mais teóricos e acadêmicos do que real. Normalmente, a combinação, num único texto de ambos os aspectos e uso indiscriminado, em títulos, de alguns e outros termos”.

realizadas em 2007, com Maria Thetis Nunes e Manoel Cabral Machado, tendo em vista o trabalho de conclusão de curso na Licenciatura em História (OLIVEIRA, 2008). Além dessas, recorro a outras entrevistas que eles concederam a pesquisadores e que os mesmos expõe nas suas referências³⁵. Cabe atentar para os cuidados apontados por Danièle Voldman, no tocante aos chamados “grandes testemunhos” – aqueles que possuem o sentimento de haver realizado, de algum modo, à história:

Assim, os depoimentos dos membros de grupos que construíram, no decorrer dos anos, com ou sem a ajuda de um suporte associativo, uma memória como história própria, têm uma coerência e uma estruturação rígidas, que demandam uma grande vigilância se quisermos superar seus aspectos reconstruído e estereotipado. Consciente de ter uma mensagem a comunicar, a testemunha fala apropriando-se do passado do grupo; [...] Assim, eles costumam apresentar uma história do seu movimento unânime e sem falha ou, ao contrário, evoluções caóticas, feitas de rupturas e desligamentos (VOLDMAN, 2006, p. 40).

Com esse pensamento, foram analisadas as entrevistas utilizadas na tese, pois constantemente me deparei com a ideia de registrar justamente um “movimento unânime e sem falha”. Dessa forma, também procedi no questionamento às entrevistas realizadas por conta da minha dissertação, Oliveira (2011), com ex-alunos dos professores pesquisados como Alexandre Felizola Diniz, Aldeci Figueiredo, Beatriz Gois Dantas, Magnória de Nazareth Magno, Maria de Lourdes Maciel e Olga Andrade, que ajudaram nos critérios de seleção dos docentes em estudo. Além dessas entrevistas, contei com a colaboração de Elze Fontes e Marinalva Fortes, como também de Suzana Bezerra e Fernando Nunes. Os familiares citados também forneceram pistas fundamentais para o entendimento de aspectos da vida dos intelectuais em estudo³⁶.

³⁵ Com relação a Cabral Machado, entrevista concedida a Afonso Nascimento em 1997, publicado na Revista Tomo; Thetis Nunes entrevista a Osmário Santos, Adriana Silva (1997) e Jucá Melo (2006); Silvério Leite entrevista concedida a Hunald Alencar (1972), Ademir Pinto Menezes (1998) e ao Jornal da Manhã em 1993; Bonifácio Fortes, entrevista ao Jornal da Cidade (1992).

³⁶ O contato com os familiares foi heterogêneo, tendo em vista certo receio em conceder entrevistas e assinar termos de concessão. No caso de Elze Fontes, efetuei duas visitas, sendo a primeira de apresentação do pesquisador e do projeto, na segunda seguindo um roteiro de questões dialogamos sobre os itinerários do docente Silvério Fontes. O sobrinho de Thetis Nunes, Fernando Barreto Nunes foi indicado pelos familiares como um dos parentes mais próximos de sua tia, assim entrei em contato com o mesmo e viajei a cidade de Salvador para saber mais da vida da itabaianense. Marinalva Fortes, esposa de Bonifácio Fortes me recebeu em sua casa para falar do esposo e me apresentar fotografias e documentos acerca da vida do patriarca da família. Suzana Resende Bezerra, moradora do Rio de Janeiro desde a mudança de toda a sua família em 1960, respondeu via e-mail um questionário sobre seu pai Felte Bezerra.

Assim, como os cinco intelectuais sergipanos fizeram o percurso, Aracaju/Salvador, fui até a capital baiana para investigar os rastros deixados no período que lá estudaram. Nos arquivos da cidade de Salvador, pesquisei na Biblioteca Pública do Estado da Bahia, jornais com notícias acerca dos discentes ao longo das décadas de 1930 e 1940. Já no Arquivo da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia (FFCH/UFBA), localizei a pasta da aluna Maria Thetis Nunes, as cadernetas de algumas das cadeiras por ela cursadas ao longo dos cursos de Geografia e História e de Didática, como também Programas de Ensino, Livro de Matrícula, Ata de Reconhecimento do Curso de Didática, Livro de Matrícula no Curso de Didática, Livro de Diplomados pela Faculdade de Filosofia da Bahia (FFB) no Turno Matutino e os Programas para os Vestibulares da Faculdade Nacional de Filosofia adotado pela FFB.

Como Felte Bezerra cursou Odontologia no período em que o curso funcionava como escola anexa da Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB), ali deveria ter algum indício, na perspectiva cunhada por Ginzburg (2007), de sua vida de acadêmico; contudo, no arquivo da referida instituição não foi encontrada a pasta do discente Felte Bezerra. Apenas seu nome consta no Livro Termo de Colação de Grau de Dentistas, Parteiras e Sangradores (1922-1952). No Arquivo, existem imensas dificuldades de busca e localização do material solicitado, além do que a memória do curso de Odontologia até o ano de 1952 ficou ali resguardado, pois pertencia à FAMEB, assim como os cursos de Farmácia e Obstetrícia; em contrapartida, não conta com a mesma preocupação histórica que se tem acerca do curso que denomina a instituição.

No mesmo prédio da FAMEB, no Largo do Terreiro de Jesus, na “Biblioteca Gonçalo Muniz”, localizei as “Memórias históricas da Faculdade de Medicina da Bahia (1925-1941)”, trata-se de uma produção contemporânea que visou cobrir a lacuna das memórias escritas pelos professores da Faculdade que, ao longo desses dezesseis anos não realizaram o relatório anual das atividades, tendo em vista a sua desobrigação dessa tarefa. Assim, a professora Cristina Fortuna (2014) produziu um material fundamental para a presente tese, na medida em que cita o acadêmico de Odontologia, Felte Bezerra.

Na Faculdade de Direito da Bahia, nas pastas dos alunos José Bonifácio Fortes Neto, José Silvério Leite Fontes e Manoel Cabral Machado, constam algumas das cadeiras cursadas por eles, bem como seus programas de ensino. O histórico com as notas e os nomes dos seus colegas de turma, professores responsáveis pela formação universitária, além de aspectos do

cotidiano das aulas apreendidos pelos documentos oficiais da instituição formadora de parcela significativa das elites baianas e de outros estados do Brasil.

Nas trilhas das pegadas deixadas por esses sujeitos, a tese foi composta da seguinte forma: além da Introdução com os **“Horizontes da caminhada”**, a pesquisa contém a primeira seção intitulada **“Deu os primeiros passos e d’ahí continuou a caminhar’: nas trilhas de ‘linhas fragmentadas’”**, na qual abordo quem são esses professores por meio de um perfil biográfico, para que o leitor possa conhecer os cinco personagens que compõem esta história. Discorro sobre os primeiros passos da pesquisa, com uma análise de produções que contribuíram para pensar e repensar a tese, bem como aponto elementos relacionados a nascimento, filiação, profissão dos pais, locais e experiência da infância que marcaram as memórias desses professores do ensino superior.

Na sequência da tese, atento à recomendação de Sirinelli (2003) de remontar os jovens anos escolares e universitários dos intelectuais aos quais se almeja compreender, debrucei-me sobre as **“Memórias dos ‘mestres de tudo’: itinerários estudantis nas terras sergipanas da primeira metade do século XX”**, nas quais desvelo professores que marcaram seu processo formativo, instituições educacionais das quais fizeram parte, suas experiências escolares, recordações, publicações em jornais estudantis e alguns dos laços construídos nesse período. Nas trilhas das memórias, lanço luz sobre diferentes espaços e práticas educativas vivenciadas pelos sujeitos investigados na pesquisa durante a sua infância e da fase de “meúdos adolescentes” nas terras sergipanas.

Logo em seguida, as trilhas seguem para a Bahia. O objetivo é analisar como a formação acadêmica nas faculdades baianas contribuiu no “despertar intelectual e político” desses jovens sergipanos. **“Vivi, como estudante, na cidade do Salvador’: percursos de acadêmicos sergipanos na Bahia”** trato dos aspectos do dia a dia desses professores na época em que eram alunos do ensino superior, suas vivências nas pensões, as aulas, colegas e docentes presentes nas suas memórias, como também seus envolvimento em atividades, para além das “paredes” das salas de aula.

O magistério é o foco principal da última seção da tese, com o título: **“Ao retornarmos a Sergipe, formados, nos encontraríamos no magistério’: ‘Os laços que se atam’ na docência como um ‘campo magnético’”** trato do retorno dos acadêmicos a Sergipe e o encontro no magistério. Abordo o que os unia e também o que os diferenciava e, como um grande quebra-cabeça, investigo fragmentos dessa história. Procurei seguir a proposta de Sirinelli (1998) de fazer uma morfologia dessa parcela da “elite cultural”

sergipana, além de ressaltar os “fenômenos de geração” e a “solidariedade de idade”. Dessa maneira, por meio das memórias dos professores sobre si e os “seus”, concluo a pesquisa com uma problematização acerca do início efetivo do trabalho desses professores na FCFS, um “microclima” da intelectualidade sergipana em meados do século XX.

Nas considerações finais, intitulada “**Muitos foram os caminhos por mim percorridos**”: **‘posso dizer Meninos eu vi...’**” encerro essa etapa do trajeto percorrido ao longo da tese com a apresentação das conclusões da pesquisa, ressalto os objetivos alcançados, ao mesmo tempo em que aponto novos caminhos a serem trilhados como desdobramentos da tese. O trabalho traz ainda dois apêndices – o primeiro com os “Caminhos cruzados” dos professores investigados com a indicação de instituições por eles frequentadas ao longo do recorte temporal da pesquisa, e o segundo com as obras publicadas por esse grupo de pioneiros professores do ensino superior em Sergipe.

2 - “DEU OS PRIMEIROS PASSOS E D’HAÍ CONTINUOU A CAMINHAR”: NAS TRILHAS DE “LINHAS FRAGMENTADAS”

Nos tempos que começara a ensinar História do Brasil, no colégio Estadual de Sergipe, a convite do seu diretor, Prof. Joaquim Sobral, isto em 1944 e 45, vim a conhecer realmente, o Prof. Felte Bezerra, filho do meu Prof. Abdias Bezerra, mestre, em Sergipe, de várias gerações. E, nas salas dos professores, nos intervalos das aulas, tornamo-nos amigos – amizade que mais crescerá quando todas as noites íamos, juntos, ensinar na Faculdade Católica de Filosofia (MANOEL CABRAL MACHADO, 1998, p. 135, grifos meus).

A descrição de Manoel Cabral Machado referente à amizade com Felte Bezerra é um “indício”, segundo as considerações de Ginzburg (2007), das relações existentes entre alguns professores daqueles dois estabelecimentos de ensino, o Atheneu Sergipense e a FCFS; mais que isso, fornece “pistas” do cotidiano desses intelectuais, seja na sala dos professores, nos corredores das instituições que trabalhavam, seja perfazendo o trajeto de casa para a Faculdade na cidade de Aracaju.

Tais vínculos, ou não, também existiam no tocante às opiniões políticas e à religião, autores lidos em comum ou de matrizes teóricas diferentes, todavia o magistério, desde o ensino secundário até o superior, uniu de alguma forma diferentes personagens em torno da FCFS, sendo esses professores pioneiros no trabalho no ensino superior em Sergipe. Vale lembrar aqui o que afirma Dominicé acerca das narrativas biográficas:

As pessoas citadas são frequentemente as que exerceram influência no decurso da existência, visto que a narrativa não é construída como um itinerário relacional, essas pessoas não dão lugar a uma descrição detalhada. São evocadas à medida que participam num momento importante do percurso de vida. Pais, professores, amigos, “mentores”, patrões, colegas, companheiros, amantes marcam a cronologia da narrativa. [...] Sem ser redutível a um processo relacional, esse processo de formação tem semelhanças com um processo de socialização. Aquilo que cada um se torna é atravessado pela presença de todos aqueles que se recorda (DOMINICÉ, 2010, p. 87).

Nas memórias de Cabral Machado, aparece não só Felte Bezerra, mas também Bonifácio Fortes, Silvério Fontes, Thetis Nunes, entre tantos outros que “atravessaram” aquele que recorda. O diferencial é que os professores citados tiveram alguns “caminhos cruzados” em diferentes momentos dos seus itinerários como estudantes e, depois, como professores até a chegada à FCFS. Esses percursos, que estão no entorno da vida desses sujeitos, foram considerados como um diferente viés para entender elementos da História da Educação, tendo em vista que práticas escolares, professores, instituições, publicações estudantis nos periódicos locais são traços de um tempo vivido por esses sujeitos e refletem, em certa medida, contribuições da educação de dada época e da sociedade sergipana e brasileira dentro do recorte temporal proposto para a análise.

Em meados do século XX, em terras sergipanas, não são raros os exemplos como o descrito por Cabral Machado com referência a Felte Bezerra, tendo em vista Aracaju ser uma pequena cidade e as instituições que a capital de Sergipe possuía. Nelas, os nomes dos professores se repetiam diversas vezes em diferentes “espaços de sociabilidade” – nas escolas,

clubes, livrarias e confrarias como ASL ou o IHGSE. Assim, também não foi diferente com a criação das primeiras instituições de ensino superior em Sergipe, entre elas, a FCFS.

Com a fundação daquela Faculdade Católica, um grupo de intelectuais foi recrutado para lecionar, não de forma aleatória, mas pessoas que preenchiam alguns requisitos mínimos para compor o quadro de professores da nascente instituição, como também de disponibilidade para o trabalho docente no ensino noturno. De tal modo, nesse primeiro momento, a análise recai sobre diferentes trabalhos que focam personagens cuja história entrecruzam-se de alguma forma. Com distintos objetos e ao tratar de diversos personagens, todos apresentam características de determinados sujeitos que extrapolam a individualidade e dizem respeito a uma coletividade demarcada historicamente com traços próprios de uma época e da conjuntura do qual fizeram parte.

Assim, o que para alguns se chama “Estado da Arte”, aqui intitulei “Percorrendo outras trilhas em busca de novos caminhos”, no qual mostro como as diferentes leituras estão, de certa forma, conectadas ao objeto da tese, sendo esse o primeiro ponto da seção. Não é minha intenção efetuar um exaustivo levantamento de trabalhos que tratam da história dos intelectuais³⁸ ou dos itinerários docentes, mas explicitar aqueles que, de forma direta ou indireta, contribuíram no delineamento desta tese.

No segundo ponto da seção, trato dos passos iniciais na vida familiar do grupo de professores estudado e assim investigo quem foram esses docentes, onde nasceram e a origem familiar. À luz de Sirinelli (1998), investigo suas primeiras experiências e as circunstâncias que esses intelectuais viveram, com quem e como.

³⁸ Para obter mais informações sobre a história dos intelectuais, ver, entre outros, os estudos organizado por Lopes (2003) e Roiz (2015) acerca dos intelectuais, bem como, Vieira (2015) sobre os intelectuais e educação.

2.1 - PERCORRENDO OUTRAS TRILHAS EM BUSCA DE NOVOS CAMINHOS

Com o pensamento de que é necessário conhecer o que se tem escrito para assim poder lançar-se ao universo da pesquisa, o primeiro trabalho que efetivamente chamou a atenção para um estudo sobre grupo de intelectuais foi o de Heloisa Ponte (1998), cujo foco é a análise do círculo de juventude de um grupo de autores, partindo da recuperação das experiências cultural, social, intelectual, política e institucional de seus membros mais importantes. A pesquisadora quebra a linearidade da análise e, de forma meticulosa, mostra a trajetória dos intelectuais que fundaram a revista “Clima”, em 1940, tendo sua perspectiva analítica embasada nas ideias de Raymond Williams, nas quais busca apreender as “[...] relações concretas do grupo com a totalidade do sistema social e não apenas suas idéias abstratas” (PONTE, 1998, p. 15). Das contribuições do citado trabalho, destaco principalmente o quarto capítulo, no qual a autora analisa a trajetória dos integrantes do grupo dentro e fora da Universidade de São Paulo e o estudo que faz dos “laços de família”.

Sérgio Miceli (2001) toma como objeto de análise os intelectuais, com os seus partidos, instituições culturais, indústria editorial, a cooptação pelo serviço público e as organizações dos mesmos em diferentes espaços, no recorte temporal de 1870 a 1945. Para a construção de sua pesquisa, utilizou fontes como: as memórias, correspondências, biografias, depoimentos, entrevistas e dicionários biográficos. Embasado no referencial teórico de Pierre Bourdieu, embora explicita ter se “inspirado” em Antonio Gramsci e Raymond Williams, o autor oferece um texto fluido e repleto de novas conclusões, para o período em que foi escrito, sobre a intelectualidade brasileira. Desse clássico ficaram algumas lições principalmente a da linha tênue entre o mundo intelectual e político, a forte ligação entre origem social e o ingresso no mercado de trabalho intelectual, em mudança no recorte temporal estudado, além da problematização acerca da ideia de “vocação” largamente exposta nas fontes históricas relativas à história dos intelectuais.³⁹

³⁹ Ao tratar da problematização da ideia de vocação Sergio Miceli escreve: “Além dos dados biográficos relativos à origem social, à escolaridade, à trajetória profissional e à produção intelectual, materiais também encontrados de maneira dispersa, em outras fontes da história e da crítica literária (manuais, antologias, dicionários biográficos, volumes de homenagem, preitos de reconhecimento póstumo etc.), as *memórias* e as *biografias* revelam certas experiências mediante as quais os intelectuais, mesmo sem o saber, buscam justificar sua ‘vocação’, ou melhor, se empenham em reconstituir as circunstâncias sociais que, no seu entender, se colocam na raiz de suas inclinações para as profissões intelectuais. Se os intelectuais insistem tanto em descrever as circunstâncias em que se sentiram atraídos pelo trabalho simbólico, quase sempre evocando personagens (um parente, um professor de primeiras letras, um padre, um letrado amigo da família) que pela primeira vez lhes

Outra pesquisa inserida nesta perspectiva apresenta-se na obra de Maria das Graças Jacintho Setton (2004) cuja tese é de que “[...] os indivíduos portadores de certa origem social e de certa formação escolar no estágio atual da sociedade brasileira, servem-se de uma rede de relações sociais que potencializa o patrimônio adquirido por herança familiar ou escolar” (SETTON, 2004, p. 14). Seu estudo dialoga com o referencial teórico metodológico de Pierre Bourdieu, traz à tona a origem social e a formação escolar dos sujeitos da análise, suas redes de relações, espaços de sociabilidade, entre outros conceitos e procedimentos metodológicos que sustentam a tese da autora e fornecem contribuições para diferentes pesquisas na área.

Já sobre grupos de professores, de forma mais específica, merece destaque a tese de Cecília Nascimento (2011), que aborda um grupo de quatorze professoras que atuaram na cidade de Sabará (Minas Gerais) e seu entorno, ao longo do período de 1830 a 1900. De forma minuciosa, a autora acompanha as ambiências distintas às quais as mulheres pesquisadas estavam submetidas, desde a escola, família, trabalho, sociabilidades, religiosidade, mobilidade, discursos e estratégias de diversas ordens.

Fabiana Munhoz (2012), em sua dissertação, investiga a trajetória de professores no século XIX, sendo três homens e uma mulher, acompanhando a trajetória escolar e de formação desses sujeitos, seu exercício na docência e circulação deles tanto na instrução pública como em outros espaços sociais. Sua principal fonte foram os mapas de frequência dos alunos, que, aliados a uma série de outros documentos, incluindo a legislação de ensino em diálogo com um referencial teórico amplo, com destaque para a micro história, levaram a pesquisadora a concluir que por meio de fragmentos de suas vidas no magistério: “[...] foi possível analisar questões relacionadas com a trajetória escolar, passando pelas possibilidades formativas mobilizadoras na apropriação da cultura letrada e de acesso à docência, até o efetivo exercício do magistério por meio das práticas pedagógicas e de sua elaboração escriturística [...]” (MUNHOZ, 2012, p. 189).

Eliana Xerri e Maria Helena Camara Bastos (2009) construíram um estudo prosopográfico⁴⁰ ao analisar a docência na família de Luiz e Edila Guadagnin, sendo que dos

teriam profetizado um futuro como artistas ou escritores, dedicado páginas sem conta ao relato de suas experiências de iniciação cultural (na escola, na igreja, nas brincadeiras etc.), como se tais ‘façanhas’ fossem indícios daquilo que viriam a ser, é porque não conseguem ocultar de todos os rastros que possibilitam reconstruir as determinações sociais de sua existência” (MICELI, 2001, p. 83).

⁴⁰ Lawrence Stone esclarece o que vem a ser tal método de pesquisa: “A prosopografia é a investigação das características comuns de um grupo de atores na história por meio de um estudo coletivo de suas vidas. O método empregado constitui-se em estabelecer um universo a ser estudado e então investigar um conjunto de questões uniformes – a respeito de nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posição econômica herdada, lugar de residência, educação, tamanho e origem da riqueza pessoal, ocupação, religião,

dezessete filhos do casal, nove optaram pelo magistério, seguidos de vinte e oito netos. As autoras concluem o trabalho revelando que a história profissional desse grupo familiar uniu-se à própria cultura da imigração italiana e salientam as práticas escolares comuns de determinadas épocas, como também o prestígio social ligado à profissão escolhida pelos descendentes de Luiz Guadagnin.

Arlete Gasparello e Heloisa Vilella (2009) desenvolveram um trabalho sobre a carreira docente, produção e atividades acadêmicas e interações sociais de 78 professores do Colégio Pedro II, na Corte e na Escola Normal de Niterói, no Rio de Janeiro. As autoras destacam a quase inexistência de pesquisas com foco na formação de quadros para atuação no ensino secundário e assim acompanham “[...] o processo de auto constituição de um grupo sócio profissional a partir de suas experiências sociais no magistério secundário e superior e no interior de uma rede de sociabilidade” (GASPARELLO; VILELLA, 2009, p. 42). Tal trabalho fornece significativas contribuições no tocante às fontes inquiridas, como também à análise efetuada tanto da atividade docente, quanto da produção dos professores estudados.

Em perspectiva semelhante, Alessandra Schueler (2008) investigou um grupo de professores (as) do ensino primário da Corte Imperial com ênfase na formação, ingresso, trajetória e participação deles nos grupos de sociabilidade intelectual. A autora buscou o referencial teórico de Viñao Frago e elegeu como fontes os documentos chamados de “auto referenciais” e os “institucionais”. Por meio da análise, salienta tanto a produção escrita (obras didáticas, poesias, poemas, livros, artigos para a imprensa, memórias etc.), quanto à participação intensa nos grupos de sociabilidade intelectual e política da cidade na época.

Bruno Bontempi Júnior (2010) escrutinou os memoriais apresentados pelos candidatos aos concursos de títulos e provas da carreira docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo entre os anos de 1988 e 2005. O pesquisador concebe o memorial acadêmico como registro autobiográfico e efetua uma leitura transversal dos memoriais produzidos pelos candidatos, apontando conclusões acerca de práticas educativas vividas de forma semelhante por diferentes sujeitos que não se conheciam, como também, não frequentaram os mesmos espaços durante as suas vidas escolares.

experiência em cargos e assim por diante. Os vários tipos de informações sobre os indivíduos no universo são então justapostos, combinados e examinados em busca de variáveis significativas. Eles são testados com o objetivo de encontrar tanto correlações internas quanto correlações com outras formas de comportamento ou ação” (STONE, 2011, p. 115).

A trajetória dos candidatos à docência ainda como estudante aparece de forma viva nos memoriais, mesmo levando em consideração que citar essa parte do passado não é um item obrigatório, sendo que: “Os memorialistas, predominantemente incluem, em seus relatos as vidas familiares e condições originais de classe e status social, que, associadas à valorização da escolaridade e à escolha de ‘boas escolas’ pelos pais, geralmente produzem no leitor a empatia pelo esforço e pela qualificação, obtida sob circunstâncias mais ou menos adversas” (BONTEMPI JÚNIOR, 2010, p. 176).

A pesquisa do referido autor dialoga com a presente tese, pois, embora os intelectuais pesquisados não tenham escrito memoriais, em seus escritos autobiográficos, entrevistas ou publicações localiza-se o registro de sua trajetória profissional, com a peculiaridade de todos eles recorrerem a elementos da sua formação escolar, o significado dos seus professores nessa formação e como, em certa medida, esses aspectos do passado educacional foram importantes na formação deles como professores. Assim, concordo com a assertiva de Bontempi Junior de que “[...] memória, trata-se de uma leitura do presente sobre o passado, uma vez que são nossas escolhas posteriores que conferem significado aos fatos do passado e não o contrário” (BONTEMPI JÚNIOR, p. 176). Tal afirmação é fundamental para entender e problematizar as memórias docentes acerca dos seus itinerários profissionais.

Outro trabalho que segue uma perspectiva singular, ao focar estritamente o passado escolar de um grupo de professores, trata-se de André Alliaud (2010) que identificou os temas aos quais se referem os professores ao tentar recuperar suas experiências vividas na escola como alunos. Assim, Alliaud investiga os diferentes momentos de escolarização de quinze professores, seus docentes, as situações de ensino e aprendizagem, eles mesmos como alunos e professores.

A citada autora trabalha com o conceito de “biografia escolar”, a partir de produções autobiográficas em conjunto com biografias, diários, cartas, notas necrológicas e relatos de forma geral que, ao se cruzar, mostram elementos desse passado educacional. Dessa forma, “En la investigación social, la narrativa fue utilizada con el propósito de reconstruir las experiencias personales, conectando entre sí ‘yos individuales’ con los grupos o instituciones sociales que los mismos conforman”⁴¹ (ALLIAUD, 2010, p. 40).

⁴¹ Tradução livre: “Na investigação social, a narrativa foi utilizada com o propósito de reconstruir as experiências pessoais conectando entre si, ‘os indivíduos’ com os grupos ou instituições sociais que os mesmos conformam”.

Nessa perspectiva, o trabalho da pesquisadora argentina fornece significativas contribuições na medida em que ressalta a relevância da vida escolar na formação do grupo de professores por ela investigado, sendo que, a formação docente não ocorre somente nos cursos para tal fim, mas perpassa outros espaços formativos, como a sua própria vida escolar, calcada na figura de sujeitos, disciplinas e instituições que paulatinamente formaram a configuração desses professores.

Com outro viés, Norberto Dallabrida (2014) propõe uma análise do perfil sociológico do corpo docente do Colégio Dias Velho, na capital de Santa Catarina, entre 1950 e 1964, abordando as formações escolares e as preferências culturais, políticas e religiosas dos professores em análise. Por meio de um variado leque de fontes, em articulação com alguns conceitos de Pierre Bourdieu e Roger Chartier, o autor aponta a formação desses professores e contextualiza a situação do ensino secundário no Brasil ao longo do recorte temporal do seu trabalho. Ficam explícitas as mudanças proporcionadas pela Reforma Francisco Campos (1942) no tocante às finalidades dessa modalidade de ensino, além do papel crucial que esse diversificado corpo docente exerceu na única escola pública da cidade de Florianópolis naquele período.

Dentre os trabalhos arrolados, os que mais se aproximam do presente estudo, embora com uma série de diferenciações, são quatro: as dissertações de Vanessa Silva (2010), Rony Menezes (2006), Juliana Mello (2012) e o artigo de Mirian Warde (2003). A primeira, em um estudo prosopográfico, traz a análise de um grupo de professores fundadores da Faculdade de Filosofia da Bahia e sua relação com as instituições de saber na Bahia estado-novista. A autora evidencia as filiações, formações, trajetórias docentes, cargos exercidos, produções biográficas, além de honrarias e registros especiais dos professores fundadores da Faculdade baiana. A discussão teórica acerca da História Política e da História Intelectual também é digna de nota, assim como as fontes utilizadas e o conjunto de questões que busca responder acerca de cada professor, que a autora denominou como “ficha biográfica”.

Também em um estudo de mestrado, Rony Menezes (2006) toma como objeto de análise o grupo do “Almanaque Literário de São Paulo”, no final do século XIX. Com o domínio do referencial teórico-analítico de Jean-François Sirinelli, o autor analisa a trajetória político-social-intelectual do grupo que compunha o almanaque e segue as pistas dos itinerários do mesmo, escreve sobre os antecedentes históricos, sua constituição, a propaganda republicana e as visões de educação estampadas pelo grupo no referido Almanaque. A dissertação de Menezes (2006) trabalha com os conceitos de Sirinelli e, com rigor

metodológico, discute acerca dos “microclimas” e “redes” que configuram “estruturas de sociabilidade”.

O trabalho de Juliana Mello (2012) foca as trajetórias sociais dos egressos do Colégio Catarinense na década de 1950. A autora lança luz sobre os caminhos dos egressos sob o viés das origens familiares, os percursos escolares e as carreiras profissionais por meio do diálogo com o referencial teórico de Pierre Bourdieu e Bernard Lahire. Em uma das suas conclusões da pesquisa, a autora destaca a possibilidade de pessoas com poucos recursos culturais e sociais ter trajetórias de sucesso e ocupações diferentes dos seus pais e avós, isso acontece quando por meio de estratégias familiares converte-se o “capital social” em “capital escolar” e, assim, consegue-se profissões melhor remuneradas e mais reconhecidas socialmente.

Já Mirian Warde (2003) efetua uma análise por “descomparação” de Lourenço Filho e Anísio Teixeira, através das cartas trocadas entre ambos. A sagacidade da pesquisadora no escrutínio das fontes, bem com a discussão teórica sobre os itinerários de formação de Lourenço Filho e a construção de suas “ferramentas mentais” foram cruciais para o entendimento de que estudar as redes de relações sociais, intelectuais e políticas, nas quais e pelas quais uma trajetória é percorrida constitui um tema fértil e original para o estudo dos intelectuais da educação.

No caso da presente tese, analisar os itinerários dos professores até os primeiros passos na docência do ensino superior, possibilita visualizar para além dos que ensinaram nas primeiras Faculdades de Sergipe, ou seja, faculta perceber como eles se formaram nesse processo no qual múltiplos sujeitos fizeram parte e, indubitavelmente, dentro desse conjunto, suas memórias “registraram” aspectos cruciais para a vida profissional posterior.

Os caminhos trilhados por outros pesquisadores auxiliaram na definição da rota e nas pistas que deveriam ser seguidas para encontrar o itinerário da tese. Leituras no campo da História, História da Educação e Sociologia foram cruciais para o entendimento de que é possível analisar diferentes percursos que perpassam espaços em comum em dada época da História. Autores e obras para além de referências são parceiros da jornada na busca da construção do conhecimento novo.

2.1.1 - Os grupos de intelectuais sergipanos pelas lupas de diferentes viajantes no tempo

Em Sergipe, embora com um número considerável de estudos com viés biográfico, ainda rareiam os trabalhos sobre grupos de intelectuais e seus itinerários⁴². O trabalho de Magalhães Carneiro (1940) constitui-se como pioneiro no trato com o “Panorama Intelectual de Sergipe”. A obra trata de uma memória histórica escrita acerca da administração do interventor do governo de Getúlio Vargas em Sergipe, Eronildes Ferreira de Carvalho (1935-1937)⁴³, diante da Exposição-Feira do Brasil em Buenos Aires na Argentina.

O referido autor informa que sua obra consiste: “Em um estudo circunstanciado das instituições culturais de Sergipe e seus órgãos de controle intelectual no propósito de mostrar o modo por que é mantida, incrementada e difundida a cultura entre os sergipanos [...]” (CARNEIRO, 1940, p. 1). Dentro dessa perspectiva, estabelece que as instituições “puramente intelectuais” do Estado são a Academia Sergipana de Letras; o IHGSE; a Biblioteca Pública, que *a posteriori*, passou a se chamar Epifânio Dórea; o Departamento de Propaganda e Divulgação do Estado e a Imprensa aparecem como órgãos de controle⁴⁴. O autor procura historicizar cada uma das instituições e aponta datas, nomes de fundadores e participantes bem como suas principais contribuições para o cenário cultural e intelectual de

⁴²A pesquisa de Souza (2001) traz um levantamento dos estudos em Sergipe que tiveram como foco a análise de intelectualidade sergipana. Ainda sobre a historiografia sergipana no sentido de realizar um balanço das pesquisas produzidas nesse campo, dentro dos trabalhos produzidos no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, consultar: Freitas (2006). Com relação, tanto aos estudos biográficos, quanto a outros estudos no campo da História da Educação em Sergipe ver: Nascimento (2003a); Santos (2003) e Oliveira (2014).

⁴³ Dantas (2004) acentua que a chegada de Eronildes Ferreira de Carvalho ao poder em Sergipe, eleito pela Assembleia Legislativa em 1935, representou a vitória do grupo conservador do Estado. O pesquisador afirma que: “No período de 1936/37, o governo Eronildes de Carvalho passou a divulgar propaganda de cunho ideológico e realizar ações repressivas, censurando e fechando jornais, prendendo estudantes, jornalistas, perseguindo adversários políticos no interior do Estado” (DANTAS, 2004, p. 88). Após o Golpe do Estado Novo, Eronildes de Carvalho tornou-se o interventor no Estado de 1937/1941, sendo que nesse período aproveitou-se da Nova Constituição outorgada por Getúlio Vargas para derrubar os chefes locais que foram eleitos por outros partidos, aposentou civis, reformou militares e privilegiou seus cliente e correligionários, principalmente senhores do açúcar.

⁴⁴ Com relação ao Estado Novo Vargasista e mesmo ao “intervencionismo na sociedade” característica marcante dessa época Gomes (2007) faz significativas observações no tocante à ambiguidade de um período curto - oito anos, “[...] que demarcou a instalação de um modelo de Estado autoritário, muito centralizado politicamente, e cujas margens de intervencionismo sobre a sociedade se ampliaram de forma até então inusitadas no país. Além disso, os anos do Estado Novo, assinalaram um período de grande modernização econômica e social, o que é evidenciado pelo avanço da industrialização e urbanização, pela crescente racionalização do aparelho burocrático do Estado e pela implementação de políticas sociais que abarcaram entre outras, as áreas da educação e também da cultura, em sentido mais amplo. Afirmar essa grande e profunda transformação, contudo, não significa ignorar a convivência do ‘moderno’ com o ‘tradicional’. Tampouco, implica minimizar a violência física e simbólica do aparelho de Estado, facilmente detectadas pela ação da polícia política, da censura, da permanência de padrões clientelistas na organização da administração pública e, também, da participação no poder do Estado dos setores agrários, ainda que não com a mesma força e prestígio” (GOMES, 2007, p. 45).

Sergipe. O texto datado historicamente é fulcral para entender as relações presentes no universo político e cultural do segundo quartel do século XX em Sergipe, diante da política varguista e a atuação de um dos seus interventores no estado, Eronildes de Carvalho.

O historiador Pedrinho Santos (1984), com um olhar voltado para as “Instituições Culturais de Sergipe”, efetua um breve panorama acerca do IHGSE, Arquivo Público do Estado de Sergipe, Biblioteca Pública Epifânio Doria, Museu de Sergipe e Museu de Arte Sacra de Laranjeiras. De forma breve, o autor apresenta dados de fundação, pioneiros e principais contribuições das instituições para a cultura sergipana. Ao citar os intelectuais envolvidos em cada um dos espaços analisados, o pesquisador contribui para os estudos sobre os grupos ligados a significativos centros de cultura de Sergipe.

A obra de Ibarê Dantas, “História da Casa de Sergipe”, estabelece como objetivo “[...] analisar a história do IHGSE no sentido de acompanhar sua trajetória, informar-se dos problemas encontrados no dia a dia de funcionamento da instituição, dos benefícios recebidos, bem como compreender as razões da sua sobrevivência e seus feitos” (DANTAS, 2012, p. 20). Para atingir tais finalidades o pesquisador acompanha e problematiza a história da “Casa de Sergipe” diante do seu centenário.

Ao longo da escrita, visualizam-se desde “A Criação da Casa de Sergipe (1912)”, seus “Tempos de Organização (1912-1921)”, passando por diferentes momentos, até os “Tempos de Audácia e Destaque (1951-1957)” nos quais Felte Bezerra dirigiu a instituição entre os anos de 1951 e 1953, ou também nos “Tempos de declínio (1967-1969)”, com a gestão de Bonifácio Fortes de 1967 a 1969. De todas as gestões, a mais longínqua concerne a de Maria Thetis Nunes de 1972 a 2003, na qual a historiadora representa os “Tempos de Dificuldades e Permanências”.

O aludido trabalho constitui-se como uma das significativas referências no estudo da intelectualidade sergipana, sobretudo, no tocante ao século XX. Considerando-se a ideia de que o IHGSE é um “[...] centro de cultura, agregador da intelectualidade e cultivador da sociabilidade” (DANTAS, 2012, p. 20), a obra traça um panorama da instituição e como também da vida dos sujeitos que dela fizeram parte, suas relações com o Estado, os interesses e dificuldades que envolveram as suas ações, sendo que, para os intelectuais que participaram do IHGSE, “[...] enquanto instituição cultural, espaço de discussões, serviu-lhes como campo de atuação” (DANTAS, 2012, p. 21).

A “Casa de Sergipe” entre outras instituições e práticas culturais na chamada Primeira República são estudadas na monografia de conclusão de curso em História de Cristiane

Vitório Souza (2001). Na busca por traçar o perfil do campo intelectual sergipano, a autora dialogou com Pierre Bourdieu e Roger Chartier e fez uso de fontes como biografias e memórias de intelectuais, estatutos de instituições culturais, documentos oficiais do executivo e legislativo, periódicos e a produção bibliográfica desses intelectuais.

Ressalto ainda o estudo de Eugênia da Silva (2004) sobre a elite oitocentista em Sergipe. Neste trabalho a autora se debruçou sobre 400 nomes de intelectuais reconhecidos como tais. Contrariando a historiografia vigente, inclusive discordando de algumas afirmações de Cristiane Vitório Souza (2001), a autora defende a ideia de que tal elite originou-se no Império e não na República como se afirmava. A análise incidiu sobre a elite intelectual sergipana a partir de sua formação acadêmica e do exercício das funções legitimadoras do seu poder. O trabalho apresenta informações relevantes sobre a constituição desse grupo social e mesmo as suas estratégias de legitimação do poder, além dos gráficos e análises de fontes que revelam diferentes facetas da educação desse grupo de sergipanos nos oitocentos.

Ainda dentro de uma perspectiva de investigar a elite sergipana, Ricardo Abreu (2006), focaliza a dinâmica formacional dos oficiais do exército brasileiro ao longo do século XIX, tendo em vista a formação da elite intelectual sergipana nas academias civis e militares ao longo do período imperial. O autor afirma que estes homens foram indicados pelas autoridades locais para compor a tropa de linha, ou mesmo exercer funções administrativas dentro da máquina burocrática da província, “[...] eram também indivíduos que mesmo sem uma formação militar acadêmica, transitavam com propriedade por diversos campos do conhecimento humano” (ABREU, 2006, p. 100).

Cristina Barroso (2011) apresenta como questão central da sua tese de doutoramento em Educação como as reformas educacionais e os intelectuais da educação promoveram a difusão e a consolidação da Pedagogia Moderna em Sergipe. Para responder tal indagação, a autora se debruça sobre um variado leque de fontes e dedica um capítulo do trabalho a “[...] identificar os intelectuais da educação, suas ações e estratégias relativas a disseminação dos preceitos da Pedagogia Moderna, bem como compreender o alcance dessas ações na formatação dessas reformas” (BARROSO, 2011, p. 64). Ela conclui por afirmar que os intelectuais da educação sergipanos, envolvidos de diferentes formas na propagação da Escola Nova, foram “[...] autorizados pelo poder dos cargos que ocupavam na estrutura educacional e resguardados pela legitimidade das instituições culturais das quais faziam parte inscreviam

ações que desenhavam valores, normas e princípios educacionais que eram interiorizados e que corroboravam para nortear as práticas e suas representações” (BARROSO, 2011, p. 80).

Também na perspectiva de tese, na área de História da Educação, Fábio Alves dos Santos (2013) realizou um estudo prosopográfico para identificar e analisar o lugar ocupado pela docência nas trajetórias de vida de 131 professores na província de Sergipe d’El Rey com foco na relação entre ofício docente e elite letrada. Em uma das suas conclusões, o autor atesta que “[...] é um equívoco pensar a docência como um bloco monolítico, uma totalidade homogênea, como tem sido recorrência na historiografia educacional brasileira. Fica claro que é mais frutífero pensar em “professores”, “docências”, em uma perspectiva mais plural” (SANTOS, 2013, p. 119). Tais considerações chamam atenção para observar o caráter múltiplo que os sujeitos podem conferir às profissões que seguem e não apenas colocá-los em padrões rigidamente estabelecidos, mas observar o que os fragmentos do passado vivido podem dizer diante das problematizações daquilo que se busca.

Marcia Cruz (2014) trata dos “Ritos, símbolos e práticas formativas” da Faculdade de Direito de Sergipe (1950-1968). A sua tese envereda por diferentes questões e fontes, de modo a mostrar distintas faces daquela instituição. A investigação, no âmbito de tal Faculdade, “[...] diz respeito à sua morfologia, como também a ação e aos lugares ocupados pelos intelectuais a ela relacionados no campo educacional sergipano” (CRUZ, 2014, p. 384).

Em trabalho de fôlego, a citada pesquisadora percorre caminhos entre Brasil e Portugal e desvela distintas nuances do ensino superior jurídico em Sergipe; uma delas, são os professores que lecionaram na Faculdade de Direito de Sergipe no recorte temporal da pesquisa. Nessa parte do trabalho, por meio do diálogo com Pierre Bourdieu e Jean-François Sirinelli, como também por meio do método prosopográfico, aponta-se elementos dessa “elite intelectual” que lecionou no ensino superior sergipano, entre os docentes abordados no âmbito do trabalho da FDS, estão: Bonifácio Fortes, Cabral Machado e Silvério Leite Fontes⁴⁵.

Com relação aos estudos sobre trajetórias de alguns docentes em Sergipe, dois trabalhos merecem destaque: a tese de Anamaria Freitas (2003) e a dissertação de Alice Thomaz (2012). A primeira, com uma análise da trajetória de três professoras sergipanas, desde a escolarização até sua entrada no mercado trabalho, a autora consegue revelar, a partir dos sujeitos pesquisados, elementos da educação feminina, no início do século XX, como

⁴⁵ Sugiro consultar a tese de Cruz (2014) para saber mais acerca das ocupações sociais desses três professores, bem como das suas atividades docentes, publicações, círculos intelectuais e da “cultura acadêmica” que englobou a Faculdade de Direito de Sergipe nas décadas de 50 e 60 do século XX.

também uma série de aspectos próprios da História da Educação em Sergipe naquele período. Embora o referido estudo não tenha como intuito trabalhar com um grupo e sim com três intelectuais, o trabalho fornece significativas contribuições no tocante às fontes pesquisadas e às análises efetuadas.

Assim como Freitas (2003), três intelectuais também constituem o foco da dissertação de Alice Thomaz (2012). Na pesquisa, a autora se propõe a investigar trajetórias de vida de Genolino, Gildásio e Gilson Amado, ou os “Amados intelectuais de Sergipe”. O trabalho parte das terras sergipanas com uma análise das relações familiares e da sociabilidade dos “Amados”, mas a cidade do Rio de Janeiro é o espaço da investigação no recorte temporal de 1950 a 1970. Com foco nas ações desses sujeitos no âmbito da educação brasileira, tanto no ensino superior de Jornalismo, quanto no ensino secundário e, ainda, na educação a distância, a pesquisadora consegue explorar diferentes espaços de atuação dos irmãos, bem como apontar elementos dos seus laços de sociabilidade, extrapolando as relações familiares dos “Amados” e apontando suas contribuições para a educação nacional.

Já no tocante aos estudos da História do Ensino Superior, esses têm crescido nos últimos anos⁴⁶. Os primeiros cursos superiores que conseguiram lograr êxito⁴⁷ em terras sergipanas somente surgiram após 1940, a saber: Faculdade de Ciências Econômicas de Sergipe (FCES), em 1948; Escola de Química de Sergipe, em 1950; Faculdade de Direito de Sergipe (FDS), em 1950; Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, em 1951; Escola Superior de Serviço Social de Sergipe (ESSS), em 1954; e a Faculdade de Ciências Médicas, em 1961⁴⁸. A FCFS, única instituição superior dentre as faculdades citadas que oferecia mais de um curso, concentrou a formação acadêmica dos primeiros professores do estado.

Esse conjunto de trabalhos arrolados fornece diferentes contribuições para a presente tese – ora no trato que eles ilustram no tocante à definição do problema, ora no cuidado quanto aos aspectos metodológicos, conceituais e suas fontes. Tais estudos servem como

⁴⁶ Para uma revisão da literatura sobre a História do Ensino Superior em Sergipe, consultar Oliveira (2011).

⁴⁷ Segundo Nunes (2008a), as primeiras instituições de ensino superior em Sergipe foram criadas na década de 1920, no governo do presidente do estado Graccho Cardoso, sendo elas: a Faculdade de Direito e de Farmácia, contudo não lograram êxito e pouco tempo depois encerraram suas atividades. As Faculdades que efetivamente conseguiram assegurar sua existência, só nasceriam mais de duas décadas depois. Outras informações em relação ao surgimento do ensino superior em Sergipe nas primeiras décadas do século XX, ver Nunes (2008a), como também Cruz (2014).

⁴⁸ Sobre a implantação dos cursos superiores em Sergipe, comenta Dantas: “Em 1951 a Igreja Católica fundou a *Faculdade de Filosofia*, enquanto uma sociedade mantenedora criava a de Direito com juristas ligados sobretudo ao *Partido Social Democrático*. [...] Não obstante as dificuldades, em 1954 apareceu a *Faculdade de Serviço Social*, também ligada a Igreja Católica. Fechando o ciclo, em 1961, nascia a *Faculdade de Ciências Médicas* com aporte significativo do Estado. O fato é que no início dos anos sessenta já eram computados 12 cursos de graduação com 156 professores e 336 alunos” (DANTAS, 2004, p. 158).

trilhos que mostram o caminho percorrido ao mesmo tempo em que estimulam o encontro do próprio itinerário diante das questões da presente tese.

2.2 - ENTRE SUJEITOS E SUAS HISTÓRIAS: PRIMEIROS PASSOS DE DISTINTOS PERCURSOS

A Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe terá cumprido sua missão, quando, no fim de 1967, for implantada a Universidade Federal de Sergipe. Tendo começado seus trabalhos em 1951, ela viveu (17) anos. (REVISTA DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE, 1967, p. 07).

As palavras de despedida que constam no último número da revista da FCFS, como também daquela instituição de ensino superior servem como ponto de partida para uma história que, certamente, existiu por mais de 17 anos. A luta pela implantação da FCFS, os interesses envolvidos tanto na sua criação como nas aulas ministradas, os ensinamentos trabalhados na formação de professores e os vários projetos individuais pertencentes aos diferentes sujeitos que por ali passaram fazem repensar esses marcos balizadores do tempo.

Dentre aqueles que trabalharam naquela instituição nos anos cinquenta e sessenta do século XX, selecionei cinco professores que compõem um pioneiro grupo de docentes do ensino superior sergipano. O primeiro deles nasceu em Aracaju, no ano de 1908, Felte Bezerra⁴⁹. Filho de Abdias Bezerra e Esmeralda Araújo. Seu pai, o professor Abdias Bezerra,

⁴⁹ Sobre Felte Bezerra há uma série de trabalhos com distintos focos que podem ser separados em dois grupos, o primeiro com cunho acadêmico e o segundo com tom memorialístico. Dentro do primeiro grupo, cabe destacar os estudos de Beatriz Gois Dantas (1998 e 2009) com foco no antropólogo Felte Bezerra e a mesma autora em parceria com Verônica Nunes (2009) publicou a obra “Felte Bezerra: cartas a um antropólogo sergipano 1947-59 e 1973-85” no qual a análise recai sobre as cartas recebidas por Felte, na primeira metade do século XX. Ibarê Dantas (2012) trata de Felte Bezerra o situando junto ao IHGSE, inclusive perscrutando minuciosamente sua atuação como presidente da “Casa de Sergipe”, na década de 1950. O referido pesquisador pontua ainda seu trabalho como fundador do Centro Cultural de Sergipe no final da década de 1930, vice-presidente da Associação Comercial de Sergipe e diretor da Sociedade de Cultura Artística (SCAS), como também tesoureiro da Sociedade Mantenedora da Faculdade de Medicina de Sergipe em meados do século XX; Fernando Sá (2009) analisa o livro “Investigações Histórico-Geográficas de Sergipe” publicado em 1952 situando Felte dentro da historiografia sergipana e apontando as correlações do pensamento de Bezerra com a tradição do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; o historiador José Calasans Brandão da Silva no clássico livro da historiografia sergipana, “Aracaju e Outros Temas Sergipanos” (2013, p. 29), trata Felte Bezerra como “[...] um dos melhores pesquisadores sergipanos dos dias presentes, misto de geógrafo e historiador”, tal frase faz referência ao trabalho de Felte dentro da discussão dos limites de Sergipe e Bahia; João Paulo Oliveira (2011a) analisou a atuação de Felte nas disciplinas do curso de Geografia e História da FCFS; Lucineide Freire et all (2009) escreveram monografia acerca dos artigos jornalísticos do sergipano; outro trabalho monográfico consiste no estudo de Nascimento (2015) que busca analisar a obra “Etnias Sergipanas” de autoria de Felte Bezerra,

nasceu na cidade de Siriri, no interior do Estado de Sergipe, no ano de 1880, filho do professor João Amâncio Bezerra e D. Herminia Rosa Bezerra.

Segundo informações do próprio Felte Bezerra (1947), acerca do seu pai, Abdias frequentou as escolas de Siriri, Japarutuba e iniciou seus estudos secundários no Atheneu Sergipense aos 17 anos, quando passou a morar em Aracaju na casa do tio e farmacêutico Guilhermino Amâncio Bezerra. Não concluindo os estudos por causa da doença de sua mãe, retornou a Siriri e, após o falecimento da mesma em 1898, deixou Sergipe em 1900, para estudar no Curso Preparatório de Cadetes na Escola Militar de Realengo, no Rio de Janeiro, local em que completou seus estudos secundários. Em 1902, na Academia Militar da Praia Vermelha no Rio de Janeiro continuou a vida escolar, mas foi expulso de lá em 1904, sob o pretexto de ter participado da “Revolta da Vacina”.⁵⁰

De acordo com José Murilo de Carvalho (1978), após a Guerra do Paraguai em 1872 e o ingresso de Benjamin Constant como um dos professores e um dos reformadores daquela escola militar, houve a consolidação da influência positivista naquela instituição ao ponto de ser considerada pelo autor mais um centro de estudo de matemática, filosofia e letras do que de disciplinas militares. A citada reforma também transformou a Escola da Praia Vermelha

publicada em 1950, para atingir o objetivo geral do trabalho, qual seja: “[...] entender quais os motivos que levaram alguns intelectuais do século XX a negarem os preconceitos raciais sofridos pelos negros. Preconceitos expostos tão claramente na época e também nos dias atuais que deixaram marcas negativas para a vida social das pessoas negras”, (NASCIMENTO, 2015, p. 8) e chega a conclusão que “Na obra o autor tenta desviar a atenção dos leitores, transferindo as responsabilidades das desigualdades sociais para as vítimas, assim, isentando da culpa a elite branca dominadora, que fez a colonização premeditadamente para enriquecimento do branco colonizador, mascarando o preconceito racial, culpando sempre as vítimas dessas ações malignas” (NASCIMENTO, 2015, p. 38). Como último trabalho desse primeiro grupo, localizei a dissertação de Silva (2014), cujo objeto de estudo consiste na trajetória do professor Felte Bezerra e suas contribuições para o ensino superior em Sergipe, para atingir seus objetivos de pesquisa a autora escreve uma dissertação com dois capítulos na qual o primeiro trata de forma superficial de “Felte Bezerra: entre o espelho do autorretrato e a pintura das suas memórias”, já no capítulo intitulado: “As contribuições de Felte Bezerra para o ensino superior em Sergipe” se dedica ao trabalho de Felte como professor do curso de Geografia e História da FCFS. Tal capítulo se assemelha ao estudo de Oliveira (2011) que trata da mesma temática ao investigar as disciplinas, docentes e conteúdos do mesmo curso na FCFS, embora com várias semelhanças, o autor não aparece nas referências da dissertação de Silva (2014). De forma geral, a obra apresenta poucas inovações diante dos estudos já realizados, até então, acerca do pioneiro antropólogo sergipano, com poucas problematizações das fontes e conclusões incipientes. Em um segundo bloco situa-se o texto de Garcia Moreno (1952) diante da posse de Felte Bezerra na ASL; Jackson da Silva Lima (1984) o situa como pioneiro nos estudos antropológicos em Sergipe; Gustavo Aragão Cardoso (2005) em sucinto artigo trata da vida e atuação de Felte; Eduardo Conde Garcia (1991) faz breve síntese biográfica de Felte, diante da sua posse na ASL na cadeira de nº 2 que pertenceu ao antropólogo e por fim, Thetis Nunes (1992) trata do seu ex-professor Felte Bezerra logo depois do seu falecimento.

⁵⁰ O historiador José Murilo de Carvalho (2004), na sua obra “Os bestializados” dedica o quarto capítulo intitulado “Cidadãos ativos: a Revolta da Vacina” para tratar do movimento ocorrido na cidade do Rio de Janeiro na administração de Rodrigues Alves como prefeito da capital do Brasil, à época. As mudanças estruturais promovidas com o intuito de transformá-la em uma nova Paris, acabaram por interferir no cotidiano das pessoas. O autor apresenta uma série de fatores que culminaram na Revolta, entre eles a obrigatoriedade da vacina. A Revolta da Vacina foi um levante político que buscou a derrubada do governo via rebeliões das Escolas Militares da Praia Vermelha e do Realengo. A Revolta foi sufocada e as escolas militares foram extintas.

em Escola Militar do Brasil, foi lá que estudou Abdias até a sua expulsão juntamente com os colegas sergipanos Arthur Fortes e Alencar Cardoso. Ainda, acerca da citada escola, o autor afirma:

Escola Militar da Praia Vermelha, sediada em prédio imponente, fora reaberta em 1874. Desde então, e até seu fechamento em 1904, motivado pela participação dos alunos na Revolta da Vacina, representou papel importante na vida da cidade e na política nacional. Separada da Escola Central, que, sob o nome de Politécnica, se encarregou do ensino da engenharia civil, a Escola Militar continuou a dar ênfase ao ensino das ciências e da engenharia. A quem completasse os cinco anos do curso, [...], era concedido o diploma de bacharel em Matemática e Ciências Físicas e Naturais, um título nada militar. [...]. Pelo lado cultural, paralelamente às matérias do curso, fortemente centradas nas matemáticas, engenharias e ciências da natureza, os alunos desenvolviam intensa atividade extracurricular em sociedades, clubes e revistas literárias (CARVALHO, 2010, p. 139–141).

O caráter de formação cultural apresentado naquela Escola Militar pode ter contribuído na formação do pai de Felte Bezerra que, naquela época ainda jovem e diante da participação na Revolta da Vacina, Abdias Bezerra, em companhia dos sergipanos Arthur Fortes e Alencar Cardoso, além dos demais alunos e oficiais envolvidos, foram presos, enviados ao Rio Grande do Sul e expulsos do exército. Somente um ano depois, foram anistiados⁵¹.

O trio de sergipanos expulsos da Praia Vermelha voltou a Sergipe. Assim que o grupo retornou, no ano de 1906, Sergipe foi palco da Revolta Fausto Cardoso⁵², estando Abdias Bezerra e Arthur Fortes diretamente envolvido com os “Bacharéis do Recife”. Este último, inclusive, estava com Fausto Cardoso, no momento da invasão do palácio do governo de Sergipe, que resultou na morte do deputado opositor à oligarquia olimpista (SILVA, 2013). Ao tratar da “Revolução de 1906”, José Calasans Brandão da Silva (2013) descreve seus líderes:

Em torno de Fausto – astro rei – moveu-se então quase todo o sistema sergipano. Intelectuais e homens de negócios. Velhos políticos e moços idealistas. Um poeta singular, misto de cavaleiro medieval e cidadão da revolução francesa: Artur Fortes; um senhor de engenho desabusado e altivo: Manuel Dantas das Vassouras; um notável orador sacro e homem agitado: padre Leonardo Dantas; um velho político experimentado e franco: Leandro

⁵¹ A respeito da formação da elite intelectual sergipana no exército brasileiro do século XIX, consultar a dissertação de Abreu (2006).

⁵² Sobre a Revolta Fausto Cardoso em Sergipe, consultar, entre outros, a obra “Impasses do Federalismo Brasileiro (Sergipe e a Revolta de Fausto Cardoso)” de autoria de Terezinha Oliva de Souza (1985).

Ribeiro de Siqueira Maciel, um moço austero e professor de matemáticas: Abdias Bezerra; [...] Não era bem uma revolução, “era quase uma festa” (SILVA, 2013, p. 186, grifos meus).

Abdias Bezerra e Artur Fortes seriam esses “jovens e sonhadores intelectuais” – um era “poeta”; o outro, “austero”; – que buscavam seus espaços nos embates das oligarquias dominantes do cenário político sergipano. Seus nomes constituíram uma Assembleia apontada como ilegal pelos seus adversários, levando em consideração que só alguns dos deputados tinham votos para serem considerados eleitos. Os resultados da “Revolta de Fausto Cardoso” culminaram com uma breve atuação do grupo ligado ao Partido Progressista no poder naquele ano.

No final da primeira década do século XX, algumas mudanças no quadro político local, fizeram com que os membros daquele grupo, ora banidos do poder, fossem beneficiados de forma direta ou indireta nas administrações “faustistas”. Os referidos exilados, esses que “[...] desde 1906 se sentiam desprestigiados e/ou perseguidos, animaram-se, e o quadro político situacionista local adaptou-se ao esquema dominante, um tanto impregnado de ranço militarista” (DANTAS, 2004, p. 35)⁵³.

Entre os que colheram frutos anteriormente plantados, estavam os ex-deputados da assembleia revolucionária, Arthur Fortes e Abdias Bezerra – ambos fizeram parte do grupo de deputados que compunham o governo de Fausto Cardoso, após o golpe que retirou Guilherme Campos da presidência do Estado em 1906, na chamada “Revolta de Fausto Cardoso”⁵⁴. Os

⁵³ Os três militares que governaram Sergipe nesse período foram Siqueira de Menezes, Oliveira Valadão e Pereira Lobo. O engenheiro José Siqueira de Menezes que presidiu Sergipe entre 1911 e 1914, sua atuação envolveu questões de saneamento, serviços de água, iluminação elétrica e diferentes construções de prédios públicos, pontes, açudes e represas. Contudo, não se envolveu com os diferentes grupos políticos locais, tratando a oposição com intolerância. Já Oliveira Valadão, que atuava fortemente na política sergipana desde o final do século XIX, voltou a presidir o estado entre 1914 e 1918, apoiado por Pinheiro Machado. Seu governo continuou com obras de aterro, construiu grupos escolares, introduziu cursos noturnos dedicados aos operários e investiu na Usina de Eletricidade. Por fim, Pereira Lobo (1918-1922), tenente coronel casado com uma enteada de Valadão, combateu o surto de gripe espanhola que se espalhou pelo estado ao tempo que trabalhou para melhorar a cidade de Aracaju com saneamento, água, luz, calçamento e, além disso, construiu novos grupos escolares e a sede da Biblioteca do Estado. Lobo foi o último militar que presidiu o estado de Sergipe, durante a Primeira República (DANTAS, 2004).

⁵⁴ Souza (1985) escreve sobre a importância de Fausto Cardoso, bem como outros intelectuais sergipanos, formados na Escola de Direito de Recife na passagem do século XIX para o século XX e o significado desse grupo nos rumos da política sergipana desse período com destaque para “A Revolta de Fausto Cardoso” ocorrida em 1906, tendo entre outros objetivos a finalidade de retirar a oligarquia liderada pelo monsenhor Olímpio Campos do poder. Em uma das suas conclusões acerca da “Revolta de Fausto Cardoso”, afirma: “Há que considerar o movimento em sua complexidade, pelas dimensões que tomou, pelos elementos que o fizeram, como o levante policial, a participação popular das camadas médias urbanas, o caráter urbano da revolta. Todos esses elementos não foram, todavia, suficientes para que os revoltosos pensassem em alterar a ordem oligárquica. Aliás, manter a ordem foi ponto de honra na direção imprimida por Fausto Cardoso ao movimento. Se as conquistas da revolta fossem sancionadas, elas o haveriam de ser por seu caráter legal, legítimo, uma

professores possivelmente se enquadravam na união de diferentes interesses e perfis que resultaram no levante que contou com “[...] velhos chefes políticos competindo pela liderança, e jovens e sonhadores intelectuais, a acreditar na vitória do Direito e da Justiça, no advento de melhores oportunidades, sem jamais questionar a organização da sociedade” (SOUZA, 1985, p. 174).

O escritor Mário Cabral (1948) também situa os professores Fortes e Bezerra, em conjunto com Manuel Dantas, Leonardo Dantas, Costa Filho, João Mota, Olegário Dantas, Leandro Maciel, Antonio Mota, Gumercindo Bessa e muitos outros. Abdias Bezerra exerceu cargos na administração pública quando Maurício Graccho Cardoso⁵⁵ (1922-1926) presidiu o estado de Sergipe. Nesse período, Abdias atuou como diretor do Atheneu Sergipense, diretor da Escola de Comércio Conselheiro Orlando e Diretor da Instrução Pública⁵⁶. Além desses elementos da vida profissional, Abdias lecionou em vários colégios da cidade de Aracaju e foi aprovado em concurso para a cadeira de Francês do Atheneu Sergipense em 1908 (GUARANÁ, 1925). Todavia, não permaneceu naquela cátedra durante muito tempo, passou por outras áreas do conhecimento, sendo a sua atuação na cadeira de Matemática, a mais marcante da sua carreira no magistério (SOUZA, 2011).

Dentro dessa perspectiva, Abdias Bezerra é considerado por Nunes (1982) como um liberal democrata que, em conjunto com Arthur Fortes, Clodomir Silva, Péricles Azevedo, General Calazans, Amintas Jorge, entre outros, participou da Campanha da Aliança Liberal contra o candidato paulista Júlio Prestes, mas logo se desiludiu. Abdias Bezerra ficou viúvo muito cedo, tendo a educação dos seus filhos Felte e Floro Bezerra sob a sua responsabilidade, casou-se pela segunda vez, sendo pai de mais três filhos. Foi nesse cenário de um pai professor e ativo em diferentes instituições ligadas à política e à educação que

legitimidade baseada não apenas no que se considera serem as reais aspirações do ‘povo’ mas também, e acima de tudo, baseada na obediência às leis. O que se queria, pois, empreender era antes uma correção que uma transformação” (SOUZA, 1985, p. 243). Consultar a citada autora para saber mais acerca dos “Impasses do Federalismo Brasileiro” com foco em Sergipe.

⁵⁵ Vale ressaltar que Graccho Cardoso era filho do professor Brício Cardoso e primo de José de Alencar Cardoso, colega de Abdias na Escola da Praia Vermelha e de trabalho no Colégio Tobias Barreto durante alguns anos.

⁵⁶ Das várias facetas que perpassam a atuação de Abdias Bezerra na direção da Instrução Pública de Sergipe saliento sua viagem para São Paulo. Segundo Nascimento (2003), Abdias foi para aquele estado a fim de estudar as reformas de ensino ali implementadas, no seu retorno a Sergipe, promoveu uma Reforma no ensino no estado. Tal Reforma foi sintetizada no Regulamento da Instrução Pública editado em 11 de março de 1924 por Maurício Graccho Cardoso. Conforme o aludido autor, Abdias Bezerra, soma-se a outros sergipanos, como Helvécio de Andrade, José Augusto da Rocha Lima, Franco Freire e Penélope de Magalhães, que fizeram viagens com a finalidade de reformar o ensino em Sergipe. Barroso (2011) estuda tais reformas, bem como a participação desses intelectuais na educação sergipana das primeiras décadas do século XX.

creceu Felte Bezerra. Além da figura do pai, Felte conviveu com perdas, como a da mãe, no ano de 1915. Conforme sua filha, Suzana Bezerra, Felte:

Foi criado por uma tia paterna, irmã de Abdias Bezerra de nome Euridices Bezerra, que morava juntamente com seu pai, na mesma casa, na Rua de Arauá, se não me engano nº 330 ou 333, pois perdera a mãe de parto quando tinha, apenas, 6 anos de idade e o irmão Floro com 4 anos. A mãe de quem não guardava lembranças por tê-la perdido muito cedo chamava-se Esmeralda Bezerra. O pai casara após 6 meses de viúvo, daí a tia ter feito o papel de sua mãe em razão de sua madrastra Lola Bastos Bezerra ter tido 3 filhas mulheres. Ela se sentiu na obrigação em defesa dos sobrinhos órfãos e fez o papel de mãe (BEZERRA, 2015, s/p).

Nas suas próprias palavras, em um texto que trata das memórias de sua vida ou dos “escritos de si”, Felte Bezerra (1988) relata: “Perdi minha mãe, aos seis anos de idade. Contudo, não fiquei desamparado e só, como um brinquedo em mãos trêfegas. Tive um pai a quem devo a formação de meu caráter, auxiliado pela mão feminina de minha tia paterna Euridice”. Em outro trecho, trata da pobreza do seu pai e da sua segunda família:

Meu pai sempre foi muito pobre, probo, altamente respeitado, mas sem recursos para manter-me fora para estudar. Foi um simples professor de Província e vivia de seus minguados ganhos, atingindo a paternidade de cinco filhos: meu irmão Floro, do primeiro matrimônio, e minhas irmãs Maria, Dulce e Hermínia, filhas de minha madrastra (BEZERRA, 1988, p. 2).

Assim, Felte viveu seu período de infância, nas primeiras décadas do século XX, ao lado de seus irmãos, do pai, da madrastra pouco citada em seus depoimentos e da sua tia, a quem atribui a sua educação juntamente com o pai. Contudo, é necessário explicitar que o salário de catedrático de seu genitor, como também os cargos que exerceu, não permitem classificá-lo como alguém de extrema pobreza econômica. Como lembra Gontijo:

Por meio de um exercício marcado por lembranças e esquecimentos constrói-se um conjunto de representações compartilhadas, capazes de atribuir significado positivo ou negativo a períodos, personagens, acontecimentos, obras, narrativas sobre o presente, o passado e o futuro (GONTIJO, 2007, p. 311).

Nas lembranças de Felte, ele demarca a posição de seu pai e sua presença na sua escolarização, bem como os investimentos realizados para sua formação. Acontecimentos marcados na sua memória e que se fizeram presentes nos seus escritos já nos seus últimos anos de vida. Ali Felte Bezerra também registrou aspectos dos seus primeiros passos.

Sobre a infância de Felte na cidade de Aracaju, no início de 1900, as recordações de Mário Cabral (1951) ajudam a vislumbrar aspectos de uma capital na fase anterior, ao bonde, ao cinema e ao asfalto. Ao descrever suas memórias, o autor relembra que as crianças nas ruas arenosas brincavam de calçadinha do rei, de cipozinho queimado ou, em noite de plenilúnio, de roda, de berlinda ou cabra-cega. Segundo Cabral, era nítida a separação entre as brincadeiras de meninas e meninos – enquanto elas brincavam de roda ou de pinta galo, tendo por limite a calçada ou a rua, eles iam mais longe, desbravando não só as ruas, mas os terrenos baldios próprios para as brincadeiras como da manja. Entre as formas de escolhas diretas e seleção nas brincadeiras de Aracaju de outrora, relembra algumas, entre elas a seguinte:

Uma pulga na balança
 deu um pulo
 foi à França
 os cavalos a correr
 os meninos a brincar
 vamos ver
 quem vai
 pegar (CABRAL, 1951, p. 185).

E assim transcorria a infância daqueles meninos e meninas que povoavam a capital de Sergipe; entre eles, também estava Felte Bezerra. Conforme Dantas (2004), nos primeiros decênios de 1900, Sergipe viveu um período de modernização, a economia diversificou-se, as indústrias têxteis se propagaram, inclusive, aumentando o número de empregos. Houve a instalação de água encanada e da luz elétrica, os bondes à tração animal e os carros elétricos, a primeira estrada de rodagem, telefone, mercado, entre outras tantas inovações.

Loureiro (1983) explana sobre as mudanças na capital sergipana, como: a inauguração da rede de esgoto e destaca a ocupação dos espaços centrais e uma estratificação sócio espacial entre o norte e o sul da cidade. Ao norte, a cidade atingia o bairro Chica Chaves, atual bairro Industrial, onde residiam as pessoas de menor poder aquisitivo; e ao sul, chegava-se a Fundação no extremo da Rua da Aurora. Na região central da capital, morou Felte Bezerra. Epifânio Dórea forneceu outra visão sobre o início do século XX na capital de Sergipe:

Quando nos fixamos nesta Capital, em maio de 1907, já não era possível saborear-se com a facilidade de outrora, os **cambuís, cambucás e gragerus**

dos arredores aracajuano, já sacrificados pelo simplismo e imprevidência do povo.

Todavia, ainda encontramos, embora em escala mínima, o aroma das rôxas flores de cajueiros, essa dádiva do céu que é a ganância humana procura fruir o mais que pôde, não zelando-a porém.

Havia donos de sítios, que propiciavam aos seus visitantes, nas épocas próprias, prazeirosamente, a gustação de saborosos cajús.

E que lindos que eles eram! (DÓREA, 1954, p. 109/110, grifos do autor).

Foi nesse cenário de mudanças e transformações, com “o aroma das rôxas flores de cajueiros” dos “saborosos cajús” da capital de Sergipe que cresceu Felte Bezerra, ao lado de sua família e já na fase da adolescência, é descrito por Garcia Moreno da seguinte forma: “[...] daquele meúdo adolescente de 1924, ainda sem buço, de olhos vivos e rosto avermelhado de espinha, talvez com as suas primeiras calças compridas, sentindo que era o último preparatório prestado, aos 15 anos de idade [...]” (MORENO, 1952, p. 3).

Pelas descrições arroladas, Felte era filho de uma família de professores, seu avô paterno João Amâncio Bezerra lecionava em Siriri, cidade do interior do Estado, e o pai Abdias Bezerra passou uma infância difícil trabalhando em diversos ofícios, mas depois do retorno do Rio de Janeiro, sua vida foi dedicada ao magistério e a outras funções relacionadas à educação. A figura do seu pai, o professor Abdias Bezerra, é marcada pela cátedra no Atheneu Sergipense e pelos cargos públicos assumidos ao longo da vida, aspectos que provavelmente contribuíram para a ida de Felte Bezerra à Bahia, a fim de cursar o ensino superior, bem como para o seu retorno a Aracaju, acompanhado pelo automático ingresso como professor interino⁵⁷ no Atheneu Sergipense, em 1935.

Todavia, diferentemente da situação financeira da família de Felte Bezerra, outro professor estudado, Manoel Cabral Machado⁵⁸, era mais um descendente da aristocracia rural sergipana do século XIX, nascido nas primeiras décadas do século XX. Cabral Machado nasceu em 1916, na cidade de Rosário do Catete/SE, filho do médico Odilon Ferreira

⁵⁷ Ao longo da tese faço uso do termo “professor interino” em referência aos docentes que eram contratados para lecionar no Atheneu Sergipense e na Escola Normal Rui Barbosa. Ali exerciam a função de professores temporários, sendo seus contratos assinados ou renovados diante de indicações e questões políticas, bem como do trabalho efetivado na docência, aspectos discutidos na seção cinco da tese.

⁵⁸ Ao contrário dos vários estudos acerca de Felte Bezerra e dos outros professores analisados, com relação a Manoel Cabral Machado não se pode afirmar o mesmo. O rosarense ainda carece de trabalhos mais pormenorizados sobre sua vida e obra. Destaco: o discurso de recepção realizado por Melo (1969) tendo em vista do ingresso de Cabral Machado na ASL e o trabalho de Oliveira (2011a) que trata de Cabral Machado como o professor de Sociologia da Educação da FCFS. Santos (2002) em artigo publicado no Jornal Cinform e depois incorporado à coletânea acerca das “Memórias de Políticos de Sergipe no século XX”, traça um panorama da vida política de Cabral Machado, com trechos de falas do rosarense em um sucinto texto. Pretende-se construir estudos específicos sobre o intelectual sergipano, Manoel Cabral Machado, cujo centenário de nascimento será celebrado em 2016.

Machado e D. Maria Evangelista da Mota Cabral. Manoel Cabral Machado herdou seu nome dos avós materno e paterno, este último, Dr. Manuel de Lemos Souza Machado, formado em Direito na Faculdade de Recife, no século XIX, juiz na cidade de Propriá/SE e dono do Engenho Cajuípe também em terras sergipanas. Seu avô seguiu a Faculdade de Direito e seu pai a de Medicina.

Seu pai, após concluir o curso de Medicina na Bahia, clinicou primeiramente em Brejo Grande/SE e depois passou a residir em Rosário do Catete, no ano de 1915, mesma data em que casou com uma professora capelense, também de família de posses, tendo seu primeiro filho um ano depois. Manoel Cabral Machado veio à luz pelos ferros do pai médico, fazendo com que o sinal dos fórceps marcasse a sua testa durante a infância. Anos depois, escreveu sobre sua chegada “a ferros” (MACHADO, 2005b), no qual registrou esse acontecimento inicial da sua vida, que ocorreu na casa conhecida como “sobradão”. Em suas palavras, ele assim descreve a residência onde nasceu:

Nasci no sobradão da rua de Baixo, na cidade de Rosário do Catete. Eram e são ainda dois velhos sobrados, um agarrado no outro como irmãos siameses. Na imaginação de infância, meu sobradão projetava-se vermelho (ou róseo?), enquanto o outro vestiam-se de azul (ou verde?). Meu pai, médico da cidade, desde 1915 (Dr. Odilon Ferreira Machado), e meu padrinho o pároco da freguesia (Cônego Afonso Ferreira Tojal), moravam nesses dois sobrados, que se comunicavam pela sacada da frente (MACHADO, 2005, p. 11).

Figura 1 - **“Sobradão” onde nasceu Manoel Cabral Machado em Rosário do Catete/SE**



Fonte: Acervo pessoal do autor.

A imagem capturada, durante a realização da pesquisa, evidencia as mudanças dos dois sobrados, sendo que uma parte foi reformada, casa na qual residiu a família de Cabral,

onde atualmente funciona um prédio público com a denominação de um dos filhos ilustres da cidade que governou Sergipe, Leandro Maynard Maciel⁵⁹ e a outra se encontra inativa com previsão de funcionamento da Biblioteca Pública da cidade. O prédio pertencia à família Machado, na casa suntuosa construída no final do século XIX, que representa o poderio econômico de uma família tradicional do interior de Sergipe, nasceu Manoel Cabral Machado.

Seu pai, após exercer o mandato de prefeito na cidade de Rosário do Catete, mudou-se com a família para a cidade de Capela/SE, em 1922. A essa altura já tinha mais um filho, Antônio Cabral Machado, que *a posteriori* formou-se em Medicina na Bahia (MACHADO, 1997b). Segundo sua autodescrição na infância, Cabral era “um menino magro e raquítico”. Da sua mãe, herdou o amor à leitura e relembra como significativo o fato de ter vivido desde muito cedo cercado de livros, revistas e jornais (MACHADO, 1975, p. 50).

⁵⁹ Segundo Dantas (2004), Leandro Maynard Maciel foi o responsável por um período da política sergipana denominada de “leandrismo”. Ingressou na política ainda na Primeira República, tendo destaque nos pleitos de 1933/1935, tendo sido afastado da política ao longo do Estado Novo, retorna ao cenário político como uma das principais lideranças da UDN. Embora com derrotas eleitorais em 1947 e 1950, tornou-se uma grande liderança partidária e elegeu-se para governar Sergipe entre os anos de 1955 e 1959. Ao concluir sua obra voltada para a figura de “Leandro de Ribeira de Siqueira Maciel (1825/1909). O patriarca da Serra Negra e a política oitocentista em Sergipe”, Ibarê Dantas (2009b, p. 428) escreve sobre Leandro Maynard Maciel “Este, a partir dos anos vinte, daria continuidade à tradição da família, seguindo os exemplos do pai e do avô, tornando-se um dos principais líderes políticos do século XX em Sergipe, merecendo ser objeto de estudo biográfico com a atenção que foi tributada ao seu genitor, Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel.

Figura 2 – Manoel Cabral Machado – 1916⁶⁰



Fonte: Livro da Missa de Aniversário de 66 Anos de Manoel Cabral Machado – Acervo do Palácio Museu Olímpio Campos. Autoria: Desconhecida.

O pequeno Manoel Cabral Machado retratado na imagem, quando adulto, trouxe nas suas memórias lembranças da infância como os primeiros contatos com a leitura e a relação da mãe com a Igreja. Maria Evangelista da Mota Cabral escrevia peças para encenação das crianças e arrecadação de fundos para a paróquia, cantava e tocava piano. As primeiras histórias que ouviu tratavam da Bíblia, relembra da fuga de Moisés para o Egito. Cabral descreve o seu envolvimento com as narrações a tal ponto de identificar-se com a trama e, igualmente, desejar fugir para a terra dos faraós narrada na história contada (MACHADO, 1995).

De Rosário do Catete⁶¹, ficaram as lembranças da Igreja Matriz onde foi batizado, das rodas d’água montada com pedaços de mandacaru nas correntezas que corriam pelas regueiras, a estação Leste Brasileira e o rio Siriri. Cabral (2005b, p. 16) descreve Rosário do

⁶⁰ A fotografia foi extraída do livro feito para missa em comemoração ao aniversário de Manoel Cabral Machado em 1982 quando completou 66 anos, ali na fonte consta a data de 1916 como o ano que a foto foi registrada.

⁶¹ Rosário do Catete fica localizada a 37 quilômetros da capital sergipana, terra natal de sergipanos que gravaram seu nome na história, sobretudo políticos como João Gomes de Melo, o Barão de Maruim, como Augusto Maynard Gomes (1886- 1957), que governou Sergipe em duas ocasiões (1930-1935; 1942-1945); Leandro Maynard Maciel (1897-1984), eleito Governador de Sergipe (1955-1959) e Senador em duas ocasiões (1935-1937; 1967-1975); e Luiz Garcia (1910-2001), eleito governador de Sergipe (1959-1962), entre outros. Sobre a atuação política desses rosarenses ver Dantas (2004; 2009).

Catete como “[...] uma bela e florescente cidade”, mesma palavras que utiliza na entrevista concedida em 2007:

Vivi em Rosário do Catete até mil novecentos e vinte e dois, porque meu pai, médico, foi também médico lá do hospital da cidade e foi eleito prefeito na época de mil novecentos e dezoito ou dezenove. E sabe, prefeito vai dividir a cidade, então os que votaram nele, quase todos votaram nele, mas no desenrolar da administração alguns ficam de um lado e outros do outro. Naquele tempo a prefeitura era muito importante. A direção da política local que era o senhor Pedro Barros que acompanhava o governador do Estado, o Pereira Lobo e então papai foi eleito prefeito, depois que ele foi eleito, papai tinha constrangimento de cobrar dos correligionários os serviços médicos e os adversários não o procuravam ou procuravam pouco, ou procuravam médicos de fora, então papai foi achando nesse tempo difícil sua sobrevivência. O meu tio Padre Juca que era pároco da cidade de Capela e tinha muito desejo de levá-los, meu pai e minha mãe para a Capela, convidou meu pai para que ele fosse clinicar em Capela e ficar como médico do hospital de caridade de Capela. Ora, minha mãe sempre puxou para residir lá na Capela, lá pra sua terra, para perto da sua família, então meu pai decidiu residir lá em Capela e nós chegamos, fomos morar em uma casa verde na praça da Matriz (MACHADO, 2007, s/p).

No início da década de 1920, com a mudança para a cidade de Capela/SE, o cenário se alterou, mas continuou a vida de menino na cidade do interior cercado por estripulias e amizades. Ibarê Dantas (2004) situa Capela, do início da República, como a cidade com maior número de engenhos de Sergipe, possuindo um comércio ativo e uma indústria rudimentar. Tinha-se um gabinete de leitura e um espaço para teatro e música, além de 12 cadeiras para o ensino.

No início do século XX, Capela assistia à mecanização da sua indústria de açúcar; em 1915, ocorreu a instalação do ramal-ferroviário Murta-Capela, que ligava os municípios atendidos à Estrada da Viação Férrea Brasil – inclusive, as cidades de Aracaju e Salvador (BRASIL, 1959). Loureiro (1983) entende que a instalação das ferrovias em Sergipe tem grande influência na modernização do Estado que, até então, tinha seus eixos de circulação pelos rios, no sentido leste oeste, sendo que a partir da instalação das ferrovias atinge-se norte e sul de Sergipe com a capital, Aracaju, e mesmo chega-se até a Bahia. Elementos do cotidiano de Capela, bem como do interior de Sergipe, nas primeiras décadas do século XX, podem ser visualizados nas memórias de Cabral Machado acerca da invasão de Lampião àquela cidade:

Minha infância em Capela, aconteceu sob os terrores constantes de Lampião e seus cabras, até que numa segunda-feira pela manhã, em 1929, a cidade amanheceu tumultuada com as notícias vindas do sertão: Lampião entrara na longínqua Boca da Mata, hoje N. S. da Glória. [...]

Às dez horas da noite, aproximadamente, pela Estrada de Ferro Leste Brasileiro, chega um comboio, conduzindo uma tropa da Força Policial para combater os bandidos. Já um caminhão aguardava na estação, a fim de levar a volante’ até Boca da Mata. Tranqüilizada, Capela volta à normalidade, realizando a feira semanal, e, à noite, inesperadamente, Lampião chega à cidade, ocupa os meios de comunicação (telégrafo e telefone), o quartel, e submete as autoridades: Prefeito, Delegado e Telegrafista (MACHADO, 2005b, p.115)⁶².

Para além do destaque da figura emblemática do cangaceiro Lampião presente nas memórias de Cabral Machado que, em 1929, era um adolescente de 13 anos, o relato faz emergir o cotidiano de Capela que contava com a Estrada de Ferro Leste Brasileiro e colocava a cidade como um centro integrador da região, bem como o destaque político que possuía. A Capela, conhecida por Lampião nos anos de 1920, era próspera e contava com pessoas de elevado poder aquisitivo, como era o caso da família de Cabral Machado, o que o leva a tratar dos “terrores constantes de Lampião”.

Em Capela, cresceu Manoel Cabral, em meio a um círculo de pessoas de posses e à atuação da sua família junto à política e à Igreja Católica daquela cidade. Entre seus amigos desse período, Cabral Machado (2005b) escreveu sobre Manoel Moacyr Alves Melo e retratou aspectos da vida de criança como as brincadeiras de carro de boi, engenho e, depois, manja, bicho podre, cowboy e o futebol. As descrições de Cabral Machado permitem vislumbrar o universo infantil de uma cidade do interior, no início do século XX, o cotidiano das crianças, suas brincadeiras prediletas e algumas das amizades que já existiam entre famílias de certo poderio econômico.

Enquanto Cabral Machado já vivia seus primeiros anos na cidade de Capela e o seu time de futebol da Rua do Riacho disputava com a Rua de Bananas, em Aracaju, no ano de

⁶² A passagem de Lampião por Capela é registrada na obra de Melo (2004), com uma transcrição de uma mensagem do cangaceiro para a polícia grafada a lápis na parede de bilhar da cidade sergipana:

“Capela – 25 – 11- 29

Salvi

Eu CAP. M. VIRGULINO FERREIRA

LAMPIÃO

deixo Esta Lça. para o officíá qui aqui parçar Em minha perceguição, apois tenho Gosto que vocês me persigam, Desculpe as letras qui sou Um bandido como voceis me chama pois eu não Mereço, Bandido É voceis que andam roubando e deflorando as famia aléia porem eu não tenho este costume todos me desculpe a gente a quem odiar?

ACEITE LÇAS. DO MEU IRMÃO EZEQUIEL VULGO PONTO FINO E DE MEU CUNHADO VIRGINIO VULGO MODERNO” (MELO, 2004, p. 406).

1925, nasceu José Silvério Leite Fontes⁶³, filho de José Silvério da Silveira Fontes e de Iracema Leite Fontes. Conforme entrevista com a esposa de Silvério, Elze Fontes (2015), seu pai era farmacêutico, dono de uma salina e, também, funcionário público. Homem sisudo, de poucas palavras e que ensinava francês ao filho mais velho. A mãe dele era a responsável pela casa e pelo cuidado de Silvério e dos outros dois filhos do casal, Candida e Jorge (FONTES, 2015).

A mãe de Silvério registrou acontecimentos considerados relevantes na vida familiar em um caderno guardado atualmente junto com a documentação de Silvério Leite no acervo particular de Elze Silveira Fontes. Na primeira folha, lê-se: “Pertence este caderno de notas a Iracema L. Fontes Sto. Antonio 2 de dezembro de 1923”. Com anotações de variadas datas, não se sabe ao certo o ano em que efetuou a última anotação, mas o caderno traz acontecimentos circunscritos ao período de 1923 até o final da década de 1950.

Ali estão registrados diferentes fatos transformados em eventos, como ensina Paul Ricoeur (2000): casamentos, compadrios, nascimentos dos filhos e aspectos enfatizados pela matriarca na história de cada membro da sua prole. No tocante a Silvério Leite Fontes, seu primogênito, os escritos dividem-se em duas partes, primeiro tratou dos iniciais anos de vida, depois narrou histórias de outros integrantes da família e, por fim, retomou os escritos sobre o filho mais velho, em uma página intitulada: “continuação de Silvério”. No caderno, a mãe narra os primeiros passos de Silvério Leite:

As 11 horas e 10 minutos da segunda feira 6 de abril de 1925 nasceu o meu primogênito José Silvério Leite Fontes no mesmo Bairro de Sto Antonio. Baptizou-se em 6 de abril de 1926. Servindo de padrinho deste João Junqueira Leite (tendo passado a procuração ao Dr. Garcia Rosa) e Celuta Fontes e de apresentar Maria Faustina. Foi visto seu primeiro dentinho no dia 28 de dezembro (por mamãe) tendo ele 8 mezes e dias.

⁶³ Sobre José Silvério Leite Fontes, destaco os seguintes trabalhos: a monografia de conclusão do curso em História Licenciatura pela UFS de Ademir Menezes (1998), o trabalho apresenta um estudo da produção historiográfica do professor. Além desse aspecto, a monografia traz no anexo uma entrevista com Silvério Fontes, a qual utilizo no transcrito do presente estudo. Uma de suas ex-alunas, Terezinha Oliva (1998) apresenta algumas das contribuições de Silvério para o início da pesquisa histórica em Sergipe e Francisco José Alves dos Santos (1992) trata de aspectos relativos aos 45 anos de magistério de Silvério Leite. No livro “Historiografia Sergipana” (2007), Itamar Freitas dedica dois estudos a Silvério. O primeiro, denominado “Leituras sobre a História de Aracaju: Silvério Fontes” faz uma análise da obra “Evolução de Aracaju” tendo em vista sua reedição e o segundo, “Silvério outra vez” comenta acerca de elementos da “Formação do Povo Sergipano” ao tempo em que apresenta significativas informações acerca de Silvério, suas leituras e obras; Wagner Ribeiro (1974) escreve discurso de recepção de Silvério Leite Fontes na ASL, como também Luiza Nascimento (2007) discursa na ASL, ao ocupar a cadeira número 5 que pertenceu ao seu ex-professor Silvério, e por fim Dantas (2006) aponta dados da vida e atuação de Silvério Leite Fontes sublinhando diferentes instituições nas quais esteve presente e aspectos do seu pensamento.

Em 1926

Aos 5 de julho as 18 horas, deu os primeiros passos e d’ahí continuou a caminhar (FONTES, 1923-s/d, s/p, grifos meus).

Nas anotações da senhora Iracema Fontes, pode-se localizar a data de nascimento, como também do seu batizado⁶⁴. O registro dos padrinhos também é digno de nota, sua irmã Celuta, filha de um relacionamento anterior ao casamento do pai, o salineiro Silvério, com Iracema, Maria Faustina e ainda o poeta Garcia Rosa em substituição a João Junqueira Leite. Garcia Rosa era vizinho do casal Fontes.

Da fonte, ainda extraiu-se o fragmento “deu os primeiros passos e d’haí continuou a caminhar” que fornece o título à presente seção. Caminhar pelas ruas do bairro Santo Antônio, ou do centro de Aracaju, de casa para o Colégio Tobias Barreto, depois para o Atheneu Sergipense, o Ginásio da Bahia, a Faculdade de Direito em Salvador; posteriormente, andar para as salas de aula nas escolas onde lecionou por quase meio século. Assim, os docentes investigados deram os primeiros passos e, nos diferentes itinerários da vida, “continuaram a caminhar”.

Silvério Leite Fontes também muito caminhou para as atividades da Igreja Católica. A religiosidade da família está registrada em diferentes páginas do caderno de Iracema Fontes, no tocante a Silvério Leite é possível observar:

Em 6 de abril de 1932 fez a primeira comunhão, com o P.^{dre} Gervásio, na Igreja de S^{to} Antonio, sendo a missa incensada e cantada e celebrada em ação de graças, sendo distribuída sete boas esmolos, número da sua idade. Tendo este sacerdote convidado-o p^a frequentar as aulas de catecismo q ele deu início a estas no dia 1 de maio do mesmo ano (FONTES, 1923-s/d, s/p).

Pelos escritos, nota-se como o catolicismo esteve presente na infância de Silvério. Sua primeira comunhão e as práticas culturais religiosas de dada época, as quais se seguiram de doações de esmolos, justamente o número correspondente à idade da criança batizada, além do início do catecismo. O rito ocorrido na igreja do Santo Antônio, próximo a sua casa e o nome do celebrante daquela localidade, também devem ser ressaltados como possibilidades de aproximação do passado vivido por Silvério Leite na sua infância.

⁶⁴ Embora a mãe de Silvério Leite tenha anotado a data de 26 de abril de 1926 como o seu batizado, pelo que consta no restante do documento no tocante as dificuldades do parto e a saúde frágil do recém nascido, depreende-se que o batizado ocorreu no mesmo dia do nascimento, ou seja, 26 de abril de 1925, estando ali, possivelmente, um erro de datação diante das anotações feitas algum tempo depois do ocorrido.

Em entrevista no ano de 1993, Silvério fala da sua família: “Eu procedo de uma família cristã; minha mãe era muito religiosa, mas meu pai não; ele acreditava em Deus, era maçom, mas não freqüentava mais a maçonaria, tinha uma tendência espírita, mas não era um homem religioso” (FONTES, 1983). São traços dos seus itinerários que apresentam algo tão vivo na vida de Silvério, a religião. Assim, começavam os primeiros passos de Silvério Leite, nascido no Bairro Santo Antônio, na capital de Sergipe, tendo passado os primeiros dias sobre os cuidados dos pais e da avó materna Isabel, que também morava com eles e Celuta, sua irmã paterna.

Figura 3 - Silvério Fontes e sua irmã/madrinha – Celuta em 1924



Fonte: Acervo particular de Elze Fontes.
Autoria desconhecida.

Além do convívio constante com a irmã/madrinha e com os pais, Silvério contou diretamente com a criação de sua avó Isabel, professora que lhe ensinou as primeiras letras, mais do que isso, cuidou da criança doentia que foi o pequeno Silvério Leite. Desde cedo, com muita dificuldade para dormir, sua avó passeava nas ruas do Santo Antônio e na vizinhança para alimentá-lo e passava horas balançando-o na rede para fazer com que o sono chegasse (FONTES, 2015). Outro ponto digno de nota, extraído do depoimento de Elze Fontes, concerne à marca na cabeça, a qual carregaria para o resto da vida, por conta dos ferros que o puxou na hora do parto, assim como a Cabral Machado (FONTES, 2015).

Figura 4 - Silvério Leite Fontes – 1925

Acervo particular de Elze Fontes.
Autoria desconhecida.

A fotografia, com um ambiente montado para tal fim, com brinquedos expostos, uma manta produzida artesanalmente, sapatos e meias em meados de 1920 é um “indício” de que a família Leite Fontes era detentora de certo poderio econômico. A afirmação pode ser melhor embasada pela análise da profissão do pai que assumia as funções de farmacêutico, salineiro e funcionário público. Outro elemento significativo é a figura do seu tio paterno, Aristides Fontes, homem ligado aos bastidores da política sergipana e com influência na vida do sobrinho (FONTES, 2015). Algumas anotações de Iracema Fontes também fornecem “pistas” da situação econômica favorável da família:

Aos 22 de novembro de 1932, foi presenteado (juntamente a Candida) por mamãe, de um piano pelo qual ansiava e no dia imediato tomou como professor de música (o visinho) José Lins de Carvalho.

Aos sete anos feitos é possuidor de cinco contos de sua lavra, sendo espontaneos e escriptos com a pureza de sua innocencia q é de um lírio (FONTES, 1923-s/d, s/p).

O fato da avó materna, Margarida, apresentar os netos com um piano é uma marca de uma família com gosto refinado, que comungava de hábitos culturais de grupos mais abastados. Quando se descreve que Silvério “ansiava” por aquele presente, pode ser que a criança efetivamente gostasse de piano, ou, se tratasse de uma vontade da família ver tais habilidades desenvolvidas junto a sua prole.

Silvério Leite, como aluno de piano no bairro Santo Antônio na década de 1930, é um elemento novo na sua biografia que insistentemente retrata o professor competente, sério,

disciplinado e demasiadamente exigente das últimas décadas do século XX. Ainda sobre o jovem Silvério e sua família, vale ressaltar o estímulo à guarda de dinheiro, também um hábito próprio de grupos mais favorecidos economicamente.

Segundo Ribeiro (1974), no discurso de recepção de Silvério Fontes à ASL, “Silverinho” nasceu no bairro Santo Antônio junto à residência do poeta Garcia Rosa. Sobre o período de infância rememora:

Muitas vezes, o Acadêmico que hoje empossamos, pequenino, vivaz e traquino, puxava a saia da vovó Margarida, pedindo que ela comprasse o “mel de abelha”, “pés de moleque”, cocadas e queijadas côr de ouro, que pretos velhos, vestidos de neve e de cabelos de neve, vendiam aos meninos. E os mesmo medos infantis quando víamos nas ruas de Aracaju, chefiados pelo preto Leandro, os “lambe-sujo” prisioneiros dos “caboclinhos”, nos dias de festividades estaduais [...] (RIBEIRO, 1974, p.30).

Lembranças não só da infância daquele que se tornaria um dos expoentes dos estudos históricos em Sergipe, mas também fragmentos da memória que trazem à tona brincadeiras de infância, medos e predileções de um menino que viveu em uma Aracaju com clima de cidade interiorana e da sua avó materna, Margarida.

As crônicas de Melins (2007) fornecem uma visão desse período, citando, inclusive, descrições de doces como aqueles desejados por “Silverinho”, como também os seus vendedores:

Ainda à tarde, ouviam-se vários ruídos característicos: o tocar da gaita do amolador de facas e tesouras, o triângulo do vendedor de ‘cavaco chinês’, o grito fino do menino que vendia pirulitos e, de longe, ouvia-se o pregão das gordas doceiras, com flandres, as famosas cocadas, branca ou puxa, que já vinham cortadas em quadrinhos e que eram servidas em pequenos papéis de embrulho, rosa ou verde, tirados de um grampo de arame preso ao tabuleiro. Qual o aluno do Ateneu e do Tobias Barreto que não se lembra do sabor da cocada de Izabel, que tinha seu ponto de venda na calçada da residência do Sr. Flávio da Fortuna? (MELINS, 2007, p. 33, grifos meus).

Descrições como essas auxiliam a conhecer elementos da vida desses estudantes para além da sala de aula, como as pessoas que circulavam na Aracaju de outrora, seus ruídos característicos, o comércio em desenvolvimento, constituindo assim traços da vida da cidade de uma época em que viviam os sujeitos investigados. Dentre eles, a primeira mulher a ensinar na FCFS, Maria Thetis Nunes⁶⁵.

⁶⁵ Alguns pesquisadores estudaram diferentes aspectos da vida e obra de Maria Thetis Nunes: Oliveira (1997) e Santos (1999) fazem estudos biográficos de Thetis Nunes. O primeiro em monografia de conclusão de curso. A

Thetis Nunes orgulhava-se do seu pioneirismo e fazia questão de mencioná-lo sempre que tinha oportunidade. Em entrevista concedida ao autor em 2007, a citada professora discorreu sobre sua trajetória com o nascimento na cidade de Itabaiana/SE, no ano de 1923. Filha de José Joaquim Nunes e Maria Anita Barreto, tendo perdido seu pai muito cedo, sua mãe assumiu a responsabilidade de cuidar tanto de Thetis, como de seus dois irmãos: Fernando Barreto Nunes e Emília Nunes. Seu pai faleceu logo depois de aventurar-se na busca da borracha na Amazônia na década de 1920. Nesse ínterim, Carvalho (2000) assinala que:

A região amazônica é a grande atração para o itabaianense que resolve enfrentar suas matas na busca de borracha. Alguns se dão bem, como o coronel Hermilo Contreiras, a explorar seringais no Pará [...] Hermiliano Contreiras viajava de Belém a Aracaju em seu próprio pacote. Outros se dão mal, como Manoel Marino Passos, filho de coronel e fazendeiro José Joaquim da Fonseca Passos, que morre, de volta a Itabaiana, por ter adquirido *ali, naquelas plagas inóspitas, o mal a que sucumbia* (Correio de Aracaju, 18/4/1915). Ou *adquiriu a moléstia pertinaz que o vitimou* (CARVALHO, 2000, p. 419–420, grifos do autor).

Pelo exposto, o pai de Thetis, José Joaquim Nunes, não foi o único itabaianense a buscar outra renda no norte do país e acabou falecendo. Quando isso aconteceu, Thetis Nunes ainda era criança e guardou poucos registros de José Joaquim, assim, a figura paterna teve pouca influência na formação de Thetis Nunes, sendo escassa a referência ao pai nas suas

segunda com a construção de uma biografia da sua ex-professora e colega de magistério; Freitas (2007) traça uma análise da tese defendida por Thetis, no concurso para catedrática do Atheneu Sergipense; Oliveira e Alves (2010) analisam suas aulas de História do Brasil na FCFS e um esboço da sua biografia; Dantas (2009c) escreve sobre Thetis Nunes logo após o seu falecimento, já em outro trabalho, Dantas (2012) trata da gestão de mais de três décadas de Thetis Nunes a frente do IHGSE. Melo (2006) em estudo monográfico aborda as “leituras” de Thetis Nunes com foco nos conceitos de Nelson Werneck Sodré e Raimundo Faoro utilizados por Thetis nas suas obras: “Sergipe Colonial I” e “Sergipe Colonial II”. Santos (2014a) trata da atuação de Thetis no IHGSE, de forma superficial a historiadora aborda as suas memórias da vivência com Thetis Nunes e poucos elementos do cotidiano da itabaianense a frente da “Casa de Sergipe”. Silva (2015) foca o olhar nos fundamentos da operação historiográfica nas posições adotadas por Maria Thetis Nunes nos escritos acerca da Revolta de Santo Amaro, levante ocorrido em 1836 na província de Sergipe. O autor divide o trabalho monográfico, em três partes, os diferentes olhares historiográficos sobre a aludida Revolta, o segundo intitulado “Thétis e as instituições: num processo de formação profissional e ideológica” e o terceiro com a análise de Thetis sobre a Revolta. No capítulo dois, que dialoga com a presente tese, o autor estabelece alguns “lugares” cruciais na formação de Thetis Nunes e elege: o ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), a UFS e o IHGSE como responsáveis primordiais por sua formação humanística. Assim, desconsidera o significado da formação escolar e acadêmica, bem como seu percurso como professora catedrática no Atheneu Sergipense, além de seu trabalho de mais de uma década na FCFS. Já a Revista do Mestrado em Educação/UFS (2004), contém um dossiê com trabalhos apresentados na 7ª Semana de História da UFS desse mesmo ano, dedicada a *Historiografia de Maria Thetis Nunes*, com contribuições variadas, a revista aborda diferentes aspectos da vida e obra de Thetis Nunes.

memórias, que elevam constantemente a figura da mãe, Anita Nunes, e da avó materna, Emília.

Conforme estudos de Santos (1999), Thetis residia em uma casa situada na rua do Cisco, atualmente, 13 de Maio, na cidade de Itabaiana. Sua mãe, que só tinha o curso primário, lia constantemente os jornais enviados por seus tios da Bahia e do Rio de Janeiro. Sobre Anita Nunes, Thetis recorda dos ensinamentos por meio dos provérbios, da dedicação à família, das orientações seguras que dava aos seus filhos e do seu interesse pela leitura, bem como da sua facilidade de manipular os números.

Anita Nunes, embora com poucos recursos, fez parte de uma geração que buscou investir na formação dos três filhos. No final da década de 1940, quando faleceu a matriarca da família e avó de Thetis, Emília Nunes, a prole já estava escolarizada – Thetis Nunes havia terminado o curso superior na Faculdade de Filosofia da Bahia seguida da conquista de uma cátedra no Atheneu Sergipense. Seu filho, Fernando Barreto Nunes, formou-se na Faculdade Nacional de Direito no Rio de Janeiro, e a caçula, Maria Emília, formou-se na Escola Normal Rui Barbosa e tornou-se funcionária pública.

A cidade natal de Thetis Nunes, Itabaiana, era o município mais populoso do agreste sergipano na chamada República Velha. Contando com mais de vinte e oito mil habitantes e com uma feira já bastante conhecida, tinha ainda uma filarmônica e algumas cadeiras de ensino (CARVALHO, 2004). Segundo informações do Catálogo dos Municípios Sergipanos, desde a década de 1930, o município apresentava progressos econômicos, principalmente por conta da produção agrícola e do comércio local, uma marca da cidade que nessa época passou a fazer parte dos centros mais importantes do Estado (BRASIL, 1959).

Carvalho (2000), ao tratar da República Velha em Itabaiana, mostra como a cidade passava por mudanças na sua estrutura urbanística com ruas que modificavam de nomenclatura e adquiriam nomenclatura de políticos com renome em Sergipe à época. Destaca também a chegada do teatro à cidade, suas manifestações culturais e ainda o início da estrada que conduzia Itabaiana à Aracaju de carro, somente inaugurada na década de 1930. Para o autor: “Itabaiana começa a tomar uma feição diferente. A iluminação pública, depois a energia elétrica, o cinema, a estrada de rodagem para Aracaju, a vida social que evolui [...]” (CARVALHO, 2000, 421/422).

Dentro desse cenário de mudanças ocorridas na cidade do interior sergipano, Thetis Nunes dava os seus primeiros passos. Conforme Oliveira (1997), foi durante sua infância, mais precisamente aos 10 anos, que Thetis Nunes teve os primeiros contatos com a literatura,

por meio de romances como o “Guarany” e “Amor e Perdição”, como também de revistas como “Tico-Tico” e das novelas escritas em fascículos como “A Filha do Diretor do Circo” e “Flávia, a Princesa Desventurada”. Também com essa idade, Thetis viveu a grande seca de 1933, que atingiu o nordeste brasileiro, marcas que ficaram guardadas em suas memórias:

Lembrando minha infância, evidencio fatos que marcaram a minha personalidade: a solidariedade existente entre as pessoas, a ausência de distinção social visível nas festas das casas, mesmo nas menos pobres, sem convites e preconceitos, onde todos dançavam...o drama da seca dos começos da década de 1930, olhando, espantada, os retirantes chegando à cidade, famintos e sedentos, e as longas filas de vasilhas em busca da água do único poço artesiano existente na cidade e os açudes quase secos ..., ou as pessoas chegando, espavoridas, fugindo de Lampião e outros cangaceiros (NUNES, 2005, p. 233).

O cotidiano da sua cidade berço, narrado no aniversário de oitenta anos, aparece repleto de marcas do presente na descrição daquele passado vivido em outrora. As memórias de Thetis Nunes já octogenária apresentam uma cidade com “ausência de distinção social” e seus círculos de convívio que envolviam festas em casas de grupos sociais distintos. Olhando por outro ângulo, veem-se também os reflexos da seca e do movimento do Cangaço que perpassou o nordeste brasileiro nas primeiras décadas do século XX, deixando suas marcas na cidade comercial de Itabaiana, como também, já apontado anteriormente, na vida de Cabral Machado nas terras de Capela/SE.

Alguns anos depois, a criança Thetis Nunes mudou-se para Aracaju, juntamente com a sua família. No trajeto entre o interior e a capital, a Serra de Itabaiana, antes visualizada a partir das árvores do seu quintal, foi, então, vista de perto. Durante a viagem, nunca antes realizada, pensava no exame de admissão que iria prestar naquela desconhecida cidade. Chegando à capital: “Ao descer da marinete na rua da Frente, tive, talvez, a visão mais impressionante da minha vida: o estuário do Rio Sergipe com a quantidade de água que oferecia e que eu nunca vira tanto...” (NUNES, 2005, p. 234).

A menina do agreste sergipano chegava à Aracaju. A seca vivida contrastava com as águas do Rio Sergipe, as várias casas da Rua da Aurora se diferenciavam da sua vivência na Rua do Cisco e arredores. A marinete que trazia os itabaianenses para Aracaju seguiu seu rumo de volta para Itabaiana e Thetis Nunes fincou suas raízes na cidade de Inácio Barbosa. O Rio Sergipe marcou sua primeira visão de Aracaju. Talvez tivesse opinião semelhante ao que escreveu o poeta Garcia Rosa que assim vislumbrava o rio que compõe a paisagem de Aracaju:

Lento, moroso, vai rolando o rio,
 Entre margens sombreadas de ingazeiras
 Mal se lhe escuta o doce murmúrio,
 Que consona com a voz das lavadeiras

Nas formosas manhãs do claro estio,
 Garças, marrecas, jacañas ligeiras,
 Sob o toldo das árvores, sombrio,
 Enchem de vida e côr as ribanceiras

Rio de minha terra, rio amado,
 Quantas vezes, em êxtase ao teu lado,
 Fico a infância distante a recordar ...
 (ROSA, 1962, s/p).

O rio, que inspirou o poeta e o fazia recordar da infância, também levou Thetis a se aproximar de Aracaju no seu primeiro olhar. A vida na capital trouxe inúmeras novidades para a itabaianense, desde os aspectos da vivência em uma nova cidade, como também aos estudos e os novos horizontes que se abririam a partir de então. Sua vida não mais seria a mesma, a saída de Itabaiana para a capital sergipana em conjunto com seu processo de escolarização na década de 1930, coaduna com os escritos de Souza acerca das mudanças na educação, como também no âmbito social do povo brasileiro nesse período:

A institucionalização dos estudos regulares – o hábito de passagem pela escola, segundo Francisco Campos – foi favorecida também pela redefinição do conceito e do papel do adolescente na sociedade. Para isso, muito concorrem as ciências pedagógicas, especialmente a Psicologia, mas também as mudanças sociais advindas do processo de urbanização permitindo que um número maior de crianças e jovens se desobrigassem do trabalho e preenchessem o seu tempo livre com a escola (SOUZA, 2008, p. 150).

Morar em Aracaju, ter tempo para se dedicar aos estudos de forma regular, com assídua frequência e boas notas, além de participar de solenidades proferindo discursos, ou em concursos, como o realizado por Arthur Fortes, em 1938 – concurso efetuado em cumprimento às deliberações do Ministério da Educação – contribuíram para que Thetis não se configurasse como mais uma aluna do ensino secundário, paulatinamente, ela construiu o seu espaço ao ponto de ser convidada para lecionar no Atheneu Sergipense logo após a conclusão do curso pré-jurídico em 1941⁶⁶.

⁶⁶ Os estudos de Thetis Nunes no curso pré-jurídico do Atheneu Sergipense são discutidos na seção três da tese.

Seus estudos no Atheneu Sergipense, na Faculdade de Filosofia na Bahia e o retorno aquela “Casa de Educação Literária” como catedrática foram elementos que marcaram a década seguinte da sua vida. Entre 1935 e 1945, a jovem Thetis Nunes mudou de Itabaiana para Aracaju, da capital sergipana seguiu para o curso superior na Bahia e, diante do retorno a Sergipe, ocupou uma cátedra no Atheneu Sergipense. Foi como membro da Congregação daquele estabelecimento de ensino secundário, que juntamente com Gonçalo Rollemberg Leite e Felte Bezerra, participou do exame de suficiência de Bonifácio Fortes, que almejava habilitação para lecionar História do Brasil no ano de 1948. Algum tempo depois, os quatro docentes fizeram parte do corpo de professores da FCFS.

José Bonifácio Fortes Neto⁶⁷ nasceu em 1926, na cidade de Aracaju, filho do Arício de Guimarães Fortes e Dona Saudalina Passos Guimarães Fortes. Seu pai, nascido na Vila de Itapemirim no Espírito Santo, era cirurgião dentista e servidor público estadual. Já sua mãe, aracajuana, auxiliava o pai no consultório e, juntamente com sua avó materna, Cecília de Guimarães Rosa, natural da cidade de Laranjeiras/SE, cuidava de Bonifácio e do seu irmão Lélío Fortes, que seguiu a mesma carreira do pai, com formação no estado da Bahia.

Conforme Santos (1992), Arício constituía-se como: “[...] exemplo de seriedade no trabalho, espírito público, amor pelos filhos, de uma vida levada com muita honra e decência. Uma mãe que dedicou muito amor e carinho aos filhos, tendo um lugar muito especial na vida de Bonifácio” (SANTOS, 1992, p. 9). Ainda segundo a citada fonte, Arício ocupou a chefia do Departamento de Educação do Estado de Sergipe por cinco anos, na administração de Eronildes de Carvalho (1935-1941). Pelo exposto, infiro que o patriarca da família Fortes esteve ligado à política sergipana quando Bonifácio Fortes estava na adolescência.

Na meninice, o pequeno Bonifácio teve algumas complicações de saúde, como problemas de garganta. Desse tempo, lembra dos cuidados da avó, Cecília. Também do seu tempo de criança ficaram as marcas dos veraneios nas praias de Atalaia Nova e Velha, passeios em Laranjeiras/SE, cidade de sua avó, pescaria de siri e voltas de canoas e saveiros

⁶⁷ Sobre Bonifácio Fortes, destaco os trabalhos de Ibarê Dantas (1998b), e Ribeiro (2005) que em largos traços tratam da vida de Bonifácio sublinhando diferentes elementos da sua atuação tanto como professor, quanto na área jurídica. Cabe ainda ressaltar os estudos de Dantas (2012), que analisa o trabalho de Bonifácio Fortes no IHGSE e o situa no período que denomina como “Tempos de Declínio” referente aos anos de 1965 a 1969, quando ele e Silva Ribeiro estiveram à frente da “Casa de Sergipe”; Rodrigues (2015) trata da atuação de Bonifácio como estudante do ensino secundário no âmbito do Grêmio Literário Clodomir Silva do Atheneu Sergipense na década de 1940; Santos (1992) construiu uma matéria jornalística sobre o sergipano e sua família; Machado (2004) aborda a vida de Bonifácio em conjunto com Nestor Piva e Luis Bispo por conta do falecimento destes em 2004, mesma perspectiva que seguiu Barreto (2004) em publicação póstuma com homenagem ao intelectual sergipano.

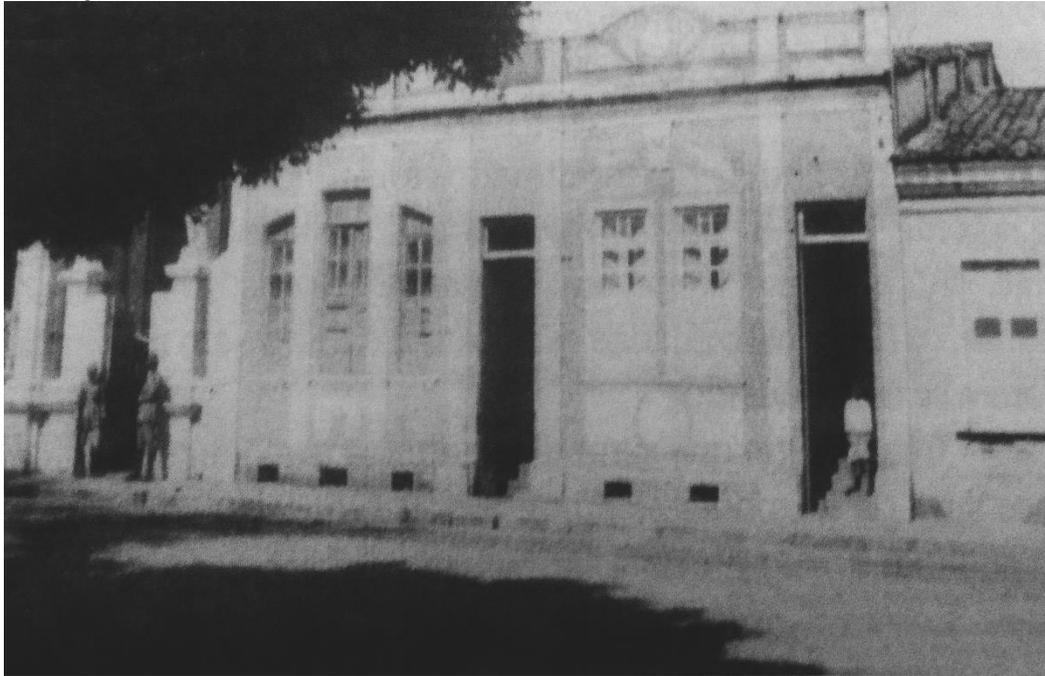
pelo rio Sergipe. Dos lugares frequentados por Bonifácio Fortes na infância, Mario Cabral (1948) trata da praia de Atalaia naquele período:

A praia de Atalaia, realmente merece ser vista e admirada. [...] A oito quilômetros do centro da cidade a Praia de Atalaia é servida por estradas e rodagens, que, em ponte de cimento armado, transpõe o Rio Poxim. A vila fica em frente a um braço do mar, largo e tranquilo, uma espécie de piscina natural, adorada pelas crianças e pelos ázes de natação regional. Bangalôs, palácios, palacêtes, casas de verão, elegantes e coloridas, emprestam ao ambiente um aspécto de apurado bom gôsto (CABRAL, 1948, p. 174).

Naquela praia, nas brincadeiras que as crianças tanto gostavam como também na casa de veraneio da família, Bonifácio viveu parte da infância registrada no seu livro de crônicas “Zepelim” (1998). Na obra, localizam-se outros aspectos desse período de sua vida, como a passagem do próprio balão Zepelim pela cidade de Aracaju e a festa que aquele balão proporcionou às crianças naquele dia⁶⁸. Outros contos, como “O Mero”, tratam da pescaria muito comum na vida de Bonifácio: “[...] naquela idade dos ralos pêlos e parcial irresponsabilidade” (FORTES, 1998, p. 14). Durante todo seu período da infância, morou em uma casa da Rua de Arauá, que pertencia ao conjunto de casas da sua família:

⁶⁸ Em artigo publicado na Revista de Aracaju, intitulado “Aracaju e Eckner”, Fonseca (1957) explora a passagem do alemão Eckner sobre a capital sergipana e as impressões que os traçados urbanísticos da cidade deixou naquele estrangeiro.

Figura 5 – Casa onde viveu Bonifácio Fortes no período de infância - Aracaju/SE



Fonte: Fortes Neto, 1998, p. 29.
Autoria desconhecida.

A residência, localizada em frente ao atual Parque Teófilo Dantas na Praça Olímpio Campos, no centro de Aracaju, fazia vizinhança com um quartel da polícia, como se pode observar dois soldados na imagem. Bonifácio descreve aspectos da vida naquela casa, entre os quais: as gotículas de água, observadas da vidraça, movendo-se sob o fio aéreo do bonde, que passava na praça em frente à sua morada, além dos brinquedos da praça da Catedral, o botinho e os galhos das árvores que ultrapassavam a fiação do telefone.

À luz de Halbwachs (2003), entendo que o processo de rememoração de Bonifácio Fortes por meio de ideias, palavras e imagens está enquadrado em um meio social, temporal e espacial definido, no caso em tela, às memórias, as quais trazem representações do passado e de uma memória social vivida.

Bonifácio Fortes viveu em um ambiente marcado pelo contato com a política e imprensa, além das suas paixões pelo rádio e o cinema. Aos quinze anos de idade, em 1941, já integrava a Associação Sergipana de Imprensa como segundo secretário; logo depois, iniciou a atividade de locutor na Rádio Aperipê, além de correspondente em Aracaju do jornal *Diário da Bahia* entre os anos de 1942 e 1943 (BONIFÁCIO FORTES, s/d, s/p.)⁶⁹. As vinculações

⁶⁹ Em visita à Biblioteca Pública do Estado da Bahia pude constatar a existência de uma coluna denominada “Notícias de Sergipe” no jornal *Diário da Bahia* ao longo do período referido por Bonifácio como

com o Estado da Bahia, possivelmente já existiam pelo fato de o pai e depois o irmão mais velho cursarem o ensino superior em terras vizinhas.

Silvério Leite Fontes descreve Bonifácio Fortes como “[...] um escritor, professor e jurista” (1981, p. 34), a amizade entre ambos e os círculos que frequentaram juntos fornecem uma ideia das relações de proximidade entre os professores da FCFS e pode ser visualizada, em parte, na descrição a seguir: “O vosso nascimento já nos aproximava antes que fosse concebido, pois antiga amizade ligava a minha progenitora a vossa, amizades dessas perduráveis que se estende pelos anos sem fim. A primeira aproximação de que me lembro, convosco e com vosso irmão Lélío, foi nos idos de 1929 para 1930, na praia de Atalaia” (FONTES, 1981, p. 6).

A afeição materna e os mesmos locais frequentados apontam para vínculos de pessoas que fazem parte de determinados grupos sociais. Tais vinculações entre os dois sergipanos, expostas naquela fala de recepção a ASL, ficam ainda mais explícitas quando Silvério Leite profere:

Vós como eu, sóis aracajuano. Vossa família e a minha são de classe média, funcionários públicos, profissionais liberais, pequenos proprietários urbanos. Tiveram as mesmas dificuldades e facilidades para a nossa formação. Tiveram os mesmo sonhos quanto ao nosso futuro. Escolhendo a mesma vocação, do ensino, das letras e das ciências humanas, no âmbito da triste província, tivemos destino muito semelhante (FONTES, 1981, p. 7, grifos meus).

Os caminhos de Silvério e Bonifácio não se cruzaram por acaso. Suas famílias se conheciam e pertenciam a uma classe média sergipana. O investimento na educação dos filhos e o ingresso de ambos na “vocação” do magistério mostram que os caminhos desses intelectuais se cruzaram nos primeiros anos de vida e nas “escolhas” que fizeram para si ou que suas famílias tentaram projetar para seus herdeiros.

O trabalho no universo “das letras e das ciências humanas” e a vida de bacharéis em Ciências Jurídicas e Sociais, somados a outros elementos afetivos e profissionais, culminaram com a afirmação de que “tivemos destinos muito semelhantes”. Assim, como Silvério e Bonifácio, Cabral Machado, Thetis Nunes e Felte Bezerra, seus itinerários apresentam semelhanças, tanto quanto a família, profissão dos pais e, principalmente, dos investimentos

correspondente, contudo não consta nenhum nome dos colaboradores. O fato de existir tal espaço denota a expressividade do interesse por Sergipe nas terras baianas, possivelmente diante do grande número de sergipanos ali residentes.

realizados por seus familiares na educação escolarizada. Diante do que foi apresentado, segue o Quadro 1 com uma caracterização dos primeiros caminhos trilhados pelos professores da FCFS:

Quadro 1- Professores da FCFS: situando os primeiros caminhos trilhados

Professor (a)	Ano de Nascimento e Morte	Local de Nascimento/Morte	Pais/ Profissão
Felte Bezerra	25/12/1908- 06/01/1990	Aracaju/SE-	Abdias Bezerra/ Professor Esmeralda Araújo Bezerra
José Bonifácio Fortes Neto	26/04/1926- 05/11/2004	Aracaju/SE- Aracaju/SE	Arício de Guimarães Fortes/ Cirurgião Dentista/Funcionário Público e Saudalina Passos Guimarães Fortes
José Silvério Leite Fontes	06/04/1925- 06/12/2005	Aracaju/SE- Aracaju/SE	José Silvério da Silveira Fontes/ Salineiro/ Farmacêutico e Funcionário Público e Iracema Leite Fontes
Manoel Cabral Machado	30/10/1916- 13/01/2009	Rosário do Catete/SE- Aracaju/SE	Odilon Ferreira Machado/Médico e D. Maria Evangelista Cabral Machado/Professora
Maria Thetis Nunes	06/01/1923- 25/10/2009	Itabaiana/SE- Aracaju/SE	José Joaquim Nunes e Maria Anita Barreto

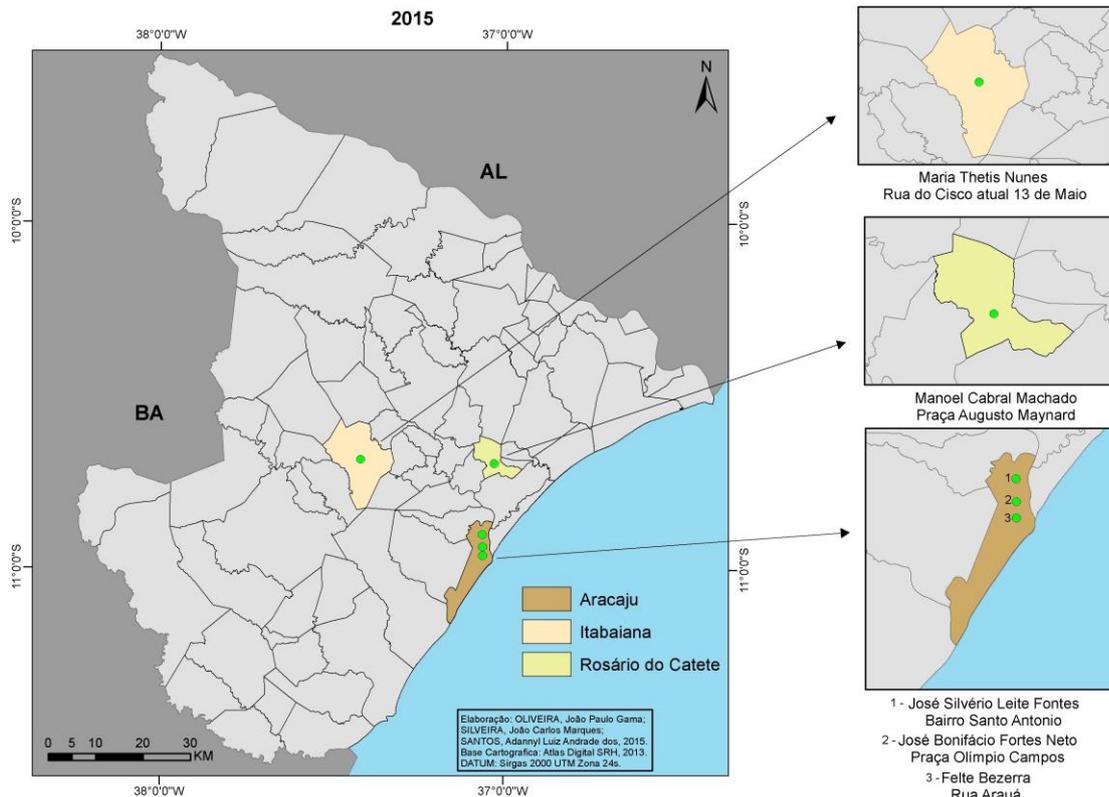
Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base nas Revistas da ASL, nos documentos pessoais, entrevistas realizadas pelo autor e demais trabalhos sobre os professores citados nas referências.

Dentre as profissões dos pais, noto uma variedade de ocupações que também fornecem indícios dos bens e aspectos econômicos, sociais e culturais das famílias. Um médico, um cirurgião dentista e funcionário público, um salineiro e, também, funcionário público, um professor e o pai de Thetis, cuja profissão não consegui identificar, mas sabe-se que era um homem de poucos recursos.

Diante das informações, o grupo de intelectuais analisados nasceu majoritariamente em Aracaju, exceto Cabral Machado, nascido em Rosário do Catete; e Thetis Nunes, em Itabaiana. Contudo, no período da juventude, todos residiam na cidade de Aracaju, onde

passaram alguns anos de vida escolar e, depois, retornaram para o magistério, entre tantas outras atividades que assumiram. A localização de seus primeiros passos de vida, pode ser visualizada no seguinte Mapa:

Mapa 1 – Locais de nascimento de professores do ensino superior em Sergipe



Fonte: As informações fornecidas pelo autor da presente tese para construção do mapa têm como base as Revistas da ASL, nos documentos pessoais, entrevistas realizadas pelo autor e demais trabalhos sobre os professores citados nas referências.

Nas cidades de Rosário do Catete, Itabaiana e Aracaju nasceram Cabral Machado, Thetis Nunes, Silvério Fontes, Felte Bezerra e Bonifácio Fortes. Cada um “[...] deu os primeiros passos e d’haí continuou a caminhar”. Fizeram um percurso repleto de decisões, omissões e participação dos familiares, como as mudanças de cidade da família de Cabral e de Thetis que certamente influenciaram nas suas vidas, além dos círculos sociais nos quais estiveram inseridos. Como argumenta Sirinelli (2003, p. 247) no tocante aos intelectuais “[...] a maioria dos caminhos segue linhas fragmentadas”.

Nessas “linhas fragmentadas”, paulatinamente, seus itinerários foram forjados, estabeleceram novas rotas e distintos contornos. Todavia, os traços da infância perduraram no tempo e se fizeram presentes nos escritos desses intelectuais, quando buscaram registrar em

discursos de posse na ASL, escritos autobiográficos e entrevistas, os primeiros passos nos ambientes sociais e culturais sergipanos da primeira metade do século XX.

A investigação acerca das suas memórias de infância, locais de nascimento, filiação, as “redes” de inserção de seus familiares, os investimentos realizados na formação dos seus filhos nos primeiros anos de vida e as marcas que esse estágio inicial dos seus itinerários deixaram nas suas memórias foram apontadas ao longo da discussão exposta, com a compreensão de que os anos iniciais da vida desses intelectuais e suas experiências constituem-se como parte crucial para apreender sobre o trajeto desses professores do ensino superior em Sergipe.

Embora o grupo estudado tenha nascido nas três primeiras décadas do século XX, em diferentes locais e com diferentes vivências familiares, todos se tornaram estudantes nas principais escolas de Aracaju. São os traços das suas experiências no processo de alfabetização, as escolas frequentadas, a atuação como membros de grêmios estudantis, publicações em jornais, vivências dentro e fora das instituições educacionais e os registros daqueles professores que marcaram sua formação intelectual, que conduzem o direcionamento da análise dos itinerários desses cinco professores na próxima seção.

3 - MEMÓRIAS DOS “MESTRES DE TUDO”: ITINERÁRIOS ESTUDANTIS NAS TERRAS SERGIPANAS DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

E o dia 8 de Novembro de 1939, encerrou-se com grande tristeza para mim, o ciclo que durante cinco anos o professor Artur Fortes tão brilhantemente veio desempenhando, inculcando-me o amor pela história. E espero que os meus esforços, a minha dedicação pelos estudos históricos não sejam nulos e que eles sirvam para dias posteriores... (Caderno Escolar de Maria Thetis Nunes, 8 de Novembro de 1939, Arquivo do IHGSE).

Maria Thetis Nunes registrou alguns aspectos das suas aulas na cadeira de História em 1939, quando estudava a 5ª série do curso fundamental no Atheneu Sergipense na última folha do caderno exclusivo para anotações dessa área do conhecimento. O caderno contém 207 páginas escritas, com a primeira aula datada de 22 de março de 1939; e a última, como consta na citação anterior, em 8 de novembro de 1939.

A anotação exposta fornece “indícios” da vinculação entre a aluna e a cadeira de História, que a *posteriori* disputou concurso para essa mesma cátedra no Atheneu Sergipense. Outro ponto digno de realce é a relação com o professor Arthur Fortes, o “poeta da Rosa Vermelha”, que marcou gerações de estudantes sergipanos, inclusive, os itinerários de Felte Bezerra, José Bonifácio Fortes Neto, Manoel Cabral Machado, José Silvério Leite Fontes e a própria Maria Thetis Nunes.

Quando assistiu às aulas de História no Atheneu Sergipense, registradas naquele caderno, Thetis Nunes estudava a última série do chamado curso fundamental, instituído pela Reforma Francisco Campos em 1931. Naquela mesma série, Manoel Cabral Machado resolveu mudar de escola – até então aluno do Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora na capital sergipana; por conseguinte, no último ano do fundamental, em 1935, foi estudar no Atheneu Sergipense.

Já Silvério Leite, após concluir seus cinco anos de estudos fundamentais, migrou para a citada instituição de ensino secundário, deixou as aulas do Colégio Tobias Barreto e passou a ser colega de Maria Thetis Nunes no primeiro ano do curso complementar pré-jurídico em 1940. Em 1939, Bonifácio Fortes ainda estava no fundamental lá no Colégio Tobias Barreto e Felte Bezerra já dava seus primeiros passos na docência – tanto no Atheneu Sergipense, quanto no Tobias Barreto.

Embora com distintos caminhos, quando a lupa se aproxima da vida escolar desses sujeitos, vários elementos se entrecruzam na “trama” que tece o passado deles. “Trama” aqui entendida com auxílio de Paul Veyne, pois:

Os fatos não existem isoladamente, nesse sentido de que o tecido da história é o que chamaremos de uma trama, de uma mistura muito humana e muito pouco ‘científica’ de causas materiais, de fins e de acasos; de um corte de vida que o historiador tomou, segundo sua conveniência, em que os fatos têm seus laços objetivos e sua importância relativa (VEYNE, 1982, p. 28).

Dessa forma, na “trama” que tece os itinerários percorridos pelos sujeitos investigados, perpassam escolas, professores rememorados, espaços vividos, posições

ocupadas – o que contribui para pensar no que Jean-François Sirinelli (2006, p. 248) denominou de uma “sensibilidade ideológica e cultural comum e de afinidades mais difusas”. Ângela de Casto Gomes (1996, p. 41) assinala que a “sociabilidade” tem uma vertente “[...] organizacional, contido no delineamento de uma rede de relações que materializa intercâmbios sociais durante certo período e segundo várias formas”.

Ainda dentro da mesma linha argumentativa a referida autora assevera que “Os lugares de sociabilidade de uma geração – escolas, associações intelectuais, revistas, salões, etc. podem ser indicadores valiosos para a análise de movimentos de produção e circulação de ideias” (GOMES, 1996, p. 41). Essa sociabilidade surge justamente no contexto das relações, da prática cotidiana e a escola certamente coopera na tessitura desta “rede”, contribuindo para a formação dos sujeitos.

Diante desse prisma, analiso os “itinerários” escolares de Felte Bezerra, Maria Thetis Nunes, Bonifácio Fortes, Silvério Leite Fontes e Manoel Cabral Machado na primeira metade do século XX. À medida que tal história é traçada, os escritos percorrem a Aracaju de outrora, elementos de cidades do interior de Sergipe, além da capital da Bahia. Escolas públicas e particulares, docentes de instituições de renome ou professores de aulas particulares pouco conhecidos são referenciados com a intenção de compreender os caminhos individuais de um grupo de intelectuais na sua formação escolar.

3.1 ITINERÁRIOS DO ALUNO FELTE BEZERRA NO COLÉGIO TOBIAS BARRETO: PROFESSORES QUE MARCARAM SUAS MEMÓRIAS

Além de meu pai, cujas pegadas sempre em meu caráter e que foi meu professor secundário. Devo muito a outro professor, Alcebíades Correia Paes, cujo lar frequentei em minha adolescência [...]. Abdias meu pai, e Alcebíades, [...], foram mestres de tudo, mas, sobretudo de caráter. Ambos eram capazes de lecionar qualquer disciplina. Complementarmente, devo mencionar um terceiro professor, Arthur Fortes, que também influenciou com seus exemplos em minha formação. Abdias ensinou-me um ano de francês, matemática, desenho geométrico, física e química. Alcebíades ensinou-me um ano de francês, inglês, português, geografia e biologia. Fortes um ano de francês, história geral e história do Brasil. Devo assinalar que ainda estudei inglês (um ano) com Manuel Franco Freire e Latim com José Augusto da Rocha Lima (BEZERRA, 1988, p. 2, grifos meus).

A partir dos escritos de Felte Bezerra, busquei conhecer quem eram esses professores que deixaram marcas nas suas memórias. No texto escrito, quase meio século depois do vivido, Felte lembra o fato de frequentar a casa de Alcebíades Paes, dos pais serem amigos e da influência na formação do seu caráter para além dos conhecimentos escolares ensinados. Felte Bezerra refere-se a Alcebíades de maneira igualitária ao seu pai como “mestres de tudo”, possivelmente tal denominação não está vinculada somente ao conhecimento que permitia aos dois docentes lecionar várias áreas do saber, mas, sobretudo as contribuições fornecidas à formação pessoal do jovem Felte.

Na capital de Sergipe, os antigos colegas da Escola Militar da Praia Vermelha, Abdias Bezerra juntamente com Arthur Fortes, foram os primeiros a lecionarem no Colégio Tobias Barreto, assim como fizeram parte da congregação do Atheneu Sergipense, aquela “Casa de Educação Literária” (ALVES, 2005). Segundo o Dicionário de Armindo Guaraná (1926), o professor Arthur Fortes⁷⁰ foi nomeado professor vitalício da cadeira de História do Brasil e Geral do Atheneu Sergipense por decreto de Oliveira Valadão, em 1916; já Abdias Bezerra ingressou por meio de concurso nessa mesma instituição, em 1909.

Ao lado de Fortes e Bezerra, o professor Alcebíades Paes é citado por Felte Bezerra como um dos professores que mais contribui no seu processo formativo. Alcebíades também foi professor do Atheneu Sergipense, tendo ali ingressado em 1909 como professor de Inglês sendo graduado em Medicina (ALVES, 2005). Já o professor José Augusto da Rocha Lima⁷¹ foi um dos sergipanos que viajaram para outros estados do país para conhecer os métodos da Escola Nova⁷².

Rocha Lima era docente da Escola Normal Rui Barbosa, do Atheneu Sergipense e do Colégio Tobias Barreto, além de inspetor da instrução pública, atuando de forma dinâmica nos diferentes espaços educativos de Sergipe na primeira metade do século XX. Barroso

⁷⁰ Segundo Guaraná (1925), Arthur Fortes, nasceu em 23 de julho de 1881 em Aracaju, filho de Antonio Augusto Gentil Fortes e Antonia Junqueira Fortes. Fez o curso de humanidades com o professor Alfredo Montes e no Atheneu Sergipense. Além do próprio Atheneu, foi professor do Colégio Tobias Barreto de História e Francês e no Instituto América lecionou Francês e Geografia. Foi deputado estadual entre 1910 e 1911 e de 1923-1925, publicou em vários jornais e fez parte de várias associações, entre elas, o “Centro Socialista Sergipano”, “Tobias Barreto”, “Clube Esperanto” e o IHGSE. A respeito de Arthur Fortes, ver entre outros, Bezerra (1981a) e Soutelo (1990).

⁷¹ No tocante a trajetória do professor José Augusto da Rocha Lima, consultar sua biografia escrita por Sobral (2010).

⁷² Acerca da Escola Nova, faço o uso do termo concordando com as ideias de Vieira (2001, p. 54): “Utilizarei, ao longo do texto, a expressão Movimento pela Escola Nova para me referir, em sentido amplo, ao movimento cultural que, na década de trinta do século passado no Brasil, mobilizou um conjunto significativo de intelectuais brasileiros em torno de um projeto que, nas palavras de Lourenço Filho, visava a organização nacional através da organização da cultura. Parto da premissa de que a atuação dos intelectuais envolvidos com o movimento foi decisiva na configuração do campo educacional brasileiro, a partir de suas iniciativas na definição de políticas públicas para educação, na organização do sistema nacional de ensino, na reformulação dos métodos pedagógicos, bem como na orientação da formação de professores”.

(2011) considera que a viagem de Rocha Lima a São Paulo a fim de conhecer as inovações pedagógicas ocorridas lá, sendo recepcionado por Lourenço Filho, além da sua possível aplicação em Sergipe e a publicação do relatório acerca da mesma, aumentaram o nível de influência do professor no campo educacional sergipano. Para a autora, Rocha Lima criou laços com outros intelectuais da educação que defendiam a modernização pedagógica e metodológica para o ensino primário e normal nas primeiras décadas do século XX.

Barroso (2011) também situa o professor Manoel Franco Freire, exposto nas memórias de Felte Bezerra, ao lado de Augusto da Rocha Lima, Helvécio de Andrade, Rodrigues Dórea, Carlos Silveira e Graccho Cardoso como sujeitos interligados nas tentativas de impor suas concepções de modernização pedagógica em Sergipe. Franco Freire foi diretor da Escola Normal Rui Barbosa e da instrução pública no final da década de 1920, além de exercer a docência de Geometria no Atheneu Sergipense, de Inglês na Escola de Comércio Conselheiro Orlando e no Colégio Tobias Barreto⁷³, configurando-se também como um entusiasta pelos princípios da Pedagogia Moderna.

Ainda segundo a referida pesquisadora, Franco Freire, assim como Abdias Bezerra, Rocha Lima, entre outros, não só atuaram como professores, diretores e inspetores da instrução pública, como também compuseram o conjunto de técnicos que viajaram para outros estados a fim de observar o sistema educativo “renovado” com o intuito de implantar em Sergipe.

As aulas que Felte Bezerra recebeu com esses professores ocorreram no Colégio Tobias Barreto, no centro de Aracaju. Segundo Mangueira (2003), o Colégio Tobias Barreto foi criado em 9 de maio de 1909, na cidade de Estância/SE, por José de Alencar Cardoso, com o estímulo do seu pai, o professor Severiano Cardoso⁷⁴, como também do professor e seu tio Brício Cardoso⁷⁵. O colégio foi transferido, quatro anos depois, para a cidade de Aracaju. Consoante o autor: “[...] a criação do Colégio Tobias Barreto apresenta-se com o objetivo

⁷³ Acerca do período em que dirigiu a instrução pública, no governo de Manuel Correia Dantas (1927-1930), Thetis Nunes escreve: “A Diretoria de Instrução foi entregue a um jovem professor, autodidata, espírito inovador, aberto à ideias progressistas, Manuel Franco Freire, que, logo, procurou reformar o ensino normal, ‘de acordo com os preceitos da pedagogia moderna’. Preocupou-se, sobretudo, dar a esse ramos de ensino um caráter essencialmente prático. ‘Em primeiro lugar, as noções práticas e depois a teoria’, recomendava ele, e para por em execução tais idéias equipou a Escola normal de modernos laboratórios de física, química e história natural com aparelhos importados da Alemanha” (NUNES,2008, p. 272).

⁷⁴ Sobre Severiano Cardoso, Armindo Guaraná (1925) afirma que nasceu em 1840 na cidade de Estância e faleceu em outubro de 1907, em Aracaju. Foi professor da Escola Normal, do Atheneu Sergipense, bem como do Parthenon Mineiro em Minas Gerais e do Parthenon Sergipano de Ascendino dos Reis. Foi dono do colégio Minerva criado na sua cidade de origem e exerceu vários cargos públicos. Ver também Freitas (2007, p. 153-158).

⁷⁵ Para saber mais a respeito do professor Brício Cardoso ver as dissertações de Christianne Gally (2004) e Ana Márcia Barbosa dos Santos (2010).

político de formar novos quadros para o grupo dos militares, bem como viabilizar através da educação um caminho de compreensão do novo mundo: urbano-industrial, que aparecia para Sergipe” (MANGUEIRA, 2003, p. 31).

Ainda sobre o período de estudos nessa instituição, Felte escreveu acerca do seu diretor e professor primário: “Meu estudo secundário, o fiz, [...], no então famoso colégio Tobias Barreto, no curso primário tive único decurião, pedagogo. O diretor deste, [...] colégio, José Alencar Cardoso, o professor Zezinho, como era chamado. Excelente pedagogo que mais tarde foi concunhado de meu pai [...]” (BEZERRA, 1981, p. 3). As memórias de Felte apontam para o nome daquele que foi seu primeiro docente, professor Zezinho, o mesmo que atuou junto com seu pai na Revolta do Rio de Janeiro⁷⁶.

Vale citar as assertivas de Bontempi Júnior (2010, p. 176) acerca da evocação das memórias no tocante aos docentes em um estudo específico dos memoriais dos candidatos da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, mas que dialoga com a presente tese: “[...] na carreira de professor, carregada de sentido missionário e ascético, parece ser preferível dar a entender que a escolha tenha-se dado em um passado do qual teria emergido essa vocação a dizer que haja, a vislumbrar no futuro, benefícios a obter posse do cargo”. Nos escritos de Felte Bezerra datados de 1988, o professor aposentado busca “dar a entender que a escolha tenha-se dado em um passado do qual teria emergido essa vocação”.

Na perspectiva de conhecer mais acerca do diretor daquele estabelecimento de ensino, localizei nas memórias do ex-estudante Joel Silveira, a severidade e o regime disciplinar do diretor, quando Silveira descreve o que lhe aconteceu ao ter descumprido as regras daquele colégio: “E fui logo correndo para a porta da saída, antes que o professor Benedito, subdiretor do colégio, surgisse com a sua ameaçadora e impiedosa vara de bambu, da qual usava e abusava com grande maestria” (SILVEIRA, 1998, p. 22).⁷⁷

⁷⁶ Vale ressaltar as relações de proximidade familiar entre o discente Felte e o diretor do Colégio Tobias Barreto, além de amigo de seu pai, também concunhado, pois devido à morte de Esmeralda Araújo, dez meses depois Abdias Bezerra casou-se novamente. Felte Bezerra buscou justificar as “segundas núpcias do pai”: “Teve de fazê-lo, pois meu pai, perdeu a esposa, minha mãe, aos 35 anos de idade. Vivendo em cidade pequena, dado seu comportamento irrepreensível, teria que casar logo para conservar sua proverbial austeridade como cidadão” (FELTE, 1981, p. 3). Talvez a justificativa não servisse para os filhos, a quem Felte dedicou seus escritos, ou mesmo para futuros leitores, para quem acredito que os seus registros foram efetivamente deixados, mas para si, pois com menos de um ano da perda da mãe, Felte já viu na sua casa, outra mulher, sua madrasta com quem conviveu até sua ida para a cidade de Salvador cursar o ensino superior.

⁷⁷ O ocorrido é descrito em detalhes pelo jornalista sergipano: “Eu de fato, havia sido expulso do Tobias Barreto, logo no primeiro ano ginásial. Aos treze anos, eu já tinha em Luiz Carlos Prestes, meu ídolo, trazia escondida no fundo da gaveta a foto, cortada de um jornal carioca, do Cavaleiro da Esperança, me inflamava com as histórias que lia ou escutava sobre as andanças da Coluna. Certa manhã, na aula do professor Geografia, Luis de Figueiredo Martin, pai de Jacson Figueiredo, o jovem líder católico já famoso, como o professor tivesse se desviado do assunto da aula e passasse a chingar Prestes de tudo que era nome feio, não me contive. Levantei-me

O caráter disciplinador permeava a instituição que também funcionava como internato⁷⁸. Contudo, as memórias de Felte Bezerra não fazem menção às regras, disciplina e mesmo aos castigos existentes na busca pela manutenção da disciplina naquela escola. Felte Bezerra optou por registrar os nomes dos docentes, as marcas deixadas no seu processo formativo e, dessa maneira, sua memória seleciona os acontecimentos e os sujeitos que deveriam ficar marcados na sua história. Entre os sujeitos, estava Arthur Fortes. Acerca dos ensinamentos desse professor, Felte escreveu um artigo, em virtude do centenário de nascimento do “Poeta das Rosas Vermelhas” e de suas aulas no Colégio Tobias Barreto, destacando:

Com Artur Fortes iniciamos o conhecimento da língua francesa, mas muito especialmente a História do Brasil e do Mundo, em magistrais preleções, encantadoras pelo conteúdo, a segurança e a beleza de estilo com que eram proferidas. Ao termino de cada uma delas sempre sentíamos uma ponta de desapontamento, porque a aula acabara ... Restava-nos aguardar a próxima com o mesmo anseio e o mesmo entusiasmo com que nos contagiava o mestre. É grande o débito dos da nossa geração para com o nomeado historiador.

Era bom vê-lo expressar-se em linguagem poética, mansa ou exacerbada, motejadora ou economista, ao sabor das circunstâncias transmitindo-nos as cenas e os episódios que nos descrevia, ao conseguir o milagre de nos tornar virtuais partícipes do que era relatado, tal a nitidez com que vivia o que expunha.

Palavra fácil, clara, vibrátil repassada às vezes de VERVE e de um tom especial daquela FINESSE do espírito francês, traindo a ascendência do notável CAUSEUR (BEZERRA, 1981a, p. 3).

O texto escrito aproximadamente sessenta anos depois daquelas aulas e em razão do centenário do antigo mestre coaduna com o que ensina Pesavento:

Aquele que lembra não é mais o que viveu. No seu relato, há reflexão, julgamento, ressignificação do fato rememorado. Ele incorpora não só o lembrado no plano da memória pessoal, mas também o que foi preservado ao nível de uma memória social partilhada, ressignificada, fruto de uma sanção e de um trabalho coletivo. Ou seja, a memória individual se mescla com a presença da memória social, pois aquele que lembra rememora em um contexto dado, já marcado por um jogo de lembrar e esquecer (PESAVENTO, 2005, p. 94).

e gritei, para espanto dos colegas (um deles, católico de medalhinhas no pescoço, chegou a se benzer): - Viva Luiz Carlos Prestes! Viva o Cavaleiro da Esperança!” (SILVEIRA, 1998, p. 21).

⁷⁸ Uma análise profícua acerca dos internatos no Brasil e mais especificamente em Sergipe, inclusive do Colégio Tobias Barreto, pode ser consultada na tese de Conceição (2012).

Nesse “jogo de lembrar e esquecer”, Felte Bezerra registrou nas suas memórias alguns dos seus docentes como “mestres de tudo”. Dos professores citados, dois tiveram sua formação na Escola da Praia Vermelha – Arthur Fortes e Abdias Bezerra. Conforme José Murilo de Carvalho (2010), naquela escola tinha-se uma formação ampla no âmbito cultural, intelectual, político e social. A primeira desenvolvida em atividades extracurriculares como sociedades, clubes e revistas literárias, além das matérias centradas nas matemáticas, engenharias e ciências da natureza. No plano intelectual, contava-se com as correntes de pensamento europeias, principalmente, o positivismo de Auguste Comte e o evolucionismo de Charles Darwin e Herbert Spencer. No viés político, o autor cita o fato de a Escola estar envolvida diretamente com a Abolição e a Proclamação da República no Brasil. Por fim, a dimensão social na qual “[...] a Escola Militar da Praia Vermelha, não formava soldados, formava bacharéis fardados” (CARVALHO, 2010, p. 145).

Foi com elementos dessa formação que Abdias Bezerra, pai de Felte, e Arthur Fortes deixaram a capital do país e voltaram para Sergipe, ingressando na política e no universo da educação como catedráticos no Atheneu Sergipense e professor de significativos colégios particulares como o Colégio Tobias Barreto, instituição na qual lecionaram a Felte Bezerra. Do ensino no Tobias Barreto, ficaram as marcas dos “mestres de tudo”.

Com esses e outros professores como Brício Cardoso e o próprio Alencar Cardoso, também diretor do estabelecimento de ensino, Felte Bezerra estudou de 1915 até 1924. Manguiera (2003) afirma que entre 1913 e 1924, o horário de funcionamento da instituição estava dividido em duas seções – a primeira das 9h às 13h; e a segunda das 15h às 17h – o que o caracterizava como um colégio em tempo integral. Conforme a Reforma Carlos Maximiliano (1915)⁷⁹:

Art. 167. A distribuição das materias, no curso official de qualquer das secções do Collegio Pedro II, será a seguinte:

1º anno - Portuguez, Francez, Latim e Geographia Geral.

2º anno - Portuguez, Francez, Latim, Arithmetica, Chorographia do Brazil e noções de Cosmographia.

3º anno - Portuguez, Francez, Inglez ou Allemão, Latim, Algebra e Geometria plana.

4º anno - Inglez ou Allemão, Historia Universal, Geometria no espaço, Trigonometria rectilinea, Physica e Chimica.

⁷⁹ Com relação a tal reforma Nunes (1999) comenta que essa caracterizou-se “[...] por ter retirado das reformas anteriores contribuições positivas entrosando-as para aplicar ao Brasil. De Benjamin, ficou a equiparação dos colégios estaduais; do Código Eptácio Pessoa, o currículo seriado de Pedro II e a equiparação estendida aos colégios particulares; de Rivadávia, o exame vestibular; da tradição que vinha do império os exames preparatórios parcelados. Feitos esses nos colégios oficiais perante bancas nomeadas pelo Conselho Nacional de Educação, os alunos dos colégios particulares que se submetessem poderiam candidatar-se ao ingresso nas escolas superiores” (NUNES, 1999, p. 90-91).

5º ano - Inglês ou Alemão, Physica e Chimica, Historia do Brazil e Historia Natural.

Paragrapho unico. Haverá lições de Gymnastica e Desenho nos quatro primeiros annos (BRASIL, 1915).

Contrapondo o texto da Reforma de 1915, com o trabalho de Mangueira (2003), o autor identifica as disciplinas ali lecionadas no citado período, sendo: História Universal, História do Brasil, História Natural, Geometria, Álgebra, Física, Química, Geografia, Português, Alemão, Francês e Latim. Além dos livros utilizados como os de Aritmética de Antônio Trajano, Geografia de Lacerda, Gramática de Eduardo Carlos Pereira, História do Brasil de João Ribeiro e a Antologia de Fausto Barreto. Com esses compêndios e muitos outros, possivelmente, Felte Bezerra estudou naquela “escola militarizada”, conforme Mangueira (2003). Por meio dos escritos de Felte, da legislação e da relação de disciplinas elaborada por Mangueira, foi possível construir o seguinte quadro:

Quadro 2 - Itinerários da formação educacional de Felte Bezerra no Colégio Tobias Barreto

CADEIRAS	PROFESSORES
História Universal	Artur Fortes
História do Brasil	Artur Fortes
História Natural	Alcebíades Paes
Geometria	Abdias Bezerra
Álgebra	Abdias Bezerra
Física	Abdias Bezerra
Química	Abdias Bezerra
Geografia	Alcebíades Paes
Português	Alcebíades Paes
Alemão	-----
Latim	José Augusto da Rocha Lima
Francês	Abdias Bezerra Alcebíades Paes Artur Fortes
Inglês	Alcebíades Paes Manoel Franco Freire

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base nos escritos autobiográficos de Felte Bezerra (1988), a Reforma Carlos Maxiliano (2015) e a dissertação de Mangueira (2003).

As cadeiras e os professores com os quais estudou Felte Bezerra fornecem elementos para entender seu itinerário formativo, aspectos da sua vida de estudante, introduzido em um Colégio cujo sobrenome já ecoava de forma diferenciada, tendo em vista o vínculo do pai com a instituição, além da influência paterna nos direcionamento da educação sergipana. Felte

estava inserido em um sistema de ensino que contribuiu para a sua formação pessoal e profissional, marcas de um percurso que se fizeram sentir mesmo tempos depois, como ensina André Chervel:

[...] o sistema escolar é detentor de um poder criativo insuficiente valorizado até aqui é que ele desempenha na sociedade um papel o qual não percebeu que era duplo: de fato ele forma, não somente os indivíduos, mas também uma cultura que vem por sua vez penetrar, moldar, modificar a cultura da sociedade global (CHERVEL, 1990, p. 184).

Dentro do sistema escolar as cadeiras estudadas também servem como guias para o conhecimento e problematização de determinadas facetas do passado. No caso em foco, com relação ao estudo das Línguas, Souza (1999) informa que, no período de 1912 a 1925, há uma presença amplamente hegemônica que vinha sendo constituída desde o século XIX. No caso dos estudos de Felte Bezerra, embora sem informações mais detalhadas, notam-se as disciplinas de Latim, Francês, Inglês, Alemão e Português. Já elementos da exposição de vários conteúdos da disciplina História de Artur Fortes em suas aulas, no Colégio Tobias Barreto, são apontados por Felte Bezerra:

Nas aulas de História, o mestre deixava-se tomar de arrebatamento, empolgado pelo que descrevia ... O jovem tenente Bonaparte atravessando a ponte de Arcole. O soldado ofegante até a morte que vinha anunciar a vitória de Maratona. Alexandre mandando colocar Bucefalo à sombra, pois só assim se deixava cavalgar, sem espantar-se. As discutidas figuras de Fouché, Richelieu, Calabar, Feijó. O imprevisível e arroubado Pedro I. A epopeia dos bandeirantes. A sagacidade de Henrique IV, refugiando-se no Louvre para livrar-se da Noite de São Bartolomeu, que o tinha como alvo. A insensatez com que a convenção decapitou Lavoisier com o “a França não precisa de sábios” A imolação de Jene D’Arc. O comportamento demoníaco dos Médici. O requinte cavalheiresco dos franceses na batalha inicial da 1ª Grande Guerra. **“Tirez le premier, messieurs les Anglais”**⁸⁰ (BEZERRA, 1981b, grifos do autor).

Os escritos de Felte indicam fragmentos de aulas ocorridas há mais de meio século. Refere-se à dinâmica de ensino de Fortes e a alguns dos conteúdos ali possivelmente ensinados. Os conteúdos abarcam desde a Antiguidade com “Alexandre” até a primeira grande guerra mundial, que aparece justamente no final da descrição do filho de Abdias Bezerra. Vale ressaltar, com base em Freitas (2008), que a citada Guerra não aparece no programa da cadeira de História de 1916 e somente é listada nos programas de 1926.

⁸⁰ Tradução livre: “Atirem primeiro, cavalheiros Ingleses”.

Elementos da História do Brasil como D. Pedro I, Feijó e Calabar também denotam o que foi ensinado a Felte naquelas aulas de História com Arthur Fortes. Além do mais, cabe destacar o trato com os conteúdos relacionados à história da França⁸¹, constantemente remorado por ex-alunos de Fortes. A aproximação com aquele país e as teorias estritamente ligadas à Europa podem ser resultados da formação do sergipano na Escola da Praia Vermelha no Rio de Janeiro.

Com as aulas de Arthur Fortes e outros intelectuais sergipanos, transcorreu as aprendizagens do estudante Felte Bezerra no Colégio Tobias Barreto. Seus primeiros anos de educação foram calcados em uma “escola militarizada”, com leituras, aula durante todo o dia e foi aluno dos mestres que, anos depois, seriam seus colegas de profissão na Congregação do Atheneu Sergipense.

E assim, terminado o secundário em 1924, sem condições de seguir para outro estado a fim de cursar o ensino superior, Felte Bezerra resolveu cursar Escrituração Mercantil à noite. Entre os anos de 1925 e 1926, trabalhou no Banco de Sergipe e, logo depois, assumiu a gerência do escritório comercial de Heráclito Rocha em uma firma exportadora de sal e outros produtos. Ali, permaneceu até 1929, quando pediu demissão para prestar exame na Faculdade de Medicina da Bahia.

Sobre esse período da sua vida, entre o término do ensino secundário e o ingresso no ensino superior na Bahia, o contemporâneo Garcia Moreno (1952, p. 3) assim descreve: “Quem o visse, mais tarde, num dos melhores escritórios comerciais da província, chefe da contabilidade, reto idôneo eficiente, cercado de louvores e consideração dos meios mercurianos, acredita-lo-ia feito para tais mistérios, abrindo uma exceção na linha tradicional da família de professores”. A tal ressalva à “linha tradicional da família de professores” não se cumpriu, pois os diferentes itinerários de Felte Bezerra também perpassaram o magistério.

⁸¹ Os aspectos ressaltados nas memórias dos ex-alunos do professor Arthur Fortes acerca da admiração do docente pela França, assemelha-se com o que Sergio Miceli (2001), denominou de “Galomania”, o autor traz as “Memórias” de José Maria Belo datadas de 1958 para ilustrar tal conceito: “Pelo que posso recordar, era geral a paixão pela França e pelas coisas francesas [...] A Prússia era um motivo de ódios, e malditos os manes de Bismarck e Crispi [...] Lembro-me dos meus primeiros entusiasmos pela Revolução Francesa e pela epopeias napoleônica, e da emoção provocada pelos contos de Afonso Daudet sobre a guerra de 1870 [...] realizara algumas grandes aspirações: um terno de fraque e outro de smoking, roupa branca na Casa Raunier ou na Madame Coulon, tudo de procedência francesa [...] Frequentava nas torrinhãs do Teatro Lírico as grandes companhias francesas, de Sarah Bernhardt, Réjane, Brulé etc. Adquiriria alguns livros preciosos: o *Père e Eugénie Grandet*, *Madame Bovary* e *L’education sentimentale*, *Le rouge et le noir* e *La chartereuse de Parme*, a maior proeza: *Les origines de la France Contemporaine*, de Taine, catorze volumes encadernados, *tranche dorée*, cujo preço [...] 58 mil-réis [...] a França, nossa pátria espiritual, a mestra do mundo [...] Que seria da civilização ocidental sem os dois grandes focos que a iluminavam? [...] As nossas melhores esperanças voltavam-se para os Estados Unidos” (MICELI, 2001, p. 62).

Antes disso, procurou registrar que sua vida estudantil foi marcada por distinções. “Concluí meus estudos secundários, no mês que fazia 16 anos, tive um curso secundário bem feito, não melhor devido a minha pouca idade” (BEZERRA, 1988). Após alguns anos da conclusão do ensino secundário Felte Bezerra seguiu para a Bahia para cursar o ensino superior. Era 1929, momento de mudança para Felte e também para Manoel Cabral Machado, que iniciava suas aulas no Colégio São José, em Capela. Thetis Nunes morava em Itabaiana. Silvério Leite e Bonifácio Fortes ainda viviam os seus primeiros anos de vida na cidade de Aracaju.

3.2 DAS AULAS EM CAPELA AO GINÁSIO DA BAHIA: ASPECTOS DA VIDA ESTUDANTIL DE MANOEL CABRAL MACHADO

Abdias tem sido aureolado por todas as antigas gerações e deixou discípulos. Competente, sóbrio, basicamente um homem ético. Magro, voz rouca, queimava um cigarro permanentemente. Não perdia aula. Morreu velho, ensinando sempre, consumindo-se nas classes enquanto a inflação comia-lhe os salários magros. Aparentemente manso mas ferido, rugia como fera. Dele, recebi terrível reprimenda. Sou chamado pela primeira vez, ao quadro negro. Ditado o exercício, passo a desenvolvê-lo, explicando-o. Ao final, atrapalho-me na virgulação. O mestre corrigi-me: ‘Colocava-se vírgula à direita’. Nervoso, embaraçado, ante a nova e impaciente correção, faço a retificação, de modo áspero, riscando com o giz uma enorme vírgula. ‘Seu mal educado – disparou – não sabe respeitar o professor?!’ ... Quero reagir e justificar-me, mas os colegas acenam para calar-me. Assim, engulo a reprimenda, em silêncio. Mandou-me depois sentar. Espero uma nota baixa. Surpreendo-me com uma boa nota. Procuro, depois, o mestre para justificar-me (MACHADO, 2005b, p. 200).

A citação exposta faz parte do livro de memórias de Cabral Machado publicado em 2005 que, entre vários outros aspectos, busca retratar o seu professor de Matemática Abdias Bezerra, no ano de 1935, quando cursava a quinta série do curso fundamental no Atheneu Sergipense, logo após quatro anos de estudos no Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora.

O excerto de um texto mais amplo serve para a discussão de uma série de elementos. Um primeiro aspecto concerne ao professor Abdias Bezerra. Este ensinou todos os docentes analisados, seja no Colégio Tobias Barreto, seja no Atheneu Sergipense. Outro ponto digno de nota é que todos eles, em algum momento de suas vidas, rememoram o nome do mestre de Matemática como um dos principais colaboradores da sua formação.

Ressalto também a educação que os então alunos recebiam no segundo quartel do século XX. Pela descrição, é possível visualizar elementos que dizem respeito ao cotidiano da sala de aula, ao método de ensino utilizado pelo antigo mestre formado nos bancos de uma escola militar e pelo próprio Atheneu Sergipense, além da forma como se relacionavam professor e aluno. Acerca das memórias sobre professores nas conclusões de seu estudo, Bontempi Júnior afirma:

Os professores com os quais conviveram são evocados emotivamente como portadores de qualificações valorosas para a docência, notadamente quando são apresentados como exemplos de conduta. Em oposição, aos maus professores são associados a experiências de violência ou constrangimento e a práticas de ensino ultrapassadas ou ineficazes, caso em que se manifesta a avaliação *post festum*, pelo professor formado e tarimbado do presente, das estratégias didáticas a que fora submetido como aluno (BONTEMPI JÚNIOR, 2010, p. 176 – 177).

Assim, no trato com as memórias de docentes, existem convergências, pois o que se percebe na descrição de Cabral Machado é justamente essa tentativa de mostrar dois polos, desde aqueles “portadores de qualificações valorosas”, até os “maus professores” que aparecem no caso registrado, como “terrível reprimenda” a ponto de lhe chamar de “mal educado”. O exemplo serve para ilustrar as marcas que ficaram no discente e mesmo a opinião que os seus colegas, alunos há mais tempo de Abdias, sobre não contestar o professor. As referências à voz rouca, ao corpo magro, ao uso constante do cigarro e à assiduidade do docente também merecem destaque, como também os poucos recursos que angariava um professor catedrático da renomada instituição de ensino secundário de Sergipe, o Atheneu Sergipense.

A opção realizada pelo ex-aluno Cabral Machado foi expor as suas memórias de estudante, mesmo quando diziam respeito a uma “terrível reprimenda”, tal fala faz lembrar as preleções de Michael Pollak acerca da memória. Para o autor: “Além dos acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens [...] Além dos acontecimentos e das personagens podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança” (POLLAK, 1992, p. 204).

Um desses “lugares da memória” para Cabral Machado foi o Atheneu Sergipense, onde apenas estudou um ano da sua trajetória escolar, mas voltou como professor e, constantemente, ressaltou o valor daquela instituição educacional para Sergipe. Um personagem guardado em sua memória foi seu professor de Matemática Abdias Bezerra. Esse lugar e o ator vieram à tona por meio de um acontecimento que permaneceu vivo na memória do rosarense.

Vale salientar também, o rigor, a severidade, austeridade e o distanciamento na relação entre professor e aluno. Mesmo humilhado na frente dos colegas o jovem Cabral buscou o catedrático para se justificar. O ambiente do Atheneu Sergipense também é recordado em outra obra do autor, onde se lê:

Logo depois, no Governo Eronildes de Carvalho, a direção do estabelecimento fora ocupada pelo professor Joaquim Vieira Sobral que então lecionava Desenho e Inglês. Houve com a nova direção uma mudança total. O professor Joaquim era amável e acolhedor. Tratava os alunos com cordialidade, valorando a classe estudantil. Logo no início de sua administração, dirigiu-se aos estudantes da quinta série pedindo a nossa colaboração. No Ateneu fez administração revolucionária com inovações pedagógicas ampliando os laboratórios de Ciências Físicas Naturais, criando biblioteca, apoiando o grêmio estudantil Clodomir Silva e o seu jornal *A Voz Do Ateneu* (MACHADO, 2008a).

Na descrição, observa-se a figura do diretor, Joaquim Sobral⁸², elementos da sua relação com os alunos, além das instalações que a escola contava no período que Cabral lá estudou, bem como Thetis, Silvério e Bonifácio, além do Grêmio e Jornal Estudantil do qual Bonifácio Fortes foi um dos seus integrantes. A procura de outros lugares, personagens e acontecimentos que fizeram parte da vida de Cabral Machado, como também dos outros professores estudados, permitiu desvelar alguns elementos do passado estudantil desses sujeitos. Em entrevista ao autor em 2007, Cabral tratou dos seus primeiros passos no universo da escolarização:

[...] na Capela eu comecei a estudar com minha mãe, minha mãe era também professora, como se dizia naquela época pra desasnar (risos) então eu me lembro bem desse tempo, comecei a estudar por um livro chamado “Cartilha Analítica” que é um livro horroroso, um livro de letras vermelhas e negras pra aprender silabação, então não despertava nenhum interesse, eu tinha horror a esse livro, tinha uma preguiça danada para estudar. Ao final, neste ano de vinte e cinco ou vinte e seis meu pai veio a Aracaju, e de Aracaju ele trouxe um livro novo para mim, “Cartilha Nacional”, quando eu abri o livro, o livro era colorido, com imagens de Paulo corre atrás da bola, Luci corre atrás de Paulo e Peri corre atrás de Luci e Paulo, enfim as historietas, eu aprendi gostando dos livros, eu aprendi e passei a tomar gosto pelos livros (MACHADO, 2007, s/p)⁸³.

⁸² Sobre a atuação do diretor Joaquim Vieira Sobral a frente do Atheneu Sergipense ler o trabalho de tese de Rodrigues (2015).

⁸³ Possivelmente as memórias do início da alfabetização de Cabral Machado fazem referência a “Cartilha Analytica” publicada em 1907 de autoria de Arnaldo Barreto, como também a “Cartilha Nacional” de Hilário Ribeiro produzida na década de 1880. Em consonância com os estudos de Schwartz, Peres e Frade (2010) acerca das cartilhas, em trabalhos futuros, pretendo problematizar a alfabetização doméstica de membros da elite sergipana no início do século XX como o caso de Manoel Cabral Machado.

Em 1929, Cabral Machado começou a estudar com seu tio e padrinho o Cônego José da Mota Cabral, conhecido como Padre Juca, responsável pelo Colégio São José, na cidade de Capela, no interior do Estado de Sergipe. Segundo o próprio Cabral, o Padre Juca foi pessoa que o conduziu para o convívio com a literatura e que exerceu influência fundamental na sua vida⁸⁴. Sobre esse período, escreveu: “Às vezes, findas as aulas, costumava ler trechos dos seus autores preferidos: Machado de Assis, Eça de Queiroz, Alexandre Herculano, Humberto de Campos e o ‘sergipano’ Ranulfo Prata de ‘A Longa Estrada’” (MACHADO, 2005, p. 146). Tem-se indícios das primeiras práticas de leitura de Cabral Machado, que além do estímulo do tio, contava com o apoio da mãe, professora e do pai, médico, para ler romances e praticar a escrita.

Ainda segundo sua descrição, no Colégio São José estudava Português, Aritmética, História do Brasil, Ciências e rudimentos de Francês. Além do conhecimento dentro do espaço escolar, também executava peripécias próprias da idade, como por exemplo: “apiruar as meninas do Colégio Nossa Senhora Imaculada Conceição”. Sobre esse período Cabral Machado rememora: “As freiras foram apresentar reclamações ao Pe. Juca e este bonachão, lhes teria respondido: ‘Segure suas cabritas pois não vou prender os meus cabritos’” (MACHADO, 2005b, p. 40). Em uma clara distinção de gênero, pois enquanto as meninas deveriam está sob o controle das freiras, os meninos não necessitavam de controle por parte do padre no tocante as “apiruadas”, como citou o próprio Manoel Cabral.

Antes disso, foi aluno da professora Adelina Vieira, apelidada por Cabral Machado de Fofô, no Colégio Santa Inês, também na cidade sergipana de Capela, no período de 1927 a 1928. Mas, em julho de 1930, deixou a cidade do interior e ingressou no Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora na capital do estado, então dirigido pelo Padre Selva⁸⁵. Foi no teatrinho do Colégio Salesiano que aprendeu a perder a timidez ao enfrentar o público, pois até então era um menino introvertido (MACHADO, 2005b). Sobre a mudança para Aracaju e o início da vida no internato, Cabral rememora em entrevista:

⁸⁴ Segundo o próprio Cabral Machado (1997), o Padre Juca foi como ficou conhecido o Cônego José da Mota Cabral, seu tio e padrinho, vigário da cidade de Capela/SE por quase cinquenta anos. O padre fez seus estudos primários em Capela e depois seguiu para a cidade de Salvador onde estudou no Seminário Menor de Santa Tereza e depois no Seminário Maior de Ciências Eclesiásticas. Padre Juca procurou conciliar o sacerdócio com o magistério, tendo fundado juntamente com suas irmãs o Externato São José na cidade de Capela no ano de 1908 (MACHADO, 1997).

⁸⁵ Segundo Silva (2010), o Padre Selva assumiu a direção do Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora de 1920 a 1931 quando foi transferido para Recife. Na direção do colégio realizou vários melhoramentos na parte física da instituição, inclusive com a fundação de um poço artesiano, além de mais salas de aulas, cozinha e refeitório. Criou também o Círculo ‘Auxilium’ para atrair ex-alunos, tendo o grupo existido por quatro anos.

Veja que eu sair da Capela chorando como o diacho, chorando, chorando porque saía de casa, pra ficar interno em um colégio (silêncio). Eu cheguei chorando no Colégio Salesiano. Afinal de contas eu já tinha uns primos que estudavam lá, eram de Brejo Grande, e aí depois a gente foi falando eu fui esquecendo da casa e fui me integrando no Colégio. Estudei no Colégio Salesiano de mil novecentos e trinta até mil novecentos e trinta e quatro. No Colégio Salesiano, eu estava com um certo preparo, fui logo tomando posição e em pouco tempo já estava em primeiro lugar da classe, aí depois participei dos teatrinhos de colégio e depois comecei a fazer os discursos. A princípio era eu que lia os discursos, que faziam pra eu ler, depois eu passei a escrever os discursos e eram corrigidos para eu ler, até que eu fiz meus discursos (MACHADO, 2007, s/p).

A ida de Cabral Machado para o Colégio Salesiano em Aracaju coaduna com as afirmações de Conceição acerca dos estudos em internatos na capital sergipana: “Por outro lado, as famílias, que por qualquer razão continuavam residindo no interior, encontravam nos internatos uma estratégia educativa ideal para manter os seus filhos estudando na capital” (CONCEIÇÃO, 2012, p. 246).

Pela descrição de Silva (2010), ao longo da década de 1920 e início dos anos 1930, a matrícula no Colégio Salesiano teve um acréscimo devido à facilitação nas condições de acesso a escola com a implantação da linha de bondes que alcançou a vizinhança do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Mais uma vez, assinala-se outro elemento dos aspectos alusivos à cidade de Aracaju, que dialogam de forma direta com a educação escolarizada efetivada na capital do Estado e com os sujeitos em análise.

Sobre os bondes elétricos em Aracaju, Mário Cabral (1948) afirma que foram inaugurados no governo de Graccho Cardoso (1922-1926), mas eram repletos de encrencas, de falta de energia, de mudança súbita de roteiro. Os trajetos dos bondes eram: Santo Antônio, Bairro Industrial, Circular, 18 do Forte, Hospital Cirurgia e Bairro Siqueira Campos. Essa linha para o Hospital Cirurgia foi a que pode ter beneficiado de alguma forma, o Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, onde Cabral Machado morava como interno.

Figura 6: Aspecto dos bondes elétricos em trecho da Rua João Pessoa, Aracaju/SE na década de 1930



Fonte: http://www.aracaju.se.gov.br/154anos/index.php?gal_thb0=12&act=galeria&codigo=29#foto
Autoria desconhecida

Foi em Aracaju que Cabral Machado começou a desenvolver mais efetivamente as habilidades com a escrita e, em suas memórias, descreve uma aula de Português no Colégio Salesiano com a exposição de estampas sobre o cavalete do quadro negro, por parte do professor e, logo em seguida, os alunos deveriam descrever o que viam. No tempo de Ginásio e com o auxílio da leitura Cabral Machado começou a escrever poesias, atividade que continuou até os seus últimos dias de vida. Ali, também iniciou seus escritos no jornal estudantil, publicando o seu primeiro artigo “Uma tarde no Cajuípe” no jornal *A Tebaidazinha* dos próprios estudantes do Salesiano, em 1933 (MACHADO, 2005b).

O desenvolvimento da escrita em jornais estudantis pode ser articulado aos objetivos da Reforma Francisco Campos no tocante ao curso fundamental e às finalidades de algumas disciplinas, uma vez que: “[...] verifica-se a precedência da Língua Portuguesa em relação as línguas estrangeiras e a diminuição da formação clássica – o Latim – estudado apenas nas 4ª e 5ª séries do curso” (SOUZA, 2008, p. 54). Segundo Chervel e Compère, o Latim seria um dos elementos da formação em humanidades clássicas que conferem uma formação elitista ao

ensino secundário francês e também pode-se fazer uma correlação no caso brasileiro, sendo que:

[...] essa formação, a das humanidades clássicas, confere àqueles que dela participam uma marca indelével de pertencer à elite, sendo um signo de reconhecimento, senão pelo desempenho ou gosto pelas línguas antigas, pelo menos por uma certa familiaridade com frases ou citações latinas (CHERVEL; COMPÈRE, 1999, p. 152).

Ainda dentro da mesma problemática, Souza (2008) informa acerca do objetivo da disciplina de Português – que estaria relacionada a uma aquisição efetiva da língua, o gosto pela leitura para a formação do seu espírito e da sua educação literária. Para atender a esse fim, os Programas do Curso Fundamental e do Secundário expedidos pelo Ministério da Educação e Saúde Pública em 30 de junho de 1931 indicavam: “[...] trabalhos de composição escrita preparados fora da classe, seguidos de correção minuciosa dos professores (identificação de erros de ortografia, pontuação, concordância, regência, impropriedades, etc.)” (SOUZA, 2008, p. 155).

Dessa forma, o que Cabral Machado retrata sobre sua vivência no internato do Colégio Salesiano, inclusive, da sua prática de escrita em jornais, coaduna com os princípios da Reforma Francisco Campos. Naquele jornal estudantil, possivelmente, o professor de Português, e das demais disciplinas relacionadas à “educação literária”, adotaram correções necessárias para o aprimoramento do “espírito” daqueles alunos, filhos de famílias abastadas do interior sergipano que moravam no internato particular católico.

Além da escrita nos jornais, também era praticada a produção de poesias, que pode estar relacionada às finalidades da Reforma, como também à cultura juvenil da década de 1930 em Sergipe. Cabral descreve um episódio que ilustra fragmentos do dia a dia naquele Colégio e faz referência ao momento em que começou a escrever suas poesias:

Pelos meus primeiros versos, a uma jovem, vizinha ao Colégio, e que, à noite, cantava com sua bela voz, enquanto no ‘estudo’ nós preparávamos as lições, sofri enorme castigo. A poesia falava de amor, beijos. Consideraram-na ‘imoral’. Por castigo copiei três vezes, toda a enorme “Introdução” a “Autores Contemporâneos”, de João Ribeiro (MACHADO, 2005b, p. 147).

As memórias de Cabral apresentam indícios do controle exercido naquela instituição educacional, bem como a prática de fazer as lições à noite e os castigos ali aplicados. Além desses elementos, é possível observar os autores e obras trabalhados no ensino ginásial de um colégio católico, na cidade de Aracaju de 1930 – o sergipano João Ribeiro está na lista de

obras lidas. Outro ponto digno concerne ao castigo como parte da prática pedagógica que visava ao aprendizado do conteúdo pelo aluno.

Além do cotidiano das aulas, existia para Cabral Machado uma rotina na escola, na condição de interno, fato que provocou alguns conflitos com a direção da instituição⁸⁶ e culminou com a saída de Cabral do internato em meados de 1934, mas ele permaneceu como estudante externo, indo morar no centro da cidade na pensão de Dona Josefa, situada na rua de Laranjeiras, em frente à Relojoaria de Sinulfo Alves. A fotografia que segue evidencia a localização da mencionada rua, na década de 1930, em um contexto que dispunha de iluminação elétrica e organização espacial das ruas planejadas da capital de Sergipe:

Figura 7: Rua Laranjeiras em Aracaju (1930)



Fonte: http://www.aracaju.se.gov.br/154anos/index.php?gal_thb0=11&act=galeria&codigo=29#foto

Autoria desconhecida

O dono da mencionada Relojoaria era o pai de várias crianças e adolescentes, inclusive, de Lauro Barreto Fontes, de quem se tornaria um grande amigo. Ao fazer referência à amizade que manteve por décadas com Lauro Barreto Fontes rememora:

⁸⁶ No romance “Um menino sergipano”, Genolino Amado (1977) também mostra alguns desses conflitos no período de estudos naquela escola, no início do século XX. Outro trabalho que também aponta para esses embates entre os jovens vindos do interior ou mesmo entre os que moravam na capital com a direção do Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora é o trabalho de Gilfrancisco (2005) na análise sobre Enoch Santiago Filho. Conceição (2012) trata do internato do Colégio Salesiano ao analisar os diversos internatos existentes em Sergipe desde o final dos oitocentos até a primeira metade do século XX.

Conheci-o, em Aracaju, em fins de 1934, quando éramos ginásianos. Estudante interno no Colégio Salesiano, após brigar com o seu diretor, revoltado contra um castigo injusto, consegui do meu pai, sob a ameaça de fugir do colégio, passar o resto do ano sob regime de externato. É quando vim residir, à rua de Laranjeiras, na pensão de Dona Josefa, uma velha e bondosa senhora de Frei Paulo, e que tratava seus hóspedes, todos estudantes, como filhos (MACHADO, 1991, p. 29)⁸⁷.

A descrição de Cabral Machado chama atenção para os embates de um menino vindo do interior com as regras daquele colégio católico. Visualiza-se também o cotidiano de pensões e estudantes na cidade de Aracaju dos anos 1930 e das escolas por eles frequentadas. Pensões repletas de alunos que deixavam suas casas nas diferentes cidades sergipanas para frequentar as escolas aracajuanas. Certamente, uma mudança efetiva na vida desses discentes tanto no quesito da vida escolar, quanto da vida urbana.

Nesse ínterim, Nunes (1992) destaca que as práticas culturais específicas do espaço urbano ainda precisam ser estudadas, ressalta também a inexistência de uma pesquisa ampla que analise o papel da escola e dos educadores na construção de estilos, de comportamentos, de formas urbanas de sentir e viver. O caso citado de Cabral Machado aponta para algumas dessas nuances, na década de 1930, quando os modos de “sentir e viver” dele não correspondiam aos modos apregoados pelo Colégio Salesiano na capital sergipana.

Então, já no início de 1935, Cabral Machado solicitou a guia de transferência àquele colégio católico. Tais guias constam no Arquivo do Colégio Salesiano com as notas dos Exames de Admissão realizados por Manoel Cabral Machado, em 23 de fevereiro de 1931 e assinado pelo inspetor Manoel Franco Freire, como também pelo diretor, o Padre Epifânio Borges, substituto do Padre Selva, as seguintes disciplinas e notas: Português: 7; Aritmética: 8; História do Brasil: 9; Geografia: 8 e Ciências Físicas e Naturais: 9, obtendo a média final 8.

Assim, Cabral Machado teria se transferido para o Atheneu Sergipense por sugestão de Lauro Fontes e em razão dos conflitos no internato. Na nova instituição educacional, passou a fazer parte da classe de “intelectuais” daquela escola, segundo suas próprias palavras (MACHADO, 2005b). Naquela “Casa de Educação Literária” possivelmente utilizou a farda

⁸⁷ A descrição realizada em 1991 coaduna com a entrevista concedida em 2007, na qual visualiza-se: “Quando foi em mil novecentos e trinta e quatro, eu já tive uma briga com os padres uma briga na qual eu recebi um castigo que eu considere injusto porque todos nós fizemos a mesma coisa, uma palhaçada, e aí o padre só perseguiu dois, dois ou três. Benedito, meu primo, eu e Mabel e aí eu recebi um castigo danado etc. Eu achei isso uma injustiça comigo porque o padre que me deu o castigo não gostava de mim, porque eu tomei o partido político diferente do dele eu fui contra a administração dele, queria o outro, que quando assumiu em poucos dias fez uma administração boa, uma comida melhor e etc e tal, e a comida era uma economia danada, comida ruim. Bom, então com este castigo eu fiquei revoltado eu escrevi e falei olhe meu pai, ou eu saio do colégio ou eu fujo do colégio. Aí meu pai veio ver o que era, acertou então de eu não deixar o colégio e ficar externo para não perder o ano. E então eu fui, fiquei externo de mais ou menos do mês de setembro pra outubro de mil novecentos e trinta e quatro” (MACHADO, 2007, s/p).

descrita por seu contemporâneo Joel Silveira: “[...] vestia a farda do Ateneu (uniforme caqui com punhos azuis para os alunos; saia azul-marinho e blusa branca para as moças) e partia célere para não perder a primeira aula que começava bem cedo, às sete horas” (SILVEIRA, 1998, p. 40).

No Atheneu Sergipense, Cabral Machado leu, escreveu nos jornais estudantis e foi colega de alunos como Joel Silveira, Lauro Fontes, Fernando Maia, Luciano Mesquita, Márcio Rollemberg, José Augusto Garcez, Célio Costa, entre outros. Para Melo:

Aquêle grupo ao qual se filiara, procurou impulsionar ou formar um movimento intelectual. Ainda no início da adolescência esses jovens achavam que eram os tais, e, por um super diletantismo natural da idade, viviam para as letras. Organizaram muitas vêzes, até em mesas de café, verdadeiras tertúlias literárias, onde o arrôjo da mocidade emprestava fulgores especiais as exaltações românticas (MELO, 1969, p. 51).

A descrição de Melo faz referência a um grupo de alunos do ensino secundário que “viviam para as letras” e formavam um “movimento intelectual”. É relevante notar que essa busca por intelectualidade desde a tenra idade é uma característica daquilo que Sirinelli (2003) pontua como necessário para fazer uma arqueologia de idades ou de estudos para se localizar certas origens do despertar intelectual.

No caso de Cabral Machado observa-se a sua ligação com as “letras” no Colégio Salesiano, logo depois esses círculos de amizades que tem como centro o conhecimento em discussão tanto na instituição educacional e “até em mesas de café”, além de publicar em jornais estudantis como aluno do ensino secundário. Na primeira edição do jornal *O Estudante*, do Grêmio Literário Tobias Barreto, pertencente ao Colégio Tobias Barreto, datado de maio de 1935, localizei o seguinte poema de Cabral Machado:

Zumbi

Nêgo de Lôanda
cadê teu engenho?
O senhô lhe prendeu no tronco
seis dias pelo candomblé macumba.
do quarto escuro da senzala.

Nêgo zumbi fujiu como um troço
de cafuso, mestiço banza, frumazê
e foram fazê um quilombo
de palha, pau e pedra
lá na Serra da Barriga

Ao ronco rouquento da zabumba e do boré

o macumbo inteiro apinhado dança
numa alegria maluca de “liberdade”

Mais negro Zumbi: sinsudo
fuma cachimbo da paz
um colar alvo ossudo
escorrega-lhe do pescoço preto

... e o branza procaz altaneiro
olha o horizonte vasto
sorri um sorriso de fera satisfeita
com uma embrulhada de nagô:
eu sou agora e sempre
não escravo mais senhô (MACHADO, 1935, p. 2).

O tema colocado nos escritos de Cabral faz referência ao conhecido quilombo de Zumbi dos Palmares no estado de Alagoas, com uma visão acerca da liberdade pela qual lutaram os personagens daquele quilombo localizado na Serra da Barriga. “Indícios” de leituras, discussões nos grupos ou mesmo aulas de História da Civilização, com o professor Costa e Filho no Atheneu Sergipense, denotam debates acerca do tema. No mesmo número do jornal, constam publicações de Joel Silveira, Hermes Fontes, Lyse Campos e até do professor Arthur Fortes, talvez um dos incentivadores dos estudantes na escrita para esses jornais.

Ao dialogar com Sirinelli (2003, p. 249), o teórico francês escreve sobre a revista como “[...] um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade”, tais conceituações também podem ser utilizadas para pensar em um jornal. Nesse gênero textual, de publicação estudantil, Cabral Machado iniciou seus escritos para o público, existiam relações afetivas e indubitavelmente constituía-se como um “espaço de sociabilidade”, que abrigava jovens estudantes e alguns professores com alguns interesses em comum.

Nessa perspectiva, Tania Regina de Luca entende que: “De fato, jornais e revistas não são no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de idéias, crenças e valores que pretende se difundir a partir da palavra escrita” (LUCA, 2005, p. 140). Assim, o jovem Cabral já se inseria em determinados “microclimas” que comungavam de formas de ver o mundo, como era o caso do jornal *O Estudante* e o grupo de escritores amigos de Cabral Machado nessa época.

Machado (2005b) relata que, nesse período, interessava-se mais por literatura e ao invés de livros didáticos, comprava romances e se dedicava às leituras juntamente com seus colegas⁸⁸. Segue quadro com cadeiras, professores e notas de Cabral:

Quadro 3 - Itinerários do aluno Manoel Cabral Machado no Atheneu Sergipense

SÉRIE	ANO	CADEIRA	PROFESSOR	NOTAS
5 ^a	1935	Português	João Santos Melo	92
		Latim	Padre Alberto Bragança de Azevedo	94
		História da Civilização	Costa Filho	78
		Geografia	Magalhães Carneiro	75
		Matemática	Abdias Bezerra	49
		Física	João Alfredo Montes	77
		Química	Zequinha Carvalho e Tavares Bragança	73
		História natural	Oscar Nascimento	73
		Desenho	Napoleão Dórea	69

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base nos Exames de Admissão, nas Cadernetas, no Livro de funcionários localizados no CEMAS e nas memórias de Machado (2005b).

No tocante aos seus professores e aulas no Atheneu Sergipense, foi possível identificar algumas descrições pelos escritos de Machado (2005b). Oscar Nascimento representava um professor do tipo clássico, sempre metódico e objetivo. Alberto Bragança não conseguia empolgar o aluno para a compreensão do Latim, mas obteve a admiração dos discentes por conta da sua cultura clássica. Santos Melo era o mestre adorado, pela análise do quadro nota-se como Cabral Machado obteve uma das suas maiores médias com tal docente, em contraposição a média de Abdias Bezerra com a menor de todas as notas. Costa Filho pouco

⁸⁸ Sobre seus colegas no ano de 1935 assevera: “Da turma, os mais brilhantes, foram Lauro Fontes, Gerson Pinto e Altair Brito. Conquistavam as maiores notas. Vinham depois os outros, - com maior ou menor destaque: - João Travassos (hoje médico em Belo Horizonte); os dois Fonseca (Fonsequinha e Fonseca venceram no Banco do Brasil e no comércio); Geraldo Brito (formou-se em Direito e morreu promotor público em Sergipe); Paulo Faro, médico competente em moléstias respiratórias; Adalberto Campos Silva formou-se em Educação Física; Walter Bastos, talentoso e hábil, formou-se em Odontologia; Luís Tavares, bacharel, ex-promotor público em Sergipe; Pirichiu – o Sportman, cedo falecido; Aélío Silveira de Andrade – o *gentleman*, negociante no Rio; Wolney Melo, bacharel, fez carreira política e empresarial. De outros, não sei o destino: - Walter Santos, que gostava de cantar, o Siri-patola – Miraldo Araújo, o sorridente Bráulio Costa (?) (esqueci o sobrenome). As moças eram quatro: Altair Brito – a melhor aluna da classe, Maria Viana – a mais bela; Neyde Albuquerque – a mais graciosa e Walmy Nou – afável e tímida. Todos nós tratávamos nossas colegas com respeito e carinho. Também na classe não houve nenhum namoro, embora Aélío e eu tentássemos disputar o coração de uma delas. Dos colegas, Aquiles Lima, formando-se em Direito, tornou-se brilhante advogado” (MACHADO, 2005, p. 206). Em trabalhos posteriores pretende-se analisar os percursos escolares e profissionais dos colegas de turma do ensino secundário de Cabral Machado, assim como dos de Felte Bezerra, Bonifácio Fortes, Silvério Fontes e Thetis Nunes e dessa forma aprofundar a discussão acerca da formação recebida nessa etapa da vida escolar, bem como o público que fazia parte do ensino secundário sergipano nesse período.

aparecia nas aulas de História, jamais se fixava ao programa. Magalhães Carneiro⁸⁹, “um gozador”. Zequinha Carvalho tinha fama de reprovador, com a sua aposentadoria, os conhecimentos da Química foram para o domínio de Tavares Bragança, “um cientista com fama de pesquisador”. O professor Zequinha Carvalho também é descrito por Joel Silveira:

[...] pequeno, ventudo, brigão, de constante impaciência, e que em suas aulas estava sempre ameaçando fechar o laboratório onde diante de nós, dispostos numa espécie de anfiteatro, fazia suas perigosas experiências e demonstrações, algumas delas redundando vez por outra em malcheirosas emanações ou inesperadas pequenas explosões (SILVEIRA, 1998, p. 26).

João Alfredo Montes apresentava segurança na exposição. Napoleão Dórea iniciava a vida docente naquela época e queria agradar os alunos do último ano do curso fundamental do Atheneu Sergipense. Nas memórias de Joel Silveira (1998), ao tratar do Grêmio Literário Clodomir Silva no Atheneu Sergipense, o jornalista relata a relação entre o Grêmio e os docentes da instituição:

Veza por outra convidávamos professores mais gratos, cujos aniversários mereciam sessão solene. Artur Fortes, poeta e professor de História; Oscar Nascimento, o elegante professor de Ciências; Passos Cabral, também poeta e de temperamento vulcânico; Santos Melo, professor de Português, alguns outros por lá passaram (SILVEIRA, 1998, p. 32).

Cotejando as memórias de Cabral Machado e Joel Silveira observa-se como vários nomes de docentes se repetem. Arthur Fortes aparece constantemente como o poeta. Oscar Nascimento de Ciências, a época, História Natural, é descrito aqui como o clássico, já Santos Melo “um mestre adorado” lecionando Português e o outro poeta catedrático, Passos Cabral.⁹⁰ Além dos citados, ainda destaca-se as figuras de Florentino Teles de Menezes⁹¹ e Arthur

⁸⁹ José de Magalhães Carneiro, filho do Major Augusto de Magalhães Carneiro e D. Francisca Barreto de Magalhães, nascido em 1880, fez o curso de Humanidades em Sergipe, seguiu para a Bahia, formou-se na Faculdade de Odontologia da Bahia em 1900. Onze anos depois foi nomeado professor catedrático de Geografia Geral, corografia e noções de cosmografia do Atheneu Sergipense (GUARANÁ, 1925).

⁹⁰ As memórias dos discentes são corroboradas pelos escritos de Thetis Nunes (2008) que situa Arthur Fortes e Passos Cabral como poetas que possuíam uma “libertação formal” dentro da vida intelectual sergipana das primeiras décadas do século XX. Conforme Moraes e Freitas (2012) João Passos Cabral, nasceu em 21 de fevereiro de 1900 em Aracaju/SE, filho de Francisco Félix Cabral e Adelaide Passos Cabral. Catedrático de Literatura da Escola Normal Rui Barbosa por concurso realizado em 1932. Sobre a atuação do referido professor na Escola Normal consultar Moraes e Freitas (2012).

⁹¹ A respeito de Florentino Teles consultar Adriana Silva (1997) com a dissertação intitulada: “Florentino Menezes: um Sociólogo brasileiro esquecido”; Dentro de perspectiva semelhante, mas em formato de artigo publicado como livro, Ibarê Dantas (2009a) traça visão geral da atuação em diferentes instituições do “Sociólogo pioneiro” e ainda fornece uma lista de autores que trataram de Florentino a partir de diversos prismas; Dantas (2012) discute a atuação do sociólogo na criação da “Casa de Sergipe” em 1912, por fim, Alves e Costa (2006)

Fortes, mestres que Manoel Cabral assistia uma ou, outra aula na turma dos colegas (MACHADO, 2005b).

Florentino Menezes participou do concurso para professor catedrático do Atheneu Sergipense no ano de 1926, defendendo a tese: “O processo de Seleção da Sociedade”. Aprovado, ingressou na mais conceituada instituição de ensino secundário sergipana da época e lecionou de 1926 a 1940. Nesse tempo, também assumiu o cargo de vice-diretor e membro do Conselho de Ensino do Atheneu Sergipense. Além da vida de docente ativo e rememorado por seus alunos, vale salientar seu papel de figura central na fundação do IHGSE em 1912, sendo o seu primeiro patrono além de sua vinculação à defesa do socialismo em terras sergipanas (DANTAS, 2009). Cabral Machado, em entrevista a Adriana Silva (1997), trata de Florentino da seguinte forma:

Em 1935 eu era estudante ginásial transferido do colégio Salesiano para o Atheneu, aí conheci o professor Florentino, que ensinava sociologia no curso de Bacharelado em ciências e Letras, que era um curso realizado após os cinco anos do curso de ginásio. Ele era muito admirado pelos estudantes, eu imediatamente me aproximei dele e fiz amizade com ele, daí passei a frequentar as rodas de estudantes que o ouvia, ele se cercava de estudantes e começava a falar (MACHADO, 1997 *apud* SILVA, 1997, p. 17).

Joel Silveira, aluno de Florentino e companheiro de Cabral Machado na vida estudantil, escreveu um livreto em 1934 com o título: “Florentino Menezes: ensaios”. Nesta publicação, trata do professor, das obras escritas e da cadeira que lecionava.

A Sociologia requer força de vontade para o seu estudo, compreensão para os seus problemas intrincados, olhar perscrutador para as travas de um fenômeno sem solução, por fim: - cérebro de matemático e alma de lógico. E tudo isso Florentino possui. Eis porque o estudioso se adaptou a mais esse estudo, com facilidade eis porque o culto olhou e compreendeu mais estas páginas de cultura (SILVEIRA, 1934, p. 18).

Os escritos do jovem Joel Silveira como aluno de Florentino Menezes fornecem elementos de uma dada visão que alguns estudantes secundaristas de Sergipe possuíam acerca do sociólogo e do seu domínio no âmbito daquela ciência; contudo, Dantas (2009) informa que ainda na segunda metade dos anos trinta Florentino foi considerado incapaz para o serviço público e aposentado abruptamente em 1940. Possivelmente, sua aposentadoria esteve

ligada a questões políticas e mesmo ao entusiasmo que causava nos seus alunos, além da sua concepção laica da sociedade.

O fato de Cabral Machado assistir às aulas de Florentino Menezes e Arthur Fortes, mesmo sem obrigatoriedade, faz questionar, o que nesses professores tanto o atraía. Ambos eram intelectuais ligados à política sergipana e catedráticos de áreas do saber associadas às humanidades. Conferencistas que fixavam a atenção de um grande número de alunos, os dois professores devem ter contribuído na formação de Cabral Machado que já se encaminhava para os escritos nos jornais locais e a participação nos grupos de movimentos estudantis.

Ainda de acordo com as descrições do aluno Cabral Machado, pode-se vislumbrar aspectos do cotidiano das aulas do discente e indiretamente dos demais sujeitos estudados, tendo em vista que Felte Bezerra, no ano de 1935, ensinava no Atheneu Sergipense como professor interino e Thetis Nunes acabava de ser aprovada nos Exames de Admissão, frequentando então o primeiro ano naquela escola. Silvério Fontes e Bonifácio Fortes seguiram no início da década de 1940 para aquela “Casa de Educação Literária”.

Dentro dessa perspectiva, Machado (2005b) versa sobre as aulas de História Natural e descreve a saga da tentativa de colar durante uma prova e a dissertação que fez sobre o ponto “Frutos e sua classificação”. Em relação ao Latim, comenta acerca dos tropeços nas “declinações e nas fábulas de Fedro”. Entre outras descrições, duas particularmente chamam atenção: a primeira com relação à História da Civilização, por meio da qual o professor Costa Filho fazia de suas aulas um espaço para pregar as ideias do humanismo socialista; e a segunda, de Cosmografia com Magalhães Carneiro, pela descrição, o professor pedia para fechar as portas da sala, para que o inspetor não os visualizasse e, assim, os alunos transcreviam a “Cosmografia” de Veiga Cabral⁹². Em outro livro, intitulado “Brava gente sergipana e Outros Bravos”, Cabral Machado (1998) fornece detalhes das suas aulas de Geografia ao tratar do amigo Felte Bezerra:

Felte fora substituir Magalhães Carneiro meu saboroso professor de Geografia dos Astros. (Estou a lembrar sua lição prática para distinguir uma estrela de um planeta: E com voz gutural pontificada: ‘Pega-se o astro

⁹² Possivelmente Cabral Machado faz referência ao *Compêndio de Chorographia do Brasil* de Mario da Veiga Cabral. Segundo Pina (2009), Mario da Veiga Cabral foi contemporâneo de Delgado de Carvalho e Aroldo Azevedo, era engenheiro agrimensor, geógrafo e professor. Estudou no Colégio Militar e na Escola de Guerra do Realengo. Dedicou-se à educação: docente da cadeira de Geografia na Escola Normal ao longo da década de 1920, professor assistente no agora Instituto de Educação durante a década de 1930 e posteriormente, diretor da instituição. Lecionou ainda na Escola de Engenharia do Rio de Janeiro e na Universidade do Distrito Federal. Foi Diretor do Departamento de Educação Técnico Profissional da Prefeitura na gestão Dodsworth e Diretor do Departamento de Educação Primária. Outras informações sobre o ensino de Geografia e os seus livros didáticos ver: Pina (2009).

suspeito, põe-no detrás dum coqueiro. Se for estrela, de manhã tá lá, meio dia tá lá, de noite tá lá. Se planeta vai passar’. Oh saudosos tempos” ... (MACHADO, 1998, p. 136).

Os tempos saudosos de escola são lembrados até na perspectiva de tratar o professor como “saboroso”, atribuindo assim, gosto e vida às aulas de Geografia. Os conteúdos trabalhados no ensino daquela cadeira, bem como os exemplos para atingir a finalidade da Geografia alcançaram o objetivo proposto, pois mais de sessenta anos depois de transcorrida as aulas, Cabral rememorou elementos da cátedra, do catedrático da Geografia e daquela “lição prática”. Com relação às aulas de História, rememora:

O ponto sendo Guerras Napoleônicas, o mestre fazia a apologia da paz, blaterando contra a guerra. Corrigindo as provas – copiadas dos compêndios de João Ribeiro e Jônatas Serrano, atribuía-nos, na correção sem ler, invariavelmente, as notas 10, 9, 8. E desculpava-se “Não vou corrigir João Ribeiro” (MACHADO, 2005b, p. 201)⁹³.

Mestres, metodologias de ensino, práticas de avaliação, conteúdos e compêndios podem ser extraídos das descrições de Cabral Machado. Aprendizados educacionais de um período histórico, em que os colégios Atheneu Sergipense, Tobias Barreto, Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, Patrocínio São José, Jacson de Figueiredo, juntamente com as “escolas femininas” como o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Escola Normal Rui Barbosa, entre outras, exerciam o quase monopólio do ensino secundário na capital sergipana e formavam uma parcela significativa das elites do Estado. As aulas frequentadas por Cabral referem-se a mestres que formaram gerações de alunos em Sergipe e as práticas que podem ter contribuído nas suas concepções de docência e do próprio ato de ensinar. Além disso, vários dos citados professores também atuaram na formação dos outros docentes aqui analisados.

Segue fotografia que ilustra os docentes citados por Cabral Machado, entre outros professores do Atheneu Sergipense no ano de 1936:

⁹³ Freitas (2008) informa que Jonathas Serrano (1855-1944) seria um “católico integral” na perspectiva de Jackson de Figueiredo. Aluno do sergipano João Ribeiro e depois professor catedrático de História do Colégio Pedro II, seus livros didáticos de História foram divulgados pelo Brasil, chegando a trocar cartas com professores do ensino secundário de várias partes do Brasil, inclusive de Sergipe. Outras informações sobre Serrano e a sua teoria do ensino de História para o ensino secundário, consultar Freitas (2008). Acerca do sergipano da cidade de Laranjeiras João Ribeiro (1860-1934), também professor de História Universal do Colégio modelo Pedro II, Gomes (1996), traça um panorama da sua vida como um espírito liberal e dono de grande biblioteca, poeta, romancista, filósofo e jornalista formado pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, participe de vários jornais carioca, amigo do também sergipano Silvio Romero, membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e ligado ao círculo diplomático de Rio Branco.

Figura 8: Professores do Atheneu Sergipense em 1936



OBS: No verso da fotografia consta a identificação dos professores, as cadeiras que lecionavam localizou-se por meio do variado leque de fontes consultado no CEMAS e com o auxílio do trabalho de Dantas e Nunes (2009). Os sentados da esquerda para direita: José Augusto da Rocha Lima (Latim); Florentino Menezes (Sociologia); Arthur Fortes (História); Joaquim Vieira Sobral (Desenho); João Santos Melo (Português); José Andrade de Carvalho (Química). Os professores que estão de pé, também da esquerda para direita são: José Franklin (Inglês); Felte Bezerra (Geografia); João Alfredo Montes (Física); Walter Cameron Donald (Inglês); João Batista Garcia Moreno (História Natural); Joaquim Fraga Lima (Geografia); Oscar Nascimento (História)⁹⁴.

Fonte: Acervo do IHGSE. Autoria desconhecida.

Na fotografia, está ilustrada boa parte dos professores citados por Manoel Cabral Machado, mais que isso, docentes que fizeram parte da formação tanto de Cabral como também de Felte Bezerra, Thetis Nunes, Bonifácio Fortes e Silvério Fontes, entre centenas de outros jovens sergipanos. Perfis de professores que formaram gerações de estudantes em

⁹⁴ Os nomes dos intelectuais sergipanos que ocupavam os “microclimas” na cidade de Aracaju no segundo quartel do século muitas vezes se repetem, seja no Atheneu Sergipense, no Colégio Tobias Barreto, no IHGSE e na Academia Sergipana de Letras. Segundo Magalhães Carneiro (1940, p. 4), compuseram o quadro dos primeiros acadêmicos da ASL: Antonio Garcia Rosa, José de Magalhães Carneiro, Cléomenes Campos, José Augusto da Rocha Lima, Dom Antonio Cabral, Gilberto Amado, Ranulfo Prata, Manuelito Campos, Rubens Figueiredo, Arthur Fortes, Costa Filho, Padre Carlos Costa, Clodomir Silva, Santos Melo, Helvécio Andrade, Hermes Fontes, Oliveira Teles, Mário Vilas Bôas, Pires Wynne, Alfêu Rosas, Maurício Cardoso, João Passos Cabral, Prado Sampaio, Júlio Albuquerque, Carvalho Neto, Florentino Menezes, Nobre de Lacerda, Gervasio Prata, Abelardo Cardoso, Enoque Santiago, João Esteves, Edson Ribeiro, Humberto Dantas, Olegário Silva, Augusto Leite, Hunald Cardôso, Marcos Ferreira, Cicero Sampaio e Epifanio Dória. Desses eram professores do Atheneu Sergipense: Antonio Garcia Rosa, José de Magalhães Carneiro, José Augusto da Rocha Lima, Arthur Fortes, Costa Filho, Clodomir Silva, Mários Vilas Boas, Santos Melo e Florentino Menezes.

colégios como Atheneu Sergipense e Tobias Barreto, além de lecionarem na Escola Normal Rui Barbosa, entre outras escolas aracajuanas.

Pela análise da imagem, nota-se como o jovem de baixa estatura e esguio, Felte Bezerra, com uma média de vinte anos já figura entre seus antigos mestres, como: Arthur Fortes e Rocha Lima, quando dava seus primeiros passos nos caminhos do magistério. Outros jovens docentes, como Garcia Moreno e João Alfredo, contrastam com a experiência estampada no rosto de Santos Melo e Arthur Fortes.

Durante esse período de formação de Cabral Machado estava em vigor a Reforma Francisco Campos, instituída em 1931, estabeleceu o ensino secundário de sete anos, sendo o mesmo dividido em dois ciclos: “fundamental” de cinco anos e o “complementar” de dois anos (BRASIL, 2007). Cabral Machado realizou quatro anos do curso fundamental no Salesiano e somente o último ano no Atheneu Sergipense; já o complementar, efetuou no estado vizinho da Bahia. Como afirmam Dallabrida e Souza:

A Reforma Francisco Campos, que modernizou o ensino brasileiro, é parte integrante das transformações educacionais implementadas pela Revolução de 1930. O governo provisório chefiado por Getúlio Vargas, criou o ministério da Educação e Saúde Pública, o que fortaleceu o “Estado educador”, e nomeou Francisco Campos como primeiro titular” (DALLABRIDA; SOUZA, 2014, p. 12).

Para Souza (2008), a reforma Francisco Campos, ocorrida no início dos anos 30 do século XX, foi efetivada por uma série de decretos, os quais apontavam os rumos da educação com base nos princípios de racionalidade e uniformização. No tocante ao ensino secundário, sua estrutura e duração foram alteradas e ele passou a contar com um período de 7 anos, divididos em dois ciclos: o formativo e o propedêutico. O primeiro, de cinco anos, era comum e destinado à formação geral. O segundo, chamado de complementar, estava dividido em três seções com matérias específicas para cada ramo profissional, tendo o curso Jurídico, os de Medicina, Farmácia e Odontologia e, ainda, os de Engenharia, Arquitetura e Química Industrial. Tais cursos passaram a ser exigidos como pré-requisitos para o ingresso no ensino superior, na tentativa de eliminar definitivamente os exames preparatórios.

Dentro dessa perspectiva, transcorreram as aulas de Cabral Machado, ao longo de 1935, quando estudou a 5ª série do curso fundamental no Atheneu Sergipense e no final do citado ano, seguiu para Salvador com o intuito de iniciar o curso jurídico, mas a Reforma

Francisco Campos fez com que ele entrasse no curso complementar pré-jurídico⁹⁵ no Ginásio da Bahia⁹⁶.

Segundo Bispo Júnior (2004), o Ginásio da Bahia era o único estabelecimento escolar daquele Estado considerado modelo que seguia as normas do Colégio D. Pedro II do Rio de Janeiro. Ali estudava um contingente de alunos vindos do interior da Bahia e de outros estados, sobretudo de Sergipe, Alagoas e do norte de Minas Gerais: “[...] sendo os mesmos também filhos de fazendeiros e usineiros destes estados o que indica um perfil de modelo masculino parecido com aquele trazido pelos educandos do Recôncavo” (BISPO JUNIOR, 2004, p. 67)⁹⁷. Ao tratar de Emerson Serbeto, colega dos tempos do Ginásio da Bahia e da Faculdade de Direito, Cabral Machado traz nas suas memórias elementos do cotidiano daquela escola secundária:

Recordo o Emerson, no início do ano letivo de 1936, quando começávamos o curso pré-jurídico, no Ginásio da Bahia. E entre moços, o coleguismo e a amizade venciam as diferenças religiosas ou políticas. Época de afirmação, éramos, todos, crentes e idealistas, apesar de sermos católicos ou ateus, integralistas ou comunistas, amigos fomos todos, conversando, debatendo, discutindo, e amigos até hoje (MACHADO, 2005b, p. 108).

Na capital baiana, Cabral Machado morou na pensão de Dona Mariá, na Praça da Piedade, lugar de concentração de sergipanos. Sobre Dona Mariá e o tempo vivido, Machado rememora:

A pensão de Mariá merece ser lembrada. Baixa, gorda envelhecida precocemente e viúva com três filhos pequenos a criar, Dona Mariá, bonachona, conseguia com habilidade e brandura, manter a estudantada em harmonia, recorrendo a influência dos mais velhos, quando os debates,

⁹⁵ Para outras informações sobre a Reforma Francisco Campos, consultar: Dallabrida (2009), Dallabrida e Souza (2014), Souza (2008) e Nunes (1999). Com relação à citada Reforma em Sergipe e mais precisamente no Atheneu Sergipense ver: Alves (2014) com uma análise mais ampla do Ensino Secundário em Sergipe diante da implementação da Reforma tomando como prisma o Atheneu Sergipense; Freitas et. all. (2014) analisam a citada reforma com o olhar voltado para o Instituto de Educação Rui Barbosa; Rodrigues (2014) em sua tese investiga o Grêmio Clodomir Silva com a atuação dos discentes durante as Reformas de Campos e Capanema; Silva (2011) foca a análise na disciplina de Matemática no Atheneu no contexto da aludida Reforma.

⁹⁶ Em dissertação intitulada “‘O Banquete Espiritual da Instrução’ – O Ginásio da Bahia, Salvador (1895-1942)” Lima (2003), discorre sobre a história dessa significativa instituição educacional baiana, com destaque para seus símbolos, ritos, professores e alunos que por ali passaram. Em sua análise, a autora sublinha a existência de alunos oriundos do Colégio Tobias Barreto e do Atheneu Sergipense naquela escola de renome em Salvador, entre eles estavam Cabral Machado e Silvério Leite. Para conhecer melhor o Ginásio da Bahia ler o trabalho de Lima (2003).

⁹⁷ Outro estabelecimento de ensino que recebia membros da elite sergipana na Bahia era o Colégio Antônio Vieira. Segundo os estudos de Almeida (1999) a instituição recebeu 156 filhos de grandes proprietários rurais sergipanos, sobretudo usineiros. A estreita relação entre Sergipe e Bahia no tocante ao ensino secundário ao longo da primeira metade do século XX, merece análises mais pontuais.

discussões e barulhos agitavam-se. Questionávamos sobre política, filosofia e religião. Éramos todos ‘gênios e cultos’ (MACHADO, 1990, p. 29–30).

Nesse período, cabe uma ressalva para o professor Herbert Parentes Fortes⁹⁸ que, segundo Machado: “Depois de meu pai, é o homem que maior influência marcou na minha vida; provavelmente sem ele meu roteiro seria outro” (MACHADO, 1967, p. 51). Em entrevista, mais de meio século depois das aulas no Ginásio da Bahia, Cabral assinala:

Só dois estabelecimentos de ensino tinham o curso pré-jurídico para Medicina e Engenharia, que eram o Ginásio da Bahia e o Colégio dos Maristas. Fiquei no Ginásio da Bahia, enquanto outros colegas – inclusive Seixas Dórea, Fernando Maia – foram para o colégio dos Maristas. É aí, no Ginásio da Bahia, fazendo o curso pré-jurídico, que veio o conhecimento da Sociologia. Eu não lembro se a Sociologia era ministrada no primeiro ou no segundo ano do curso pré-jurídico. A Sociologia do ginásio da Bahia era lecionada por um mestre extraordinário Herbert Parent Fortes. Era piauiense e estudara Medicina. Depois resolvera ficar na Bahia onde fez concurso para outros estabelecimentos de ensino inclusive para a Faculdade de Medicina. Foi um grande professor. Um professor extraordinário pela sua competência, o conhecimento de filosofia e sociologia. Ele foi meu professor não somente de sociologia, mas de filosofia. Naquele tempo a nossa sociologia era incipiente. Era uma sociologia vinculada à escola francesa, a escola de Durkheim. Professor Herbert era contrário ao pensamento de Durkheim. Defendia o pensamento tomista sobre o homem religioso. O sociólogo que ele apresentava naquele tempo era Simon Deployage, autor do grande livro *Les Conflits de la Morale et de la Sociologie*. Foi assim que tive conhecimento dos grandes pensadores da sociologia francesa que eram Deployage, o próprio Durkheim, Bougé, Paul Bureau, Georges David, Armand Cuvillier e outros (MACHADO, 1998a, p. 16 – 17).

Herbert Fortes foi seu professor de História da Filosofia e de Sociologia. Esta última foi a disciplina lecionada por Cabral em diferentes escolas de Aracaju, ao retornar de Salvador e, posteriormente, na FCFS, ensinou Sociologia da Educação por quase duas décadas. Tal fato soma-se à referência às aulas de Florentino Menezes de Sociologia a que Cabral assistia, mesmo quando não estava matriculado naquela cadeira. Elementos que corroboram para a tese, na medida em que apontam a importância desses itinerários formativos na configuração desse grupo de pioneiros professores do ensino superior sergipano.

⁹⁸ Conforme Silva (2011), Herbert Parentes Fortes foi catedrático do Ginásio da Bahia em 1925, no ano 1927 passou para a Cátedra interina de Sociologia. Professor de Psicologia, Sociologia e História da Filosofia no Ginásio Nossa Senhora da Vitória durante onze anos, bem como Gramática Histórica durante cinco anos. Professor de Português na Escola Normal do Estado. Professor de Sociologia no Ginásio Ipiranga. Inspetor Federal de Ensino por cinco anos junto a quatro estabelecimentos de ensino. Participou de algumas comissões do Ministério da Educação na Bahia, bem como em outros estados e foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia da Bahia.

Sobre as aulas de Sociologia com Herbert Fortes, lembra como tal professor combatia tanto o pensamento positivista de Auguste Comte, quanto o Evolucionismo de Herbert Spencer e o Sociologismo de Emílio Durkheim. O docente é definido como um divulgador de uma sociologia filosófica. Herbert Fortes fixava-se na crítica de Simon Deployege e de Baul Bureaux e acentuava o pensamento dos alemães Simmel, Weber, Frayer e Windelmand. Para Cabral Machado, a sua formação católica foi influenciada por:

Ele, Herbert Parente Fortes, já citado, expressão maior da intelectualidade católica da Bahia. Sob sua influência estiveram, além de mim, Guerreiro Ramos, Afrânio Coutinho e Rubem Nogueira, todos na Bahia. A influência do pensamento católico francês sobre mim veio através de Léon Bloy, Jacques Maritain, Emmanuel Manunier, responsável pela revista *Esprit* (MACHADO, 1998a, p. 26).

O professor Herbert Fortes é lembrado tanto nas memórias de Cabral Machado, quanto nas de José Silvério Leite Fontes, seu aluno no último ano do curso complementar na capital baiana. Outro ex-aluno, Alberto Costa e Silva, assim retrata o antigo mestre:

Quem primeiro me fez ler *Os sertões* com seriedade foi um professor que tive no liceu, o grande lingüista Herbert Parentes Fortes. Os seus quase cinquenta anos e as desilusões políticas não lhe abrandaram, em nenhum momento, o entusiasmo. Era um exaltado, como mostravam os seus olhos. E derramava-se em paixão, ao falar de Camões, de Gil Vicente, do Padre Antônio Vieira e, sobretudo, de Euclides da Cunha. - Comece pela primeira linha - disse-me. Pois o livro parte da terra para o homem e do homem para as suas desventuras. E esqueça o que na obra se quer ciência. Fique com a poesia. Isto é, com a verdade do instante. Ao contrário das intuições da poesia, que valem para sempre, dizia-me Herbert Parentes Fortes, a ciência envelhece. Envelheceu em Euclides da Cunha, como envelheceu e prejudicou Nina Rodrigues. Pois ambos seguiram as doutrinas do racismo europeu. E, por sinal, perguntou-me ele, você já leu *Os africanos no Brasil*? Não pode deixar de fazê-lo (SILVA, 2013, s/p).

O geógrafo Milton Santos recorda: “Meu professor foi Herbert Parente Fortes, impressionante figura, grande professor, sobretudo porque não dava muita aula, e um grande professor não pode dar muita aula, tem de dar algumas aulas que marquem os seus alunos, era o caso dele” (SANTOS, 2010b). O mesmo Herbert Parente Fortes é citado por Anísio Teixeira na troca de cartas com Archimedes Pereira Guimarães⁹⁹. Em uma delas, enviada dos Estados Unidos, lê-se: “Que é feito do Herbert, que ainda não teve tempo de me mandar uma linha? Às voltas com a **Era Nova** e com a ilusão de curar os homens com palavreado?”

⁹⁹ Sobre os trabalhos de Archimedes Guimarães na educação sergipana, mais precisamente no âmbito da Escola de Química de Sergipe, consultar Conceição (2010).

(ANÍSIO TEIXEIRA, Nova York City, 11 de janeiro de 1929 *apud* PEREIRA GUIMARÃES, 1982, s/p.). Em outra, Anísio Teixeira pede notícias de Fortes: “Dê-me notícias de minhas cartas. Tenho escrito ao Albino, ao Jaime, ao Nestor, ao Herbert (^{xx}), ao Joaquim (^{xxx}) e a muitos outros” (ANÍSIO TEIXEIRA, New York City, 7 de novembro de 1928, *apud* PEREIRA GUIMARÃES, 1982, s/p.).

Pelos depoimentos, percebo a relevância do Herbert Parent Fortes para a educação baiana, desde o ensino no secundário até o trabalho pioneiro no ensino superior da Bahia. O trecho escrito por Anísio Teixeira sobre a “ilusão de curar os homens com palavreado”, coaduna com as memórias de Cabral Machado acerca do poder de convencimento das aulas de Fortes e da sua oratória. Vale ressaltar ainda a sua participação na Ação Integralista Brasileira na cidade de Salvador. Sobre esse período da História do Brasil, Gomes esclarece:

[...] o Brasil assistia à formação de dois movimentos políticos que, com propostas radicalmente opostas e alternativas às então combatidas práticas liberais, tinham como objetivo uma ampla mobilização popular. Ambos, a Aliança Nacional Libertadora (ANL), capitaneado pelo ideário da esquerda comunista, e Ação Integralista Brasileira (AIB), inspirada nas experiências fascistas do momento, agitaram a década de 30, até serem banidos, respectivamente, 1935 e 1938 (GOMES, 1998, p. 514).

Com relação à Bahia, Ferreira (2009) situa o Ginásio da Bahia como um dos centros do integralismo no Estado, ao lado de escolas como Carneiro Ribeiro, Salesiano e Gynásio Ipyranga, além das Faculdades de Medicina e Direito. Herbert Fortes foi acusado de difundir o integralismo entre os educandos, fato negado por alguns de seus alunos; contudo, Falcon (2007) relata a expulsão do professor integralista do Ginásio, diante dos torpedeamentos acontecidos no litoral brasileiro e uma manifestação antifascista que ganhou as ruas de Salvador. Acerca da atuação na Ação Integralista Brasileira do professor Herbert Fortes, tão frequentemente remorado por Cabral Machado e Silvério Leite, Ferreira assim descreve:

O líder integralista e professor piauiense Herbert Parentes Fortes, docente da Faculdade de Filosofia e do Ginásio da Bahia, foi acusado de quinta-coluna em manifestações dos alunos dessa instituição de ensino e impiedosamente criticado nas páginas de *O Imparcial*. As pressões levaram-no a deixar aquele ginásio. [...] amargurado pela acusação de traição à pátria, Herbert Fortes partiu da Bahia para viver no Rio de Janeiro, onde faleceu em 1952 (FERREIRA, 2009, p. 67).

Tanto Herbert Fortes quanto Florentino Menezes, dois mestres lembrados pelos ensinamentos que marcaram a formação de Cabral Machado ao longo do ensino secundário,

terminaram suas vidas no ostracismo. O primeiro, aposentado compulsoriamente; o segundo, acusado e relegado à fuga para a capital da República naquela época. Homens do mundo da Sociologia, Filosofia e História que, em certa medida, lapidaram as predileções e gostos do rosarense, como também do jovem Silvério Fontes. Leituras que já vinham de casa, debates sobre religião nos quais já participavam e, depois do secundário, o jovem Cabral entrou na Faculdade de Direito da Bahia – o início de outra etapa na formação profissional na cidade de Salvador. Enquanto isso, Silvério Leite chegou à Bahia e também guardou nas suas memórias um lugar de destaque para o professor Herbert Parent Fortes.

3.3 A ESCOLARIZAÇÃO DE SILVÉRIO LEITE FONTES: DE ARACAJU A SALVADOR

Silvério Fontes nascido em 1925 foi alfabetizado ainda em casa por sua avó Isabel, depois com uma professora particular e, em seguida, frequentou a sua primeira escola, o Colégio Tobias Barreto, instituição que terminou uma parte do ensino secundário em 1939. Logo depois, ingressou no Atheneu Sergipense tendo estudado um ano do curso pré-jurídico. Dali seguiu para Salvador; no Ginásio da Bahia, terminou seu curso complementar e conseqüentemente o ensino secundário em 1941. Segue fotografia de Silvério Leite no período de estudos no Tobias Barreto.

Figura 9 - Silvério Leite Fontes na época de estudante do Colégio Tobias Barreto



Fonte: Acervo pessoal de Elze Fontes.
Autoria Desconhecida.

O semblante sério, de acordo com o respeito que a farda daquela escola impunha; a postura esguia; o caderno como símbolo do conhecimento que carregava nas mãos; e ainda, ao fundo, elementos do Colégio Tobias Barreto em um registro da infância escolarizada guardada por mais de meio século no arquivo pessoal da família Fontes. Com essa farda, o jovem Silvério recebeu suas primeiras aulas naquela escola e os pioneiros contatos com o mundo do conhecimento, do qual não mais se afastou.

No Tobias Barreto, permaneceu até a 5ª Série, em 1939, ano que cursou as disciplinas de Português, Latim, História da Civilização, Geografia, Matemática, Física, Química, História Natural e Desenho (LIVRO DE NOTAS DE ALUNOS DO TOBIAS BARRETO – 1933 a 1941 – DIES/SE). Após o término da 5ª série do curso fundamental, deixou o Tobias Barreto e ingressou no curso complementar do Atheneu Sergipense.

Sua mãe, Iracema Fontes, registrou, no seu “livro de família”, os passos da vida estudantil de Silvério Leite: “Deu começo aos seus estudos em 13 de abril de 1931, com mamãe, a vontade, porém com grande satisfação vimos os seus progressos e grande aplicação”.

Em anotação posterior escreveu “Em 7 de abril de 1932 continuou os estudos particularmente com a professora D. Evangelina Azevêdo, que apesar do estado de saúde nos inspirar cuidados, continua com admiráveis progressos” (FONTES, 1923-s/d, s/p).

Os trechos denotam que sua avó materna conseguiu ensinar os primeiros rudimentos da leitura e escrita para seu neto. Silvério iniciou o processo de alfabetização em casa, aos seis anos de idade, e, posteriormente, aos sete anos, estudou por meio de aulas particulares. Sobre o ingresso na escola, consta as seguintes anotações:

Em 6 de fevereiro de 1933 entrou no colégio Tobias Barreto (porq ansiava) que apesar de muito acanhado tornou-se mui querido da sua professora Briolanja Brandão, devido ao seu bom comportamento e capricho, e no dia 7 de junho recebeu o grau de Cabo Escoteiro, com o que ficou radiante. Continuou no mesmo colégio com o mesmo gosto e comportamento (graças ao bom Deus) querido apreciado e elogiado, tendo ficado no 2º ano primário, fez neste mesmo ano 2º e 3º, tendo cursado em 34 o curso médio. Em 35 com 10 anos incompletos entrou no Gynásio do mesmo colégio, tirando o curso de 5 anos em 39 com 14 anos incompletos. Cursou o 1º ano complementar aqui no Atheneu Sergipense e o 2º em Bahia no Gynasio (FONTES, 1923-s/d, s/p).

O fato de registrar por escrito aspectos marcantes da vida escolar do filho demonstra como a escolarização constituía-se em um elemento significativo para a família Leite Fontes. Podem ser extraídas da documentação informações, como: nomes de professores, identificação das escolas e relatos referentes à escolarização nas diferentes faixas etária. Entre os registros, localiza-se a experiência que Silvério realizou duas séries em um só ano. O detalhamento das descrições feitas pela sua mãe deve-se, possivelmente, às aprendizagens realizadas em casa e com a professora particular. Os adjetivos dedicados ao filho e às mudanças de escolas podem ser problematizados.

Silvério Fontes ascendeu a cabo logo diante do seu ingresso no Tobias Barreto; por conseguinte, Elze Fontes (2015) informa que ele nunca passou de tal patente, sempre lembrando como era difícil o cotidiano naquela “escola militarizada”. O fato de ter mudado de escola três vezes no percurso do ginásio para o secundário não foi localizado na documentação. Entretanto, algumas possibilidades podem ser elencadas.

A primeira mudança do Colégio Tobias Barreto para o Atheneu Sergipense pode ter ocorrido devido ao forte disciplinamento e militarização existente naquela escola, elementos que não condiziam com a saúde de Silvério. Outra possibilidade concerne à distinção do ensino secundário do colégio Atheneu Sergipense em detrimento do Tobias Barreto – o Atheneu Sergipense, por sua vez, não correspondendo às expectativas de Silvério e da família

que buscava o acesso ao curso superior, fê-lo migrar para estudar em Salvador no Ginásio da Bahia.

Elze Fontes (2015) credita essa mudança de Silvério para a Bahia a Iracema Fontes, decidida a proporcionar ao filho uma educação esmerada. Outro elemento que pode ter ocorrido acerca da ida de Silvério para Salvador era a ligação dos professores do Ginásio da Bahia com as Faculdades daquele Estado. Mesmo assim, antes de deixar Sergipe, estudou a primeira série do curso complementar pré-jurídico¹⁰⁰, sendo colega de turma de Maria Thetis Nunes, em 1940. A própria Thetis escreveu sobre a amizade dos dois, desde a época do Tobias Barreto até o Atheneu Sergipense e outros espaços posteriores, em depoimento póstumo ao amigo de décadas:

‘O tempo esse grande escultor...’ O dizer de admirável humanista francesa Marguerite Yourcenar me levaria à juventude, à estudante da 4ª série do Atheneu da rua da Frente, quando conheci José Silvério Leite Fontes, então estudante do Colégio Tobias Barreto. Participávamos, alunos de História do grande professor Arthur Fortes e por ele escolhidos, de um concurso de História promovido pelo Ministério da Educação. Dois anos após, seríamos colegas no curso pré-jurídico no Atheneu (NUNES, 2005, s/p).

A referência a uma humanista francesa seria o mais apropriado para descrever o início da amizade nascida em um concurso de História em plena Era Vargas no Brasil. Uma humanista para interligar os itinerários de dois sergipanos que, durante mais de meio século, dedicaram suas vidas profissionais a área de humanas e sociais. Trabalhos no âmbito da História registrados desde o curso ginásial, no qual ambos contaram com Arthur Fortes como catedrático tanto no Atheneu Sergipense como no Tobias Barreto.

No curso complementar pré-jurídico, foram colegas somente por um ano. Silvério “obteve média em todas as matérias, mas foi reprovado por não ter obtido a frequência regulamentada em Educação Física”, tendo o mesmo realizado os exames de segunda época e aprovado, seguiu para Salvador onde fez seu segundo ano do curso complementar (LIVRO DE ATAS DE EXAMES DO CURSO COMPLEMENTAR (1937-1943) – CEMAS).

Conforme o texto da lei da Reforma Francisco Campos, o ensino secundário possuía cinco anos do curso “Fundamental” do Ensino Secundário que proporcionava uma formação geral aos estudantes; já o curso “Complementar”, somente com dois anos, possuía uma tríplice divisão: os candidatos ao curso de jurídico; os candidatos ao curso de medicina,

¹⁰⁰ Foram seus colegas de turma do Curso Complementar no ano de 1940: Armando de Castro Santos Pereira, Walter de Mendonça Sampaio, Danilo de Freitas Cavalcante, Edilberto Andrade Melo e José Feitoza Bravo. (LIVRO DE ATAS DE EXAMES DO CURSO COMPLEMENTAR - 1937-1943 – CEMAS).

farmácia e odontologia e ainda os candidatos ao curso de engenharia, ou arquitetura (BRASIL, 2007). Para Norberto Dallabrida:

A chamada “Reforma Francisco Campos” (1931) estabeleceu oficialmente, em nível nacional, a modernização do ensino secundário brasileiro, conferindo organicidade à cultura escolar do ensino secundário por meio da fixação de uma série de medidas, como o aumento do número de anos do curso secundário e sua divisão em dois ciclos, a seriação do currículo, a frequência obrigatória dos alunos às aulas, a imposição de um detalhado e regular sistema de avaliação discente e a reestruturação do sistema de inspeção federal. Essas medidas procuravam produzir estudantes secundaristas autorregulados e produtivos, em sintonia com a sociedade disciplinar e capitalista que se consolidava, no Brasil, nos anos de 1930. A Reforma Francisco Campos, desta forma, marca uma inflexão significativa na história do ensino secundário brasileiro, pois ela rompe com estruturas seculares nesse nível de escolarização (DALLABRIDA, 2009, p. 185).

Todas as mudanças apontadas pelo referido autor dialogam com a realidade sergipana e, de certa forma, atuaram na formação educacional daqueles que estudaram seguindo os preceitos das reformas educacionais do período varguista. A “produção de estudantes secundaristas autorregulados” pode ter marcado a formação desses sujeitos de tal modo a se fazer sentir, mesmo décadas depois, nas aulas extremamente disciplinadas rememoradas por seus alunos no ensino superior (DANTAS, 2008; DINIZ, 2008).

Dos sujeitos estudados na tese, Silvério e Thetis foram os primeiros a seguir o curso complementar no Atheneu Sergipense, conforme a Reforma Francisco Campos. Segundo Alves (2013) e Souza (2011), a citada Reforma só foi efetivamente implantada naquele estabelecimento de ensino em 1937, com início do funcionamento dos cursos complementares de Direito, Medicina e Engenharia.

Segundo Ata da Congregação do Atheneu Sergipense, na sessão de 18 de março de 1937, o presidente da sessão afirmou que o curso complementar começaria a funcionar no Atheneu Sergipense em caráter precário até que a Diretoria de Educação Nacional se manifestasse sobre o assunto. Assim, o início das aulas do complementar foi marcado por uma solenidade que contou com a presença do governador de Sergipe e com o discurso do professor da cadeira de Sociologia, Florentino Teles de Menezes. Tal comemoração ocorreu em 5 de abril de 1937 e foi registrada nas Atas da Congregação. Consta no *Diário Oficial do Estado de Sergipe* a Lei Número 40, que instituiu o curso complementar juntamente com outras providências:

Art. 1º. Fica instituído no Atheneu “Pedro II”, o Curso Complementar de dois anos, previsto no decreto federal de n. 21.241, de 4 de abril de 1932, o qual obedecerá na sua organização, regime escolar, processo didactico, distribuição, seriação, número de disciplinas e fiscalização às instruções expedidas pelo Ministério da Educação e Saúde Pública (DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE, 19 de novembro de 1936, p. 1).

A mesma lei também reiterava que tinham prioridade para ensinar no curso complementar no Atheneu Sergipense os professores catedráticos da instituição; todavia, na ausência deles “poderão ser designados pessoas idôneas, a juízo do governo, sob proposta do Diretor”. Com professores catedráticos e também com docentes contratados interinamente, estudaram Maria Thetis Nunes e José Silvério Leite Fontes, ao longo do ano de 1940.

Segue quadro com cadeiras e professores de ambos, em 1940, além dos catedráticos e suas áreas do conhecimento lecionadas em 1941 para Thetis Nunes no Atheneu Sergipense e, possivelmente, cursadas por Silvério Fontes no Ginásio da Bahia.

Quadro 4 – Cadeiras e catedráticos do curso complementar pré-jurídico do Atheneu Sergipense (1940-1941)

Cadeiras da 1ª Série – 1940	Catedráticos	Cadeiras da 2ª Série - 1940	Catedráticos
Biologia	João Perez Garcia Moreno	Sociologia	-----
Economia Política	-----	Higiene	-----
História da Civilização	Arthur Fortes	Literatura	Gonçalo Rollemberg Leite
Latim	José Augusto da Rocha Lima	Latim	José Augusto da Rocha Lima
Literatura	Gonçalo Rollemberg Leite	Geografia Humana	Felte Bezerra
Psicologia e Lógica	-----	História da Filosofia	-----

Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir do Livro de Atas de Exames do Curso Complementar (1937-1943) – Atheneu Pedro II localizado no CEMAS.

OBS: - - Docente não identificado.

Das disciplinas do curso complementar, duas se aplicavam tanto ao pré-jurídico, quanto ao pré-médico e pré-politécnico, no segundo ano do curso: Psicologia e Lógica, como também Sociologia. Segundo Souza (2008, p. 162): “A presença dessas disciplinas condizia com o interesse crescente dos intelectuais e educadores pelas ciências sociais que viam nelas [...], a possibilidade de fundamentar uma administração científica dos homens e da natureza”.

Após concluir o primeiro ano do pré-jurídico, Silvério Leite Fontes deixou o curso complementar do Atheneu Sergipense para concluí-lo em terras baianas. A saída de sergipanos para estudar os complementares na Bahia, como foi o caso de Manoel Cabral Machado e José Silvério Leite Fontes, motivou uma sessão extraordinária da Congregação do Atheneu Sergipense, do dia 18 de março de 1937. Na ocasião, o professor Fraga Lima descreveu que chegou ao seu conhecimento o fato de que, mesmo com o Curso Complementar sendo instalado no Atheneu Sergipense, muitos sergipanos preferiam concluir seus estudos secundários na Bahia por considerarem que, em Sergipe, não havia professores capacitados para lecionar nos complementares.

O professor Gentil Tavares¹⁰¹ rebateu tais críticas e afirmou que o motivo da preferência dos alunos sergipanos pelos estudos complementares na capital baiana seria a existência de uma forte propaganda em prol dos cursos na Bahia, que tinham seus corpos docentes compostos pelos mesmos professores que lecionavam nas faculdades baianas, facilitando assim o ingresso no ensino superior. O fato é que na Bahia, muito influenciado por Herbert Parent Fortes, Silvério traçou novos caminhos para sua vida.

O professor Herbert Parentes Fortes, contribuiu de duas maneiras, primeiro, ele foi meu professor de História da Filosofia e Sociologia, me levando a descobrir uma base científica para a História, a Sociologia e a Filosofia. Segundo porque ele fazia uma apologia freqüente do cristianismo nas aulas. Ele misturava o ensino da disciplina com apologética cristã, no bom sentido da palavra. De modo que Herbert Parentes Fortes, teve para mim uma grande importância (FONTES, 1993, p. 1).

Das memórias de Silvério, vale a reflexão acerca do que ele considerou o “descobrimento” de uma base científica para a História, possivelmente uma constatação ocorrida muito tempo depois daquelas aulas no Ginásio da Bahia, quando seu aprofundamento na teoria da História mostrou que seu antigo professor Herbert Fortes já tratava com cientificidade do universo de Clio. Outro elemento relevante concerne à religiosidade daquele professor – o catolicismo foi uma constante na vida do Silvério jovem e se fez presente no seu percurso de intelectual. Cabral Machado, ao rememorar seus estudos, assim como a formação de Silvério Leite, versou acerca da influência do professor Herbert Fortes do Ginásio da Bahia no tocante à questão da religiosidade de Silvério:

¹⁰¹ De acordo com Guaraná (1925) Gentil Tavares nasceu na hoje cidade de São Paulo, a 11 de outubro de 1892. Fez o curso de humanidades no Ateneu Sergipense e o de engenharia civil na Escola Politécnica da Bahia, onde recebeu o grau a 1º de janeiro de 1917. Professor do Atheneu Sergipense, deputado federal e estadual. Teve atuação marcante na imprensa sergipana inclusive na direção de entidades do ramo. Sobre a atuação de Gentil Tavares, juntamente com Clodomir Silva a frente do jornal estudantil o *Necydalus* no Atheneu Sergipense, ver Vidal (2009).

Destaco que o seu interesse pela filosofia começou em Salvador, no Ginásio da Bahia, graças, principalmente, ao Professor Herbert Parente Fortes, o Sócrates da nossa geração. Professor de muita cultura filosófica e política, Herbert Fortes sendo ademais profundamente religioso, na Bahia divulgava o pensamento de Jaques Maritain, Leon Bloy, Daniel Hopes e outros. Graças a Herbert Fortes, Silvério conseguiu vencer sua crise religiosa e conservar sua crença católica (MACHADO, 2003, p. IX).

Da fala de Cabral Machado, chama atenção o papel de Herbert Fortes como “o Sócrates da nossa geração”, sua capacidade de angariar discípulos, além da vinculação com a religião – o que facilitou certos elos entre os sergipanos de famílias tradicionalmente católicas e o mestre da Bahia. Os autores lidos, as concepções teóricas discutidas e a demarcação explícita do interesse de Silvério pela Filosofia, começou na Bahia, o que reforça a tese de vínculos entre os itinerários formativos e os caminhos da profissão docente¹⁰².

Cabral Machado e Silvério Fontes foram contemporâneos como discentes da Faculdade de Direito da Bahia, entre o final da década de 1930 e início de 1940, o caminho das leis foi percorrido por ambos após a conclusão do curso complementar na cidade de Salvador. Silvério já morava na capital baiana, quando Thetis resolveu cursar Geografia e História naquela cidade. Ali recepcionou a antiga colega do Atheneu Sergipense; todavia, antes disso, a itabaianense percorreu diferentes trilhas como estudante em Sergipe.

3.4 UMA ITABAIANENSE EM ARACAJU: A ALUNA MARIA THETIS NUNES NO ATHENEU SERGIPENSE

Thetis Nunes, com onze anos de idade, deixou a cidade de Itabaiana, no interior de Sergipe, onde cursou o primário, a fim de prosseguir seus estudos na capital sergipana. Sua professora primária chamava-se Izabel Esteves de Freitas, renomada docente da cidade natal de Thetis. No discurso de posse na Academia Sergipana de Letras, Thetis Nunes faz referência a sua primeira professora e aos tempos de estudante na sua cidade natal:

No magistério encontrei, a plena realização do meu ideal de vida. Professora eu sou desde os bancos ginasianos; mesmo acidentalmente ocupando outros

¹⁰² Em trabalhos futuros pretende-se aprofundar a discussão acerca dos intelectuais aqui estudados no viés das concepções teóricas apreendidas no ensino secundário e superior e que embasaram seus escritos e concepções de mundo, o que não é o foco da presente tese.

cargos, nunca me afastei da sala de aula. Vocação despertada na infância numa singela escola pública isolada, pelo exemplo de uma professora admirável, a quem presto a minha homenagem: Izabel Esteves de Freitas. Ela acreditou na menina irrequieta e encantada pelos livros, e me estimulou a abrir caminhos além do horizonte, que me parecia intransponível, marcado pela serra de Itabaiana e suas ramificações e a seguir sempre em frente, sem esmorecimento para que os sonhos se tornassem vida (NUNES, 1990, p. 90, grifos meus).

As memórias de Thetis Nunes acerca do início da vida estudantil estão interligadas à sua atuação como professora; neste momento, que pode ser considerado um dos mais marcantes na vida de um intelectual sergipano no século XX: a posse na ASL, a itabaianense apresenta fragmentos dos seus itinerários perpassados por recordações distantes e nomes que contribuíram para sua conformação na carreira, ou mesmo que necessita citar para creditar uma origem do seu “despertar intelectual”. Izabel Esteves estava nas memórias de Thetis no rol das pessoas que a incentivou a “abrir caminhos além dos horizontes” apresentados naquele momento. Contudo, não foram só os incentivos daquela professora, como também um conjunto de fatores familiares, sociais e econômicos que fizeram com que Thetis Nunes transpusesse a serra de Itabaiana para que “os sonhos se tornassem vida”.

Dona Izabel, como ficou conhecida, é retratada por Carvalho (1973) como uma das fundadoras do jornal *O Porvir*. Em 1937, “[...] a professora Isabel Esteves de Freitas fundou O PORVIR. A princípio uma folha manuscrita, do próprio punho da mestra que copiava as melhores composições dos alunos e enviava o jornal depois para a Secretaria de Educação em Aracaju”. Esse é um fragmento da vida da mulher que, ao lado da mãe e da avó de Thetis, forneceu os primeiros rudimentos de educação à jovem itabaianense.

A mudança de toda a família para a capital do Estado, em 1935, proporcionou à Thetis Nunes a possibilidade de frequentar os bancos da Escola Normal Rui Barbosa. Possibilidade logo cerceada por conta da idade mínima para o ingresso naquela escola; dessa forma, foi orientada pela professora Leonor Telles de Menezes¹⁰³ a prestar o exame de admissão no Atheneu Sergipense¹⁰⁴.

Conforme a Reforma Francisco Campos (BRASIL, 1931), no terceiro capítulo, há a abordagem à “admissão ao curso secundário”: no artigo 24, consta que o candidato à primeira

¹⁰³ Sobre Leonor Telles de Menezes, irmã de Florentino Telles de Menezes, catedrática de Português da Escola Normal e de várias escolas de Aracaju e do interior de Sergipe, consultar Santos (2006).

¹⁰⁴ “O exame de admissão, cujo fim é verificar se o candidato está habilitado a empreender com vantagem o estudo das matérias do secundário, constará de noções concretas accentuadamente/objectivas, de instrução moral e cívica, de português, de cálculo aritmético, de morphologia geometria, de geografia, história pátrias, de ciencias phisicas e naturaes e de desenho, conforme o programma do Departamento Nacional de Ensino” (Art. 50 – REGULAMENTO DO ATHENEU PEDRO II, 1926, p.14).

série do curso ginásial deveria realizar o exame de admissão, o qual “constará de provas escritas, uma de português, (redação e ditado) e outras de aritmética (cálculo elementar), e de provas orais sobre elementos dessas disciplinas e mais sobre rudimentos de Geografia, História do Brasil e Ciências Naturais”. Indica também que o candidato a exame de admissão deveria provar, por certidão do registo civil, ter a idade de 11 anos ou que a completará até 30 de junho do ano em que requerer inscrição e apresentar vacinação antivariólica e pagamento da taxa de inscrição.¹⁰⁵

O Exame de Admissão de Maria Thetis Nunes ao Atheneu Sergipense foi realizado em 02 de março de 1935, obtendo as seguintes notas: Português: escrita 85 e oral 70, com a média final 77; Aritmética: prova escrita 70 e oral 90, com média final 80; Geografia 90; História do Brasil: 90 e Ciências Naturais: 80, com uma média geral de 83 pontos. (CERTIFICADOS DE EXAMES DE ADMISSÃO (1934-1946) – CEMAS).

Com um olhar atento, as cadeiras frequentadas por Maria Thetis Nunes no curso fundamental, na década de 1930, foi possível construir o seguinte quadro com cadeiras, professores e notas de Thetis Nunes:

¹⁰⁵ No tocante aos Exames de Admissão ao Ginásio entre as décadas de 1930 e 1960 ver o trabalho de Bastos e Ermel (2014).

Quadro 5 - Itinerários de Maria Thetis Nunes como discente do curso fundamental do Atheneu Sergipense (1935-1939)

SÉRIE	ANO	CADEIRAS	PROFESSOR	MÉDIA ANUAL
1 ^a	1935	Português	Padre Avelar Brandão	60
		Francês	-----	78
		História da Civilização	Arthur Fortes	77
		Matemática	Gentil Tavares	67
		Geografia	Fraga Lima	70
		Ciências Físicas e Naturais	Augusto Cesar Leite	54
		Desenho	Joaquim Vieira Sobral	82
2 ^a	1936	Português	Mario Miranda Vilas Bôas	56
		Francês	Padre Claudio Diniz de Faro Dantas	77
		Inglês	Felte Bezerra	70
		História da Civilização	Arthur Fortes	86
		Geografia	José de Magalhães Carneiro	82
		Matemática	Abdias Bezerra	80
		Ciências Físicas e Naturais	Augusto Cesar Leite	54
		Desenho	Joaquim Vieira Sobral	72
3 ^a	1937	Português	Mario Miranda Vilas Bôas	85
		Francês	-----	77
		Inglês	-----	92
		História da Civilização	Arthur Fortes	86
		Geografia	-----	91
		Matemática	-----	77
		Física	José Rollemberg Leite	54
		Química	José Andrade Carvalho	62
		História Natural	Oscar Baptista do Nascimento	70
		Desenho	-----	87
4 ^a	1938	Português	Mario Miranda Vilas Bôas	61
		Francês	-----	67
		Inglês	-----	49
		Latim	Padre Alberto Bragança de Azevedo	75
		História da Civilização	Arthur Fortes	78
		Geografia	-----	82
		Matemática	-----	69
		Física	José Rollemberg Leite	47
		Química	José Andrade Carvalho	71
		História Natural	-----	61
		Desenho	Joaquim Vieira Sobral	76
		5 ^a	1939	Português
Latim	-----			86
História da civilização	Arthur Fortes			92
Geografia	Felte Bezerra			72
Matemática	Abdias Bezerra			76
Física	José Rollemberg Leite			73
Química	-----			77
História Natural	Garcia Moreno			73
Desenho	Joaquim Vieira Sobral			73

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base no Livro de Atas de Exames de 1935-1936, cadernetas escolares e o Livro dos Funcionários localizados no CEMAS, além dos registros escritos de Thetis Nunes que constam na referência da tese e do material localizado no “Fundo Maria Thetis Nunes” no IHGSE. OBS: - - Docente não identificado.

O quadro, que retrata o curso fundamental¹⁰⁶ como parte da formação do ensino secundário de Maria Thetis Nunes como um grande quebra cabeça, fornece pistas do percurso formativo da jovem Thetis, que chegou ao Atheneu Sergipense ainda criança, deixando-o sete anos depois rumo ao ensino superior. Pelo quadro, nota-se que o desempenho da aluna nas diferentes disciplinas é variável. Ao longo do período de 1935 a 1939, a disciplina de História da Civilização foi uma das que Thetis alcançou as maiores notas em comparação ao conjunto dos dados coletados.

Naquela escola, estudou com professores cujos nomes ecoam na História da Educação sergipana e faziam parte da cobiçada Congregação da instituição que atraiu e formou gerações de intelectuais. Todavia, por esse período, já existiam problemas para que os professores dessem conta da quantidade de alunos, inclusive, com solicitações para que alguns professores interinos lecionassem turmas a mais do que aquelas para as quais foram contratados anteriormente. Um exemplo disso foi o caso de Felte Bezerra, no ensino de Inglês, em 1935, conforme consta no Livro dos Funcionários (CEMAS) uma observação com a disponibilidade daquele professor para lecionar algumas turmas além das suas.

Cotejando o quadro exposto com o Decreto de 1931, percebo que a disciplina Música – Canto Orfeônico¹⁰⁷ não consta na lista das matérias cursadas por Thetis e também por Cabral Machado, que estudou no Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, sendo ela obrigatória com a Reforma. Da mesma forma que Alemão, que consta como optativa na Reforma, também não aparece na lista de disciplinas cursadas por ambos. Outro ponto digno de nota é que a lista de disciplinas tanto do Atheneu Sergipense, quanto do colégio particular Salesiano em Aracaju, seguiram a proposta da Reforma Francisco Campos; inclusive, aparecem nos boletins na mesma ordem apresentada na lei. A imagem a seguir mostra alguns dos professores do Atheneu Sergipense e, ao fundo, Maria Thetis Nunes:

¹⁰⁶ “Art. 3º Constituirão o curso fundamental as matérias abaixo indicadas, distribuídas em cinco anos, de acordo com a seguinte seriação: 1ª série: Português - Francês - História da civilização - Geografia - Matemática - Ciências físicas e naturais - Desenho - Música (canto orfeônico). 2ª série: Português - Francês - Inglês - História da civilização - Geografia - Matemática - Ciências físicas e naturais - Desenho - Música (canto orfeônico). 3ª série: Português - Francês - Inglês - História da civilização - Geografia - Matemática - Física - Química - História natural - Desenho - Música (canto orfeônico). 4ª série: Português - Francês - Inglês - Latim - Alemão (facultativo) - História da civilização - Geografia - Matemática - Física - Química - História Natural - Desenho. 5ª série: Português - Latim - Alemão (facultativo) - História da civilização - Geografia - Matemática - Física - Química - História natural - Desenho” (BRASIL, 1931).

¹⁰⁷ Sobre as práticas da disciplina Canto Orfeônico na Escola Normal de Aracaju nesse período, ver a dissertação de Santos (2012).

Figura 10: Professores e alguns alunos do Atheneu Sergipense – entre o final de 1930 e início de 1940



Da esquerda para a direita: Na primeira fila: José Rollemberg Leite, Joaquim Sobral, Não identificado, Padre, Felte Bezerra, Não identificado, Na segunda: Não identificado: José Olino, João Cajueiro, Não identificado, Não identificado, José Calasans, Padre Evaldo e Garcia Moreno, logo atrás de ambos, Maria Thetis Nunes com vestimenta clara.

Fonte: Acervo do IHGSE. Autoria desconhecida.

A fotografia dos professores do Atheneu Sergipense, no rol de entrada do colégio situado na Avenida Ivo do Prado, um suntuoso prédio carinhosamente conhecido como Atheneuzinho, mostra parcela da intelectualidade sergipana¹⁰⁸. O corpo docente formado eminentemente por homens e a posição de Thetis logo após as figuras proeminentes são pontos dignos de realce.

Dos professores de Thetis Nunes no Atheneu Sergipense, ela destaca, em suas memórias, Abdias Bezerra, Arthur Fortes, Mário Vilas Boas, Florentino Menezes e o diretor Joaquim Vieira Sobral. Conforme o mesmo Livro de Funcionários (CEMAS), Abdias Bezerra ingressou na Congregação por concurso para a cadeira de Francês em 26 de maio de 1909,

¹⁰⁸ Depois da transferência do Atheneu Sergipense para o largo Graccho Cardoso na década de 1950, o prédio do Atheneuzinho abrigou diferentes órgãos ligados ao governo do estado de Sergipe e desde 2011 é a sede do Museu da Gente Sergipana.

mas como ocorria constantemente no Atheneu Sergipense, os professores tinham suas cátedras alteradas e, segundo Souza (2011), depois de lecionar Desenho e Português, a partir de 1915, passou à cátedra de Geometria e Trigonometria e, no ano seguinte, Aritmética e Álgebra. Após 1930, com a Reforma Francisco Campos e a união das “Matemáticas”, lecionou Matemática no Atheneu Sergipense. Relativo a Arthur Fortes, o discurso de Thetis Nunes, diante da colocação da fotografia do mestre na sala da Congregação do Atheneu Sergipense, retrata em certa medida, a afinidade.

Um dia, neste desafio contínuo de gerações, por esta casa, símbolo das tradições gloriosas da inteligência sergipana, os jovens que olhando este retrato que ora inauguramos, perguntarão: - Quem foi ele? Os seus mestres lhe responderão: foi um poeta, foi um professor e foi, principalmente, um homem livre. O seu nome é Arthur Fortes (NUNES, 1945, s/p).

O professor e poeta foi constantemente lembrado por Thetis, ao longo da sua vida, mais de sessenta anos depois, em entrevista concedida no ano de 2007, Thetis Nunes reafirmou a influência de Arthur Fortes nas suas escolhas, inclusive, pelo magistério. Possivelmente, tais vínculos também tenham colaborado para a volta de Thetis como professora do Atheneu Sergipense, não na cátedra de História Geral do seu professor, a qual concorreu em concurso, mas na cadeira de Geografia Geral.

As atas da Congregação do Atheneu Sergipense fornecem algumas pistas do que a aluna Thetis Nunes estudava nas suas aulas. Conforme Ata de 18 de março de 1937, ano em que Thetis cursava a terceira série, o livro de Francês seria o curso completo de Gastão Ruch, para Alemão, que aparece como uma disciplina optativa, indicam-se as obras: Leituras Alemãs de Th. Beck e A. Chignard; para Matemática, qualquer compêndio de Cecil Thiré e Munhoz Meader; para Geografia, seria adotado Aroldo Azevedo e G. Lima. No caso de História Geral, como o catedrático Artur Fortes não estava presente naquela reunião, foi indicado pelo professor de História do Brasil, Costa Filho, o compêndio de Joaquim Silva que tinha sido adotado no ano anterior. As demais cadeiras continuaram com os mesmos compêndios de 1936 (LIVRO DE ATAS DA CONGREGAÇÃO DO ATHENEU SERGIPENSE (1916-1939) – CEMAS).

Com relação ao seu professor Mário Vilas Boas, motivada com a notícia do seu falecimento, Thetis escreveu:

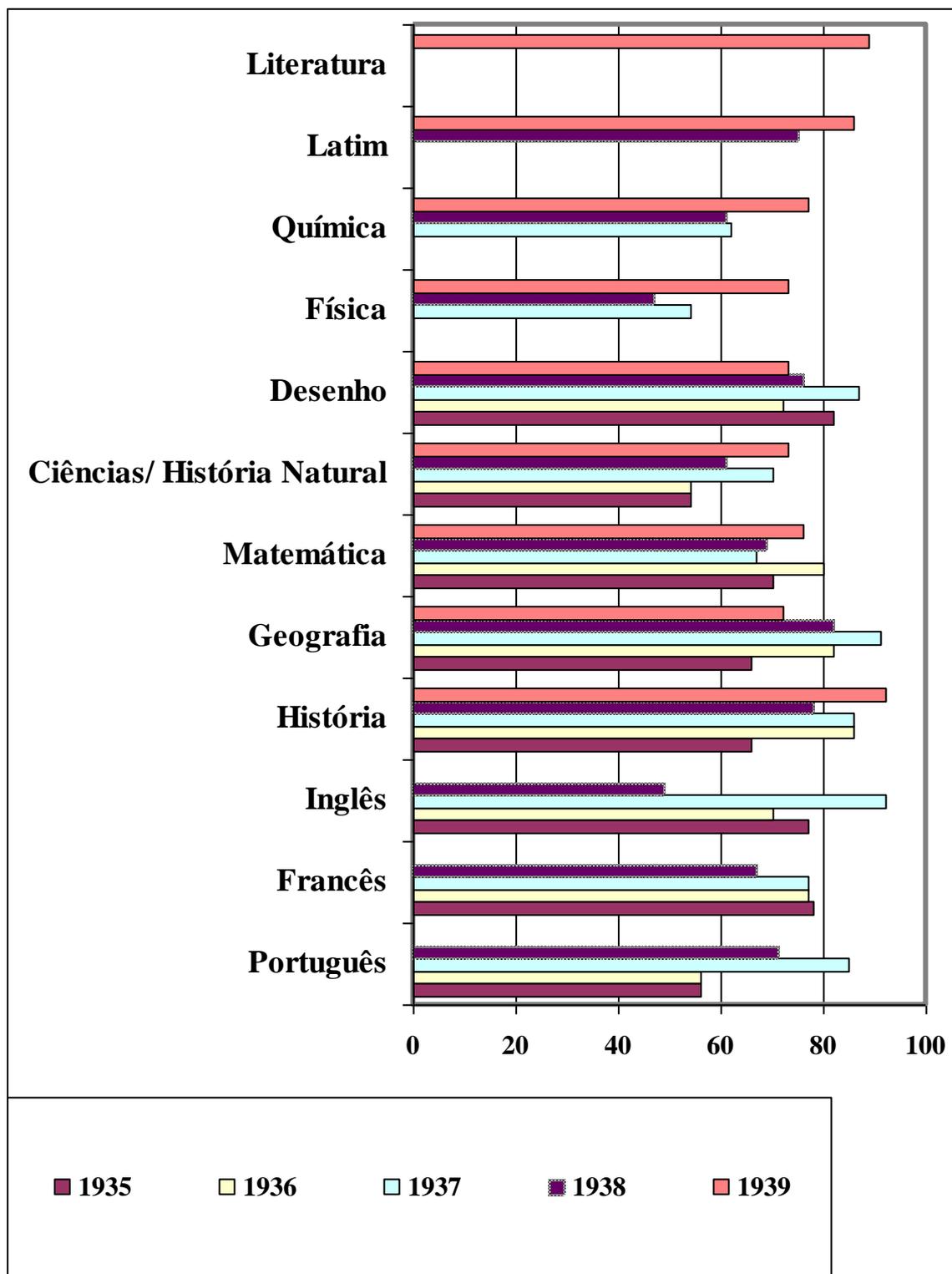
A ele devo os conhecimentos básicos da língua pátria adquirido nos dois anos e meio que fui sua aluna. Era um didata perfeito, sem nunca ter

estudado didática ciência bem desconhecida, entre nós naquela época. Suas aulas ricas em conhecimento linguístico mantinha a classe alerta e interessada dadas que era eram com métodos e numa dicção perfeita que nos encantava. [...] a palavra eloquente do professor nos transmitia através da leitura da página a ser estudada que primeiro era feita por êle. Alencar, Machado de Assis, Rui Coelho e Melo, Herculano Camões, passaram sem esforço a ser nossos conhecidos. [...] As palavras aqui são da aluna que não esqueceu o mestre e suas aulas [...] (NUNES, 1968, p. 2).

O cotidiano das aulas no ensino secundário de Thetis Nunes aponta para aspectos da História da Educação sergipana daquele período. Autores lidos em sala, os métodos de ensino, os conteúdos estudados podem ser vislumbrados em uma matéria com tom de saudosismo, tendo em vista o falecimento do homenageado. Além disso, Thetis faz questão de ressaltar que os escritos são da aluna do Atheneu e não da professora universitária que já ocupava vários cargos em Sergipe no final da década de 1960.

Dentro do espaço do Atheneu Sergipense, Thetis Nunes começou a construir o seu nome se diferenciando dos demais alunos, pelas notas angariadas, participação nas aulas e amizades com os professores. Todos esses elementos contribuíram para o seu retorno como professora interina pouco tempo após terminar o curso complementar e alguns anos mais tarde, como catedrática de Geografia Geral.

Gráfico 1 - Cadeiras e notas da discente Maria Thetis Nunes no curso fundamental do Atheneu Sergipense (1935-1939)



Fonte: Gráfico elaborado pelo autor utilizando como fontes o Histórico Escolar de Maria Thetis Nunes (Arquivo da FFCH/UFBA) e a documentação do CEMAS referenciada na lista de fontes.

OBS: A disciplina de Ciências aparece somente no primeiro ano do curso, nos demais a nomenclatura muda para História Natural.

Pela análise do gráfico, é possível perceber as cadeiras que compunham o ensino secundário humanístico do Atheneu Sergipense no contexto da Reforma de Francisco Campos; além de notar quais as áreas de conhecimento possuíam presença nos diferentes anos do curso, repetindo-se ao longo de todo o curso fundamental.

Ao falar sobre as disciplinas escolares, Chervel afirma que: “O ensino das matérias ensinadas simultaneamente no mesmo estabelecimento de ensino constitui em cada época uma rede disciplinar que não deixa de exercer uma influência mais ou menos forte sobre cada um de seus constituintes” (CHERVEL, 1990, p. 214). E assim, ressalta-se a vinculação do que é ensinado em cada disciplina e o cidadão que se almeja formar. As finalidades que uma disciplina agrega estão atreladas ao meio social da época que as instituiu; dessa forma, a repetição de uma disciplina em várias séries ou mesmo sua carga horária também dizem respeito aos objetivos da educação escolarizada.

Analisando o quadro de cadeiras estudadas por Maria Thetis Nunes ao longo do curso complementar do secundário à luz da Reforma Francisco Campos, observo alguns dos elementos apontados por Dallabrida e Souza (2014), entre os quais, o espaço das “Ciências Físicas e Naturais” nos dois primeiros anos do curso Fundamental e “Física - Química – História Natural” nos demais anos. O aumento de tais disciplinas na formação do estudante secundarista denota “[...] uma quebra no predomínio do eixo literário, indicando uma perspectiva burguesa” (DALLABRIDA; SOUZA, 2014, p. 14). Outro ponto relevante concerne à:

[...] significativa a presença do ensino das ciências sociais, físicas e naturais. História da Civilização, Geografia e Matemática são disciplinas estudadas em todas as séries do curso e o mesmo ocorre com Desenho. O estudo das ciências físicas e naturais adquire pela primeira vez no ensino secundário, uma distribuição mais equânime e coerente que se inicia nas duas primeiras séries, desdobrando-se nas séries seguintes em Física, Química e História Natural (SOUZA, 2008, p. 54).

As disciplinas com melhor avaliação de desempenho durante o curso fundamental constituiu justamente em História e Geografia. Elas ultrapassaram os oitenta pontos em três, dos cinco anos que estudou tais cadeiras. Outra área do conhecimento em destaque foi a Literatura, existente somente no 5º ano, após quatro anos de estudos de Português. Vale ressaltar que a presença da disciplina de Português, em todos os anos do curso, também foi uma inovação da Reforma de 1931. Deste modo, é possível perceber a articulação entre o currículo secundarista à sociedade da época de modo que: “Essa ênfase à língua materna,

articulada com as disciplinas História, Geografia e Canto Orfeônico, procurava tonificar o nacionalismo, que se adensava cada vez mais após a Revolução de 1930. O tom científico e nacionalista, portanto, estava transversalizado nesse currículo, sendo seriado em várias ‘disciplinas-saber’” (DALLABRIDA; SOUZA, 2014, p. 14).

Com relação às notas obtidas pela aluna, em 1935, ano de sua chegada no Atheneu Sergipense e em Aracaju, constituiu-se como o momento de médias mais baixas de todo o curso, sendo que somente em Desenho ela conseguiu ultrapassar os oitenta pontos; nessa mesma cadeira, seu rendimento caiu nos anos seguintes, exceto em 1937, como também foi a média mais baixa dentre as disciplinas presentes no seu exame vestibular na Faculdade de Filosofia da Bahia em 1942.

No tocante às avaliações, Chervel (1990) declara: “[...] permanece o fato de que as provas finalmente destinadas ao exame ou ao concurso concentram em torno delas a atenção e o interesse do mestre e dos alunos, influenciando mesmo, no total sobre as classes anteriores” (CHERVEL, 1990, p. 207). Dessa forma, as avaliações são alguns dos constituintes fundamentais de uma disciplina, pois, por meio delas, pode-se aferir se determinadas finalidades foram alcançadas.

Dentro dessa perspectiva, e tomando como prisma as avaliações, é possível afirmar que Thetis Nunes atendia às expectativas dentro do conjunto de saberes fundamentais na realidade do governo varguista estabelecidos na reforma de Francisco Campos, mantendo uma média nas disciplinas de História e Geografia. Em contraposição, as novas disciplinas inseridas no currículo secundarista, a saber, Física e História Natural, constituíram as menores médias gerais da itabaiense.

No Fundo referente à Maria Thetis Nunes guardado no Arquivo do IHGSE, localizei um caderno dela como aluna da cadeira de História da Civilização com o professor Artur Fortes datado de 1939¹⁰⁹.

¹⁰⁹ A atuação de Arthur Fortes a frente da cadeira de História no Atheneu Sergipense merece um olhar mais apurado, sendo que o caderno em análise constitui como uma fonte significativa, perfazendo o que André Chervel (1990) considera como primordial estudar em uma disciplina a exposição do professor, pelo manual de um conteúdo de conhecimentos e as suas finalidades, sendo que uma disciplina modifica quando mudam as suas finalidades, ficando como a primeira tarefa do historiador das disciplinas debruçar-se sobre os conteúdos explícitos.

Figura 11: Capa do caderno das aulas da cadeira de História da aluna Maria Thetis Nunes – 1939



Fonte: Acervo do IHGSE
Fotografia do autor da tese.

A capa do caderno apresenta o mapa do Brasil, com os estados que o compunham na década de 1930, sem contar ainda, com a divisão do Mato Grosso e o surgimento do Amapá e do Tocantins que aconteceram tempos depois. O nacionalismo do Estado Novo varguista tem no mapa um dos símbolos do amor à pátria e do pertencimento à nação, como se pode observar na legenda – há uma linha pontilhada que marca a “Divisão de nações”. Na contracapa do caderno, aparece o mapa mundo com o título em verde e amarelo de

“Planispherio”. O nome “República dos Estados Unidos do Brasil” estampado nas cores verde e amarelo, além da marca do “Caderno Educativo” e do símbolo de República também merecem um olhar mais acurado.

Para Viñao (2008a), o caderno escolar constitui como uma das formas de aproximação das práticas escolares com a realidade da classe; nesse sentido, conforme o citado autor a referida fonte apresenta vantagens com relação aos livros textos, programas e prescrições oficiais, posto que, sendo um produto escolar, ele reflete a cultura própria do nível, etapa ou ciclo de ensino que é utilizado. Entretanto, no caderno, pode-se omitir determinados registros, ou mesmo acrescentar; também corre-se o risco de o discente não ter frequentado a aula e não constar no documento o conteúdo ministrado ou, até mesmo, escrever algo totalmente diferente das preleções do professor diante de uma distração ou visão de mundo discordante. Mesmo correndo riscos próprios ao ofício de construir determinadas histórias, o documento serviu como mais uma peça na busca dos itinerários da aluna Thetis Nunes.

O caderno em tela suscita várias questões, entre elas: o porquê de Thetis Nunes ter guardado esse caderno de forma específica em meio a tantos outros que possuiu ao longo da sua vida discente e docente? Ou, em outras palavras, por que arquivar este caderno? Para responder a tais indagações são cruciais as afirmações de Phillippe Artières:

Sempre arquivamos as nossas vidas em função de um futuro leitor autorizado ou não (nós mesmos, nossa família, nossos amigos ou ainda nossos colegas). Prática íntima, o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública. Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte (ARTIÈRES, 1998, p. 21).

Thetis Nunes tinha noção do seu significado no meio intelectual sergipano, ao guardar um caderno como aluna de Arthur Fortes, também estava, em certa medida, buscando “publicar a própria vida”, dar um sentido a ela com personagens que lhe conferem significado, como era o caso do seu antigo professor de História. A prática, aparentemente simplória, de guardar um caderno escolar pode estar vinculada a uma função pública de fazer sua própria vida sobreviver ao tempo.

Com esse caderno, a discente Thetis Nunes estudou História ao longo de um ano, o que permite induzir que era uma prática escolar os conteúdos de cada cadeira serem anotados em um caderno diferente. Até porque, levando em consideração as aulas expositivas e a necessidade de anotações constantes ao longo da explanação do catedrático, os cadernos

específicos para cada cadeira poderiam, por exemplo, facilitar empréstimos e trocas de material entre os alunos.

A partir da análise do caderno de Thetis Nunes, observo que as aulas de História aconteciam duas vezes por semana, às quartas e sextas. Cada aula contava com anotações que se estendiam de seis a oito folhas, de forma detalhada, onde estavam organizadas as explicações do professor. Contando com boa pontuação, organização de ideias e letra legível, as anotações são permeadas com espaços preenchidos posteriormente, ou seja, possíveis reescritas feitas a lápis ou com uma caneta diferente do primeiro texto. Nessas reescritas, aparecem, principalmente, definições de nomes próprios – o que leva a pensar que se tratava de nomes não conhecidos pela discente, pouco tempo depois de entender ao certo ou mesmo tirar a dúvida com algum colega, fazia-se a anotação com outro suporte. Outro ponto relevante são as palavras e as expressões na língua francesa, uma constante em várias partes do texto. Ao todo, o caderno contém 238 páginas. Destas, 207 possuem anotações de aula. Segue quadro com a análise do caderno:

Quadro 6 - Anotações de Maria Thetis Nunes nas aulas de História da Civilização de Arthur Fortes (1939)

CONTEÚDO (PONTO)/ QUANTIDADE DE PÁGINAS	DATAS	OBSERVAÇÕES
Revolução Francesa/70	22.3.1939 24.3.1939 29.3.1939 12.4.1938 14.4.1938 5.5.1939 10.5.1939 12.5.1939 31.5.1939	O ponto “Revolução Francesa” contou com maior quantidade de aulas do professor ao longo do ano, praticamente todo o primeiro semestre foi dedicado ao assunto. Como também ocupou a maior quantidade de páginas com anotações de Thetis Nunes.
Napoleão Bonaparte/57	9.6.1939 5.7.1939 19.7.1939 4.8.1939 9.8.1939 11.8.1939 16.8.1939 18.8.1939	As aulas acerca do assunto foram interrompidas para o estudo de conteúdos relacionados a História do Brasil, sendo retomados após a “Revolução de 1820 e a volta da família real”
Vinda do príncipe Regente para o Brasil e suas consequências/19	7.7.1939 12.7.1939 14.7.1939	O ponto foi dividido em três aulas, o primeiro sobre a viagem e a chegada no Brasil, o segundo sobre a Revolução de 1817 e o último com a Revolução de 1820 e a volta da família real. Entende-se que é uma divisão do mesmo ponto, pois notou-se que quando concluiu-se um tema para outro usa-se a palavra “Fim”, no contrário vê-se “Continua”.
Prodromos da Independência do Brasil/18	6.9.1939 8.9.1939 13.9.1939	Ponto dividido em três aulas: - O dia do Fico - Do “Fico” a Independência - Guerras de Independência As anotações são de ordem cronológica com nomes e acontecimentos ano a ano do “Fico” até a independência em 1822.
O Congresso de Viena e sua importância/6	4.10.1939	Anota-se nomes de países e chefes de Estados presentes e tem-se a ideia explicitada de que “O Congresso de Viena foi a semente para as guerras futuras”.
A Restauração em França/5	6.10.1939	Exalta-se que mesmo após as guerras revolucionárias e napoleônicas “os princípios antigos se agitavam contra as novas ideias que eram liberais”.
A Santa Aliança e a política de restauração/5	13.10.1939	Explora-se a unidade política da Alemanha e da Itália, bem como aspectos da história França após a restauração monárquica.
O despertar da nacionalidade: libertação da Grécia/6	20.10.1939	A “libertação da Grécia” é interligada a França: “A Revolução Francesa deu aos gregos esperanças que da França viesse o momento que ansiavam”.
A revolução de 1830 em França, separação da Bélgica/7	25.10.1939	Análise das leis que desgastaram a figura do rei Carlos X, como a “lei do sacrilégio” e a de “100 milhões de francos para a indenização dos exilados por causa da Revolução Francesa”. Além do trato como a independência da Holanda e da Bélgica “dentro do governo de Luiz Felipe de Orleans”.
O Romantismo literário e Artístico/7	3.11.1939	Apresentação das figuras proeminentes do Romantismo em vários países da Europa e suas características principais. O Romantismo é situado da seguinte forma: “Houve quem dissesse do romantismo que ‘ele foi a Revolução Francesa das letras e das artes”. Em outro trecho continua “O romantismo foi uma reação contra o absolutismo dos antigos mestres, ou seja a escola clássica”.
D. Pedro I: o 1º império/8	8.11.1939	Na última aula do ano letivo, trata-se dos primeiros passos do Brasil independente com descrição de acontecimentos relacionados a Assembleia Constituinte, concluindo com uma menção a “Revolução Pernambucana”.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base no caderno de Maria Thetis Nunes – Fundo Maria Thetis Nunes – Acervo do IHGSE

Diante do quadro, é notório o destaque para o ponto da Revolução Francesa, bem como para Napoleão Bonaparte. A Revolução Francesa aparece nas anotações como o marco que inicia a Idade Contemporânea, mas consta que alguns preferem datar o começo da contemporaneidade com o governo de Napoleão Bonaparte. Com uma história atrelada a causas e consequências, os escritos expõem: “As causas próximas que ocasionou a Revolução foi a questão financeira; as remotas são: políticas, econômicas e sociais” e seguem com explicações sobre cada uma das causas com destaque para a política, que: “Não há representação do povo. O Parlamento é um tribunal destinado a aprovar ou não os decretos emanados do rei e no caso de não aprovar o rei força a isto fazer”.

Frases ditas por personagens que viveram como o rei Luis XIV: “O estado sou eu”, ou “É legal porque eu quero”, ou quando Necker disse: “A solução é chamar os Estados Gerais porque só o povo pode dizer que impostos é capaz de pagar”. Aparecem anotações assim em meio ao texto, como se existissem encenações dos conteúdos trabalhados na cadeira de História. Outro exemplo do que afirmo consta nas explanações do caderno referentes aos escritos de Joaquim Gonçalves Ledo sobre a Independência do Brasil: “não se ouça entre nós, outro grito que não seja de união. Do Amazonas ao Prata, não retumbe outro eco que não seja independência. Formem todas as nossas províncias o feixe misterioso que ninguém, nem força alguma possa quebrar”. E, em outra parte, continua a dialogar com D. Pedro I:

Príncipe rasguemos os veus do ministério! Rompa-se a nuvem que encobre o sol que deve raiar na esfera brasileira. Príncipe não despreze a glória de ser o fundador de um novo império! O Brasil de joelho te amostra o peito aberto e nele gravado em letras de diamante o teu nome! As nações todas têm um momento único que não torna quando escapa de estabelecer seus governos. Passou-se (CADERNO ESCOLAR DE MARIA THETIS NUNES, 1939).

A descrição exposta exala nacionalismo e patriotismo. A união das diferentes partes do Brasil em torno de um “feixe misterioso” inquebrável e o nome do imperador gravado no peito com “letras de diamante” são frases de efeito registradas no caderno que deixaram vestígios do que se ensinava na cadeira de História no Atheneu Sergipense na década de 1930.

Assim prosseguiam as aulas. Constantemente, usavam-se frases de efeitos para finalizar as preleções sobre determinados pontos da Revolução Francesa que continuariam a ser discutidos posteriormente. Só a título de exemplo: “Como Saturno a Revolução paria os próprios filhos”, ou em outra aula lê-se: “A rainha Maria Antonieta apresentou nos seus braços o Delfim ainda pequenino, o povo rompeu em aclamações. Parecia que tudo estava

resolvido, mas era apenas um clarão em meio a tempestade”. Os “filhos” da Revolução ou “a tempestade” anunciada foram trabalhados nas aulas seguintes, interligando os conteúdos.

Uma anotação da aula sobre a Revolução de 1817 fornece uma pista do autor do livro adotado ou mesmo que inspirava as aulas de Arthur Fortes. Ali consta “‘A colônia do Brasil permaneceu largo espaço de tempo ignorante e ignorada’ foi a frase do historiador Jonatas Serrano” (CADERNO DE MARIA THETIS NUNES, 1939). Pelos escritos, visualizo uma “pista” de que as concepções de História do professor do Colégio Pedro II, Jonathas Serrano, historiador e militante católico, faziam parte das aulas do professor Arthur Fortes frequentadas por Thetis Nunes.

O término das anotações de cada aula aparece constantemente com tons épicos e diálogos entre personagens interligados ao conteúdo abordado. Ao finalizar o ponto sobre a Família Real, lê-se: “Houve quem dissesse ‘que a maré levava o que trouxera’”; ou sobre o “Dia do Fico”: “E o Brasil continuava em sua marcha em passos rápidos para a Independência”. No ponto sobre a Independência, consta uma referência a D. Pedro quando teria dito: “Camaradas precisamos acabar com isso, chega de sermos (consta espaço em branco), sejamos livres e bradou ‘Independência ou Morte!’”.

Comparando os conteúdos anotados no caderno de Thetis Nunes com o Programa de História da Civilização do curso fundamental do ensino secundário no Brasil para 1931, exposto por Freitas (2006), o Programa dividia-se em “I-História Contemporânea” e “II-História da América e do Brasil”. No tocante ao primeiro conjunto de conteúdos, é perceptível que as aulas deveriam começar pela Revolução Francesa, como fez o professor Fortes; contudo, as aulas deveriam abarcar até a contemporaneidade, com o trato do comunismo, fascismo e as “dívidas de guerra, o desarmamento e a federação europeia”, mas cronologicamente os conteúdos anotados por Thetis Nunes se encerraram no século XIX.

Outro elemento concerne à concentração de aulas no trato com a Revolução Francesa – das vinte aulas registradas ao longo do primeiro semestre, nove abordam a referida temática. Todavia, vários outros pontos como “A evolução da Igreja contemporânea: os grandes papas, o Concílio do Vaticano, Syllabus, a perda do poder temporal. O modernismo”, ou “A questão do Oriente, o imperialismo colonial e a expansão da civilização europeia” (FREITAS, 2006, p. 198) não aparecem nas anotações de Maria Thetis Nunes. Acredita-se que este caderno foi utilizado durante todo o ano letivo, em razão do decurso das datas apontadas nos seus registros. Essa verificação admite o limite da fonte, neste caso, o caderno analisado, e pressupõe a possibilidade de outros documentos, comprovarem ou não o estudo dos quinze pontos em questão.

Pela contraposição entre o caderno e o programa de “História Contemporânea”, do total elencado para o ensino na última série do curso fundamental, foram contemplados sete; muitos deles, os títulos atribuídos nas anotações das aulas são exatamente iguais; outros, com ligeiras modificações. Nos pontos dos programas, anotados no caderno, lê-se:

- Causas e sucessos da Revolução Francesa, direitos do homem e do cidadão, constituição e representação popular; o exército popular – Luta da Europa contra a França Revolucionária – A era napoleônica – O Congresso de Viena e sua importância – A santa Aliança e a política de restauração – O despertar das nacionalidades e a luta pelo estado nacional e constitucional – O romantismo literário e artístico (FREITAS, 2006, p. 198).

Mesmo o programa contando ainda com mais oito pontos, Arthur Fortes somente contemplou esses, inclusive, na ordem de abordagem em sala, entremeando a História Contemporânea com o trato da História da América e do Brasil. Contudo, possivelmente, menos de cinquenta por cento do conhecimento histórico dedicado àquela série foi explorado nas aulas. Depreende-se assim que Fortes também fazia a seleção do que seria ou não necessário para a formação dos seus alunos, a depender de critérios do que considerava significativo ou não na cadeira lecionada, sendo que elementos desses “recortes do passado” influenciaram na formação não só de Thetis Nunes, nesse ano específico, mas de todos os outros sujeitos investigados, que atribuíram um lugar de destaque a Arthur Fortes nos seus percursos de formação.

Com relação à “História da América e do Brasil”, inserida no programa de História da Civilização, observa-se que houve sete aulas de um total de trinta anotadas por Thetis Nunes no ano letivo de 1939. O “Novo Continente” de forma geral figurou menos em suas aulas do que o ponto Revolução Francesa ou Napoleão Bonaparte.

Contrapondo com os programas de ensino de História de 1931, extraídos de Freitas (2006), nota-se que os vários pontos dedicados à história dos Estados Unidos da América, ou aos conflitos da América do Sul, à repercussão da grande guerra na América e mesmo com relação ao Brasil, os aspectos do segundo império, a questão religiosa e do negro no Brasil não foram contemplados nas anotações de Nunes, o que induz a pensar não terem sido explorados nas aulas de História da Civilização de Arthur Fortes para a 5ª série do curso fundamental de 1939.

Outro “indício” da aproximação do professor daquela “Casa de Educação Literária” com a obra de Serrano foi o fato expresso em Freitas (2006): o autor entendia não existir chance para os Estados Unidos na História por ser esse um lugar do futuro. Ao observar as

assertivas do referido autor acerca do lugar da História do Brasil na obra de Jonathas Serrano, reforça-se a ideia da aproximação de Arthur Fortes com o manual de História daquele catedrático do Pedro II.

Na idade contemporânea, o Brasil é personagem de experiência ainda fortuita. Ele está nas conseqüências da Revolução Francesa, especificamente na política expansionista de Napoleão – bloqueio intercontinental (que força a fuga da família real portuguesa para o Brasil) nos desdobramentos do ‘Governo constitucional na Europa’ – o movimento constitucionalista do Porto e do retorno de D. João VI a Portugal (FREITAS, 2006, p. 234).

Apreende-se uma maior aproximação de Arthur Fortes com o exposto acerca da obra de Jonathas Serrano do que com os programas de ensino da reforma Francisco Campos – o que induz à reflexão do papel do professor na condução da disciplina. Nesse sentido, as práticas docentes em sala de aula englobam “[...] o modo de transmitir, ensinar e aprender os conteúdos da disciplina – entre eles recorrer ou não aos livros de texto e o uso que professores e alunos fazem destes – e conduzir a aula [...]” (VIÑAO, 2008a, p. 207). Certamente no direcionamento das aulas de História, Fortes, o “poeta da rosa vermelha”, deixou marcas indeléveis na formação da jovem Thetis. Em viagem à Áustria, em 1977, ou seja, três décadas depois das aulas com Arthur Fortes, Thetis escreveu:

Andando por esses faustosos palácios, vendo desfilar reis e príncipes através de retratos pintados por grandes mestres, me vão pulando do fundo da memória as aulas de história do meu grande professor Artur Fortes no velho Ateneu da Rua da Frente. Mas são elas avivadas quando o guia nos indica o local quando Napoleão triunfante se deteve ao entrar em Viena, após a fuga da família imperial, ou onde se reuniu o congresso que em, 1815, reformulou o mapa político da Europa depois de Waterloo (NUNES, 1977, p. 3).

Thetis Nunes tinha o hábito de publicar constantemente nos jornais sergipanos relatos das viagens realizadas¹¹⁰. Nesse caso, a memória revela lembranças das aulas de Arthur Fortes

¹¹⁰ Como exemplo, pode-se citar mais um relato que rememora o seu professor Arthur Fortes, na descrição da sua viagem a Grécia em 1973, publicada na Gazeta de Sergipe com o título “Uma sergipana sobe a Acrópole”, assim descreve: “Transpondo os Propileus, o majestoso pórtico que dá acesso à Acrópole, defronto-me nessa esplêndida tarde de julho com as ruínas do mais famoso conjunto arquitetônico do mundo, que conseguiram sobreviver a destruição das invasões que se sucederam na terra grega após sua decadência. Era a realização de um velho sonho nascido nos bancos do Atheneu na rua da Frente, quando ainda criança iniciava o curso ginasial, cheia de fantasia e entusiasmo. A emoção que fui cercada me isolou da multidão alvoroçada dos turistas que às centenas, se movimentavam transformando o local numa Babel. Tão diferente eram os idiomas escutados. Sentada nessas rochas marcadas pelos séculos, senti-me a criança dos bancos do Atheneu e era a palavra do meu professor de História Artur Fortes que me guiava e ia apontando as ruínas dos monumentos que resistiram ao decorrer do tempo contando-me sua história” (NUNES, 1973, p.2, grifos meus). Os relatos de viagens dos

que, ao serem comparadas com as anotações presentes no caderno da aluna do ensino secundário, reitera a ideia da permanência de elementos da vida escolar na vida dos sujeitos ao passarem pela escola. As aulas de Fortes aparecem constantemente nos relatos da Thetis Nunes historiadora, talvez mais do que um professor, Fortes simbolizava na sua memória um ponto de referência para o início da sua trajetória.

Para Nely Santos: “Indiscutivelmente, o jornalista, poeta e parlamentar Arthur Fortes foi o professor de maior influência de sua vida estudantil” (SANTOS, 1999, p. 92). As marcas deixadas pelo professor Arthur Fortes nos seus alunos podem ser visualizadas em outros depoimentos de discentes que estudaram no Atheneu Sergipense na década de 1930. Joel Silveira (1998), por exemplo, ao tratar do citado professor nas suas memórias relembra:

Inflamado, os cabelos ruivos, rosa vermelha na lapela, Artur Fortes, não se cansava de dizer:

- O Grêmio de vocês é a Convenção francesa instalada no Ateneu. Sabia de cor, e em francês, as orações mais famosas de Danton, seu ídolo, que passou a ser também o meu. Certo dia ele me deu de presente uma gravura antiga de Danton, a cara bexinguenta, o rosto redondo e os lábios grossos, aparecia de peruca branca, discursando na Convenção. Mandeí emoldurar a gravura, dependurei-a na parede do meu quarto (SILVEIRA, 1998, p. 32).

Tal relato denota “indícios” do que se discutia no ensino de História em pleno regime Vargas, a comparação entre o Grêmio e a grande Convenção da Revolução Francesa. Além dos símbolos presentes no cotidiano daqueles alunos, que extrapolavam o dia-a-dia da escola e chegava ao quarto do discente. Elementos que também podem ter feito parte da vida da estudante itabaianense no Atheneu Sergipense.

Além dessas facetas da discente Thetis Nunes, observa-se também seu envolvimento na política estudantil daquele estabelecimento de ensino. Rodrigues (2015) pontua que as alunas Neusa Nascimento e Maria Thetis Nunes participaram como sócias e oradoras do Grêmio Literário Clodomir Silva, como perceptível no seu discurso na Inauguração do Centro Estudantil, em 1938:

Platão afirmava: ‘um dia, uma hora, um momento de heroísmo vale mais que um século de prudência vulgar ou de virtude trivial’. E foi com os olhos dirigidos para estas palavras do imortal filósofo grego que ousei-me dirigir a tão ilustre auditório a fim de desempenhar a missão que me confiaram: representar nesta solenidade a mocidade feminina de minha terra. Aceitei esta missão com entusiasmo porque via o apoio de minhas colegas esta idéia do

joventes estudantes demonstrando que já não é a mulher antiga, enclausurada nas alcovas sombrias, completamente alheia às letras, á civilização e sim a mulher instruída que dia a dia vai revelando sua inteligência, sua inclinação, as artes, a literatura (NUNES, 1938, s/p).

Esse fragmento inicial do discurso de Thetis Nunes, na condição de aluna do quarto ano do curso fundamental do Atheneu Sergipense, aponta elementos do pensamento da jovem estudante defensora dos direitos das mulheres e representante das estudantes daquela instituição de ensino no ato de inauguração do Centro Estudantil. Tal discurso é seguido por referências à Júlia Lopes de Almeida, Victor Hugo, Aristóteles e Sócrates. Além disso, expressa seu pensamento através de frases como: “A educação de um povo é um dos urgentes e maiores problemas”; e na conclusão do parágrafo final afirma: “O progresso é um Tiradentes dando seu sangue em prol da liberdade da Terra de Santa Cruz”.

Um discurso como o citado, proferido em um auditório repleto de estudantes e entre eles algumas mulheres, possivelmente, contribuiu para que o nome de Thetis Nunes ganhasse relevo no meio estudantil, sendo não mais a menina de Itabaiana que chegou à cidade grande, mas, também, construindo “redes” por meio de laços de afetividade e ideológicos, dialogando com os escritos de Sirinelli (2003).

Faz-se necessário ressaltar ainda que o discurso proferido pela aluna Thetis Nunes é datado de 1938, um ano após o chamado Golpe do Estado Novo de Getúlio Vargas, ou seja, a liberdade nos diferentes cantos do país era vigiada, mas no Atheneu Sergipense, a itabaianense continuou a estudar e, em 1939, concluiu o seu curso fundamental.

Figura 12 - Formatura do curso complementar de Thetis Nunes no Atheneu Sergipense – 1939



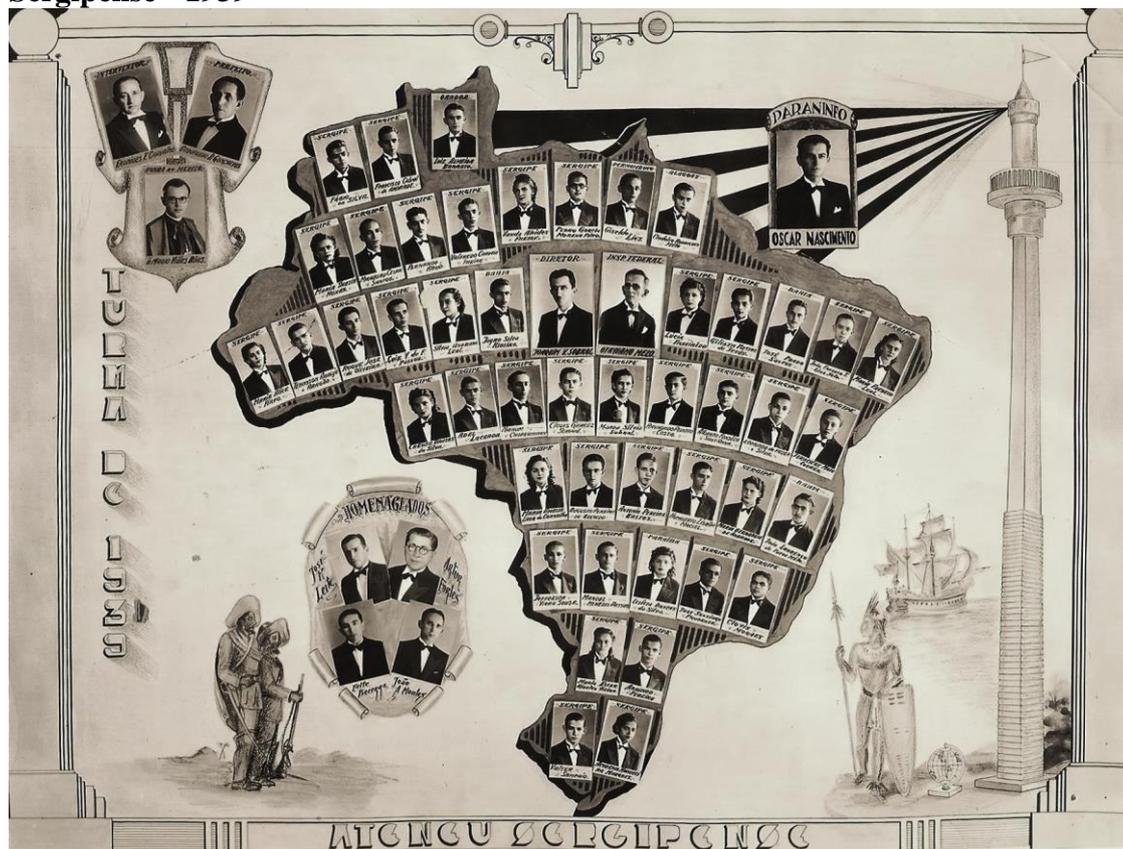
Fonte: Jornal *Folha da Manhã*, 6 de Dezembro de 1939 – Acervo do IHGSE.
 Autoria: Desconhecida.

A imagem estampada na primeira página do jornal *Diário de Sergipe* vinha logo abaixo do título da matéria: “Mais uma turma diplomada pelo Atheneu Sergipense”. Na ocasião, elogiava-se aquela instituição de ensino secundário e mesmo a “ficha especial” que a escola sergipana possuía e que outras congêneres de estados mais ricos não contavam. Já com relação aos estudantes, assim refere-se o jornal: “Os que chegam, como chegaram os jovens estudantes sergipanos ao termino duma jornada gloriosa, muito embora cheia de tropeços e espinhos, têm direito a essas expansões de alegria” (FOLHA DA MANHÃ, 6 de Dezembro de 1939, p. 1).

Na fotografia, identificam-se: o professor Oscar Nascimento, de História Natural, que foi o paraninfo da turma, trajado de terno claro; ao lado dele, o diretor do Atheneu Sergipense, Joaquim Vieira Sobral, no centro, além de toda a turma, composta por nove mulheres e vinte dois homens¹¹¹. Entre os formandos, está Thetis Nunes, a primeira da esquerda para direita, aluna em destaque na fotografia.

¹¹¹ Concluíram o curso juntamente com Thetis Nunes: Abel Lacerda, Acirema Manguiera Marques, Alberto Fonseca Santana, Antônio Pereira Bastos, Armindo Pereira, Augusto Pereira de Azevedo, Clodolfo Rodrigues Melo, Clóvis Garcez Sobral, Clóvis Morais, Creuza Dantas da Silva, Edmundo de Paula e Silva, Fábio da Silva, Fernando Abud, Francisco Cabral de Andrade, Gisele Lins, Humberto Lisboa Maciel, Gilliath Passos de Jesus, João Cardoso Lima Neto, João Lourenço de Paiva Melo, José Prado Santos, José Santiago Prudente, Juraciere Maria Correia, Letícia Dantas da Silva, Luís Almeida Barreto, Luiz de Faro Passos, Lúcia Figueiredo, Manoel Menezes Passos, Maria Alice Firpo, Maria Amélia Lins de Carvalho, Maria Ester Vieira Ribeiro, Maria Pacheco Leal, Maria Sílvia Sobral, Mirabeau César Santos, Nahum Chapermann, Pedro Garcia Moreno, Raimundo Peixoto Costa, Roque José de Oliveira, Sílvia Andrade Leal, Tênisson de Aragão Araújo, Valfredo Cardoso Freire, Walter Sampaio e Wanda Alcides Freire (FOLHA DA MANHÃ, 6 de Dezembro de 1939).

Figura 13 - Placa da turma de concludentes do curso fundamental do Atheneu Sergipense - 1939



Fonte: Acervo do IHGSE
 Autoria Desconhecida

Da imagem da placa de formatura, podem ser extraídos alguns elementos da história da educação sergipana da década de 1930, cujos sujeitos investigados estavam inseridos. Em primeiro lugar, o quantitativo de alunos em detrimento das alunas. Outro ponto são seus retratos gravados no mapa do Brasil, numa nítida alusão de que a nação era constituída por esses adolescentes que se formavam nas escolas secundárias brasileiras, aspectos do civismo e patriotismo – tão explorados no governo de Getúlio Vargas; além disso, a imagem do diretor e do inspetor federal figuram no “centro” do mapa, ou, em outras palavras, no “coração da nação”.

As imagens que estão no entorno, como o farol que projeta o mapa do país, transmite a ideia de que, para além das diferenças existentes nos componentes do mapa, todos saem do mesmo ponto, da mesma base. E, nessa base, o que se observa são elementos da história brasileira, como os nativos e a chegada dos europeus junto com o globo terrestre, situando o país no mundo, de um lado; e, do outro, figuras que remetem aos bandeirantes que, assim como os índios, olhavam para o “mapa da Turma de 1939” do Atheneu Sergipense. Placas em

formato de mapa eram muito comuns no Brasil nesse período. Souza (2006), por exemplo, mostra placa de formatura de aluno do Ginásio gravado no mapa do estado de São Paulo.

Além dos discentes, do paraninfo, diretor e inspetor, aparecem na parte superior da placa, não por acaso, nessa parte da placa, a imagem do inspetor Eronildes Ferreira de Carvalho, o prefeito de Aracaju, Godofredo Diniz, e ainda Mário Vilas Boas no quesito honra ao mérito. No espaço dos professores homenageados, constam dois catedráticos já consagrados no Atheneu Sergipense, Arthur Fortes e João Alfredo Montes, somados a dois jovens professores que ingressaram na docência na segunda metade da década de 1930, o engenheiro José Rolemberg Leite e o dentista Felte Bezerra.

A figura de orador da turma ficou sob a responsabilidade de Luiz Almeida Barreto, ou seja, Thetis Nunes, não estava sozinha nos discursos naquela escola, muitos estudantes, assim como ela, falavam para o público e, no momento da formatura, o posto de maior destaque dentro dos concludentes não foi ocupado pela itabaiense que, em suas memórias, tanto reitera as posições de relevo obtidas. Cabe salientar ainda que, dentre os formandos, um grande número de sergipanos; por conseguinte, o Atheneu Sergipense contava também com alunos de outros estados – visualiza-se um alagoano, um pernambucano, um paraibano e três baianos. Em suas próprias palavras, Thetis Nunes assim descreve o período de estudante daquela "Casa de Educação Literária", sob a direção de Joaquim Vieira Sobral:

Lá chegando criança, cursaria os cinco anos ginasiais e os dois complementares, dentro do esquema da Reforma Francisco Campos. [...] Grande parte dessa vivência ocorreu sob a direção de Joaquim Sobral, que se iniciou quando eu ainda cursava a primeira série ginásial. [...] Foi ele um precursor da assistência ao estudante pobre, numa época que o jovem desprovido de recursos não contava com qualquer ajuda dos poderes públicos para estudar (NUNES, 1980, p. 2)¹¹².

O que se pode entender por “estudante pobre”? Talvez os grandes elogios que Thetis Nunes efetuou ao professor de Desenho esteja atrelado ao apoio fornecido a ela, e outros sergipanos que, não possuidores de vasto capital econômico, como muitos dos seus colegas de

¹¹² Ainda sobre as mudanças ocorridas no âmbito do Atheneu Sergipense no final dos anos de 1930, vale transcrever o que diz a ex-aluna Thetis Nunes: “O ateneu de Joaquim Sobral marcou época na história do ensino secundário sergipano: Biblioteca para leitura e para empréstimo aos estudantes desprovidos de recursos, cooperativa escolar, gabinetes para ensino prático de ciências, enquanto eram ativadas a educação física e os esportes, responsáveis por competições que na época, fizeram sucesso por seu traço inovador. As atividades literárias foram estimuladas, e tivemos o período áureo do Grêmio “Clodomir Silva”, como ainda podem testemunhar os números de “A Voz do Atheneu”, seu arauto, através de artigos, contos e poesias, escritos por nomes que se projetariam na intelectual do país” (NUNES, 1980, p. 2). As inovações pedagógicas citadas por Thetis Nunes ocorridas no Atheneu Sergipense em pleno governo de Getúlio Vargas (1930-1945) e no bojo das discussões escolanovistas ainda carecem de pesquisas específicas para problematizar as memórias acerca desse “precursor da assistência ao estudante pobre”.

classe, sentaram nos bancos do velho Atheneu e dali seguiram para diferentes profissões de comando. Possivelmente, Thetis Nunes precisou do apoio de Joaquim Sobral na fase de adaptação à escola, ou mesmo para poder se integrar ao ambiente novo que surgia na vida da interiorana no universo de muitos professores e exigências próprias do secundário da época. Os escritos sobre a direção de Joaquim Sobral também auxiliam no entendimento dos itinerários da vida estudantil de Thetis Nunes, Cabral Machado, Silvério Leite e Bonifácio Fortes que estiveram naquela instituição como alunos nesse período e de Felte Bezerra, companheiro de Congregação do “percursor na assistência do estudante pobre”.

Assim, Thetis Nunes e mais outros poucos concludentes do curso continuaram os preparativos para o ingresso no ensino superior nos chamados cursos complementares. No Atheneu Sergipense, Thetis Nunes foi aluna daqueles que depois foram seus colegas de profissão: Abdias Bezerra, Felte Bezerra, Gentil Tavares, José Augusto da Rocha Lima, José Rollemberg Leite, Gonçalo Rollemberg Leite, Mario Vilas Boas, Arthur Fortes entre outros. Este último marcou profundamente sua formação como professora e historiadora.

No Atheneu Sergipense, Maria Thetis Nunes estudou durante sete anos, concluiu o ginásio, em 1939; e o curso pré-jurídico, em 1941. Segundo a Reforma Francisco Campos no seu Art. 5º: “Para os candidatos à matrícula no curso jurídico são disciplinas obrigatórias: 1ª série: Latim - Literatura - História da civilização - Noções de Economia e Estatística - Biologia geral - Psicologia e Lógica. 2ª série Latim - Literatura - Geografia - Higiene - Sociologia - História da Filosofia”. Em entrevista a Jucá Melo (2006), Thetis Nunes credita sua formação a vários docentes, entre eles, alguns professores do ISEB¹¹³, como: Álvaro Vieira Pinto, Guerreiro Ramos, Inácio Rangel, Celso Furtado e Nelson Werneck Sodré, e outros do Atheneu Sergipense.

[...] tive professores maravilhosos, como Arthur Fortes, Gonçalo Rollemberg Leite, que foi o meu professor de Literatura por dois anos e que abriu o meu caminho para conhecer a literatura do Brasil e principalmente de Sergipe. Manoel Bomfim, eu só conheci graças a Gonçalo e depois me foi útil quando no ISEB tive que desenvolver um trabalho com conotações nacionalistas; como sou ligada a Sergipe e queria fazer um trabalho relativo a Sergipe aí

¹¹³ Para Leandro Konder (2005) o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) “[...] reunia no Rio de Janeiro, uma gama bastante variada de intelectuais, desde Álvaro Vieira Pinto, Roland Corbisier, Nelson Werneck Sodré, Guerreiro Ramos, Cândido Mendes de Almeida, Hélio Jaguaribe até Adroaldo Campos e o padre Augusto Magne. O programa que a instituição se propunha era o de contribuir para a construção de uma ideologia do desenvolvimento nacional, identificada com os anseios das massas populares. Não havia, entretanto, nenhum consenso no que se refere a como deveria ser essa ideologia ou como ela deveria se identificar com o povo” (KONDER, 2005, p. 363). Thetis Nunes foi estagiária do ISEB nos últimos anos da década de 1950, fragmento do seu itinerário intelectual que ainda necessita de estudos e problematizações.

me lembrei de Manoel Bomfim, que o professor Gonçalo tanto falava e fui estudar este Manoel Bomfim (NUNES, 2006, *apud* MELO, 2006, p. 55).

Gonçalo Rollemberg, seu professor de Literatura do curso pré-jurídico, reitera o papel do docente na formação dos alunos. No caso de Thetis, a pesquisa sobre Manoel Bomfim remete a uma lembrança das aulas de Literatura com Gonçalo. Do Atheneu Sergipense, seguiu para a Faculdade de Filosofia da Bahia para ser aluna da primeira turma do curso de Geografia e História.

3.5 DAS PRIMEIRAS AULAS COM IAIAZINHA AOS ESCRITOS NO CURSO CLÁSSICO DO ATHENEU SERGIPENSE: O ALUNO BONIFÁCIO FORTES

Nascido em Aracaju em 1926, José Bonifácio Fortes Neto teve as suas primeiras lições com a Professora Iaiazinha Maia, docente da cidade de Laranjeiras que veio residir na capital de Sergipe. De lá, foi para o Jardim de Infância Augusto Maynard Gomes, sendo que seu nome consta na Lista de Matrícula dos alunos do citado Jardim de Infância no seu primeiro ano de funcionamento com o número 51 (LEAL, 2004).

A Casa da Criança, implantada em 1932 com o Jardim de Infância, e a Inspetoria de Higiene Infantil foi uma inovação em Sergipe, tendo em vista que poucas instituições no país tinham os ideais educativos aliados aos cuidados com a saúde e a higiene infantil (LEAL, 2004). Deste modo, aquela instituição nasceu da conjunção de forças da sociedade civil e das normalistas que fizeram com que as práticas educativas no Jardim, durante a primeira década de funcionamento, considerassem: “[...] a formação da criança como sujeito social, enfatizando os aspectos psicológicos, morais e intelectuais, na medida em que se voltava para a sua preparação para a vida em sociedade e cotidiana, e para o ingresso nas escolas primárias” (LEAL, 2004, p. 99).

Segundo Souto (2003a e 2003b), por meio da análise do programa do Jardim de Infância Augusto Maynard, de 1934, enviado ao Diretor da Instrução Pública pela primeira diretora, a professora Penélope Magalhães dos Santos¹¹⁴, pode-se constatar que praticamente

¹¹⁴ Segundo Vilas-Bôas (2000), Penélope Santos Magalhães (1886-1982), nasceu na cidade de Laranjeiras-SE e ali estudou na Escola Americana, instituição protestante, onde começou seu interesse pela música, inclusive aprendendo a tocar piano. Tempos depois seguiu para a Califórnia nos Estados Unidos para continuar os estudos. Lá permaneceu por doze anos, inclusive começou a vida na docência. De volta ao Brasil trabalhou por algum tempo no Colégio de Ponte Nova na Bahia e depois retornou a Sergipe. Assumiu a cadeira de Inglês da Escola

não há diferenças relativas ao programa do Jardim da Escola Normal de São Paulo (1916) da diretora do Jardim, a professora Ernestina Varela.

Por meio dos seus estudos, Souto (2003a e 2003b) esclarece que as semelhanças entre os programas das escolas ocorrem tanto no tocante aos seus objetivos gerais, como também à sua forma de organização, por exemplo: os exercícios de linguagem; trato com os dons froebelianos, como as esferas, os cubos, cilindros; trabalhos manuais; trabalhos com números; ginástica; músicas, entre outros. A utilização dos jogos de Decroly e a distinção das formas, nas 1ª e 2ª séries de cartões Montessori também exerceram forte alcance nestes programas pedagógicos. A partir do cotejo dos programas, o autor defende a ideia de uma influência dos moldes pedagógicos oriundos do centro-sul do país no funcionamento do primeiro Jardim da Infância público sergipano, aspectos que refletiram na formação e na posição social dos alunos oriundos dessa instituição, entre eles, Bonifácio Fortes.

Dentro dessa perspectiva, Leal (2004) salienta que os ideais de inovações educativas para a formação da criança, principalmente com as ideias de Friedrich Froebel sobre Jardim de Infância, kindergarten, fundamentaram-se as propostas e a atuação do Jardim de Infância em Sergipe. Cabe salientar ainda que a sua primeira diretora, Penélope de Magalhães, foi designada para estudar a organização do Jardim de Infância no Rio de Janeiro e em São Paulo, em 1931, e lá, observou e trouxe para Sergipe, as ideias expostas em relatório divulgado no *Diário Oficial do Estado*, em 13 de janeiro de 1932.

Vilas-Bôas (2000) esclarece que as visitas da professora Penélope aos citados estados contribuíram para a criação do Jardim, que não seguiu os modelos tradicionais nem ao menos com relação ao espaço. A instituição contava com módulos que ofereciam recreação, teatro, dança, desenho e música, contando ainda com um auditório em formato de concha para a comemoração das datas festivas e um busto de Augusto Maynard Gomes logo na entrada.

Segundo Leal (2004), é com base nessas experiências da pioneira diretora, juntamente com outros sujeitos, como Helvécio de Andrade, que o Jardim é criado e Bonifácio Fortes lá estava na sua primeira turma sendo aluno da professora Marita Vilas Boas. Do Jardim de Infância, Bonifácio Fortes seguiu para o Colégio Nossa Senhora da Glória, onde realizou o curso primário. Tal escola funcionava na Rua de Maruim, entre Itabaiana e Santa Luzia, o

Normal e teve atuação marcante em algumas escolas particulares do estado, inclusive no Jardim de Infância Augusto Maynard. De acordo com Nunes (2008, p. 267) a partir de uma fala de Maria Rita Soares de Almeida no ano de 1929, Penélope Magalhães “[...] no momento ‘a mulher mais culta de Sergipe. Educada no centro fértil central que é a América do Norte, trouxe para seu estado, vasto cabedal, que aqui transfunde altruisticamente a quantos buscam ensinamentos em seu talento e cultura’”.

estabelecimento era dirigido por Cecília Maia; nesta instituição, foi aluno de Maria Clara Freire, conhecida como Dona Clarita, e estudou lá de 1933 a 1936 (SANTOS, 1992).

Ainda segundo a mesma fonte, seu curso ginásial foi realizado no Colégio Tobias Barreto. Todavia, no secundário migrou para o Atheneu Sergipense, concluindo-o em 1944. No Boletim Geral da Terceira Série de 1940 do Colégio Tobias Barreto, consta o nome de Bonifácio Forte tendo cursado as disciplinas de Português, Francês, Inglês, História da Civilização, Geografia, Matemática, Física, Química, História Natural e Desenho (LIVRO DE NOTAS DE ALUNOS DO TOBIAS BARRETO (1933 a 1941) – DIESP/SE).

A saída de Bonifácio do Colégio Tobias Barreto ocorreu por conta de uma punição injusta recebida por ele, naquele estabelecimento de ensino, conhecido pela rigidez e militarização. Sobre a fase de estudante no Tobias Barreto, afirma ter sido uma experiência trágica: “Tinha um tal de boletim diário, de araque, umas guardas, uma prisão, onde você fazia qualquer coisa em sala de aula e um bedel reclamava, prendia a gente” (FORTES NETO, 1992, p. 9).

Bonifácio Fortes não aprofunda o assunto da expulsão daquele estabelecimento de ensino. Não obstante, é preciso ressaltar que um acontecimento como este possivelmente repercutiu no meio estudantil e mesmo no magistério daquela e de outras escolas, do seu entorno. Bonifácio Fortes era filho de um secretário do Estado, dentista da cidade, seu irmão mais velho, Lélcio Fortes, frequentou a mesma escola e, além disso, era um discente, com publicações em jornais de circulação local e ativa participação em associações estudantis.

A expulsão pode estar ligada às atividades no grêmio estudantil, ou mesmo a um não enquadramento de Bonifácio Fortes às regras da escola – quiçá liderou um grupo de discentes que ameaçavam a ordem da instituição educacional. Tais induções podem ser extraídas do trecho registrado por Bonifácio na entrevista exposta sobre a existência de uma “prisão”: “[...] onde você fazia qualquer coisa em sala de aula e um bedel reclamava, prendia a gente” (FORTES NETO, 1992, p. 9). O fato de apresentar uma experiência na “prisão” da escola e relatar as reclamações do bedel mostram que possivelmente a expulsão não foi a primeira vez de embates entre o aluno Bonifácio Fortes e a direção daquele estabelecimento de ensino, pelo contrário, pode ter sido a culminância de um processo de divergências.

Mesmo assim, lembrou das qualidades do seu diretor, tendo “Zezinho Cardoso como um grande educador” e salientou que o sustentáculo do colégio, além do proprietário, estava nas mãos do professor José Barreto Fontes, o Barretão, e da professora Estelita Dias. Nesse colégio, foi aluno dos mais renomados professores à época, tal como consta no Quadro 7:

Quadro 7 - Itinerários de José Bonifácio Fortes Neto como discente do curso ginásial do Colégio Tobias Barreto (1938-1942)

CADEIRA	PROFESSOR
Geografia	Luiz Figueiredo Martins
História Natural	Garcia Moreno
História	José Calazans Brandão da Silva
Matemática	Abdias Bezerra
História	Arthur Fortes
Português	Santos Melo
Física e Química	Lucilo da Costa Pinto
Ciências	José de Alencar Cardoso
Física	Tavares Bragança
	João Alfredo Montes
Português	Acrísio Cruz

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base no depoimento de Bonifácio Fortes publicado no *Jornal da Cidade* (1992), *Breve Biografia de Bonifácio Fortes* (s/d) e os estudos de Manguiera (2003).

Além dos mestres ilustrados no Quadro, Bonifácio citou também o Padre Jackson e o professor Jacinto sem fornecer maiores detalhes. Manguiera (2003) mostra que dos 15 professores do Colégio Tobias Barreto, no ano de 1934, 9 também eram professores do Atheneu Sergipense. Já no ano de 1939, podem-se localizar nomes como os de Felte Bezerra, que também lecionava nas duas instituições.

Em outro registro, acerca do seu período do Ginásio, Bonifácio destacou a figura de José Rollemberg Leite como seu professor de Física no Tobias Barreto, entre 1941 e 1942, sublinhando: “[...] o valor didático de suas aulas, a segura competência e exatidão no cumprimento do dever, seu respeito pelo aluno e a justiça do seu julgamento” (FORTES NETO, 1981, p. 14).

Um significativo elemento para compreender a formação intelectual de Bonifácio Fortes no Colégio Tobias Barreto trata-se da matéria “Cidade berço de Sergipe”, publicada pelo estudante da 4ª Série B no jornal *O Nordeste*. O texto escrito por Bonifácio traz um relato do discente após uma viagem para a cidade de São Cristóvão/SE conduzida pelo professor de História do Brasil, José Calasans Brandão da Silva¹¹⁵. Na publicação, Bonifácio aponta o objetivo da excursão e outros detalhes daquela aula que figurou na imprensa sergipana:

A finalidade da excursão era a mais útil possível.
 Íamos aprender a História de Sergipe no mesmo local do seu nascimento e ouvir o professor José Calasans, talento moço e sadio, notável pesquisador

¹¹⁵ Santos (2015) explora a referida matéria com um olhar voltado para a cidade de São Cristóvão, a figura de José Calasans e o patrimônio histórico sergipano dentro da problematização da tese acerca dos caminhos da Romaria do Senhor dos Passos em Sergipe.

das coisas úteis e interessante da História do Brasil. Irmanados com o único objetivo: - Aprender – fomos conhecer de perto a relíquia dadivosa, a joia mais preciosa. [...] São Cristóvão é uma cidade antiga, seu estilo é colonial e lembra Salvador. É uma cidade monumento onde tudo é História, recordações de Sergipe de outrora (FORTES NETO, 1941, p. 3).

O texto bem escrito, com elogios ao docente, pode ter passado tanto pelo crivo de José Calasans, como pelo pai de Bonifácio, Arício Fortes, que à época trabalhava com o professor de História do Brasil na Diretoria Geral do Ensino. O fato de um jovem com 15 anos de idade, aluno do ensino secundário, publicar na imprensa local também merece ser ressaltado, além de comparar São Cristóvão a Salvador – possibilitando inferir que, possivelmente, Bonifácio já conhecia a capital da Bahia, pois o irmão dele já estudava no vizinho estado e os laços com aquela cidade já existiam antes mesmo da sua mudança para cursar o ensino superior.

O trato com os conteúdos de História, a valorização dos elementos arquitetônicos da cidade como uma “relíquia dadivosa”, possivelmente, expressões ouvidas do próprio professor, assim como o fato de fazer referência ao estilo colonial de São Cristóvão e, mais que isso, o uso da expressão “cidade monumento” são elementos que apontam para as práticas educativas efetivadas dentro ou fora da sala de aula e indicam o cotidiano da formação de Bonifácio. Outra passagem da matéria ajuda no entendimento do que foi ensinado naquela aula, na primeira capital de Sergipe:

[...] Calazans reunindo os seus alunos dirigiu-se à igreja Matriz, onde à porta fez demorada preleção. A igreja Matriz também chamada Igreja de Nossa Senhora da Vitória é um belo templo, tem seu aspecto novo e, passa, por ser exteriormente a mais bela da cidade. Conta-se que é a Igreja mais velha de São Cristovam, mas esse fato não tem confirmação precisa. Narra-se que fora construída por ordem dos Felipes da Espanha (1590 1640) e até o século passado ostentava ainda os brasões desses monarcas. Atualmente há em sua fachada 3 datas : 1687 – 1845 – 1855 - que nos deixam em dúvida acerca de sua construção. A Igreja está pintada de nova e tem as torres cobertas de azulejo. Sob o ponto de vista artístico o interior não impressiona. Nela achase enterrado o Comendador Sebastião Gaspar de Almeida Boto e o célebre orador Padre José Gonçalves Barroso, que foi o seu reconstrutor (FORTES NETO, 1941, p. 3).

A descrição do estudante da quarta série do ensino secundário sobre a aula de História aparece marcada pelos detalhes e acontecimentos que ligam São Cristóvão à História da colonização do Brasil de forma mais ampla. Aspectos como o nome da Igreja Matriz e a crítica de que “Sob o ponto de vista artístico o interior não impressiona” são contundentes e mostram opinião diante do que viu na cidade e ouviu de José Calasans.

Quando tratou de uma “demorada preleção”, tem-se uma “pista” para entender como funcionavam essas aulas para além do espaço escolar. Preleções e observação do espaço visitado acompanhado de mais informações do professor da cadeira, como deve ser o caso de Bonifácio saber que a construção da matriz está vinculada ao reino da Espanha ou mesmo atentar-se para as três datas figuradas na fachada da igreja matriz.

Provavelmente ouviu do seu professor de História do Brasil, de quem se tratava as figuras ali enterradas, um dos políticos de maior atuação em Sergipe no século XIX e o vigário que reconstruiu a Igreja visitada. As aulas em São Cristóvão, possivelmente, faziam parte do programa de História da Civilização do curso fundamental, pois a cadeira de História do Brasil, de forma separada da Universal, surgiu com a Reforma de Gustavo Capanema em 1942.

A aula na antiga São Cristóvão prosseguiu pela Igreja e Ordem Terceira do Carmo; passou pelo claustro e pelo “Pateo dos Milagres”. Logo depois, seguiram para o claustro do convento das carmelitas, o palácio onde foram recebidos pelo prefeito da cidade, e ouviu-se por volta de mais trinta minutos as falas de José Calasans sobre a história da cidade, dos ataques holandeses e a visita do Imperador D. Pedro II. Para completar a aula, ouviram histórias sobre João Bebe Água, foram à igreja da Misericórdia e aos templos do Amparo e do Rosário. Dali, deslocaram-se para a fábrica “Pedreiras”, sendo recebidos pelo engenheiro e ex-interventor de Sergipe, Leandro Maynard Maciel, que os guiou pela usina, vila operária e outras partes da obra. Para finalizar sua descrição, Bonifácio escreve: “[...] com os corações cheios de alegria e deslumbrados com este São Cristovam de hoje moça velha, feliz, rica, industrial e progressista” (FORTES NETO, 1941, p. 4).

No programa da cadeira referente à 4ª série do curso fundamental, expostos por Freitas (2006, p. 198 – 199), observam-se conteúdos como a “Extensão do poderio português: capitânicas e governo geral”, “As vilas e cidades brasileiras; as câmeras municipais”, ou mesmo “A Igreja no Brasil: sua organização e influência”. Pontos do programa de ensino que facilmente poderiam ser explorados naquela aula ministrada em São Cristóvão, narrada nas palavras do aluno de Bonifácio Fortes.

O professor responsável pela viagem foi José Calasans Brandão da Silva¹¹⁶, à época, um jovem docente, como descrito na reportagem que já se dedicava ao universo das pesquisas. Em Sergipe, Calasans atuou como professor no Atheneu Sergipense (1938-1944), Escola Normal Rui Barbosa (1939-1947), Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1940) e no

¹¹⁶ A respeito de José Calasans Brandão da Silva (1915-2001) no magistério em Sergipe ver Costa (2011), já sobre a vida do sergipano na Bahia consultar Nascimento (2004).

Colégio Tobias Barreto (1941). As aulas de História do Brasil com José Calasans no Tobias Barreto, ou no Atheneu Sergipense com Oscar Nascimento e Arthur Fortes podem ter contribuído no gosto pela História de Bonifácio Fortes, sendo que já no final da década de 1940 e ao longo de 1950 lecionou História do Brasil nas duas escolas onde cursou seu ensino secundário, Atheneu Sergipense e Tobias Barreto, além de se aventurar pelos caminhos do magistério no Colégio Jackson de Figueiredo e na Escola Normal Rui Barbosa.

Em 1943, quando ingressou no Atheneu Sergipense, este atendia às deliberações da Reforma de Gustavo Capanema¹¹⁷ e alterava novamente a estrutura do ensino, sendo Bonifácio aluno da primeira turma do curso clássico. Neste momento, o estabelecimento de ensino secundário encontrava-se sob a direção do professor Joaquim Vieira Sobral.

Segundo Souza (2008), a Reforma do Ministro Gustavo Capanema, em 1942, denominada Lei Orgânica do Ensino Secundário (Decreto-lei n. 4.244, de 9 de abril de 1942), conseguiu, em certa medida, recuperar algumas das tradições nesse ramo do ensino, retiradas na Reforma de Francisco Campos, em 1931: “[...] especialmente a formação humanista e a concepção do ensino secundário como educação das elites (SOUZA, 2008, p. 171)¹¹⁸.

Como estudante secundarista, a vida de Bonifácio Fortes foi intensa. No *Diário Oficial do Estado de Sergipe* de 10 de agosto de 1943, localizei a instalação da Associação dos Estudantes Secundários de Sergipe, que tinha como norma defender a classe estudantil e eleger seus membros para participar do I Congresso Interestadual de Estudantes Secundários

¹¹⁷ Para explicar a Reforma Capanema, o Atheneu Sergipense publicou no *Diário Oficial do Estado de Sergipe* em 30 de Dezembro de 1942 uma matéria intitulada “Colégio Estadual de Sergipe – Curso clássico e curso científico” e prossegue “Afim de que seus pais e alunos tenham conhecimento do segundo ciclo do ensino secundário, a diretoria do Colégio Estadual de Sergipe publica as seguintes observações: 1- Terminado os estudos do curso ginásial (os quatro primeiros anos), o aluno que desejar consolidar a educação recebida no curso ginásial e assim fizer jus ao ingresso nas faculdades ou escolas superiores, terá de optar por um dos cursos, clássico ou científico. 2- Qualquer desses cursos dará direito, sem necessidade de exames vestibulares, à matrícula em qualquer faculdade ou escola superior, ao contrário do que ocorria com o curso complementar da legislação anterior o qual era dividido em seções (pré-jurídica, politécnica e médica), cada uma das quais especializava o aluno para determinada profissão. 3- No curso clássico prepondera a formação literária; no curso científico haverá um estudo maior da ciência. 4- Quem tiver penhor para letras, língua e filosofia deverá preferir o curso clássico. Aquele, porém, cuja vocação levar de preferência aos estudos de matemática, física, química e biologia, escolherá o curso científico. 5- Serão disciplinas do curso clássico: português, latim, grego (facultativo), francês, inglês, espanhol, matemática, história geral, geografia geral, física, química, biologia, história do Brasil, geografia do Brasil e filosofia. Não haverá desenho no curso clássico. Serão disciplinas do curso científico: português, francês, inglês, espanhol, matemática, física, química, biologia, história geral, geografia geral, desenho, história do Brasil, geografia do Brasil e filosofia. Não haverá latim no curso científico. 7- As disciplinas comuns aos cursos clássico e científico serão ensinadas de acordo com o mesmo programa, salvo a matemática, a física, a química e a biologia, cujos programas terão maior amplitude no curso científico de que no curso clássico, e a filosofia que no curso clássico terá mais amplo programa do que no científico. 8- É conveniente, antes da matrícula, em caso de dúvida, conversar o aluno com o diretor do estabelecimento” (DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE, 30 de dezembro de 1942).

¹¹⁸ Sobre os reflexos da Reforma Capanema em Sergipe ler a monografia de conclusão de curso em História Licenciatura de Almeida (2009), intitulada: “A Reforma Gustavo Capanema: vislumbrada no currículo do Atheneu Sergipense (1940-1944)”.

ocorrido na Bahia. Na sua diretoria, constavam: Fernando Barreto Nunes, como presidente¹¹⁹; Aloisio Sampaio, vice presidente; José Medeiros Costa, segundo secretário; **José Bonifácio Fortes Neto**, tesoureiro; Evandro Soares Carvalho e Isaac Zukerman, diretores de publicidade.

Já no próprio Atheneu Sergipense, Bonifácio fez parte do Grêmio Cultural Clodomir Silva na gestão de 1944, sendo ela composta pelo professor Joaquim Vieira Sobral, como presidente de honra; Pedro Ribeiro, presidente efetivo; Valter Felizola Soares, vice-presidente; **José Bonifácio Fortes Neto**, primeiro secretário; Antonio Clodomir de Souza e Silva, segundo secretário; Abelardo Monteiro, tesoureiro; Florival Ramos, José Oliveira Lima e Aloisio Sampaio, membros do conselho fiscal, além de Isaac Zuckeman, diretor de publicidade (DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE, 30 de maio de 1944).

Ressalto que os nomes dos estudantes da Associação e do Grêmio muitas vezes se repetem o que demonstra certo domínio daqueles que se dedicavam à política estudantil ou às atividades culturais propostas pelo Grêmio Cultural Clodomir Silva. Observo também que, apesar de Bonifácio participar das duas entidades, seu nome não consta no ápice da direção – ocupou constantemente cargos intermediários, nos quais teve uma atuação efetiva, principalmente, nos discursos e publicações nos jornais estudantis que era sua especialidade.

Do período de estudante do Atheneu Sergipense, Bonifácio relembra que havia “[...] uma turma da ponta dos cascos”, composta por Aloisio Sampaio, Florival Ramos, Pedro Ribeiro, Valter Felizola, Clodomir de Souza e Silva e Joaquim Calda (FORTES NETO, 1992). Pela repetição dos nomes, os amigos de Bonifácio que mais aparecem nas suas memórias, como também aqueles que seriam os mais indisciplinados, os “ponta dos cascos”, são justamente os seus companheiros do Grêmio.

Pelo levantamento no Livro de Atas do Grêmio Cultural Clodomir Silva (1944-1945) localizado no CEMAS, Bonifácio esteve presente nas reuniões da agremiação, no ano de 1944, e nelas apresentou sua opinião, discordou e recitou poemas e crônicas de sua autoria, bem como estudos sobre personagens fundamentais na vida daquela agremiação. O citado Grêmio foi reaberto em 20 de maio de 1944, Bonifácio fez parte da diretoria, ocupando o

¹¹⁹ Em recorte de jornal localizado dentro do caderno escolar de Maria Thetis Nunes datado do ano de 1939 consta notícia na qual descreve visita de Fernando Barreto Nunes, seu irmão, como presidente do Grêmio Cultural Clodomir Silva para tratar da organização do “1º congresso nacional de estudantes secundários”. Na reunião estiveram presentes, Milton Santos, presidente da Associação de Estudantes Secundaristas da Bahia, Alvaro Rubim de Pinho, presidente da União Nacional dos Estudantes e diretores de diferentes associações estudantis responsáveis pela organização do referido Congresso. No recorte não consta nenhuma informação de qual jornal, nem a data de publicação.

cargo de 2º secretário. Já na sessão seguinte, sobre a reabertura, Bonifácio apresentou seu primeiro trabalho naquela agremiação:

Iniciando o programa literário o presidente concedeu, ao jovem José Bonifácio Fortes Neto a palavra. Este fazendo uso leu um seu trabalho intitulado “poesia nova” versando sobre o inegável valor do poeta José Sampaio, e a sua influência na poesia moderna do Brasil; fazendo ao mesmo tempo um estudo da vida do poeta (LIVRO DE ATAS DO GRÊMIO CULTURAL CLODOMIR SILVA (1944-1945) - CEMAS).

A reunião seguinte, ocorrida apenas cinco dias depois, tratava de uma homenagem ao sergipano Tobias Barreto de Menezes. Na ocasião, Bonifácio foi o primeiro a falar:

Usou da palavra o estudante José Bonifácio Fortes, que leu empolgante trabalho sobre a poesia tobiática, recitando algumas das suas agradáveis poesias e mostrando o valor do condoreirismo de Tobias, da sua sátira e enfim estampou-nos aos olhos o inédito poema do grande mestiço Tobias Barreto (LIVRO DE ATAS DO GRÊMIO CULTURAL CLODOMIR SILVA (1944-1945) - CEMAS).

Além das falas constantes nas reuniões, Bonifácio Fortes, juntamente com Valter Felizola e Florival Ramos, formaram uma comissão como os responsáveis diretos pela organização e criação de um jornal que seria mantido pelo Grêmio e estruturado pelos estatutos da agremiação. Tal publicação foi contestada por Antônio Clodomir de Souza, por argumentar que o *Sergipe Jornal* e o *Correio de Aracaju* já noticiavam aquilo que era de interesse do Grêmio. Consta na Ata que, após Bonifácio apresentar justificativa para a criação do periódico estudantil, a assembleia concordou e, em 10 de junho de 1944, foi formada a comissão para criar o periódico estudantil.

Menos de um mês depois, em 7 de julho, foi divulgado o primeiro número do jornal *A Voz do Estudante*. Em depoimento datado de 1992, Bonifácio relatou que o referido jornal tinha sua impressão financiada por Maynard Gomes, interventor federal em Sergipe no governo de Getúlio Vargas e, acerca de Maynard, pronunciou:

Apesar de ser um homem áspero, carrancudo, era um homem bondoso, que compreendia à necessidade da mocidade demonstrar solidariedade à pátria, que naquela época estava atingida, pois estávamos em plena guerra. Em plena ditadura, a *Voz do Estudante*, dizia coisas contra a ditadura sem ninguém sentir (FORTES NETO, 1992, p. 9).

Um jornal que “escrevia coisas contra a ditadura”, patrocinado pela própria é passível de maiores questionamentos, mas vale salientar como Bonifácio esteve envolvido na atividade jornalística por onde passou, lembrando que, no Colégio Tobias Barreto, ainda no ginásial, já datilografava textos para jornais com Roberto Figueiredo Santos e Geraldo Leite. Das publicações de *A voz dos Estudantes*, cabe destacar alguns dos escritos de Bonifácio, como: “Camelot”; “Lama”; “Aracaju areia, Aracaju poema” e “Seca”. Os quatro poemas foram publicados nos quatro primeiros números do citado jornal, no período de junho a setembro de 1944. Fazendo referência ao jornalismo, o próprio Bonifácio Fortes afirmou que a:

Atividade era mais intensa que os estudos no ‘Tobias’ e, depois, no ‘Atheneu’, onde tornamos realidade o quase extinto Grêmio ‘Clodomir Silva’, e, através de atuação corajosa para a época, mas com o apoio decisivo do Diretor, Prof. Joaquim Sobral, editamos ‘A voz dos estudantes’, do qual até hoje não sinto vergonha. [...] Foi das experiências mais agradáveis de convivência e liberdade de expressão que tive e isso nos difíceis anos de 1943/1944 (FORTES NETO, 1981, p. 73).

Os anos difíceis mencionados por Fortes fazem menção aos últimos anos do Governo Vargas e ao Estado Novo, que o Brasil vivenciou de 1937 a 1945. O diretor Joaquim Vieira Sobral mais uma vez foi citado como um incentivador do Grêmio, bem como das produções culturais. Vale ressaltar que tanto Manoel Cabral Machado, quanto Maria Thetis Nunes também citam o catedrático de Desenho com esse perfil.

Bonifácio Fortes, desde cedo, interessou-se pela atividade jornalística, aliada à publicação acerca da aula de História na cidade de São Cristóvão já explorada; a pesquisa identificou que, aos dez anos, ele criou um jornalzinho datilografado, chamado *O Radial* e, como estudante do Atheneu Sergipense, revitalizou o Grêmio Cultural Clodomir Silva¹²⁰ e editou o jornal *A Voz do Estudante*. No ano de 1943, quando ainda era estudante do Atheneu Sergipense, ganhou o prêmio do Concurso de Contos da Prefeitura Municipal de Aracaju em 1º lugar com o conto “Suburbano”. Sobre o início da sua produção de jornais, Bonifácio afirmou: “O Radial, que chama de jornaleco, por sair com poucas páginas e datilografado. Chegamos a datilografar 100 jornais. Primeiramente sozinho, depois já no Tobias, contando com a participação de Geraldo Leite e Roberto Figueiredo Santos” (FORTES NETO, 1992, p. 9).

Na sua “Breve Biografia” (s/d), no tocante ainda aos seus itinerários na condição de aluno do secundário, pode-se visualizar ainda sua participação no Clube Esportivo de Sergipe

¹²⁰ Sobre o Grêmio Literário Clodomir Silva do Atheneu Sergipense, consultar a tese de Rodrigues (2015).

e uma palestra na cidade de Santo Amaro das Brotas/SE, a convite do Rotary Clube de Aracaju sobre “Lutas Políticas em Sergipe”, especialmente, no conflito entre Maruim e Santo Amaro. Uma solicitação para ministrar uma palestra a um estudante secundarista denota elementos das vinculações que Bonifácio possuía nas instituições de debate de ideias e associações de intelectuais. No caso, o Rotary Clube, possivelmente já tinha notícias do estudante participativo nos grêmios estudantis, ou mesmo do bom aluno de História, ou quiçá, do seu sobrenome e atuação na imprensa.

Tal descrição da vida escolar de Bonifácio Fortes fornece “pistas” da sua formação, da atividade da escrita e no jornalismo, desde cedo. Sendo que os caminhos trilhados paulatinamente resultaram no aluno do curso de Ciências Jurídicas e Sociais na Bahia. Tanto Bonifácio Fortes, com também Cabral Machado e Thetis Nunes, fizeram uso da imprensa como meio de divulgar suas ideias ainda no ensino secundário no Atheneu Sergipense. Silvério Leite passou somente um ano naquela instituição; já sobre Felte Bezerra, no Colégio Tobias Barreto, não localizei os jornais estudantis que possivelmente existiram naquela escola no período que ele estudou.

Além disso, o depoimento de Bonifácio Fortes sobre a publicação na imprensa estudantil coaduna com os estudos de Souza (2008), em relação ao ensino secundário brasileiro. Para a referida autora, nas primeiras décadas do século XX, a vida dos estudantes do ensino secundário no Brasil era marcada por uma intensa publicação na imprensa com veiculação de criações literárias e debates políticos, além de congratulações intelectuais, criação de associações de estudantes, prática de esportes e sessões artístico-culturais. Em 1945, Bonifácio Fortes prosseguiu seus estudos na Faculdade de Direito da Bahia, participou do Centro Acadêmico Rui Barbosa, ocupando o cargo de bibliotecário.

Antes disso, frequentou os bancos escolares de colégios como o Tobias Barreto, do qual foi expulso, e o Atheneu Sergipense. Esses estabelecimentos de ensino, somados a outros e a professores, compõem o Quadro 8:

Quadro 8 - Instituições educacionais sergipanas e professoras particulares na primeira metade do século XX: itinerários estudantis de Bonifácio Fortes, Cabral Machado, Felte Bezerra, Silvério Fontes e Thetis Nunes

DOCENTE	FORMAÇÃO ESCOLAR	PERÍODO	LOCAL
Felte Bezerra	Colégio Tobias Barreto	1915-1924	Aracaju-SE
José Bonifácio Fortes Neto	Jardim de Infância Augusto Maynard – Professora Marita Vilas Boas	1932	Aracaju-SE
	Colégio Nossa Senhora da Glória	1933-1937	
	Colégio Tobias Barreto	1938-1942	
	Atheneu Sergipense	1943-1944	
José Silvério Leite Fontes	Colégio Tobias Barreto	1933-1939	Aracaju-SE
	Colégio Atheneu Sergipense	1940 (1º Ano do Curso Complementar – Pré-Jurídico)	
	Ginásio da Bahia	1941 (2º Ano do Curso Complementar – Pré-Jurídico)	Salvador-BA
Manoel Cabral Machado	Colégio Santa Inês	1927-1928	Capela-SE
	Colégio São José	1929	Capela-SE
	Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora	1931-1934 (1º ao 4º Ano do Curso Fundamental)	Aracaju-SE
	Atheneu Sergipense	1935 (5º Ano do Curso Fundamental)	Aracaju-SE
	Ginásio da Bahia	1936-1937 (1º e 2º Ano do Curso Complementar – Pré-Jurídico)	Salvador-BA
Maria Thetis Nunes	Professora Isabel Esteves de Freitas	Ensino Primário	Itabaiana-SE
	Atheneu Sergipense	Curso Fundamental (1935-1939) Curso Pré-Jurídico (1940-1941)	Aracaju-SE

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base nos discursos localizados nas Revistas da ASL, documentos pessoais dos acervos das famílias de Elze Fontes e Marinalva Fortes e demais escolas pesquisadas, Bezerra (1988), Machado (2005a), Machado (2005b), Fontes (1923-s/d), além dos trabalhos citados nas referências.

O quadro apresenta uma série de elementos que dizem respeito à vida escolar desse grupo de intelectuais. Cabe salientar o Atheneu Sergipense e o Tobias Barreto como escolas

que se destacam na formação desses profissionais, além do Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora e a migração de dois deles para a conclusão do curso complementar no Ginásio da Bahia.

Sirinelli (1994, p. 13) aponta como necessário analisar o “*Étude d’itinéraires à partir d’un terrain commun*”¹²¹, na formação de quatro dos cinco intelectuais pesquisados, o Atheneu Sergipense, constituiu-se como o “terreno comum”, além dessa instituição educacional contar com a atuação docente de Felte Bezerra. Tais escolas podem ser entendidas também como “[...] fornecedoras de elites culturais” (SIRINELLI, 1998, p. 16).

As cidades pelas quais os estudantes passaram, a saída do interior de Sergipe para os estudos na capital e a necessidade de mudar de Estado para realizar o curso superior. A Bahia, constantemente escolhida pelos sergipanos pela proximidade geográfica, ou por relações já anteriormente estabelecidas, nesse último caso, o pai de Manoel Cabral Machado, formou-se em medicina nas terras baianas, o irmão mais velho de Bonifácio Fortes também estudava lá e Felte afirmou ter visto vários dos seus amigos se mudarem para Salvador ao terminar os estudos secundários. As alterações constantes de cidade, e mesmo de instituições educacionais dentro do processo de escolarização dos intelectuais investigados, indicam também o movimento dos estudantes do ensino secundário sergipano em diferentes escolas do Estado, ou mesmo a saída para estados vizinhos.

Vale salientar que alguns creditam a contribuição dos pais, outros também reiteram o significado de tios e amigos no seu processo de escolarização. Esses elementos remetem aos escritos de Sirinelli, no tocante aos estudos das “gerações” e das heranças recebidas.

No meio intelectual os processos de transmissão cultural, são essenciais; um intelectual se define sempre por referência a uma herança, como legatário ou como filho prodigo: quer haja um fenômeno de intermediação ou, ao contrário, ocorra uma ruptura e uma tentação de fazer tábua rasa, o patrimônio dos mais velhos é portanto elemento de referência explícita ou implícita (SIRINELLI, 2003, p. 254–255).

No caso em estudo, os cinco professores referenciam suas heranças como legatários de seus pais e professores. Nomes e influências que contribuíram para a formação desses então alunos e pessoas a quem eles atribuem as raízes do seu processo formativo. A esses sujeitos referenciais, eles atribuem a iniciação no gosto pela leitura e o conhecimento da escrita, elementos também citados por esses sujeitos ao tratar da sua infância, sendo que na presente pesquisa há uma “referência explícita” ao “patrimônio dos mais velhos”.

¹²¹ Tradução livre: “O estudo dos itinerários a partir de um terreno comum”.

A trajetória estudantil no Atheneu Sergipense de Maria Thetis Nunes evidencia que sua vinculação com a História estava para além da formação superior ou ingresso na docência, mas perpassou sua vida escolar. Assim, as fontes escrutinadas ao longo do capítulo corroboram com as assertivas de Bontempi Júnior de que:

[...] cada sujeito é único e suas experiências são irreplicáveis. Ao final deste cruzamento de autobiografias, porém, em que circunstâncias e significados muito semelhantes foram vividos e percebidos quase simultaneamente por sujeitos que não se conheciam, toma vulto o que nos envolve, o que respiramos e que, no entanto, não podemos ver. Surge a imagem do que nos aproxima e do que faz os singulares serem tão familiares. A presença da instituição escolar em nossa vida social, como experiência prática e como representação, torna-nos alunos, cria para nós, os colegas, põe-nos diante professores-paradigma, responde de algum modo às expectativas e esperanças de nossos pais, de nossas famílias. Quando damos o salto para a docência, é a essas experiências que procuramos dar sentido, pois são elas que compõem os traços do auto-retrato que desejamos ser vistos e considerado belo, que nos definem como indivíduo único e irredutível e simultaneamente como membro de uma coletividade que compartilha valores e experiências. Passamos pela escola, como é trivial, mas em momentos como esse é que percebemos como ela passou para dentro de nós (BONTEMPI JUNIOR, 2010, p. 177, grifos meus).

Na presente tese, mostro como a vivência na escola “passou para dentro” desses cinco professores do ensino superior sergipano. “Professores-paradigma” são creditados como influenciadores dos caminhos percorridos pelos jovens estudantes secundaristas. Memórias construídas tempos depois quando se propuseram a pensar a vida de uma longa distância, mas que possuíam um embasamento na história vivida nas salas de aula e outros espaços de práticas educativas apontadas ao longo da tese.

Tais práticas escolares dos seus professores, somadas ao universo cultural no qual os referidos discentes estavam imersos, contando com contribuições do ambiente familiar, com as amizades dentro e fora da sala de aula, as viagens e as mudanças para estudarem, constituem-se como elementos que reiteram o significado da “instituição escolar na nossa vida social”, assim como reafirmam a importância dos estudos dos itinerários formativos para a compreensão do intelectual, bem como da História da Educação naquele período.

Com relação à vivência desses discentes “nos pátios” dessas instituições educacionais, ou seja, a vida estudantil para além da sala de aula, ficou evidente que as práticas de publicações na imprensa estudantil tanto de Manoel Cabral Machado, como de Maria Thetis Nunes e Bonifácio Fortes faziam parte do cotidiano educacional não só do Atheneu Sergipense, mas também dos colégios particulares como Tobias Barreto e Salesiano Nossa

Senhora Auxiliadora. O fato de Cabral Machado nunca ter estudado no Tobias Barreto, mas publicar em um jornal estudantil daquela escola também aponta para a circulação desses jornais entre os estudantes aracajuanos.

No tocante às publicações dos discentes, é possível pensar como Warde (2003): o “intelectual não é parteiro de si”, ele precisa de um reconhecimento como intelectual. Nesse sentido, as práticas de escrita desses alunos que, posteriormente, tornaram-se intelectuais com larga atuação na imprensa, livros publicados e discursos proferidos, tiveram influências de uma série de sujeitos em diferentes espaços, entre os quais, alguns arrolados, ao citar pais, professores, colegas e instituições educacionais. Os dados da vida estudantil do grupo em tela fomentaram a prática da escrita e apreciação da realidade comum a todos eles.

Dentro dessa perspectiva, as análises expostas consubstanciam a tese de que os itinerários individuais desse grupo dos primeiros professores do ensino superior foram construídos paulatinamente por uma notoriedade angariada nas “redes” nas quais estavam inseridos, inclusive, na sua formação escolar – destaque para o reconhecimento dos seus colegas e para a atuação além da sala de aula em agremiações e jornais estudantis, bem como na obtenção de boas notas e aproximação com os professores. Cabe salientar também os entraves com a direção dos estabelecimentos de ensino frequentados que culminaram com a saída de Cabral Machado do Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora e a expulsão de Bonifácio Fortes do Colégio Tobias Barreto. São pontos negativos da vida escolar que suas memórias registraram em determinados momentos, pois tinham interesse em mostrar a sua versão do passado no qual eles que não se enquadravam nas normas dessas instituições educacionais.

Ainda relativo a essa formação escolar, os então alunos creditam-na a alguns mestres que exerceram contribuições decisivas em suas escolhas intelectuais, nomes como Abdias Bezerra, Arthur Fortes, Alcebíades Paes, Herbert Parente Fortes, José Rollemberg Leite, Gonçalo Rollemberg Leite, entre outros, aparecem nas memórias dos docentes. Esses “mestres de tudo”, como classificou Felte Bezerra (1988) ao fazer referência Arthur Fortes e Abdias Bezerra, fizeram o papel do que Sirinelli (2003, p. 246) considera como “despertadores”, por “[...] representaram um fermento para as gerações intelectuais seguintes, exercendo uma influência cultural e mesmo às vezes política”. Indubitavelmente, os “mestres de tudo” foram “despertadores” dos jovens estudantes aqui investigados que frequentaram os bancos escolares de diferentes instituições educacionais na primeira metade do século XX.

Mesmo antes desses professores, outra prática comum no itinerário desses intelectuais concerne à alfabetização em casa e/ou com professores particulares antes do ingresso em

instituições educacionais. Thetis Nunes, com a professora Isabel Esteves em Itabaiana; Silvério Leite, com sua avó materna, depois pelas professoras Evangelina Azevêdo e Briolanja Brandão; Cabral Machado, em Capela, com Adelina Vieira, Dona Fofô e o seu tio, o padre Juca; e Bonifácio Fortes, com a professora de Laranjeiras, que veio residir em Aracaju, Iaiazinha Maia. Assim, transcorriam os primeiros passos na escolarização dessas crianças, para depois seguir em escolas sergipanas e baianas.

Cabe salientar ainda outra prática comum de três escolas de ensino secundário sergipanas: o trato com os compêndios de João Ribeiro e Jonathas Serrano, no tocante às aulas de História da Civilização. Esses e outros elementos da vida cotidiana dentro das instituições educacionais sergipanas pelas quais os referidos discentes passaram, dizem respeito ao seu processo formativo, às aulas, professores, colegas, vivências e experiências que, de forma lenta e gradual, foram conformando aprendizagens, práticas e formando os professores em foco. As análises sobre a escolarização desse grupo de intelectuais, mais precisamente, na sua passagem pelo ensino secundário convergem com o que escreveu Chervel e Compère sobre esse grau de ensino na França:

O homem que pode verdadeiramente desempenhar seu papel de cidadão e que é capaz de administrar os negócios públicos e privados, o homem apto a dirigir cidades e por seus conselhos, a conseguir um posto pelas leis, a reformar as leis por suas decisões de justiça, este homem será seguramente o orador e não outro (CHERVEL; COMPÈRE, 1999, p. 153).

A formação recebida por Thetis Nunes, Bonifácio Fortes, Cabral Machado, Silvério Leite e Felte Bezerra passou por esses ensinamentos de liderança, discursos em público, escritos diversos, aprendizado do dever do cidadão e o compromisso com a pátria. Porém, na constituição de um intelectual sergipano na primeira metade do século XX, o diploma do ensino superior consistia uma peça chave para assim poder angariar mais espaço de atuação nas “redes” das quais faziam parte ou almejavam inserir-se, como também aprimorar sua visão de mundo. Segundo Helena Bomeny: “O caminho para recrutamento da elite deveria ser o ensino secundário, e o momento de aperfeiçoamento dessa mesma elite seria o ensino superior. Estão postos, portanto, as prioridades do Ministério da Educação da era Vargas” (BOMENY, 1999, p. 140).

Diante do exposto, vislumbro as diferentes instituições de ensino frequentadas por Felte Bezerra, Cabral Machado, Silvério Leite, Thetis Nunes e Bonifácio Fortes, pelas análises inferidas tais intelectuais tiveram seus caminhos cruzados ainda como estudantes na primeira metade do século XX. Transcorrida essa parte dos seus percursos formativos, a

análise a seguir incide sobre aspectos dos seus itinerários no ensino superior cursado nas faculdades baianas entre as décadas de 1930 e 1940. No vizinho Estado de Sergipe, localizaram-se outros espaços e sujeitos colaboradores nesse processo dinâmico de formação desses intelectuais. Suas vivências, como acadêmicos na Bahia, foram pontos cruciais para a análise dos itinerários dos sujeitos em foco.

4 - “VIVI, COMO ESTUDANTE, NA CIDADE DO SALVADOR”: PERCURSOS DE ACADÊMICOS SERGIPANOS NA BAHIA

Em Salvador, após dois meses de cursinho, fiz o vestibular, que era o mesmo para os cursos médicos: medicina, odontologia e farmácia [...] Fomos aprovados 25 candidatos, entre os quais obtive o 1º lugar, com o grau 8,75 (em Odontologia).

Ao requerer matrícula, o dr. Soares Pinto, então secretário da Faculdade de Medicina (o ensino das três carreiras era feito na mesma Escola) ao ver meu pedido de inscrição para odontologia, fixou-me, admirado e disse: “menino, como é que você vai estudar odontologia com essa nota tão alta? A gente por aí com nota 4 e abaixo, querendo e lutando para obter matrícula, e você com 8,75, não vai para medicina? É vocação mesmo?”. Que havia eu de responder senão um lacônico – sim -. A ele não interessaria conhecer minha pobreza, mesmo porque não daria jeito algum. Para mim, contudo, foi uma punhalada no coração. Custei a esquecer do episódio (FELTE BEZERRA, 1988, p. 4/5).

Desde o século XIX e ao longo da primeira metade do século XX, sergipanos migravam para os centros de instituições do ensino superior como Pernambuco, Rio de Janeiro e Bahia com a finalidade de continuar seus estudos e obter o diploma de bacharel. Os estudantes que deixavam sua terra natal por alguns anos, em sua maioria, compunham uma parcela da população mais abastada. Com o acesso ao ensino superior e, ao retornar ao seu estado, assumiam cargos públicos, abriam seus próprios negócios, entravam no universo político e, outras tantas vezes, ingressavam no magistério¹²².

Do grupo de professores do ensino superior analisado, todos se graduaram na capital da Bahia; ao retornar para Sergipe, integraram o quadro do magistério secundário na cidade de Aracaju. Contudo, antes da docência, passaram seus anos de acadêmicos em Salvador – lá estudaram, publicaram em jornais, construíram laços de amizade e mesmo de inimizades, como afirmou Cabral Machado (2003, p. 5): “Vivi como estudante, na cidade do Salvador”, marcas de um período de formação acadêmica que permaneceram vivas nas memórias desses professores. Nesse sentido, busco, por mais uma via, construir aquilo que acertadamente Sirinelli escreveu:

[...] em todo caso, é possível e necessário fazer sua arqueologia [das estruturas de sociabilidade], inventariando as solidariedades de origem, por exemplo de idade ou de estudos, que constituem muitas vezes a base de ‘redes’ de intelectuais adultos. É lógico, sobretudo no caso dos acadêmicos, remontar a seus jovens anos escolares e universitários, numa idade em que as influências se exercem sobre um terreno móvel e em que uma abordagem retrospectiva permite reencontrar as origens do despertar intelectual e político (SIRINELLI, 2003, p. 249–250, grifos meus).

A proposta não consiste em fazer uma genealogia como adverte Sirinelli, mas uma arqueologia, na qual investigo como a vivência universitária, dos atores do grupo em foco, contribuiu para conformar a condição deles como intelectuais. Dentro dessa perspectiva, na presente seção, objetivo analisar como a formação acadêmica vivenciada nas faculdades baianas influenciou no “despertar intelectual e político” desses jovens intelectuais sergipanos, e, assim, compreender mais uma faceta dos seus itinerários formativos. Vale salientar a ligação entre Sergipe e Bahia no tocante à educação superior:

¹²² A respeito dessa temática, Silva (2004) trata da elite oitocentista sergipana e entre outros aspectos aborda as instituições formadoras desse grupo; Souza (2001) discute a “República das Letras” em Sergipe com foco nas instituições culturais da chamada Primeira República e o perfil do campo intelectual no estado; Abreu (2006) analisa a dinâmica formacional dos oficiais do exército brasileiro ao longo do século XIX, tendo em vista a formação da elite intelectual sergipana nas academias civis e militares ao longo do período imperial; Santos (2013) investiga mais de uma centena de professores que atuaram na docência em Sergipe ao longo dos oitocentos.

Ante a ausência de cursos superiores, os sergipanos continuavam a emigrar procurando-os em outros Estados, predominantemente a Bahia pela proximidade em que se encontravam, nas faculdades de Direito, Medicina, Farmácia e Odontologia e nas Escolas Politécnicas. Essas primeiras décadas do século XX são marcadas pela influência cultural da Bahia na formação sergipana, que se estenderá até os começos de 1950, quando são fundadas as faculdades locais, inicialmente Ciências Econômicas, Química, Direito e Filosofia e posteriormente, Serviço Social e Medicina (NUNES, 2008, p. 245).

Tanto a proximidade geográfica entre os dois estados, quanto as ligações anteriormente estabelecidas com familiares que moravam na capital baiana, pais ou tios que já haviam estudado em Salvador, ou mesmo o fluxo de outros colegas para essa cidade, além do estado concentrar cursos de referência nacional, fizeram com que os cursos superiores da Bahia atraíssem tanto os sergipanos. Naquele estado, por uma média de cinco anos, moraram Bonifácio Fortes, Silvério Leite, Cabral Machado, Felte Bezerra e Thetis Nunes. Neste sentido, segue quadro com essa formação no ensino superior dos docentes analisados.

Quadro 9 - Formação acadêmica do grupo de professores da FCFS na Bahia

DOCENTE	FORMAÇÃO ACADÊMICA	PERÍODO
Felte Bezerra	Bacharel em Odontologia	1930-1933
José Bonifácio Fortes Neto	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	1945-1950
José Silvério Leite Fontes	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	1942-1946
Manoel Cabral Machado	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais	1938-1942
Maria Thetis Nunes	Bacharel em Geografia e História	1943-1945
	Licenciada por meio do curso de Didática	1946

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base nas Revistas da ASL, documentos dos arquivos das Faculdades de Direito, Filosofia e Medicina da UFBA, além das memórias dos professores investigados.

No caso de Bonifácio, seu irmão mais velho, Lélío Fontes, já estudava lá e morava na mesma pensão que Silvério Leite. Cabral Machado tinha primos em Salvador, mais que isso, seu pai formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia. Felte Bezerra viu com muita tristeza a ida dos seus colegas para a formação universitária, aguardou mais seis anos e ali cursou Odontologia, quando aspirava por Medicina. Thetis Nunes contava com um tio materno lá residindo, mesmo assim, morou em pensionato e não cursou toda a graduação por lá, tendo

dividido seu tempo entre as atividades de aluna do curso superior e a cátedra do Atheneu Sergipense.

4.1 MARIA THETIS NUNES: UMA SERGIPANA NA PRIMEIRA TURMA DA FACULDADE DE FILOSOFIA DA BAHIA

Com vinte anos, Thetis Nunes ingressou na Faculdade de Filosofia da Bahia (FFB), sendo aluna da primeira turma do curso de Geografia e História da nascente instituição. Ao terminar o curso secundário em 1940, Thetis recebeu um convite do então diretor do Atheneu Sergipense, Felte Bezerra, para lecionar a disciplina de História do Brasil ao longo de 1941. Dessa forma, iniciou suas atividades na docência e, no final daquele mesmo ano, diante das notícias da criação de uma Faculdade para formar professores na cidade de Salvador, começou a preparar os documentos para a inscrição.

Silva (2010), em estudo sobre a FFB, salienta que ela foi fundada em 1941 e autorizada para funcionar em 1942, compondo o seu primeiro quadro docente: médicos, engenheiros e advogados, que ocuparam cargos políticos e participaram de diferentes instituições culturais, como a Academia Baiana de Letras e o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Conforme a autora, a FFB foi fruto da iniciativa do professor Isaias Alves¹²³, em conjunto com o trabalho de Herbert Parente Fortes, que fez chegar até as suas mãos o projeto para conceber a instituição, elaborado pelo religioso Augusto Robert. Em uma das conclusões da sua pesquisa, Silva afirma que: “A Faculdade de Filosofia baiana surge no meio de uma sociedade conservadora, ligada a práticas regionais, e era voltada para um grupo específico e autocentrado, realizada e produzida nas próprias instituições de saber” (SILVA, 2010, p. 194). Segundo Teixeira:

¹²³ Conforme os estudos de Silva (2010), no momento de criação da Faculdade de Filosofia da Bahia, Isaias Alves era Secretário de Educação e Saúde do Estado. Ele também foi professor de Psicologia Educacional na Faculdade por ele criada, com uma vasta formação, tendo sido diplomado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Bahia, como também em Master of Arts e Instructor in Psychology no Teachers College da Universidade de Columbia, em 1931. Atuou no magistério baiano desde o início do século XX, tornando-se professor da Universidade Federal da Bahia em 1961. Com uma série de publicações de livros e artigos, cabe destacar também as suas desavenças com o também baiano formado na mesma instituição norte-americana que Isaias, Anísio Teixeira. Para uma melhor análise do tema, ver Silva (2010). Sobre Isaias Alves consultar também Monarcha (1999).

É oportuno referir a Faculdade de Filosofia pela abrangência de suas obrigações didáticas. Os seus deveres se enquadram em *preparar trabalhadores intelectuais para o exercício de atividades científicas de ordem técnica ou puramente cultural; formar candidatos ao magistério secundário e normal e realizar pesquisas no domínio de seus diversos cursos* (TEIXEIRA, 2010, p. 77, grifos do autor)¹²⁴.

No arquivo da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) consta o histórico de Maria Thetis Nunes, com o currículo de disciplinas por ela estudado e suas notas; as cadernetas dos seus professores; o Livro de Matrícula e de Colação de Grau; e o Programa para os Exames Vestibulares da FFB, de 1942, o mesmo adotado pela Faculdade Nacional de Filosofia¹²⁵. Pelo referido Programa, as inscrições deveriam ocorrer entre os dias 15 e 25 de janeiro e, no ato, os alunos deveriam apresentar: certidão com idade mínima de 18 anos; carteira de identidade; atestado de vacinação antivariólica; prova de conclusão do ciclo complementar do secundário; atestado de sanidade física e mental; prova de idoneidade moral e prova de pagamento da taxa de inscrição.

Nos arquivos da FFCH, encontrei a documentação entregue por Thetis Nunes para realizar sua inscrição. Das fontes localizadas, chamou-me atenção o atestado de vacina contra a varíola, datado de 20 de janeiro de 1943, na cidade de Salvador, o que mostra que Thetis, antes mesmo de fazer o Concurso de Habilitação, no momento em que preparava a documentação para inscrição já estava na capital baiana, além do Atestado de Saúde assinado pelo Dr. Alencar Motta e um atestado do diretor do Atheneu Sergipense, José Augusto da Rocha Lima, afirmando que a aluna “sempre teve uma conduta exemplar”.

O atestado assinado por Rocha Lima é uma fonte que exalta positivamente a figura de Thetis Nunes, o que merece uma ressalva no que se refere ao caráter do documento e ao contexto da sua produção. Ao apresentar esses dados, ressalto a relevância em apontar como os caminhos percorridos pelos intelectuais, neste caso, por Thetis, realçam as “redes”

¹²⁴ Para Cunha: “Embora as Faculdades de Filosofia tivessem sido criadas com o triplice propósito de formar professores para o ensino secundário, formar pesquisadores científicos e realizar pesquisas científicas, apenas o primeiro estava sendo atingido, mesmo assim a um ritmo bastante lento. As 45 faculdades então existentes tinham relativamente poucos alunos – e ainda menos concluintes nos cursos de Matemática, Física, Química e História Natural. Até 1953, todas essas faculdades formaram menos de 1500 pessoas nesses cursos a maioria destinada ao magistério no ensino secundário. Mas além de uma ‘evidente’ insuficiência quantitativa, Oliveira Júnior chamava atenção para a insuficiência qualitativa. A seu ver, apenas as faculdades de Filosofia da Universidade do Brasil e da Universidade de São Paulo, criadas nos anos de 1930, tinham condições de formar pesquisadores e realizar pesquisas” (CUNHA, 2007b, p. 135).

¹²⁵ A Faculdade Nacional de Filosofia integrava a Universidade do Brasil, criada em 1939 após a extinção da Universidade do Distrito Federal, com a finalidade de ser a instituição de ensino superior modelo para todo o país. Além de formar professores em diferentes áreas do saber e vislumbrando a atuação no ensino secundário, as Faculdades de Filosofia objetivavam também formar pesquisadores e realizar trabalhos científicos, embora constantemente esses objetivos não fossem plenamente atendidos (CUNHA, 2007b).

acionadas durante o processo formativo e profissional no momento em que prestou o concurso de habilitação para o ingresso no ensino superior. Após a apresentação da documentação citada, Thetis prestou o exame vestibular, em 1943, para as disciplinas expressas no Quadro 10:

Quadro 10 - Concurso vestibular de Maria Thetis Nunes para o curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia da Bahia (1943)

DISCIPLINAS	NOTAS
Cosmografia	79
Desenho	42
Geografia	89
História da Civilização	92
Português	59
Sociologia	85
Média Geral	74

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base na pasta de Maria Thetis Nunes do Arquivo da FFCH/UFBA.

As notas com maior destaque são justamente História da Civilização e Geografia, disciplinas que forneciam o nome para o curso que pleiteava, juntamente com Sociologia com média 85. As aprendizagens adquiridas nas aulas de Arthur Fortes, no tocante à primeira área do conhecimento, como também de Joaquim Fraga Lima, Magalhães Carneiro e o próprio Felte Bezerra, com relação à Geografia, podem ter contribuído no desempenho favorável ao curso pretendido por Thetis Nunes.

Ainda com base nos Programas para os Exames Vestibulares, as provas eram divididas em orais e escritas. Na parte escrita, as disciplinas de Cosmografia, Geografia e História tinham trinta questões; já a prova de Desenho era constituída por cinco questões gráficas, enquanto Sociologia contava com vinte questões acrescidas de um tema para dissertação; por fim, Português, em que eram “[...] propostas 20 frases em que haja erros ou parte por completar e um tema para dissertação” (PROGRAMAS PARA OS EXAMES VESTIBULARES, 1942, p. 5 – Arquivo da FFCH/UFBA).

O bom desempenho no Vestibular concedeu à Thetis Nunes o primeiro lugar na sua turma de ensino superior¹²⁶ – fato constantemente reforçado em suas memórias, como na

¹²⁶ Colegas de Maria Thetis Nunes no curso de Geografia e História da FFB que se graduaram em 1945: Ana Diamantina Nolasco de Carvalho, Clovis Reni Coêlho Martins, Estela Fróes, Edla Galvão Campo, Gildina de

entrevista concedida em 2007. Seu pioneirismo é exaltado como uma jovem sergipana que esteve na primeira turma daquela Faculdade baiana, como também esteve entre os jovens que disputaram vaga para o curso de Geografia e História. Após a aprovação e a entrega da documentação, iniciaram-se as aulas no curso de Geografia e História na FFB.

Ao observar aspectos do cotidiano por meio da pasta de documentação de Thetis Nunes, na condição de graduanda, vê-se que, após a aprovação nas provas parciais das cadeiras, realizadas nos meses de julho e novembro, solicitava-se à direção nova inscrição para realizar provas orais finais, que aconteciam no mês de dezembro. As cadeiras eram ministradas anualmente e com avaliações escritas duas vezes ao ano; neste sentido, se o discente não alcançasse a média, faria a prova final.

Segundo Silva (2010), para o funcionamento da FFB, o interventor federal no Estado da Bahia, Landulpho Alves (1938-1942), irmão do diretor e idealizador daquela Faculdade, Isaías Alves, cedeu o prédio da Antiga Escola Normal, situada na Avenida Joana Angélica. Contudo, como o prédio estava emprestado ao Ministério do Exército, as aulas ocorreram em um prédio na Piedade até o ano de 1945, justamente os três anos da formação das primeiras turmas de bacharéis da instituição da qual Thetis Nunes fez parte.

Já conforme Sales (2010), no início das suas atividades, a FFB ocupou o prédio da Avenida Joana Angélica, onde antes funcionara a Escola Normal, compreendendo em sua estrutura quatro seções (Filosofia, Ciências, Letras e Pedagogia), que se desdobravam em uma dúzia de cursos, afirmando que:

A Faculdade criou-se, então, em 1941, amparada em “talentos locais”, nem sempre com formação adequada aos cursos ministrados. Não é assim de estranhar que, em sua composição inicial, contava com 40% de médicos, 27% de engenheiros, 18% de advogados e 15% de “humanistas”, responsáveis por habilitar licenciados e bacharéis em Filosofia, História, Psicologia, Física, Química, Matemática, História Natural, Geografia, Ciências Sociais, Pedagogia, Letras Clássica, Neolatinas, Anglo-Germânicas e Jornalismo (SALES, 2010, p. 344).

Médicos, engenheiros, advogados e “humanistas” foram os responsáveis pelo ensino nos cursos da nascente instituição de ensino superior e conseqüentemente lecionaram as cadeiras de formação básica para Maria Thetis Nunes. O curso estava dividido em três anos para o bacharelado e um ano das cadeiras da Didática para assim formar o licenciado em

diferentes áreas do saber. O quadro a seguir mostra as cadeiras e os professores responsáveis pela formação de Thetis Nunes ao longo do bacharelado.

Quadro 11 - Itinerários da discente Maria Thetis Nunes na Faculdade de Filosofia da Bahia (1943 – 1945)

1ª Série – 1943			2ª Série – 1944			3ª Série – 1944		
CADEIRA	PROFESSOR	FORMAÇÃO	CADEIRA	PROFESSOR	FORMAÇÃO	CADEIRA	PROFESSOR	FORMAÇÃO
Geografia Física	Jaime Cunha da Gama e Abreu	Engenheiro Geógrafo	Geografia Física	Jaime Cunha da Gama e Abreu Ricardo Vieira Pereira	Engenheiro Geógrafo Diplomado em Filosofia, Teologia e Direito Canônico	História do Brasil	Luís Viana Filho	Ciências Jurídicas e Sociais
Geografia Humana	Francisco Conceição Menezes	Ciências Jurídicas e Sociais	Geografia Humana	Francisco Conceição Menezes Ricardo Vieira Pereira*	Ciências Jurídicas e Sociais Diplomado em Filosofia, Teologia e Direito Canônico	Geografia do Brasil#		
Antropologia	Thales de Azevedo	Médico	História Moderna	Epaminondas Beliert da Costa Francisco da Conceição Menezes Francisco Gomes O. Neto	----- Ciências Jurídicas e Sociais -----	História Contemporânea	Mario Barros	Ciências Jurídicas e Sociais
História da Antiguidade e da Média	Antonino Oliveira Dias	Ciências Jurídicas e Sociais	História do Brasil	Francisco Conceição Menezes Luis Viana Filho	Ciências Jurídicas e Sociais Ciências Jurídicas e Sociais	História da América	Jorge Calmon	Ciências Jurídicas e Sociais
			Etnografia	Frederico Edelweiss	Não possuía formação superior, estudou no Liceu Bon Secour na Bélgica	Etnografia do Brasil	Frederico Edelweiss	Não possuía formação superior, estudou no Liceu Bon Secour na Bélgica

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base no Histórico Escolar de Maria Thetis Nunes; Cadernetas dos Professores; Livro de Matrícula do Arquivo do FFCH/ UFBA e os trabalhos de Silva (2010) e Toutain e Silva (2010).

Não foram localizadas as cadernetas das disciplinas de Geografia do Brasil da 3ª Série. Todavia, ambas constam no histórico escolar de Maria Thetis Nunes, no Livro de Atas de Exames, por isso figuram na composição do quadro. OBS: ---- Não consegui identificar a formação acadêmica do docente.

*O professor Francisco da Conceição Menezes ministrou aulas até o mês de setembro, sendo que o docente Ricardo Vieira Pereira assumiu o restante do ano letivo.

As cadeiras ensinadas naquela instituição seguiam o currículo padrão da Faculdade Nacional de Filosofia, situada no Rio de Janeiro, e modelo para todas as Faculdades naquele período. É nítida a repetição dos nomes dos professores em diferentes cadeiras, inclusive, com um docente lecionando em mais de uma cátedra no mesmo ano, como foi o caso de Francisco da Conceição Menezes, em 1944.

No quadro da formação de professores, sobressaem-se os bacharéis em Ciências Jurídicas e Sociais, homens que já possuíam um destaque na sociedade baiana, tanto nos cargos públicos, como também nas atividades do magistério. Com base nas “fichas biográficas” construídas por Silva (2010), é possível tecer algumas considerações acerca dos professores da primeira turma de Geografia e História da FFB. Francisco da Conceição Menezes já trazia na bagagem o cargo de catedrático de História do Brasil no Ginásio da Bahia, como também Ricardo Vieira, que ocupava a cátedra de Filosofia na mesma instituição. Antonino Oliveira Dias era professor de Literatura e Língua Portuguesa e Diretor do Instituto Normal da Bahia, além de ter lecionado História da Civilização no Ginásio Nossa Senhora Mercês e no Carneiro Ribeiro.

O médico e professor Thales de Azevedo desenvolveu uma série de pesquisas a partir da cátedra de Antropologia ministrada por mais de 20 anos na FFB tendo um reconhecimento nacional no âmbito dos estudiosos nesse campo do conhecimento. As contribuições de Luís Viana Filho nos escritos acerca da História prolongaram-se por várias décadas, além das produções biográficas que marcaram sua trajetória intelectual.

Frederico Edelweiss era o único professor sem formação superior, em substituição ao docente das cadeiras de Etnografia e Etnografia do Brasil, Carlos Ott, ao longo dos dois primeiros anos em que foram ofertadas no curso de Geografia e História. Natural do Rio Grande do Sul, Edelweiss exercia o magistério em diversas instituições e ao chegar à cidade de Salvador também começou a trabalhar no universo da docência no Instituto de Música da Bahia, lecionando Folclore Musical.

Diante do perfil de formação dos professores de Thetis Nunes no curso superior, observa-se um engenheiro, um médico, um com graduação tanto na Filosofia, Teologia como no Direito, e um sem diploma universitário. Não foi possível identificar a formação de dois professores. Os demais, cinco no total, graduaram-se em Ciências Jurídicas e Sociais. Eram homens do meio intelectual baiano que, unidos em torno do projeto da FFB, contribuíram na formação da jovem sergipana que se aventurava em novas terras na busca pelo ensino superior.

Perceptível também como os professores do curso de Geografia e História da FFB lecionavam em outras instituições de ensino superior da Bahia na época. A título de exemplo, destaco o papel crucial de Thales de Azevedo na fundação e administração da Escola de Serviço da Bahia. Jaime Cunha da Gama e Abreu, professor da Politécnica e da Faculdade de Ciências Econômicas da Bahia. Antonino Oliveira Dias, docente da Faculdade de Ciências Econômicas e outras instituições de ensino superior.

O professor de Geografia Física, Jaime da Cunha, foi homenageado na formatura da turma de Geografia e História, em 1945. Isaías Alves, o criador da FFB, figurou como professor reverenciado em todos os cursos da Faculdade na primeira colação de grau da instituição.

Figura 14: Jaime Cunha, Isaías Alves e Maria Thetis Nunes – Formatura de Geografia e História da FFB em 1945



Fonte: Álbum de Formatura de Maria Thetis Nunes (1945) – Acervo do IHGSE.
Autoria: Desconhecida

Após a conclusão do curso do Bacharelado, em 1945, Thetis Nunes enviou uma procuração datada de 25 de fevereiro de 1946, por sua amiga e colega de graduação, Leda Nunes Ferraro, para solicitar a matrícula no curso de Didática e assim conseguir a formação docente, tendo em vista que, por essa época, iniciava seus trabalhos como catedrática do

Atheneu Sergipense. Após pagar as taxas em um montante de 260 cruzeiros, a matrícula foi efetivada¹²⁷.

A Faculdade de Filosofia da Bahia possibilitou a Thetis Nunes a oportunidade de travar contatos com outros universitários daquele período como: Mário Alves¹²⁸, João Batista Lima e Silva¹²⁹ e Jacob Gorender¹³⁰, além de atuar nas lutas contra o Estado Novo, o que segundo a própria Thetis Nunes (2007), rendeu-lhe o rótulo de “subversiva”. Tal fama está diretamente relacionada à sua participação como vice-presidente do Centro de Estudos da Faculdade de Filosofia da Bahia, a partir de 1943.

Sobre tal Centro, o jornal o *Imparcial da Bahia* publicou uma nota acerca da constituição e finalidades dele no mês de março de 1943. Pela nota, o Centro de Estudos seria responsável para efetivar pesquisas e promover debates de problemas culturais no meio universitário baiano, além de conferências, concursos de monografias, entre outros fins. Thetis Nunes fez parte da primeira diretoria do Centro como vice-presidente, eleita no início de 1943 para dois anos de mandato. Foram seus companheiros: João Batista de Lima e Silva, o presidente; José Acácio Ferreira, 1º secretário; Marita Conde Rizério, 2ª Secretaria; José Maria Virgens, bibliotecário-arquivista; Antônia Fernanda de Almeida, secretária de finanças e J. C. Pinto (JORNAL IMPARCIAL DA BAHIA, março de 1943).

¹²⁷ O fato de Thetis passar todas as suas férias em Sergipe, fazia com que constantes procurações fossem lavradas a fim de que sua colega Leda Ferraro efetuasse a matrícula e resolvesse os demais assuntos relacionados à burocracia da vida acadêmica. Algumas lavradas na cidade de Aracaju e outras, na sua terra natal, Itabaiana.

¹²⁸ Conforme Falcón (2007) Mário Alves de Souza Vieira nasceu em 14 de junho de 1923, em 1970, foi preso, torturado e assassinado em pleno ápice da Ditadura Militar brasileira. Nascido na pequena cidade de Santo-Sé, às margens do rio São Francisco, depois de muitas andanças passou a residir em Salvador. Foi aluno do Ginásio da Bahia e um dos expoentes da expulsão do professor integralista Herbert Parent Fortes, daquele estabelecimento de ensino, em 1942. Aluno da primeira turma do curso de Ciências Sociais na FFB, ao lado de João Batista de Lima e Alberto Vita, três estudantes comunistas. Mário fez curso de especialização na Escola de Leninismo do Partido Comunista da União Soviética e representou o Partido Comunista do Brasileiro em vários congressos internacionais. Junto a Jacob Gorender e Apolônio de Carvalho fundou o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário. Para saber mais acerca da vida e atuação política de Mario Alves no âmbito político, ver o trabalho de tese de Falcón (2007), intitulado “Um caminho brasileiro para o Socialismo: a trajetória política de Mário Alves (1923-1970)”.

¹²⁹ Sergipano, ao lado de Joel Silveira e outros, fundaram o Grêmio Literário Clodomir Silva no Atheneu Sergipense (RODRIGUES, 2015). Também aluno da primeira turma do curso de Ciências Sociais da FFB, ao lado de Mário Alves e mais nove colegas se consagrou como um dos intelectuais comunistas brasileiros nas décadas seguintes, sendo membro do Partido Comunista Brasileiro desde 1943. Como jornalista, militou na Bahia e no Rio de Janeiro, sendo um dos fundadores do *Jornal da Bahia* em 1958. A vida do sergipano João Batista de Lima e Silva merece um estudo pormenorizado.

¹³⁰ Segundo as informações disponibilizadas pela União Brasileira de Escritores Jacob Gorender (1923 - 2013) foi um dos mais importantes historiadores marxistas brasileiros. Jovem, lutou na II Guerra Mundial, na Itália, como integrante da Força Expedicionária Brasileira. Foi militante do Partido Comunista Brasileiro, do qual saiu nos anos 60, para participar da fundação do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário. Foi preso e torturado, quando da ditadura militar. Gorender fez o ginásio e o preparatório no Ginásio da Bahia, entre 1933 e 1940. Ingressou na Faculdade de Direito de Salvador, onde estudou entre 1941 e 1943. Em 1942, integrou a célula universitária, junto com Mário Alves e Ariston Andrade, do Partido Comunista Brasileiro na Bahia, conduzida por Giocondo Dias. Nos primeiros anos da década de 1940, Gorender foi repórter de *O Imparcial* e de *O Estado da Bahia*. Sobre Jacob Gorender e sua historiografia consultar a dissertação de Pesara (2011).

O jornal de notícias *Diário da Bahia*, no mês de maio de 1943, em matéria semelhante à publicada no *Imparcial da Bahia* no mês de março tratou do Centro de Estudos e noticiou a posse da primeira diretoria, como também da forma como o Centro estava organizado, dividido em quatro seções fundamentais: Ciências Físico-Matemáticas, Ciências Sociais, Filosofia e Letras. Consta ainda que outras seções poderiam ser formadas desde que dez pessoas manifestassem o interesse para ocupar especificamente determinados aspectos do conhecimento científico-cultural.

A atuação de Thetis Nunes nos movimentos políticos ao longo do período universitário é uma parcela do seu itinerário formativo que deixou marcas naquela jovem acadêmica. Assim, a pesquisa converge com o entendimento de que “[...] o estudo das estruturas elementares da sociabilidade dos intelectuais, em particular dos jovens intelectuais, deveria permitir precisar como se impõem a eles os dados imediatos da consciência política” (SIRINELLI, 2003, p. 258).

Dentro dessa perspectiva, a vivência na cidade de Salvador, indubitavelmente, contribuiu sobremaneira para a “consciência política” da sergipana. Além das atividades citadas nesse âmbito, Thetis Nunes, Mário Alves Vieira e Leda Ferraro fizeram parte da comissão editorial da “Revista Cultura” na FFB. Sua equipe compunha-se de: presidente, vice-presidente, secretário geral, 1º secretário, 2º secretário, tesoureiro e bibliotecário. No seu primeiro número, datado de 1945, os cargos estavam assim ocupados: João Batista de Lima e Silva, Stela Maria Carvalho, Lavínia Machado, Raimundo Schaun, José Maria Costa Vargens, Joaquim Costa Pinto e Itália Magnavita, respectivamente além dos membros do conselho citados (PASSOS, 1999).

O nome de Leda Ferraro, ao lado de Thetis Nunes, aponta a proximidade daquela que resolvia as questões acadêmicas da sergipana quando não estava na capital baiana. A vida intensa de Maria Thetis Nunes durante a sua graduação pode ser flagrada em alguns momentos por meio da imprensa baiana. Conforme notícia do jornal *A Tarde da Bahia* em 30 de setembro de 1943, ocorreu uma reunião de estudantes no Anfiteatro da Faculdade de Medicina, cujos universitários ficaram a par das decisões de um congresso nacional de estudantes realizado na capital do país daquele período, a cidade do Rio de Janeiro e, entre os discentes, estava a jovem Maria Thetis Nunes.

Figura 15 - Thetis Nunes em reunião de estudantes universitários - 1943

Fonte: *Jornal A Tarde da Bahia* – 30 de Setembro de 1943. Acervo da Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

Autor: Desconhecido.

Na fotografia, Maria Thetis Nunes, a moça em destaque, esteve presente em reunião de estudantes universitário no Anfiteatro da Faculdade de Medicina da Bahia em setembro de 1943. Na imagem é possível observar que em companhia de Thetis Nunes há um significativo número de mulheres juntamente com uma maioria de homens, em uma nítida separação espacial.

Entre as atividades do movimento estudantil e aulas na Faculdade, ainda no ano de 1943, Thetis Nunes recebeu o prêmio de melhor monografia de História no concurso promovido pelo próprio Centro de Estudos de Filosofia do qual era vice-presidente. Uma fotografia da sessão de entrega do prêmio aos vencedores flagra esse momento da vida acadêmica de Thetis Nunes.

Figura 16 - Maria Thetis Nunes e demais colegas de Faculdade na solenidade de entrega do prêmio de monografia



Fonte: Jornal *Estado da Bahia* – 11 de Dezembro de 1943. Hemeroteca do IHGSE.

Autor: Desconhecido.

Com seus colegas da Faculdade de Filosofia da Bahia, Thetis Nunes, que aparece em destaque na imagem, celebra a premiação da melhor monografia entre os alunos do curso de Geografia e História¹³¹. Após a premiação, ocorreu uma palestra do professor Heitor Frois¹³². E assim transcorriam os dias daquela estudante sergipana na Bahia ao longo da década de 1940.

Outros elementos do cotidiano da itabaianense na cidade de Salvador, podem ser vislumbrados no trato da sua amizade com Silvério Leite:

Relembro, sensibilizada, ele me acompanhando à noite para assistir palestras de líderes revolucionários como Agildo Barata, quando moça não devia sair desacompanhada à noite... Também eu aceitava seus convites para ir ao Mosteiro de São Bento ouvir palestras religiosas, onde fiz bons amigos, tendo mesmo publicado artigos na pequena revista que lá circulava para universitárias (NUNES, 2005, s/p).

Além da monografia durante o período de graduação, e os escritos em outras revistas, como afirmou em homenagem a Silvério Leite Fontes, Thetis ainda escrevia para a imprensa sergipana, como por exemplo, o artigo: “Batalha Naval de Riachuelo” publicado no *Sergipe*

¹³¹ Não foi possível localizar a temática da Monografia premiada.

¹³² O professor Heitor Prager Fróis, diplomado em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia. 1922. Diplomado em Patologia Tropical e Parasitologia Médica pelo Instituto Tropical de Hamburgo, Alemanha. 1925-1926. Era docente de Literatura Francesa na Faculdade de Filosofia, mas lecionava também na Faculdade de Medicina da Bahia. Possuidor de vasta obra publicada, também foi membro da Academia de Letras da Bahia (SILVA, 2010).

Jornal em 13 de junho de 1942, como também para a revista “Cultura” publicada pelo Centro de Estudos de Filosofia na Bahia, além dos vários discursos proferidos. A título de exemplificação, cito um dos discursos pronunciados no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, na abertura da palestra de Pedro Calmon¹³³, noticiado na imprensa baiana: “[...] na abertura da sessão, a acadêmica Maria Thetis Nunes saudou o conferencista em brilhante discurso” (JORNAL A TARDE DA BAHIA, 14 de abril de 1945).

Na Bahia, Thetis morou em uma pensão, possivelmente mantida pela avó e benefícios recebidos pela mãe Anita Nunes; todavia, Santos (1999) salienta que um dos seus tios maternos, Homero, tinha um comércio e residência fixa na cidade de Salvador. Sobre o período que Thetis cursou o ensino superior, a referida autora assim descreve:

Morar na Bahia-de-Todos-os-Santos foi uma experiência impagável. Vivendo sozinha, sem a presença carinhosa dos familiares, aprendeu a ter autonomia para resolver e decidir sobre as coisas e problemas. Morar na Bahia fê-la entrar em contato com outras facetas da cultura brasileira, ser aluna de professores como Luiz Viana, e também estabelecer novas amizades, dentre elas, a de Lavínia Augusta Vilas Boas Machado [...] (SANTOS, 1999, p. 97).

Na Bahia, Thetis Nunes efetivamente estudou e viveu sua fase de acadêmica. Deixou seu nome registrado em algumas páginas da imprensa baiana, como também nas revistas ali editadas. Além das amizades, aprendizados adquiridos com os mestres, a dedicação como militante dos movimentos estudantis, Thetis foi atuante em vários âmbitos da vida universitária, sendo que, com o fim dos três primeiros anos das disciplinas básicas que compuseram o curso de Geografia e História, recebeu o título de Bacharel. Em seguida, com mais um ano de estudos, no chamado curso de Didática, concluiu a licenciatura e automaticamente os seus anos de estudos no ensino superior¹³⁴.

¹³³ Pedro Calmon, professor, político, historiador biógrafo, ensaísta e orador, nasceu em Amargosa, BA, em 23 de dezembro de 1902, e faleceu no Rio de Janeiro, em 17 de junho de 1985. Ingressou na política, como deputado estadual da Bahia, ao tempo dos governos baianos Góis Calmon e Vital Soares (1927 a 1930). Eleito deputado federal em 1935 (da minoria parlamentar de então), ligou o seu nome à primeira lei protetora, na Bahia, do patrimônio cultural. Voltou em 1950 à atividade política, como ministro da Educação e Saúde (1950-1951) no governo do presidente Dutra. Em 1934 tornou-se, por concurso, livre-docente de Direito Público Constitucional na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil e, em 1939, catedrático da mesma Faculdade de que foi diretor durante dez anos (1938-1948). Vice-Reitor em 1948, ascendeu à Reitoria da Universidade, a cuja frente esteve até 1966, ou seja, durante 18 anos. Em 1935 regeu a cadeira de História da Civilização Brasileira na Universidade do Distrito Federal; foi professor da Pontifícia Universidade Católica, desde que foi fundada, e da Faculdade de Filosofia Santa Úrsula do Rio de Janeiro. Conquistou, em 1955, a cátedra de História do Brasil do Colégio Pedro II. A sua tese de concurso foi a análise da documentação inédita acerca das minas de prata. Informações da Academia Brasileira de Letras, sendo ocupante da cadeira 16. Outras informações ver: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=315&sid=193>.

¹³⁴ Sobre o modelo “3 + 1”, como era conhecido o curso de Didática das diferentes licenciaturas até a década de 1960 no Brasil, consultar Oliveira (2011).

Figura 17 - Colação de Grau de Maria Thetis Nunes em Geografia e História na Faculdade de Filosofia da Bahia



Fonte: *Jornal A Tarde da Bahia* – 06 de Dezembro de 1945
Acervo: Hemeroteca do IHGSE.
Autoria desconhecida.

Thetis Nunes, que aparece em destaque na fotografia, celebra a graduação com as colegas da FFB. Conforme o Livro de Diplomados da Faculdade de Filosofia, Thetis Nunes colou grau em 5 de dezembro de 1945 como Bacharel em Geografia e História. Logo depois, matriculou-se no curso de Didática da mesma Faculdade, pagando a quantia de CR\$ 260,00 referente às taxas para a efetivação da matrícula (MARIA THETIS NUNES, PASTA DA FFCH/UFBA, p. 25). Segue quadro com as cadeiras frequentadas por Thetis Nunes no curso de Didática:

Quadro 12 - Maria Thetis Nunes, aluna do Curso de Didática da FFB em 1946

Cadeira	Professor	Formação
Administração Escolar	Célia de Paula Ferreira	Ciências Sociais
	Maria Luigia Magnavita	Diplomada em Música pela Academia de Santa Cecília em Roma, como também em Pedagogia e Filosofia
Didática Especial da Geografia e História	Francisco da Conceição Menezes	Ciências Jurídicas e Sociais
Didática Geral	Edith Mendes da Gama Abreu	Especialista em Filosofia e Literatura
Fundamentos Biológicos	Francisco Peixoto de Magalhães Neto	Medicina
Fundamentos Sociológicos	Renato Mesquita	Ciências Jurídicas e Sociais
Psicologia Educacional	Isaías Alves de Almeida	Medicina
	João Inácio de Mendonça	Medicina

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base na documentação localizada no Arquivo da FFCH/UFBA, nas obras de Passos (1999), Silva (2010), Simões (2014) e Toutain e Silva (2010).

Ao contrapor o quadro do bacharelado em Geografia e História com as cadeiras de Didática, ressalvo que três mulheres atuaram no primeiro ano de funcionamento desse curso que conferia o grau de licenciado para os bacharéis¹³⁵. Dentro dessa perspectiva, Passos (1999) assinala que:

A distribuição dos cargos e das áreas do conhecimento por sexo é percebida no corpo docente da faculdade, durante a sua primeira década de atuação, uma vez que estava composto por 41 professores catedráticos, dos quais, apenas 4 mulheres: Gabriela Leal de Sá Pereira, que ensinava a disciplina Língua e Literatura Alemã; Guiomar Carvalho Florense, com Filosofia e História da Educação; Maria Luigia Magnavita Galeffi, responsável pela cadeira de Língua e Literatura Italiana; e Edith Mendes da Gama e Abreu, com a cadeira de Didática Geral e Especial (PASSOS, 1999, p. 48, grifos meus).

¹³⁵ Sobre a questão de gênero na Faculdade de Filosofia da Bahia, ler a obra “Palcos e Plateias” de autoria de Elisete Silva Passos (1999).

As professoras do curso se destacaram como significativos nomes do cenário intelectual baiano. Maria Luigia Magnavita e Edith Mendes da Gama Abreu constam no rol das primeiras catedráticas da instituição, mulheres que se sobressaíram nas suas áreas de atuação. Segundo Amaral (2013), Edith Abreu, esposa de Jaime da Cunha Gama Abreu, professor de Thetis Nunes no curso de Geografia e História, foi a primeira mulher a fazer parte da Academia de Letras da Bahia, como também teve uma participação ativa na política baiana ainda na primeira metade do século XX e um dos principais nomes do feminismo naquele estado. Relembrada também pelas suas constantes viagens à Europa, oratória e escrita precisas, bem como pelos discursos inflamados.

Segundo Silva (2010), Luigia Magnavita, também conhecida como Gina Magnavita, era filóloga com larga atuação na FFB, principalmente na área de Língua e Literatura Italiana, com um vasto número de trabalhos publicados, tendo chegado a ocupar a vice-reitoria da UFBA. Já sobre Célia de Paula Regina, Simões (2014) acentua que ela foi morar em Salvador juntamente com o esposo sendo responsável pelo núcleo inicial da Escola de Serviço Social, sendo essa a célula embrionária da Universidade Católica de Salvador.

Com relação aos professores, além de Thales de Azevedo e Francisco da Conceição Menezes, que também lecionaram ao longo do bacharelado cursado por Thetis Nunes, o curso de Didática contou com os ensinamentos de Francisco Peixoto de Magalhães Neto, Renato Mesquita e João Inácio de Mendonça. Conforme Silva (2010), Francisco Peixoto era catedrático da Faculdade de Medicina desde 1937, fazendo parte da Seção de Pedagogia e Didática da FFB; já o outro médico do curso, João Inácio Mendonça, atuou por décadas na FFB, principalmente na área de Psicologia, tendo publicações tanto no âmbito da Psicologia, Sociologia, Psiquiatria e Medicina. Por fim, o sergipano na cidade de Maruim, Renato Mesquita, professor da área de Direito na UFBA, forneceu algumas contribuições à FFB nesse período.

Com esses professores, Maria Thetis Nunes angariou a sua formação como acadêmica na Bahia. Pessoas de prestígio em Salvador que trabalhavam em prol de uma nascente Faculdade. Professoras, a exemplo de Edith Gama, que apregoavam a independência da mulher, o valor das viagens para a formação cultural do indivíduo e defensoras do papel ativo da mulher na sociedade. Ao longo de quatro anos, com aulas, trabalhos acadêmicos e o cotidiano da vida universitária, as ideias da jovem Thetis sofreram influências das concepções e diálogos vivenciados naquela localidade.

Ao realizar o curso de Didática, com esse conjunto de professores e saberes, Maria Thetis Nunes já tinha participado de concurso para catedrática no Atheneu Sergipense.

Concurso que rendeu inúmeros debates dentro e fora da Congregação daquela instituição educacional. Com o empate dos dois candidatos, Thetis Nunes e Manuel Ribeiro, na concorrência para a cátedra de História Geral, a professora foi nomeada catedrática de Geografia Geral. Com o início dos trabalhos no Atheneu Sergipense, passou então a ser colega, dentre outros ex-professores, de Felte Bezerra, aspectos explorados na seção cinco da tese.

4.2 FELTE BEZERRA: O DESCONTENTAMENTO COM A FORMAÇÃO EM ODONTOLOGIA

Em 1924, Felte Bezerra, com 16 anos, tinha concluído o curso secundário no Colégio Tobias Barreto. Desse modo, caso almejasse continuar os estudos teria que deixar Aracaju para cursar o ensino superior em outra cidade como o Rio de Janeiro, Salvador ou Recife. Sobre essa fase da vida, Felte escreveu: “Assisti a saída dos colegas de turmas para as Universidades, mas não tinha condições de acompanhá-los. Meu pai sempre foi muito pobre, probo, altamente respeitado mas sem recursos para manter-me fora para estudar” (BEZERRA, 1988, p. 3).

Somente no ano de 1929, após cursar Escrituração Mercantil à noite e trabalhar ao longo do dia por quatro anos em Aracaju, Felte tomou a decisão de cursar o ensino superior na Bahia. Nesse período, trabalhou por quase um ano no Banco de Sergipe e logo depois como gerente de um escritório comercial até o final de 1929. Neste ano, em razão da crise de 1929 e o consequente atraso de salários na empresa, pediu demissão do emprego. Com o trabalho e o acúmulo de certo capital, surgiu a ideia de retomar os estudos. Após conversar e receber o apoio do pai, Abdias Bezerra, chegava o momento de viajar para tentar uma vaga na Faculdade de Medicina da Bahia¹³⁶.

Os primeiros dois meses foram de curso preparatório na capital baiana, depois a realização das provas. Com a aprovação, ingressou para os cursos Médicos, que contemplava: Medicina, Farmácia, Odontologia e Veterinária, obtendo o primeiro lugar em Odontologia

¹³⁶ Sobre alguns aspectos históricos da instituição, ver, entre outros o livro organizado por Jacobina et. all. (2015).

com média 8,75 (FELTE, 1988)¹³⁷. Conforme Dantas e Nunes (2009), Felte Bezerra queria cursar Medicina, mas devido ao custo oneroso para uma família ampla e de poucas posses, “optou” por cursar Odontologia. Para Suzana Bezerra, filha de Felte, o pai seguiu para a Odontologia:

Para não sacrificar meu avô que era um simples professor. Para mantê-lo na Bahia, tomou emprestado ao montepio do Estado. Embora tenha passado em primeiro lugar no vestibular e mantido durante todo o curso de odontologia, naquela época não havia bolsa de estudos. O que ele queria mesmo era cursar medicina, mas o curso era mais longo ele achou que sacrificaria demais o pai. Resolveu fazer odontologia. Tanto que seus amigos foram basicamente os colegas de Sergipe que estudavam medicina, à época que cursava odontologia (BEZERRA, 2015, s/p.).

A vontade de retornar à Bahia para cursar Medicina foi, aos poucos, sendo dissipada pela necessidade de emprego e sustento do jovem do primeiro casamento do pai que, por essa época, já contava com vinte e cinco anos de idade. Nas terras baianas, cursou Odontologia entre 1930 e 1932, recebendo o diploma de cirurgião dentista em 1933.¹³⁸ Nos seus escritos, destaca constantemente seus méritos no curso e as decepções com “[...] alguns professores, os mais fracos” (BEZERRA, 1988). Adquiriu livros e lia em francês e inglês com facilidade. Com esse segredo, afirmou levar vantagem sobre seus colegas. Diante desse fato, mais uma vez, ressaltou nas suas memórias: “Devo tudo a Abdias e Alcebiades que me ensinaram a ler na língua, sem perder tempo em traduzir” (BEZERRA, 1988, p.5). Garcia Moreno (1952) apontou alguns aspectos da decepção de Felte com os estudos superiores:

A vossa vida acadêmica foi um curriculum todo riscado de distinções. Todavia ereis, no curso, de certa maneira, um decepcionado. Fostes para aprender e dominar uma especialidade e ouvistes, muitas vezes, dissertações ôcas, palavrosas, numa língua que podia ser “estomatológica” mas que não era, de forma alguma vernácula. Ainda guardo comigo, tão vivo, como se fosse de ontem, um dos vossos comentários cheio de “cólera sagrada” a respeito da ignorância quase traumatizante de um dos vossos colegas de turma, a quem tocava a vez na banca de estudos, de traduzir um capítulo de

¹³⁷ Segundo Matos et al (2010) o curso de Odontologia da Bahia foi criado anexo à Faculdade de Medicina, no prédio do Terreiro de Jesus, funcionando assim por 60 anos, tendo iniciado suas atividades em 1891 após concluída a instalação dos laboratórios de cirurgia e de próteses dentárias. No início do curso, os conteúdos básicos do curso eram ministrados por médicos e as aulas dadas em conjunto, contemplando os alunos de Medicina e de Odontologia, assim, ministravam-se conteúdos de Microbiologia, Fisiologia, Histologia, Patologia, Clínica e Medicina Legal, somente as disciplinas de Prótese e Técnicas Dentárias eram específicas do Curso de Odontologia e ministradas por dentistas.

¹³⁸ Como aluno do curso superior, possivelmente Felte vivenciou o episódio do fechamento da Faculdade de Medicina da Bahia em 22 de agosto de 1932, na época do diretor Aristidis Novis, a mando do interventor federal Juracy Magalhães. No episódio mais de 500 estudantes foram presos, além de alguns professores. A participação ou não de Felte no episódio, bem como o fato de não mencionar esse acontecimento nas suas memórias merecem um estudo mais pormenorizado.

Anatomia de Testut. O texto começava assim: “Les dents chez l’homme...” Os dentes na casa do homem foi a tradução que nos vos consentiu retornar jamais ao grupo de estudos (MORENO, 1952, p. 5–6).

As distinções angariadas por Felte Bezerra fizeram com que ele e mais quatro colegas, os primeiros colocados da turma que colaram o grau em 1933, ganhassem uma “viagem de estudos” para o Rio de Janeiro, “[...] na verdade um passeio de 15 dias” (BEZERRA, 1988, p. 5)¹³⁹. Após a colação de grau e a viagem, que os possibilitou conhecer a capital do país e a cidade que, décadas depois, iria morar em definitivo, Felte voltou com o diploma de bacharel em Odontologia para Sergipe.

Ainda sobre seu período de graduação, Cabral Machado (1998), que poucos anos depois do retorno de Felte a Sergipe, morou na Bahia, escreveu: “É então como outros sergipanos, acadêmico, entre estudos e brincadeiras, pelas pensões de Salvador - Travessa dos Afritos, rua do Bispo. Na pensão Glória, fora colega de **Garcia Moreno, Lourival Bonfim, Marques Guimarães** e outros em 1932” (MACHADO, 1998, p. 135, grifos do autor). Para Suzana Bezerra, as melhores recordações de Felte do período em que estudou na cidade de Salvador eram:

Seus amigos com quem conversava muito e foram contemporâneos quando fez odontologia, que conservou até morrer. Dr. Lourival Bonfim, Dr. José Machado de Souza. Especialmente Dr. Lauro Porto, que saía lá de casa às 2:00 hs. da manhã, conversando até tarde, seus amigos de cátedra no Ateneu Dr. Garcia Moreno¹⁴⁰(BEZERRA, 2015, s/p).

¹³⁹ As viagens recebidas como prêmio aos melhores alunos eram uma constante na Faculdade de Medicina da Bahia, nas memórias dos professores de Felte Bezerra, por exemplo, há o registro de uma viagem ao Rio de Janeiro em 1911, como prêmio para Euvaldo Diniz Gonçalves e o mesmo ocorreu com Mário Andrea dos Santos, laureado com uma viagem a Europa em 1910 pela tese “Afecções congênitas do coração”. Informações disponíveis em: www.famed.ufba.br.

¹⁴⁰ Sobre os amigos de Felte Bezerra na época de graduação foi possível tecer notas biográficas com base no Dicionário dos Médicos de Sergipe: 1- Lourival Bonfim (1909-1996), nasceu em Aracaju, graduou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1934. Logo depois atuou em Capela e Aracaju, sendo um dos fundadores da Faculdade de Medicina de Sergipe onde lecionou a disciplina de Biofísica. Um dos pioneiros no debate acerca do meio ambiente, tendo participado do I Fórum Mundial sobre Meio Ambiente realizado em Estocolmo na Suécia; 2- José Machado de Souza (1912-1997), nasceu em Aracaju e ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia em 1929, contudo transferiu-se para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, graduando-se em 1934. Foi fundador e professor da Faculdade de Medicina de Sergipe, como também da Sociedade Médica de Sergipe e da Sociedade Sergipana de Pediatria, além de forte vinculação na política sendo vice-governador do estado de Sergipe de 1955 a 1959; 3- João Baptista Perez Garcia Moreno (1910-1976), nasceu em Laranjeiras/SE, formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1933. Escritor e professor dedicou-se a psiquiatria e ao magistério, tanto na cátedra de Ciências Naturais do Atheneu Sergipense como na criação e atuação na Faculdade de Medicina de Sergipe e na Sociedade Médica de Sergipe. Foi membro da ASL, como também reitor da UFS e autor de vários livros de distintos temas. (SANTANA et. al., 2009). 4- Lauro de Brito Porto (1911-2010), segundo informações de Barreto (2010) era natural de Nossa Senhora das Dores/SE, filho do político sergipano Francisco de Souza Porto, começou o curso de medicina na Bahia, mas concluiu no Rio de Janeiro em 1938, onde especializou-se com o colega de turma Augusto Leite, ambos trabalharam na fundação do Hospital Cirurgia. Lauro Porto também foi professor da Faculdade de Medicina de Sergipe, embora continuasse a clinicar até o final da sua vida. Cabe salientar que os quatro colegas de Felte Bezerra de tempos de acadêmicos na Bahia

O companheiro de pensão, a *posteriori* de profissão e da vida, Garcia Moreno, escreveu que o curso superior na Bahia forneceu a Felte um gosto maior pelo estudo e o animou a seguir a “tradição familiar”. Além das distinções recebidas na Faculdade de Odontologia, seu contemporâneo e responsável pelo discurso de recepção de Felte Bezerra na ASL assim o descreve:

Posso dizer que foi na Bahia que vos conheci. Primeiro, nos encontros fortuitos na Escola Medicina. Depois mais intimamente, na vida comum das pensões. Na casa de ALEXANDRE FREIFER com SILVA RIBEIRO FILHO, PYRES WYNNE, JOSÉ DE FARO e ALFREDO MONTES, até o dia em que o barulhento e ingênuo foot-ball, no sótão da pensão, feriu a sensibilidade sergipana de dona SINHÁ, mobilizou as fúrias libanesas do sr. FREIFER e nos veio a todos o convite irrecorrível de desocupação. Marchámos, então, da travessa dos Aflitos para a rua do Bispo, rumo a velha pensão Glória, onde os pratos que não constavam do cardápio eram extraordinários, conforme prescrevia observações destacadas da gerência, e os que constavam eram ordinaríssimos segundo a emenda verdadeira de Adolfo Góes (MORENO, 1952, p. 5).

Pela exposição, evidenciam-se alguns aspectos do cotidiano do acadêmico na capital baiana: os lugares frequentados, amizades, estripulias próprias da vida de universitários, além de desvelar algo tão comum no cotidiano dos estudantes sergipanos em terras do Estado vizinho – a vivência nas pensões que conferia uma formação para além dos diplomas de ensino superior que ali angariavam. Segundo o próprio Felte Bezerra, na Faculdade de Odontologia: “Dois ou três professores de valor e o resto de uma mediocridade sem par [...] Minha sorte foi que na pensão de estudante pobre onde morei em Salvador, juntei-me a conterrâneos [...] a maioria era de estudante de medicina e com eles fui aprendendo muitas coisas” (BEZERRA, 1988, p. 6).

O depoimento de Felte corrobora com a tese de Adorno (1998) que, em estudo sobre a Faculdade de Direito no século XIX, defende que: “[...] nunca houve, efetivamente, ensino jurídico no Império, porém uma vida acadêmica bastante agitada e controvertida, isto é, um ambiente extra-ensino, independente da relação didática entre aluno e professor, foi o responsável pela profissionalização do bacharel” (ADORNO, 1998, p. 26-27). Embora se trate de uma Faculdade de Odontologia em 1930, ainda há alguns elementos do ensino superior no século XIX, vivenciados pelos acadêmicos das Faculdades baianas, no segundo quartel do

chegaram ao magistério superior na Faculdade de Medicina, as vinculações desse grupo, bem com as histórias vividas em Salvador e o seu processo formativo escolar e acadêmico, além da atuação no âmbito político e do magistério carecem de análises pormenorizadas.

século XX. Felte Bezerra também escreveu acerca do seu trabalho de conclusão de curso em Odontologia:

Para escrever o meu trabalho de conclusão de curso estudei nos livros de pediatria deles. Meu trabalho intitulado *O primeiro dente* defendia a tese, então em aberto, e hoje passada em julgado, de que não havia doença específica da dentição, mas um estado de menor resistência em que fica a criança por ocasião do rompimento dos primeiros alvéolos. Fui arguido e deram-me uma distinção pelo inédito do acontecimento, disseram médicos e dentistas que julgaram meu trabalho (BEZERRA, 1988, p. 6).

Estudar nos livros “deles” denota a separação existente entre os alunos de Medicina e os demais cursos que a Faculdade agregava. Outro ponto ressaltado é a participação de médicos e dentistas na banca de avaliação do trabalho final, o que denota um corpo docente misto na formação dos odontólogos daquela instituição. Ainda sobre as cadeiras e os professores da Faculdade, somente algumas pistas, como a referência de Felte Bezerra a uma aula prática, descrita a seguir:

Na cadeira de química, entra o assistente na sala onde fazíamos a prática de fisiologia querendo me identificar. Apresentei-me meio assustado como um bom calouro. Ele me olhou de alto a baixo e disse: ‘Você tirou 10,0 com Euvaldo (prof. Euvaldo Diniz Gonçalves). Olhe, é raríssimo alguém obter essa nota com Euvaldo, causa especie’ e foi embora... (BEZERRA, 1988, p. 5).

Ao cotejar os escritos com o livro “Memórias Históricas da Faculdade de Medicina entre os anos de 1925 a 1941”, organizado pela memorialista Cristina Fortuna (2014), e a Reforma João Luiz Alves, conhecida como Reforma Rocha Vaz (1925), nota-se que as cadeiras tanto de Química quanto de Fisiologia compunham o quadro dos conhecimentos do primeiro ano do curso de Odontologia, o que corrobora com a descrição, quando ele se refere ao “calouro”, como também à cadeira de Química Metalúrgica sob a responsabilidade do professor Euvaldo Diniz Gonçalves. Por meio das memórias da instituição e da Reforma Rocha Vaz, foi possível construir o Quadro 13:

Quadro 13 - Itinerários do discente Felte Bezerra no curso de Odontologia da Faculdade de Medicina da Bahia (1930-1932)

1ª Série – 1930		2ª Série – 1931		3ª Série – 1932	
CADEIRA	PROFESSOR	CADEIRA	PROFESSOR	CADEIRA	PROFESSOR
Anatomia em geral e especialmente de boca	Eduardo Diniz Gonçalves	Patologia geral e anatomia patológica, especialmente da boca.		Clínica odontológica	Mario Peixoto
Histologia e noções de microbiologia	Mario Andrea dos Santos	Técnica odontológica	Mario Peixoto	Ortodontia e prótese de maxilares	
Fisiologia		Prótese (1ª parte)	Augusto Lopes Pontes	Higiene, especialmente da boca	
Metalurgia e Química Aplicada	Euvaldo Diniz Gonçalves	Patologia e clínica odontológica		Terapêutica	

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base na Reforma Rocha Vaz, Brasil (1925), nos dados memorialísticos apontados por Fortuna (2014) bem como as informações sobre os docentes da Faculdade de Medicina da Bahia dispostas na “Galeria dos Professores Encantados da FMB” disponível em: www.fameb.ufba.br.

Os professores do curso de Odontologia, que tinham a formação como cirurgiões dentistas, não compunham o cargo de catedráticos da Faculdade de Medicina. Consoante a Reforma Rocha Vaz, o grau mais elevado de docente na instituição era de Professor Privativo. Tal fato já denota as distinções e as disputas existentes no espaço da instituição, elementos que podem ter refletido na decepção de Felte com o curso, aliado à sua própria vontade frustrada de cursar Medicina.

A partir dos dados extraídos da “Galeria dos Professores Encantados da FMB”, disponibilizados no site da UFBA, foi possível tecer algumas considerações sobre os professores de Felte Bezerra. Dos médicos que trabalharam no curso de Odontologia, constam: Euvaldo Diniz Gonçalves, livre docente de Química Geral da FAMEB e Química Metalúrgica no curso de Odontologia. Segundo o ex-aluno Ruy Santos, ele tinha conhecimento, mas não sabia ensinar, não era um didata. Já Eduardo Diniz Gonçalves, era conhecido como o “Biriba”, sinônimo de reprovação e terror para os calouros, professor catedrático de Anatomia Médica Cirúrgica e Operações da FAMEB e docente de Anatomia no curso de Odontologia. Por fim, Mário Andreas Peixoto, professor catedrático de Anatomia e Fisiologia Patológica desde 1916, a partir da Reforma Rocha Vaz, em 1925, passou a reger a cátedra de Histologia e Microbiologia para o curso de Odontologia.

Dos professores específicos do curso de Odontologia, a Escola Anexa, foram localizados: Mário Peixoto e Augusto Lopes Pontes¹⁴¹. Mario Peixoto possuía um vasto currículo contando inclusive com uma pós-graduação na *School of Dentistry of Philadelphia*, entre outros cursos realizados nos Estados Unidos da América nas primeiras décadas do século XX. Chegou ao ápice da carreira na Escola Anexa de Odontologia com o grau de professor privativo em 1927 (FORTUNA, 2014). Além desses, sabe-se que Luís Antônio de Aguiar, dentista e médico, lecionou por décadas no curso de Odontologia, inclusive no período de graduação de Felte Bezerra, mas não consegui identificar suas cadeiras de atuação nessa época¹⁴².

Com esses e outros docentes, com conhecimentos teóricos e práticos, formou-se o cirurgião dentista Felte Bezerra na Bahia. Além da sala de aula, nas pensões e estudos com colegas, o filho do professor Abdias leu, estudou, decepcionou-se; mesmo assim, conseguiu uma distinção na sua fase de acadêmico a ponto de ser premiado com uma viagem à capital do país após a formatura. Com o diploma nas mãos, chegou a hora de voltar à terra natal, montar o consultório e começou a atender seus pacientes; todavia, os caminhos do magistério mudaram o percurso do então recém-formado dentista.

Deixo o espaço da Escola Anexa de Odontologia na Faculdade de Medicina da Bahia para seguir o percurso até a Faculdade de Direito, local de formação de vários sergipanos no final do século XIX e primeira metade do século XX; entre eles, o rosarense Cabral Machado e os aracajuanos Silvério Leite e Bonifácio Fortes.

¹⁴¹ Não consegui outras informações acerca da formação e atuação desse professor, nas pesquisas constantes localizei somente a rua da cidade de Salvador que leva esse nome, bem como a referência por ser pai de Maria Rita de Souza Brito Lopes Pontes, a Irmã Dulce. O nome de “Irmã Dulce” deriva da mãe de Maria Rita, esposa do professor Augusto Pontes, chamada Dulce Maria de Souza Brito Lopes Pontes, que faleceu aos 26 anos de idade quando a filha Maria Rita tinha apenas sete anos. Informações extraídas do site: www.irmadulce.org.br.

¹⁴² Felte Bezerra pode, ainda, ter sido aluno de Arthur Ramos, discípulo de Nina Rodrigues, que ensinou a cadeira de Odontologia Legal em 1932 na Faculdade de Odontologia.

4.3 CABRAL, SILVÉRIO E BONIFÁCIO: SERGIPANOS NA FACULDADE DE DIREITO DA BAHIA

[...] vim a encontrar-vos (Bonifácio Fortes), em 1942, na pensão de D. Rosa, à rua General Labatut, nº 4 em Salvador, onde fostes transitariamente, mas onde Lélío residia iniciando seu curso superior.

Anos depois, ingressáveis na Faculdade de Direito da Bahia, quando meu curso se aproximava de seu termino. Em seguida, participávamos da mesma Diretoria, do Centro Ruy Barbosa, eu como vice-presidente, e vós, como bibliotecário, uma diretoria de ampla coligação democrática, presidida por Milton Tavares e preparada para os tempos novos que se avizinhavam com o término da 2ª Guerra Mundial (FONTES, 1981, p. 6).

Conheci o meu amigo, Dr. José Silvério Leite Fontes, em 1942, na Faculdade de Direito da Bahia. Estava eu a concluir o curso de Direito enquanto ele iniciava. Conhecemo-nos, porém sem aproximações (MACHADO, 2005, p. 226).

O depoimento de Silvério Fontes, retratando elementos dos lugares e tempos em que seu caminho cruzou com o de Bonifácio Fortes, mostra informações da vida desses dois homens que, de alguma forma, frequentaram espaços que se assemelhavam em alguns momentos dos seus itinerários formativos. O mesmo acontece com Cabral Machado ao tratar do início da sua amizade com Silvério Fontes.

Traços da vida estudantil, como a passagem pelo Colégio Tobias Barreto, no caso de Silvério e Bonifácio, depois o Atheneu Sergipense frequentado pelo trio, em seguida, a Faculdade de Direito da Bahia e, ainda, o centro acadêmico da instituição, não são simples coincidências – refletem aspectos sociais mais amplos, cujos caminhos eram os mesmos trilhados por vários jovens advindos de famílias abastadas e que ocuparam postos de destaque na sociedade sergipana da primeira metade do século XX.

Outro ponto digno de nota concerne à moradia: todos os sujeitos estudados habitaram em pensões na capital da Bahia. Com relação às pensões de estudantes do ensino superior, o trabalho de Martins e Barbuy (1998) apresenta uma série delas, que concentravam os alunos da Faculdade de Direito do Largo do São Francisco em São Paulo. Por meio de depoimentos e de várias outras fontes, as autoras apontam traços do cotidiano, como as transgressões, boemias, instalações daquelas repúblicas e mesmo aspectos da cidade e mentalidade do período. Conforme as pesquisadoras:

Espaço configurador de liberdade por excelência, era nas repúblicas que corriam as existências soltas, as transgressões da mocidade precoce dos

acadêmicos, em geral iniciando o curso aos 16 anos. A repentina auto-suficiência cotidiana inculca-lhes posturas ousadas, violadoras da tradicional reverência às normas que traziam de casa (MARTINS, BARBUY, 1998, p. 102).

Cabral Machado, que já havia transgredido algumas das regras do internato do Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora em Aracaju, e, posteriormente, foi morador de uma pensão no centro da capital de Sergipe, também seguiu para cursar o ensino superior na Bahia e lá residiu em várias pensões. Segue um dos poemas de Cabral Machado que retrata alguns elementos da vida dos estudantes sergipanos nas pensões baianas:

Pensão da Rua Direita da Piedade

É uma casa cearense/Gente velha ou madura
Comanda a doce pensão/ A Don’Ana bem magrinha
É a voz da direção/Matrona, dona Maria [...]
Desde o Norte até Bahia/Começa no Maranhão
Do Maranhão vem Heitor/Quer ser doutor como o pai
Que foi colega do meu/Formandos em novecentos
Um Heitor endiabrado/Das folias imprevistas
Um irmão de Tomás Cruz/Sergipano criativo
De todas as travessuras/Ubiratan vem do Acre [...]
No vaso do sanitário/ O terrível Tomás Cruz
Deu-lhe fétida coroa/ A cesta de papel sujo
Manoel Cerqueira e Cícero. São filhos do Piauí [...]
De Sergipe somos três/ Machado, Tomás e eu
Depois meu primo Luís e Antônio meu irmão [...]
Gosto da velha Don’Ana/ Que na minha formatura
E do amigo Manezinho/ Preparou-nos um almoço
Co’uma garrafa de vinho/Era então tempo de guerra [...]
(MACHADO, 2003, p. 126–127).

A pensão, referenciada por Cabral, foi uma, dentre tantas outras, pelas quais ele passou ao longo dos seis anos que morou em Salvador. A guerra citada no ano de 1942, refere-se à Segunda Guerra Mundial e Machado complementa dizendo que eram soldados franceses, talvez uma alusão à posição da qual se encontravam diante dos blocos em conflito. As travessuras, como: colocar a cesta do lixo servindo como coroa de espinhos, embriaguez, o ambiente de amizade, por exemplo, permitiam à dona do pensionato fazer um almoço especial para comemorar a formatura de seus hóspedes. Estes são fragmentos de um passado da vida de acadêmico, para além das salas de aula, que podem ser explorados a partir da leitura do poema.

Alguns trechos como o que mostra que os pais de Cabral e do seu colega do Maranhão foram contemporâneos na Faculdade e, posteriormente, os filhos voltaram a estudar juntos, também denotam como as elites permaneciam formando seus filhos em centros como a cidade

de Salvador. Essa discussão lembra Sirinelli (1998), ao chamar atenção que os fenômenos de concentração geográfica das elites culturais são um indicativo de uma centralização também política, além das relações entre o poder público e essas elites nacionais e locais. Salvador, em conjunto com Recife, exerceu por muito tempo, esse papel de centralização no tocante à formação de bacharéis no norte brasileiro¹⁴³.

Pelo que descreveu Cabral Machado, cinco sergipanos no total moravam naquela pensão, incluindo seu irmão e primo. Visualiza-se assim como as famílias da elite sergipana, na primeira metade do século XX, investiam na formação acadêmica dos seus filhos, tal como afirma Sergio Miceli:

[...] no início da década de 1930 o diploma deixara de ser um símbolo de apreço social como o fora para os proprietários de terras ou, ainda, um sinal de distinção capaz de validar ganhos provenientes de outras atividades econômicas das famílias dirigentes. Deixara também de ser garantia segura para os aspirantes ao exército de funções políticas, administrativas e intelectuais. O contingente de bacharéis que pressionava o mercado de postos nessa época começou a utilizar o diploma como uma prerrogativa da qual só se podiam esperar vantagens de caráter profissional (MICELI, 2001, p. 119).

Dentro dessa perspectiva de mudança no valor que o diploma proporcionava aos seus portadores no segundo quartel do século XX, muitos sergipanos se deslocavam para a Bahia e buscavam tais “vantagens de caráter profissional”. Entre eles, estavam: Manoel Cabral Machado, José Silvério Leite Fontes e José Bonifácio Fortes Neto que, entre as décadas de 1930 e 1940, frequentaram as salas de aula da Faculdade de Direito da Bahia. Nessa Instituição, todos viveram a fase de acadêmicos, cada um com seus interesses se aproximando mais de professores, colegas ou atividades que lhes chamavam atenção.

¹⁴³ Thetis Nunes tomando como base os dados extraídos da História da Faculdade de Direito do Recife de Clóvis Belivaqua, afirma que “A partir da fundação da Faculdade Livre de Direito da Bahia em 1891, foi diminuindo a presença do estudante sergipano na faculdade de Direito do Recife, onde, em 1890 colaram grau 5 estudantes, em 1891, 8, em 1892, 4, em 1893, 1, em 1894, 5, em 1895, 3, 1896, 1; já nos anos de 1897, 98, 99 nenhum, enquanto em 1900, 1901, 1902 apenas 1” (NUNES, 2008, p. 366).

Figura 18 –Prédio da Faculdade de Direito da Bahia na Rua Teixeira de Freitas-Salvador/BA



Fonte: GIDI, 1991, p. 67
 Autoria desconhecida

A fotografia mostra o segundo prédio onde funcionou a Faculdade no período de 1931 e 1960. A sede, onde estudaram os três sergipanos em análise formados em Ciências Jurídicas e Sociais, foi inaugurada em 15 de abril de 1931, em comemoração ao aniversário de quarenta anos da Instituição. Sobre sua localização em Salvador, o discurso de inauguração da nova faculdade, proferido pelo professor Nestor Sampaio, situa a “antiga” instituição, sede das aulas de Bonifácio, Silvério e Cabral Machado.

O local era sem dúvida, impróprio para uma academia. O novo edifício era uma ilha angustiada num mar de barulhos. Do lado direito, o que hoje se chama Avenida Joana Angélica era um beco de casas pobres, por onde o bonde de Nazaré, vindo pela Piedade, passava espremendo-se entre a nossa Faculdade e um armazém da esquina do lado oposto. Em frente, trafegava o bonde de Barris, vinda da Cidade para esse bairro, atravessando a estreita rua para onde olhava a fachada principal da Escola. Do lado esquerdo, um viela, obscurecia exatamente a biblioteca, já de si escura e acanhada, própria para afugentar leitores e não para criar, entre nós, o hábito que até hoje continua incipiente, de frequentadores de bibliotecas (FREITAS, 1961, *apud* GIDI, 1991, p. 69).

O discurso serve para ilustrar como estava estabelecida aquela Faculdade dentro do espaço urbano da capital baiana em meados do século XX, fazendo as devidas ressalvas ao “descrédito do velho” diante do “novo” inaugurado; o depoimento do professor fornece elementos para o entendimento dos espaços frequentados pelos então acadêmicos na instituição de formação superior: o bonde, a biblioteca, as ruas no seu entorno, caminhos percorridos no cotidiano para as aulas da Faculdade ou mesmo para estudar na biblioteca escura.

Segundo Gidi (1991), em livro publicado em comemoração ao centenário da Faculdade de Direito da Bahia, essa foi instalada em 15 de abril de 1891, criada logo após a Proclamação da República no Brasil. Com um olhar mais acurado acerca da história da instituição formadora de bacharéis, Rocha pontua:

A Faculdade Livre de Direito da Bahia tem sua origem na atuação de sujeitos históricos, a exemplo de José Machado de Oliveira, bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, que possuía curso particular de ensino jurídico (1890) e Professor substituto da Faculdade de Direito de São Paulo (FSP) (1891). Contudo, há que se registrar a existência de um processo seletivo na consolidação e efetivação da proposta com setores influentes econômicos da sociedade baiana, apoiando a iniciativa, inclusive o campo político e seus agentes (Governador, futuros Governadores, Presidentes das antigas províncias, Deputados e Senadores), Magistrados, Promotores, Advogados, Professores, Comerciantes (ROCHA, 2015, p. 32–33).

A instituição, que perdurou há mais de uma centúria e abrigou boa parte dos jovens estudantes não só da Bahia, mas também de Estados circunvizinhos como Sergipe, apenas viu nascer sua Faculdade de Direito, na década de 1950. Foi nessa instituição que Cabral Machado¹⁴⁴ ingressou em 1938; nesse local, além das aulas, fez parte de um grupo de estudos juntamente com outros universitários que se reuniam para discussões acadêmicas, além de serenatas e outros eventos próprios de estudantes universitários das décadas de 1930 e 1940, na Bahia.

Cabral Machado (2005b) tratou do seu tempo de estudante na Faculdade, situada nos Coqueiros da Piedade e, desse período, retrata alguns dos seus professores, colegas e vivências. Muitos dos seus docentes também lecionaram a Silvério Leite e Bonifácio Fortes, dentro da mesma grade de cadeiras que compunham a Faculdade de Direito da Bahia, no período supracitado. Segue no Quadro 14 os professores e cadeiras dos professores investigados, bacharéis em Ciências Jurídicas e Sociais.

¹⁴⁴ Segundo a lista de bacharéis formados pela Faculdade de Direito da Bahia no ano de 1942, elaborada por Modesto (1996), foram colegas de turma de Manoel Cabral Machado: Agnaldo Bahia Monteiro, Almécio Peixoto Guedes, Antonio Teodoro Nascimento Filho, Arnaldo Antonio Alves, Arnaldo Magnavita, Arion D’Almeida Monteiro, Benedito de Souza Ribeiro, Bernadete Theophilo de Souza, Carlos Fernando de Souza Dantas, Carlos de Carvalho Cerqueira Antunes, Délio Gondin Meira, Durval Tavares Carneiro, Emerson José Dória Serbeto de Barros, Eugênio de Souza Brandão, Francisco Macedo, Gerson de Oliveira Costa, Gualberto da Costa e Silva, Hélio Gondim Meira, Herval Moreira Neves, João da Costa Falcão, João José de Souza, Jorge Tolentino Alvares, Joether de Souza Nascimento, José Bonifácio de Mattos Filho, Lourenço Aouad, Luis Menezes Monteiro da Costa, Mário Jorge de Araújo Nery, Onofre Andrade, Orlando Amado de Freitas, Orlando Procópio Ferreira, Yves Orlando Tito de Oliveira e Zizette Maria Tito de Oliveira.

Quadro 14 – Formação dos sergipanos na Faculdade de Direito da Bahia: Manoel Cabral Machado, José Silvério Leite Fontes e José Bonifácio Fortes Neto

Série	Cadeira	Professores de Manoel Cabral Machado (1938-1942)	Professores de José Silvério Leite Fontes (1942-1946)	Professores José Bonifácio Fortes Neto (1945-1950)
1 ^a	Introdução a Ciência do Direito	Nestor Duarte	Nestor Duarte	-----
	Economia Política	Augusto Alexandre Machado	Augusto Alexandre Machado	Augusto Alexandre Machado
	Direito Romano	Filinto Bastos	-----	-----
	Teoria Geral do Estado		Nestor Duarte	Nestor Duarte
2 ^a	Direito Civil (1 ^a Cadeira)	Orlando Gomes	Orlando Gomes	Jayme Junqueira Ayres
	Direito Penal (1 ^a Cadeira)	Aloysio de Carvalho Filho	Aloysio de Carvalho Filho	-----
	Direito Público Constitucional	-----	Albérico Fraga	-----
	Ciência das Finanças	Augusto Alexandre Machado	Aliomar Baleeiro	-----
3 ^a	Direito Civil (2 ^a Cadeira)	Orlando Gomes	Orlando Gomes	Orlando Gomes
	Direito Penal (2 ^a Cadeira)	Antonio Muniz Sodré de Aragão	-----	-----
	Direito Comercial	-----	-----	-----
	Direito Público Internacional	-----	-----	-----
4 ^a	Direito Civil (3 ^a Cadeira)	Orlando Gomes	Orlando Gomes	Orlando Gomes
	Direito Comercial (2 ^a Cadeira)	Clemente Mariani Clóvis Newton de Lemos*	-----	-----
	Direito Judiciário Civil (1 ^a Cadeira)	-----	-----	Rogério Gordilho de Faria
	Medicina Legal	-----	-----	-----
5 ^a	Direito Civil (4 ^a Cadeira)	Orlando Gomes	Orlando Gomes	Orlando Gomes
	Direito Judiciário Civil (2 ^a Cadeira)	-----	Rogério Gordilho de Faria	Rogério Gordilho de Faria
	Direito Judiciário Penal	Demetrio Tourinho	-----	-----
	Direito Administrativo	Aloysio Henrique de Barros Porto	Laffayette de Azevedo Pondé	-----
	Direito Internacional Privado	Luiz Viana Filho	Laffayette de Azevedo Pondé	Laffayette de Azevedo Pondé
	Direito Industrial e Legislação do Trabalho.	Orlando Gomes	Orlando Gomes	Orlando Gomes

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base nas Cadernetas das cadeiras e os Livro de Registros Históricos localizados no Arquivo da Faculdade de Direito da UFBA, bem como nas obras de Gidi (1991); Modesto (1996) e Ambrosini (2011). OBS: --- Docente não identificado.

*Na cadeira de Direito Comercial o professor Clemente Mariani, assumiu o ensino somente durante o mês de março, depois a mesma ficou sob a responsabilidade de Clovis Newton de Lemos.

Os professores e as cadeiras expostos no Quadro 14 foram os responsáveis pela formação dos três sergipanos em Ciências Jurídicas e Sociais ao longo das décadas de 30 e 40 do século XX na Faculdade de Direito da Bahia. O corpo docente constituía-se de nomes da intelectualidade baiana com presença marcante na política e na educação desse estado que, de alguma forma, contribuíram nos cinco anos de formação no curso superior desses bacharéis.

Por meio das memórias dos docentes expostas por Cabral Machado, traço algumas considerações acerca dos professores que estiveram presentes nas suas lembranças e que também participaram do ensino em nível de graduação de Silvério Leite e Bonifácio Fortes. Entre as recordações de Cabral Machado está o coordenador da Faculdade, no período compreendido entre 1939 e 1942, Aloisio de Carvalho Filho¹⁴⁵ – também professor da segunda cadeira de Direito Penal; já a primeira era regida por Muniz Sodré. Enquanto Aloisio revelava-se “comedido, sóbrio, objetivo”; Muniz, “exuberante, eloqüente e vivás” (MACHADO, 2005b, p. 54).

O professor Filinto Justiniano Ferreira Bastos, de Direito Romano, era um católico fervoroso de formação tomista, o que o fazia se lembrar do seu antigo professor Herbert Parente Fortes, na época do curso pré-jurídico. Filinto é descrito como um homem de fé e tão sábio que poderia lecionar qualquer disciplina daquela Faculdade. Ao contrapor a descrição de Machado acerca de Filinto Bastos com as memórias de Alves Ribeiro (1942, p. 8), ao tratar dos seus mestres de seu tempo em conferência datada de 1940, é possível perceber elementos em comum, tanto no que se refere à religião, quanto à formação humanista. Ribeiro assegura que ele era: “Um humanista disciplinado, de têmpera monástica, de inteligência e sensibilidade abertas a todas as direções da cultura e da compreensão humana”. Sobre a religião, assim o descreve:

O curioso é que quasi todos eram atêus ou agnósticos. FILINTO BASTOS contemporâneo de uma geração de agnósticos, de positivistas, de monistas, tendo iniciado a vida pública em numa época em que convicções filosóficas ou religiosas em nada beneficiavam ou prejudicavam a ninguém, nem por influência de amigos, nem para seguir certos figurinos intelectuais do seu tempo, jamais se afastou das suas crenças, conservando a vida inteira os mesmos princípios (RIBEIRO, 1942, p. 9).

O fato de o professor ser católico era tido com ressalva por ambos os acadêmicos, que estudaram naquela Faculdade, mais que isso: contrasta com a maioria do corpo docente tido

¹⁴⁵ Filho de um famoso jornalista baiano, conhecido por Lulu Parola, Aloisio de Carvalho Filho, foi advogado e professor de Direito Penal, como também dirigiu a Faculdade de Direito da Bahia. Da sua atuação no âmbito da política, cabe destacar sua participação nas constituintes de 1934 e 1946 (SOUZA, 1979).

como ateus ou agnósticos, elementos que, para Cabral Machado, podem tê-lo chocado, pois foi criado em família católica e educado em Colégio Salesiano. O sublinhar de ser o antigo professor um católico tomista, também denota uma observação. Outro elemento que pode ter marcado a memória de Cabral Machado é que Filinto Bastos faleceu em 1939, um ano após ser professor do sergipano e pouco tempo depois de deixar a direção da Faculdade de Direito da Bahia¹⁴⁶.

O “Professor Machadinho”, como ficou conhecido Augusto Alexandre Machado, era o responsável pelo ensino de Economia Política na primeira série e Ciência das Finanças na segunda. Ficaram registradas, na memória de Machado (2005b), suas aulas e as fichas utilizadas pelo professor com resumos que esquematizavam o assunto a discorrer, além da gramática pitoresca aliada à retórica semi clássica, conteúdos que esgotavam o tempo da aula sem que o assunto tivesse sido concluído.

Nestor Duarte¹⁴⁷ lecionou a disciplina Introdução à Ciência do Direito ainda no primeiro ano. Cabral Machado o qualifica como um tribuno, um pregador social, mais do que professor; não obstante, tinha a capacidade de transformar sua classe em um fórum com debates e argumentação. Como se tratava do primeiro ano de Faculdade, a disciplina auxiliava os calouros a perderem a timidez e a se contagiarem pela lucidez do mestre. Algumas pistas do que era ensinado ou discutido, também foram apresentadas por Machado ao descrever que, no final das suas aulas, todos procuravam o professor e: “Dos altos problemas do Direito, nas suas raízes filosóficas ou sociológicas, saltávamos para os problemas das ciências humanas, especialmente os temas religiosos ou políticos” (MACHADO, 2005, p. 192).

O último professor que Cabral Machado mencionou no registro de suas memórias presentes no livro “Aprendiz de Oboé” trata-se de Orlando Gomes, o paraninfo da turma graduada em 1942. Dotado de uma linguagem clara, sempre com rigor metodológico, fixava conceitos e distinguia nuances do assunto lecionado. Segue uma descrição das aulas ministradas pelo professor Orlando Gomes:

¹⁴⁶ Do período que Cabral Machado, Silvério Leite e Bonifácio Fortes foram alunos da Faculdade de Direito da Bahia, foram seus diretores: Filinto Justiniano Ferreira Bastos (1934-1938); Aloysio de Carvalho Filho (1939-1945) e Demétrio Cyriaco Ferreira Tourinho (1946-1952).

¹⁴⁷ De acordo com Ambrosini (2011) Nestor Duarte Guimarães (1902- 1970), nascido em Caetité/BA, estudou na Faculdade de Direito da Bahia na década de 1920, instituição na qual se tornou catedrático de Introdução a Ciência do Direito em 1933, logo depois assumiu a cadeira de Teoria Geral do Estado como professor substituto entre os anos de 1941 a 1945. Com uma larga atuação no universo da política baiana, bem como em várias áreas das ciências humanas. Para saber mais a respeito de Nestor Duarte no âmbito da Política, Sociologia e do Direito consultar a tese de Ambrosini (2011).

Sempre assíduo às aulas, antes do início do horário, já em classe, escrevia no quadro negro o esquema da matéria do dia, com a sua escritura certa, firme e bordada. Anunciada a aula, o mestre, após a chamada dos alunos, passa a expor, proficientemente, o ponto da disciplina, com tal ordem na exposição que o assunto se esgotava, cronologicamente, até o término do horário. Jamais a cátedra invadia nosso recreio, no intervalo das aulas, nem sobrava, no horário, matéria ou tempo. Por outro lado, nosso civilista não se perdia em divagações ou adjetivações, sacrificando a matéria a compor em classe (MACHADO, 2005b, p. 196).

A exposição remonta aspectos do cotidiano das aulas no ensino superior entre as décadas de 1930 e 1940, como o esquema de toda a aula no quadro negro, o trabalho na disciplina por meio de pontos e a rigidez em relação ao horário. Tais professores, somados a outros sujeitos, em distintos tempos e espaços da Bahia, além de diferentes posturas em sala de aula e formas de transmitir o conhecimento contribuíram para a formação de Cabral Machado, Silvério Leite e Bonifácio Fortes, tanto nos aspectos dos conteúdos do Direito, como também nas discussões sobre Filosofia, Sociologia, Religião. Nesse ínterim, no tocante às memórias de Cabral Machado, vale ressaltar que:

Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente (HALBWACHS, 2012, p. 72).

Assim, nomes de colegas, professores, pensões, ruas e acontecimentos são evocados do passado estudantil de Manoel Cabral Machado. Tais elementos aludem à sua “memória individual”, dialogando diretamente com o meio ao qual esteve inserido na realidade da capital baiana no final da década de 1930 e início dos anos 1940. Cabral recorreu a suas lembranças para reforçar nomes de pessoas que se tornaram “pontos de referência” para si, marcando de alguma forma sua vida e suas memórias.

Nunes (2012), ao traçar a biografia de Antonio Garcia Filho, retrata, entre outros aspectos, o período de estudos na Faculdade de Medicina da Bahia, citando, inclusive, o encontro entre Garcia Filho e Cabral Machado, amigos de infância, nascidos em Rosário do Catete, sendo que o pai de Manoel Cabral era o médico da família Garcia. A autora ainda destaca que, nas folgas acadêmicas, os rosarenses reencontravam o amigo Walter Barbosa da Silva e, juntos, cantavam e faziam duelos.

Outro ponto digno de realce, diante da vida do acadêmico, trata-se do período de férias, quando retornava a Sergipe e participava frequentemente das festas¹⁴⁸ na cidade de Capela. Ao apresentar Dom Luciano Cabral Duarte a Academia Sergipana de Letras, Cabral Machado (1975) destacou traços da sua vida no período universitário:

Nesse tempo, conhecera em Capela, ao longe de uma festa, de fevereiro, o jovem seminarista. Não houve oportunidade de aproximarmos-nos. A idade nos afastava. Estudava eu Direito na Bahia, e nas festas, os rapazes tinham admirações mais expressivas. Só depois da ordenação, é que, realmente, conheci o primo padre (MACHADO, 1975, p. 97).

Ainda sobre o período de estudos na Bahia, Machado (1998a) afirmou que, no concurso de habilitação para o ingresso no curso superior, ficou em segundo lugar; o primeiro foi ocupado por Alberto Guerreiro Ramos¹⁴⁹. Sobre o colega escreveu:

[...] se tornou um pensador social, escrevendo vários livros de sociologia. [...] Ele era líder católico, discípulo de Jacques Maritain. Exercia o jornalismo, escrevendo n' A Tarde. Fundou o Centro de Estudos Cristãos, do que eu fui, por sinal, presidente. Depois se mudou para o Rio de Janeiro, onde virou nome nacional. É lá também onde ele pende para a Sociologia e para a Economia. Ali também entrou na política. Foi membro do ISEB. Elegeu-se deputado federal pelo PTB. Foi cassado pelos militares e se exilou nos EUA, onde foi professor na Califórnia. Foi integralista (MACHADO, 1998a, p. 18–19).

O destaque para as convicções do colega de tempos de escola e de graduação revela sua ligação com os movimentos católicos na Bahia, bem como as leituras efetuadas de Jacques Maritain. Sobressai também a afirmação acerca do seu partido político, das

¹⁴⁸ A padroeira da cidade de Capela/SE é Nossa Senhora da Purificação, cujos festejos acontecem entre os dias 24 de Janeiro e 2 de fevereiro.

¹⁴⁹ Segundo Lopes (2012) Alberto Guerreiro Ramos (1915 – 1982) nasceu em Santo Amaro da Purificação, cidade do interior baiano, em uma família mulata pertencente aos estratos sociais inferiores. Ainda muito jovem trabalhou como caixeiro e lavador de frascos em uma farmácia. Na década de 30, na Bahia, Guerreiro Ramos militou no integralismo e entrou em contato com a filosofia católica francesa de autores como Jacques Maritain e Emmanuel Mounier. Participou ainda do setor cultural do governo Landolfo Alves, nomeado interventor da Bahia no Estado Novo, tendo trabalhando para seu irmão, Isaias Alves, político e intelectual de destaque na área da educação e fundador da Faculdade de Filosofia da Bahia. Neste período, Guerreiro Ramos publicou poesia e crítica literária para jornais locais como O Imparcial, pertencentes a simpatizantes do integralismo. Em 1939, Guerreiro Ramos partiu para o Rio de Janeiro com bolsa do governo baiano para o curso de ciências sociais na então Universidade do Brasil. Fez parte do corpo discente da primeira turma da instituição, construída naquele mesmo ano a partir da articulação entre intelectuais da Igreja Católica e o ministro da Educação Gustavo Capanema. Em 1942 diplomou-se em ciências pela Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, no então Distrito Federal, bacharelando-se um ano depois pela Faculdade de Direito da mesma cidade. Constituiu-se como um dos principais sociólogos brasileiros do século XX, sendo um dos mentores do ISEB. Alberto Guerreiro Ramos é indicado em agradecimento especial por Thetis Nunes na sua obra “História da Educação em Sergipe”.

vinculações com o integralismo e a deportação do país na Ditadura Militar iniciada em 1964 no Brasil.

Outro contemporâneo citado nas suas memórias foi Emerson Seбето. Ao tratar da sua turma de bacharéis em 1942, Cabral (2005) situa Emerson como o que tinha a maior vocação profissional; outros tinham talento político, como João Dórea, ou “cabeça filosófica”, como Guerreiro Ramos e, ainda, a inteligência humorística, como Arion Monteiro. Ao tratar do colega de colégio no Ginásio da Bahia e de Faculdade, Cabral Machado também registra aspectos de como estudavam na Bahia:

A Emerson, com seus talentos, organizava os ‘pontos’, e estudávamos juntos, à noite, em sua casa, especialmente próximas às provas, isto durante sete anos, atraídos pelo bom convívio (éramos seis ou oito colegas) e o saboroso chocolate e guloseimas preparadas por Dona Oraidinha. E na Faculdade, nos intervalos da aula, revoávamos em torno da colega Detinha – a graciosa Bernadete Teófilo de Souza – e que veio a casar-se com o Emerson (MACHADO, 2005, p. 108).

Machado registra, nas suas memórias, colegas de turmas desde o Ginásio da Bahia à Faculdade de Direito, a vinculação com o estado vizinho foi além dos estudos. Lá, seu pai fez a graduação em Medicina, seu irmão também fez o mesmo curso do pai e passou a residir no interior daquele Estado na cidade de Itabuna. Cabral continuou a visitar amigos, a fazer parte de banca de concurso na sua antiga Faculdade de Direito e deixou registrado significativo apreço por aquelas terras e por seu povo, em artigos, crônicas e em um livro específico sobre os tempos de estudante e as visitas àquele estado, “Baladas de Bem querer a Bahia” (2003b).

Ao tratar do cotidiano com os amigos daquele período, lembrou do colega do Ginásio da Bahia, Raymundo Sá Barreto, expulso das provas para acesso à Faculdade de Direito, porque “cochichara uns quesitos”, não podendo mais realizar o exame. Ao tratar sobre Raymundo Barreto, Cabral complementa:

Cinco anos depois, retorna a Salvador a fim de assistir à formatura dos bacharéis de sua turma, de 1942. Após a colação de grau, no salão nobre da Faculdade e o baile de formatura, no Baiano de Tênis, fomos, inclusive Pachecão, ao Tabaris, o cabaré de Salvador, onde, entre discursos, bebidas e juramentos, solenemente, fizemos a colação de grau de bacharel em ciências jurídicas e sociais do jovem doutor (MACHADO, 2002, p. 36).

Apresentam-se elementos que fogem aos aspectos formais da colação de grau na Faculdade de Direito da Bahia, a comemoração dos jovens bacharéis se estendia e encerrava-se em um cabaré da cidade de Salvador. As amizades dos ginásianos também aparecem nas

memórias. Foi a turma do pré-jurídico do Ginásio da Bahia que levou Raymundo Sá Barreto a deixar Ilhéus e presenciar a formatura daqueles que seguiram o caminho do Direito, mas a expulsão das provas para entrada lhe direcionou para outros caminhos.

Ao concluir o curso superior tão bem festejado, era necessário voltar a Sergipe. A formatura ocorreu no início de 1943 e ficou registrada no seu acervo pessoal.

Figura 19 - Formatura de Cabral Machado na Faculdade de Direito da Bahia- 1942



Fonte: Acervo do Palácio Museu Olímpio Campos.
Autoria: Desconhecida.

Logo depois da graduação, tendo em vista a perda de seu pai, Cabral Machado assumiu o comando da família, como também uma série de cargos políticos. Além disso, casou-se com Maria de Lourdes Cabral Machado, sua Lourdinha, em 16 de dezembro de 1944. Em carta enviada pela mãe de Cabral Machado, quando os recém-casados ainda estavam em lua de mel, Dona Nina desejou felicidades ao novo casal e, entre outras coisas, escreveu: “A Promotoria, peçamos a S. Antônio que resolva o caso da melhor forma possível, sem aborrecimentos nem queixas” (CARTA DE DONA NINA PARA CABRAL MACHADO (1945) – Biblioteca Manoel Cabral Machado/Palácio Museu Olímpio Campos).

Ao tratar da fonte documental “carta” e dos arquivos pessoais, Ângela de Castro Gomes entende que:

Ao mesmo tempo, ela [carta] mostra a conexão direta dessas fontes com a história cultural, particularmente com a das elites culturais, para as quais a correspondência é lugar de sociabilidade: é lugar de troca de idéias, de construção de projetos, de amores e de ódios e por fim, mas não em último lugar, de pedir emprego, porque intelectual geralmente é pobre, mas é ambicioso (GOMES, 1998, p. 124).

A “carta”, no caso em tela, mostra-se como um lugar de sociabilidade; no retorno a Aracaju, Cabral Machado e sua família buscavam um lugar para atuar por meio dos contatos estabelecidos no meio político sergipano. Não tardou muito e a Promotoria chegou à vida de Cabral Machado, como também o ingresso no magistério, o que aconteceu por meio de um convite do diretor do Atheneu Sergipense, Joaquim Vieira Sobral.

A Promotoria correspondia a um posto de destaque para um aluno formado na Faculdade de Direito da Bahia, mas que carregava o sobrenome da família Cabral Machado. Assim, não se trata de um intelectual pobre de recursos financeiros, mas, de um abastado que almeja um emprego público. Não só Cabral Machado, mas os outros professores investigados buscaram o serviço público nos anos 1930 e 1940. Todos eles, de forma mais rápida ou gradual, alcançaram tal finalidade, seja no magistério, e/ou nos quadros da justiça do Estado.

Em 1942, Manoel Cabral Machado estava no último ano da Faculdade de Direito e preparava-se para regressar à terra natal; neste mesmo ano, José Silvério Leite Fontes ingressou naquela instituição como aluno do ensino superior baiano; Silvério foi morar na Bahia em 1941, para realizar o segundo ano do curso pré-jurídico; em 1942, foi aprovado na Faculdade de Direito, concluindo o ensino superior cinco anos depois¹⁵⁰. Diante de um fato

¹⁵⁰ Segundo Modesto (1996), concluíram o curso superior na Faculdade de Direito da Bahia em 1946: Afonso Glicério da Cunha Maciel Neto, Alair Alves Pereira da Rocha, Alberto de Castro Lima, Almir da Silva Castro, Alzira Coelho Brito, Antenor Zeferino Cossenza, Antonio Fontes, Antonio Gomes Brandão Júnior, Antonio Luiz Waldemar Avena, Aquinoel Neves Borges, Artur Orlando dos Santos Brito, Auto José de Castro, Azor de Souza Trindade, Carlos Aníbal Correira, Carlos Bohana Simões, Carlos Costa, Dante Leonelli, Darci Ribeiro de Santana, Dilton Berbert de Castro, Domingos Colavolpe Sobrinho, Fernando Siuffo Kruschewsky, Francisco Calmon Villas Bôas, Herval Franco Vieira, Inácio Almeida Moura, Ivo Francisco do Nascimento, João Alberto Gonçalves Tourinho, João Carlos Tourinho Dantas, João Pereira Carrera, Joaquim Augusto Cavalcante Bandeira, Jorge Fernandes Figueira, José Bezerra Viana, José Ferraz de Oliveira Gugé, José Góes Silva, José Maciel Neves, José Maria Imperial Diniz Gonçalves, José Silvério Leite Fontes, Leman dos Santos Palmeira, Luiz França Nabuco, Marbal da Costa Marinho, Manoel Moreira de Pinho Freitas, Mário Pereira, Nivaldo Pereira Sales, Only Silva, Otávio Sena de Faria, Paulo Atanásio Jatobá, Pedro de Souza Dantas, Rogério Sena de Faria, Rosalvio de Andrade Martins, Sebastião Celso de Carvalho, Túlio Martins Cavalcante, Valter Barbosa da Silva, Valter Mendonça Sampaio e Washigton Luiz da Trindade. Da lista de contemporâneos de Silvério Leite cabe destacar o sergipano Sebastião Celso de Carvalho que governou Sergipe nos primeiros anos da Ditadura Militar, mais precisamente entre 1964 e 1967. Por extrapolar o recorte temporal da pesquisa não busquei as vinculações de Silvério Leite e Celso de Carvalho no seu governo, mas nos escritos de Silvério Fontes acerca do período de graduação o conterrâneo e colega da Faculdade de Direito da Bahia não é citado.

tão marcante na vida de Silvério, sua mãe, Iracema Fontes registrou elementos da vida do filho no vizinho Estado:

Em princípio de 42 fez exame Vestibular e ingressou na Academia de Direito com 17 anos incompletos. Com a maior das minhas alegrias fez parte de uma associação religiosa, comungando mensalmente e ouvindo a missa dominical com outras obrigações. Fez parte da Ação Católica em Bahia. Formou-se em baxarel em 1946, a cuja formatura fui assistir com os meus filhos Candida Maria e Jorge Henrique e graças ao bom Deus passamos dias muito felizes. Formou-se portanto aos 22 anos incompletos (FONTES, 1923-s/d, s/p).

Sem perder de vista que Iracema Leite Fontes, ao guardar aquele “livro de família”, também buscava arquivar a vida da sua prole e assim evidenciar elementos da sua família que gostaria de deixar registrados para a posteridade, indubitavelmente, a formatura no ensino superior do primogênito não passaria despercebida; pelo contrário, foi sinônimo de “dias muito felizes”. Do excerto retirado do seu caderno de anotações, observam-se os anos de ingresso e término do curso superior, correspondentes à documentação localizada no Arquivo da Faculdade de Direito da Bahia, bem como a idade do jovem Silvério que se desloca para terras estranhas, além do retorno para terra natal diante da formatura.

Chama atenção também a ausência do pai de Silvério, na sua cerimônia de formatura, como não comparecer a um momento tão marcante na trajetória da família? Por ora, não se tem uma resposta para tal questionamento, sabe-se que o patriarca veio a falecer na década de 1950 e, segundo Elze Fontes (2015), o prosseguimento dos estudos de Silvério Leite em Salvador ocorreu devido aos incentivos da mãe, sem contar com tanto apoio do comerciante e funcionário público.

Ainda sobre os escritos mencionados, cabe destacar também a participação de Silvério Leite na Ação Católica¹⁵¹ da Bahia que, em conjunto com os ensinamentos do professor Herbert Parentes Fortes, contribuíram sobremaneira para a formação do católico militante. Segue uma descrição de Maria Thetis Nunes (2005) em homenagem póstuma a Silvério, com retratações de aspectos do convívio de ambos na Bahia e sua vinculação com a Igreja:

¹⁵¹ Conforme Miceli (2001): “Após 1930, o trabalho de mobilização e arregimentação levado a cabo pela Igreja assumiu proporções consideráveis, A nova orientação política do Vaticano vinha insistindo quanto à necessidade de reagrupar as diversas instituições católicas em torno de uma mesma direção central, à maneira da Ação Católica, recém-implantada em alguns países europeus. Em junho de 1935, os bispos brasileiros promulgavam os estatutos da Ação Católica, moldados segundo padrões italianos, com seus quatro grandes organismos de base (que guardavam certa semelhança com a organização política fascista): ‘Os Homens de Ação Católica (HAC), para os maiores de trinta anos e os casados de qualquer idade; a Liga Feminina da Ação Católica (LFAC), para as maiores de trinta anos e as casadas de qualquer idade; a Juventude Universitária Católica (JUC) e a Juventude Feminina Católica (JFC)’, tendo como órgão centralizadora Confederação das Associações Católicas (antiga Confederação Católica)” (MICELI, 2001, p. 129, grifos meus).

[...] fomos companheiros de residência num pensionato em Salvador, ele aluno da Faculdade de Direito, eu da Faculdade de Filosofia cursando Geografia e História. Tornamo-nos bons amigos, embora trilhássemos caminhos bem distintos... Ele, participando da Juventude Universitária Católica, influenciado pelo renomado professor Herbert Parentes Fortes, buscando, na filosofia e na teologia, explicações para os problemas do mundo, principalmente através dos escritos de Jaques Maritain e Leon Bloy; eu, identificada com a juventude Comunista de Mário Alves, João Batista de Lima e Silva, Fernando Santana, via em Marx a solução para os problemas que agitavam o mundo (NUNES, 2005, s/p, grifos meus).

Embora trilhassem caminhos distintos, há pontos de convergências: um dos caminhos cruzados por Thetis Nunes e Silvério Leite, que começou com uma amizade no Atheneu Sergipense e se prolongou nas vivências da época universitária na Bahia, logo depois como colegas no magistério secundário e superior, entre outros espaços. A participação de Silvério Leite na JUC e a presença marcante da figura de Herbert Parente Fortes na sua formação intelectual são, mais uma vez, sublinhadas pela contemporânea. Do outro lado, observam-se as ideias com as quais a jovem Thetis se identificava, inclusive, com o referencial teórico que a juventude comunista da Bahia se embasava naquele período diferido completamente das concepções que a Igreja Católica apregoava e das quais Silvério Fontes compartilhava.

Os caminhos distintos descritos por Thetis Nunes podem ser visualizados nas incorporações teóricas que ela e Silvério Leite fizeram naquele período de formação e, anos depois, nas suas publicações, engajamentos em partidos políticos e/ou grupos dos quais fizeram parte. As leituras e vivências nos diferentes espaços formativos da época de estudantes universitários marcaram a geração da qual fizeram parte, com diferentes significados e distintas apropriações, como é próprio da vida de cada sujeito ativo, mas com marcas indeléveis nas suas memórias. Tal constatação lembra o que escreveu Sirinelli acerca de uma “geração intelectual”:

Une génération intellectuelle peut, d'abord, naître de la rencontre de jeunes gens em cours d'étude ou au seuil de gens em cours d'étude ou au seuil de métiers "culturels" avec un événement ou une crise fondateurs, entraînant une empreinte commune dans les sensibilités (SIRINELLI, 1986, p. 106).¹⁵²

Nessa perspectiva, é possível afirmar que os jovens Silvério Leite e Thetis Nunes fizeram parte de uma geração intelectual, tanto pelo encontro no curso de seus estudos como

¹⁵² Tradução livre: “Uma geração intelectual pode, primeiramente, nascer do encontro de jovens no curso de estudos ou no limiar de pessoas em formação, ou ainda no início de ofícios "culturais" com um acontecimento ou uma crise fundadora, resultando uma impressão comum de sensibilidades”.

também de elementos culturais do final da década de 1940 das quais comungavam. Com uma ampliação da lupa sobre o passado, observa-se como os intelectuais estudados na presente tese enfrentaram, ou coadunaram, com as questões do governo de Getúlio Vargas, os reflexos da Segunda Guerra Mundial em Sergipe e na Bahia, o debate acerca do comunismo ou do integralismo, entre outros elementos que plasmaram essa geração.

No tocante ao papel da Igreja Católica, as opiniões são distintas, mas nenhuma de extrema discordância. Ressalta-se a aproximação que Cabral Machado, Bonifácio Fortes e Silvério Fontes possuíam com o catolicismo, sobretudo, Silvério Leite e Cabral Machado. Nesse ínterim, vale pontuar a entrevista concedida em 1993 por Silvério, quando ele afirmou que, na Faculdade de Direito, seus professores eram quase todos positivistas, o que poderia ter contribuído para o abandono do cristianismo, mas isso não aconteceu. A exceção entre os docentes estava com o professor Orlando Gomes, que não era um positivista, nem marxista, mas também não professava nenhuma crença espiritualista.

Na entrevista de Silvério Leite, o professor Orlando Gomes é lembrado pelo método de ensino e a capacidade de analisar os institutos jurídicos não apenas nos aspectos de formulação legal, mas também aprofundando a noção de cada um e a razão de ser de todos eles. Nas memórias evocadas meio século depois das aulas no curso de Ciências Jurídicas e Sociais, Silvério citou o professor Nestor Duarte tendo em vista o embate entre sua fé e o meio universitário. Ele assim rememora:

Eu sofri um pouco, porque o professor de Introdução ao Direito, por exemplo, que era muito conhecido, Nestor Duarte, me ridicularizava, me chamava de Tomás de Aquino, de bispo e até me puseram o apelido de “Bispo”. Mas eu tinha amigos também, porque no grupo de alunos haviam pessoas religiosas. Fiquei amigos deles e, inclusive de um comunista, que era o Jacob Gorender. Ele era um rapaz muito inteligente, não preocupado em ser um excelente aluno, mas pegava rapidamente o que lia e ouvia. Eu me lembro que na aula desse professor que citei há pouco, fiz uma contestação e o professor disse que ele era aluno muito petulante por querer contestá-lo (FONTES, 1993, s/p).

As memórias de Silvério, acerca do seu período de graduação, mostram como a questão religiosa se fez presente na sua vida acadêmica a ponto de ser apelidado de “Bispo”. Os escritos de Thetis Nunes (2005, s/p) reforçam os entraves vividos por Silvério por conta da sua fé; assim, sua contemporânea na Bahia escreveu: “Conversávamos, discutíamos, impressionando-me sua fé em Deus, a participação nos atos religiosos, indo à missa dominical com o missal sem importar-se com a zombaria dos colegas”. A zombaria que lhe rendeu o

apelido de “Bispo” e o fato de ir à missa dominical descrito no caderno de anotações de Iracema Fontes foram reforçados pela colega Thetis Nunes.

Os constrangimentos do professor e a forma como ele repreendia os alunos podem ser contrastados com a descrição de Cabral Machado acerca do mesmo mestre e, assim, perceber as nuances que perpassam as memórias e os seus interesses, bem como traços do cotidiano da sala de aula no curso de formação de bacharéis em Direito na primeira metade do século XX. Outro ponto digno de nota são as amizades tidas em sala, inclusive com Jacob Gorender.

Ainda no último ano de Faculdade, Silvério retornou a Sergipe, tendo em vista o início dos seus problemas de saúde ocasionados pela diabetes. Ao longo de alguns meses do ano de 1946, Silvério Fontes percorreu o trajeto Aracaju/Salvador somente para realizar as provas, pois em terras sergipanas tratava-se sob os cuidados da família. De volta a Aracaju, ingressou na Ação Católica e, nesse período, começou a amizade com Hélio José Ribeiro.

Em entrevista, na década de 1990, Silvério Leite afirmou que Hélio José Ribeiro¹⁵³ “[...] teve uma influência marcante na consolidação da minha fé cristã e me deu uma nova visão do cristianismo, que eu não havia percebido” (FONTES, 1993). Hélio Ribeiro era o então presidente da Ação Católica em Sergipe – surgida em 1945, o órgão da Igreja Católica se desenvolveu através de cinco movimentos, conhecidos como Juventude Agrária; Juventude Estudantil; Juventude Independente; Juventude Operária e Juventude Universitária. Silvério tratou desse período da sua vida e apontou a importância do líder católico tanto para ele, quanto para Bonifácio Fortes:

Além disso, fomos reunidos, porque encontramos em nossas vidas, a mesma personalidade marcante, que seria uma encruzilhada em nossos caminhos, encruzilhada tão decisiva como aquela que o Senhor Deus propôs a Inácio de Loyola na estrada de Manresa. Foi a personalidade de Hélio José Ribeiro, para dar testemunho da verdade sobrenatural, num mundo embriagado pelas verdades da natureza (FONTES, 1981, p. 7, grifos meus).

A figura de Hélio Ribeiro emerge constantemente no Diário escrito por Silvério Fontes entre novembro de 1945 e abril de 1946, ao descrever alguns aspectos do seu dia a dia. O diário ocupou as páginas restantes do livro de tesouraria da Juventude Universitária Católica

¹⁵³ Líder católico, nascido em Maroim/SE, filho de Maximino José Ribeiro e Edla Colhe Ribeiro. cursou o colégio Militar no Rio de Janeiro e formou-se em Direito pela UMG, Belo Horizonte. Regressou, em 1942, para Aracaju, onde trabalhou na firma comercial da Família, Ribeiro e Cia. Foi nomeado pelo bispo diocesano, D. José Thomaz Gomes da Silva, presidente da Ação Católica e presidente da Liga Eleitoral Católica (LEC), exercendo liderança e influência sobre os leigos e religiosos. Por esse trabalho, despertou bastante admiração dos católicos de Sergipe. Outras informações, ver os jornais *A Cruzada*, 30.09.1951 e o *Diário de Sergipe* de 28.09.1951 e ainda uma visão de um dos contemporâneos de Silvério Leite, José Amado Nascimento (1956), aborda a vida e atuação de Hélio Ribeiro após cinco anos do falecimento do líder católico em terras sergipanas.

da Bahia e, possivelmente, trata do período em que Silvério Fontes começou a sentir os problemas da diabetes, retornando a Sergipe ainda como estudante do último ano do curso superior, munido da vontade de propagar as ideias cristãs. O diário contém principalmente as ações da JUC, em Sergipe, e logo na página inicial assim descreveu:

11 de novembro – Abro este diário pedindo a Deus ajuda para que nele inscreva uma grande empresa em bem dos homens e pelo esplendor da vida. Peço-lhes por, intercessão da Sta. Mãe Celestial, que sempre me protegeu os auxílios necessários para dedicar-me a minha missão, esquecido de mim mas não só buscando a beleza da vida renovada. Sei que não basta o atual entusiasmo fruto da reflexão ao assistir o filme da vitória sobre a grandeza das obras humanas e a pobreza do criador. É preciso levantá-lo, ensinando-lhes os caminhos da paz e prosperidade nacional e internacional. Sei que preciso sacrificar-me, rezar, sofrer, renunciar as compensações do mundo. Devo estudar e levar as vistas dirigidas para o alto. [...] seja o repertório das minhas fraquezas e virtudes, a um lembrete dos deveres a cumprir (FONTES, 1946, s/p.).

É preciso lembrar o que afirma Artières: “Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (ARTIÈRES, 1998, p. 11). Nesse sentido, o “diário” de Silvério deve ser vislumbrado como uma “construção de si”, não um “reflexo exato do eu”. É justamente nesta contraposição entre a imagem íntima e social que estão os escritos registrados pelo jovem Silvério diante do retorno da Bahia.

No Diário, Silvério faz descrições dos seus dias, citando atividades rotineiras e também autores lidos. Em 10 de março de 1946, registra ter realizado leituras acerca das “Grandes Correntes do Pensamento Antigo”, de Albert Rivaud, História da Filosofia de Grabmam; um autor não identificado com a obra “Tomás de Aquino”; e, ainda, o livro “Política” de Aristóteles e “Teológica” de São Tomas. Nesse mesmo dia, à tarde, fez a leitura de trechos do Novo Testamento. No registro do dia posterior, consta a seguinte descrição:

Pela manhã fui a Biblioteca Pública consultar a ética de Aristóteles sobre o assunto da prudência. Sua palavra sobria e medida penetrada do amor grego à forma e à medida, encheram minha alma. Das 13 h as 15 escrevi um trabalho inspirado em Salomão e Aristóteles, consultei o referido Rivaud, [ilegível], Grabmam e St. Thomaz. Após a refeição as 15 hs iniciei na biblioteca a leitura do Cromwelle de Carlyle. Não gostei do seu parcialismo puritano, embora apreciasse a maneira imaginosa e dramática de revirar o passado (FONTES, 1946, s/p).

Os escritos de Silvério Leite fornecem uma dimensão do jovem católico e o seu cotidiano: leituras ao longo do dia, em casa ou na biblioteca pública da cidade de Aracaju.

Leitura atrelada à escrita, uma produção que buscava vincular o conhecimento filosófico de Aristóteles à sabedoria de Salomão da Bíblia, tão presente na vida de Silvério. Adverte-se ainda para o fato de ser um leitor crítico e um examinador da forma como se escrevia a História, afinal, analisa como o autor “revirava o passado”.

As leituras de autores neotomistas, romances, livros de Filosofia, Sociologia e História perpassam o diário. Podem-se visualizar autores europeus, sobretudo, alemães, como também brasileiros – a exemplo de Fernando de Azevedo e Herbert Parente Fortes, seu professor no curso complementar na Bahia. Além disso, aspectos do cotidiano do jovem Silvério em Aracaju, como as idas constantes à igreja para as missas e confissões, filmes no Cinema Rio Branco, saídas e visitas aos amigos, o flerte com “a filha do interventor que parecia uma chinesinha”, entre outros fragmentos do passado de Silvério Fontes podem ser encontradas na fonte em foco.

Contudo, o Diário contém sobremaneira as angústias de Silvério diante do mundo e da sua visão cristã, os debates sobre cristianismo e a sua atuação com alguns amigos, como Fagundes Varela e Walter Diniz, junto à Ação Católica. Destacam-se encontros, divulgação na imprensa, convites a novos membros e estratégias utilizadas por eles para expandir e consolidar o projeto católico. Nomes de padres, cônegos e outros representantes da Igreja são sublinhados na escrita de Silvério, que também anota acerca dos cuidados com a saúde e embates com a família.

Dentro da proposta apresentada por Cunha (2011), de que os diários são registros de vida produzidos individualmente, guardam-se traços culturais da vivência de quem os escreve. Nesta perspectiva, é possível perceber que os registros feitos por Silvério Leite nos idos de 1945 dizem da formação de uma parcela da juventude que passou pelos bancos do ensino secundário, com uma formação humanista calcada na leitura de clássicos da Filosofia e no âmbito da religião católica, como também teve contato com outras correntes teóricas no ensino superior. Programas de ensino, professores, instituições educacionais, juntamente com as relações familiares e o círculo de amizades certamente influíram para que o cotidiano do universitário, que passava por problemas de saúde, mantivesse uma rotina de leituras, escritos publicados na imprensa, engajamento nas ações da Igreja Católica, envolvimento no âmbito político do Estado, como também os primeiros passos para os caminhos do magistério.

O Diário aponta elementos dos itinerários formativos do jovem intelectual José Silvério Leite Fontes, como ele, aos poucos, foi se moldando diante de leituras, amizades e atividades dentro e fora do âmbito da Igreja. Tais “laços de sociabilidade” se formaram mesmo antes da efetiva colação de grau na Bahia, trazendo de lá novas ideias que, somadas ao

pensamento de Hélio José Ribeiro, configuraram a fase de retorno da graduação de Silvério em conjunto com uma nova missão cristã; concomitante a isso, ingressou no magistério.

Figura 20 - Colação de grau de José Silvério Leite Fontes na Faculdade de Direita da Bahia -1946



Fonte: Acervo de Elze Fontes.
Autoria Desconhecida.

Saliento que, durante a graduação, Silvério também atuou como vice-presidente no Centro Acadêmico Ruy Barbosa, na Faculdade de Direito da Bahia; anos mais tarde, esse mesmo centro acadêmico contaria com a colaboração de José Bonifácio Fortes Neto. Sobre esse período, em que ambos estiveram na Bahia, escreveu Silvério:

Desde muito cedo, a vocação das letras e das ciências humanas foi um dominante de nossa vida. Lembro-me de vossas preocupações literárias, na fase da juventude, e como cuidaste de enriquecer o patrimônio da biblioteca do centro Ruy Barbosa. Dessa fase ficaram poesias e contos inéditos ou publicados em órgãos da imprensa local, além de muitos artigos de crítica literária.

A nossa formação intelectual de então, não era formação de especialistas. Ao tempo em que estudávamos o Direito, voltávamo-nos também para as Letras, a Filosofia, a Sociologia ou a História. Isso era um bem e um mal, embora fosse também as atividades possíveis e a melhor estrutura de aprendizagem na década de 40, que, em Sergipe, se prolongaria até a década de 60 (FONTES, 1981, p. 8).

A aproximação com as letras, as publicações durante a vida do acadêmico e o trabalho nos movimentos estudantis iniciados já nas escolas sergipanas podem ser sublinhados na análise do discurso de Silvério¹⁵⁴. A “formação intelectual”, classificada por Silvério Fontes (1981) de “polígrafos”, na sua acepção, estender-se-ia até a fundação da UFS, no final da década de 1960. Nesse período, cada professor teve que se fixar nas suas áreas de formação e atuação: Silvério Leite dividiu suas atenções entre o Direito e a História; no caso Bonifácio, a opção foi pelo Direito.

A vinculação de Bonifácio Fortes com a Bahia ocorreu desde o início dos anos de 1940, quando morava em Aracaju e já era correspondente de alguns jornais baianos. Se em Sergipe Bonifácio Fortes envolveu-se no Grêmio Cultural Clodomir Silva, ao chegar à Faculdade, passou a atuar junto ao Centro Acadêmico Ruy Barbosa e logo assumiu a secretaria do referido núcleo.

Em Salvador, morou na república da Rua do Tijolo 15, reclamava da comida, pois se alimentava principalmente de chuchu, ensopado de mamão verde e carne enlatada¹⁵⁵. Além da vida nas repúblicas da Bahia, Bonifácio também foi acolhido nas horas mais difíceis na casa de José Passos Filho e de sua mulher, Ester Borges Passos, sendo José, filho do padrinho de Bonifácio (FORTES NETO, 1992, p. 9). Na Bahia, foi acometido pela pneumonia, que fez com que mudasse para Minas Gerais durante um ano, formando-se então em 1950, um ano a mais do que a turma que ingressara, em 1945.

¹⁵⁴ Não foi possível localizar as publicações desse período de estudantes, mas almeja-se em trabalhos futuros perscrutar uma série de outras fontes em busca de analisar as publicações dos jovens bacharéis que se graduaram no século XIX e primeira metade do século XX.

¹⁵⁵ A descrição de Bonifácio Fortes da república situada em uma rua de estranho nome faz lembrar os escritos de Martins e Barbuy (1998) quando trata de uma dessas casas cujo dito “Aqui só se come pão do espírito” era uma das inscrições na parede de uma singular república, denominada o Minarete, que ficava distante do centro, em um afastado bairro chamado Belenzinho e que possuía estranha arquitetura somente para os que ali se aventuravam frequentar. Entre os moradores do Minarete esteve o escritor Monteiro Lobato.

Figura 21 - Turma de Bacharéis da Faculdade de Direito da Bahia-1950



Fonte: Acervo pessoal de Marinalva Fortes.

Autoria: Desconhecida.

Na imagem destaquei a presença de Bonifácio Fortes entre os formandos fotografados. Com essa formatura encerram-se as graduações do grupo de professores no Estado da Bahia, sendo que a cidade de Salvador concentrou os estudos superiores do grupo de professores analisado, principalmente, no curso de Ciências Jurídicas e Sociais, além da graduação em Odontologia de Felte Bezerra e Geografia e História de Thetis Nunes.

Bonifácio, diferente dos demais intelectuais que estudaram nas Faculdades baianas, vivenciou o início da Universidade Federal da Bahia. A UFBA foi criada pelo Decreto-Lei nº 9.155, de 8 de abril de 1946, e instalada em julho do mesmo ano, segundo Nunes:

Reunia as Faculdades de: Medicina, as chamadas Escolas Anexas de Odontologia e Farmácia, a de Direito, a Politécnica, a de Ciências Econômicas e a de Filosofia, que houvera criado em 1941, por Isaías Alves. O diretor da Faculdade de Medicina, Prof. Edgard do Rego Santos, foi o fundador da UFBA e seu primeiro reitor (NUNES, 2010, p. 50).

Ainda segundo a mesma autora é preciso situar a criação da UFBA no âmbito da Reforma Francisco Campos, que também organizou o ensino superior com o decreto nº 19.851. Tal Reforma dispunha sobre o ensino superior no Brasil e adotava o regime universitário – ficou conhecido como o Estatuto das Universidades Brasileiras e orientou a

criação de várias universidades, inclusive, a UFBA. A Reforma de Francisco Campos orientou o ensino superior até a Lei nº 5.540, de 1968.

Nesse espaço de mudanças pelas quais passaram as instituições de ensino superior na Bahia, no final da década de 1940, bacharelou-se Bonifácio Fortes. A formatura em 1950 é um marco da turma que perpassava o meio do século na Faculdade de Direito da Bahia. Bonifácio somava-se assim aos já graduados Felte Bezerra, Cabral Machado, Thetis Nunes e Silvério Fontes.

Para Vidal (2010, p. 714), “A implicação para a pesquisa é reconhecer como significativo não apenas o fato de os professores terem freqüentado tal ou qual instituição de formação docente, mas atentar também para as diferentes escolas por que passaram esses sujeitos durante a sua vida”. Atento a essa afirmação, analisei, na presente seção, diferentes elementos que contribuíram para a formação acadêmica desse grupo de professores. Cadeiras, professores presentes nas suas memórias e vivências do período universitário que foram salutares para a formação intelectual desses sujeitos.

Para isso, investiguei uma série de fontes relacionadas ao período de estudos que esses professores cursaram durante o ensino superior na Bahia, como também, as memórias escritas pelos docentes e sobre eles, fotografias, depoimentos de seus familiares, cadernetas dos cursos estudados, livro de registros de título, todas as pastas dos discentes localizadas nas suas respectivas Faculdades de formação, com exceção de Felte Bezerra.

Busquei e problematizei os registros que localizei nos arquivos das instituições da Bahia e de Sergipe, no tocante ao período de graduação desses cinco professores. Além dessa documentação, dialoguei com autores que tratam desses cursos superiores entre 1930 e 1940 na Bahia, período que, em Sergipe, ainda não havia tal modalidade de ensino em funcionamento. Todo o empreendimento realizado concerne a mais um fragmento dos itinerários desses pioneiros docentes do ensino superior sergipano, como também traços da história intelectual.

Pelo exposto, evidencio como a vida no ensino superior na Bahia e o retorno a Sergipe foram permeados por ensinamentos e mudanças de algumas perspectivas de ver o mundo e atuar sobre ele. Alguns professores, a exemplo de Orlando Gomes, ficaram registrados nas memórias de Cabral Machado e Silvério Leite. Tais docentes podem ser situados na acepção de Sirinelli (2003, p. 246), no tocante às “genealogias de influências”.

Outros acadêmicos, como Thetis Nunes e Bonifácio Fortes, construíram, na Bahia, uma vida no movimento estudantil e praticaram constantemente a oratória e a escrita¹⁵⁶. Já Cabral Machado e Silvério Leite tiveram presença marcante nas ações da Igreja Católica com a juventude baiana, para além do Centro Acadêmico Rui Barbosa – o que é um “indício” das “[...] ideologias produzidas ou veiculadas pelos intelectuais e a cultura de sua época” (SIRINELLI, 2003, p. 261).

Pelos sujeitos analisados, o jovem estudante universitário, das duas últimas décadas da primeira metade do século XX, possuía uma atuação para além da sala de aula, os movimentos que congregavam grupos de estudantes – fosse no âmbito da esquerda política, como participou Thetis Nunes; fosse em ações relacionadas aos combates do catolicismo contra o comunismo, como participou Silvério Leite – são elementos da cultura da época por eles vivida e que contaram com o “engajamento” deles, inclusive, com a veiculação de ideias.

A passagem pelo Ginásio da Bahia, a relação com o integralismo e a leitura de autores, como Jacques Maritain, deixaram marcas na formação de Silvério Leite Fontes e Manoel Cabral Machado, assim como seus contemporâneos do ensino secundário naquele estabelecimento de ensino, Jacob Gorender, colega de graduação de Silvério Leite e Alberto Guerreiro Ramos, que iniciou o curso de Ciências Jurídicas e Sociais com Manoel Cabral Machado.

As pensões, espaços em que todos moraram e vivenciaram aprendizados, foram significativas para a própria formação profissional, uma vez que, como ilustrou o caso de Felte Bezerra, naqueles locais, extra salas de aula, de tudo se falava e muito se aprendia. Além das algazarras, passeios, leituras, trabalhos acadêmicos e professores que deixaram marcas durante o ensino superior, Bonifácio e Silvério também tiveram dias difíceis – conjuntura que os levaram a deixar o estado para tratar da saúde: Bonifácio seguiu para Minas Gerais para cuidar da pneumonia; já Silvério retornou a Sergipe e manteve a dieta para tratar da diabetes.

Enquanto Bonifácio, Cabral, Silvério e Thetis regozijaram seu período de graduação, Felte Bezerra sentiu de perto os embates da Faculdade de Medicina da Bahia para com a Odontologia, uma das suas Escolas Anexas. Professores que deixavam a desejar e decepção com o curso marcaram as memórias do sergipano. Outros docentes, como Nestor Duarte, foi recordado por Silvério Leite, entre os que zombavam da sua fé.

¹⁵⁶ A respeito dos movimentos estudantis universitários em Sergipe, bem como sobre o ensino superior no referido estado na segunda metade do século XX, ver a tese de José Vieira da Cruz (2012), intitulada “*Da autonomia à resistência democrática: movimento estudantil, ensino superior e a sociedade em Sergipe, 1950-1985*”.

De toda forma, a Bahia representou uma “encruzilhada” nos caminhos dos sergipanos investigados. De maneira que todos os cinco intelectuais podem ser situados na descrição realizada por Manoel Cabral Machado no seu livro: “Baladas de bem querer à Bahia” (2003, p. 5, grifos meus): “Vivi, como estudante, na Cidade do Salvador [...]. E assim, por sete anos, amei à Bahia, como Jacó amou Raquel”. De Salvador, com a posse do diploma, dentro da perspectiva de que “o diploma constitui-se garantia e legitimidade da competência” (SIRINELLI, 1998, p. 268), todos eles voltaram para Sergipe e ingressaram no magistério.

Além disso, envolveram-se em vários outros projetos pessoais, uns demoraram mais tempo para exercer a profissão em que se graduaram, como foi o caso de Silvério Leite Fontes; outros, antes mesmo de voltar em definitivo para Sergipe com o diploma nas mãos, já atuavam na docência do ensino secundário – como aconteceu com Bonifácio Fortes, professor da Escola Normal Rui Barbosa, no ano de 1947, e Thetis Nunes, professora do Atheneu Sergipense, antes mesmo do término do curso superior.

É justamente o ingresso na profissão docente, diante do retorno à terra natal, bem como as memórias sobre o trabalho na docência do ensino superior na FCFS que discuto no próximo “trecho” desses itinerários.

5 - “AO RETORNARMOS A SERGIPE, FORMADOS, NOS ENCONTRARÍAMOS NO MAGISTÉRIO”: “OS LAÇOS QUE SE ATAM” NA DOCÊNCIA COMO UM “CAMPO MAGNÉTICO”

Vimos a encontrar-nos novamente, em 1951, quando juntos trabalhamos no Governo de Arnaldo Garcez. Em 1953 éramos colegas na Faculdade Católica de Filosofia, obra pioneira, entre outras, do ensino superior em Sergipe. Juntos ingressamos na Escola de Serviço Social, em 1954, e na Faculdade de Direito em 1957 (SILVÉRIO LEITE FONTES, 1981, p. 6, grifos meus).

O trecho do discurso de recepção de Silvério Leite Fontes a Bonifácio Fortes na ASL, denota como diferentes instituições educacionais foram ocupadas pelos mesmos professores que se revezavam em distintos “microclimas” na cidade de Aracaju. Os precursores professores do ensino superior, Bonifácio e Silvério lecionaram em três, das cinco Faculdades que existiam em Sergipe na década de 1950.

Já Manoel Cabral Machado ensinou tanto na Faculdade de Filosofia, como também na Faculdade de Direito de Sergipe (FDS), na Escola Superior de Serviço Social (ESSS) e na Faculdade de Ciências Econômicas de Sergipe (FCES). Felte Bezerra trabalhou no projeto da FCFS, mesmo antes da criação da instituição, foi um dos idealizadores da Sociedade Sergipana de Cultura, como também, ensinou na Faculdade de Medicina. Maria Thetis Nunes foi a primeira mulher a lecionar na antiga FAFI, bem como na ESSS – ambas administradas pela Igreja Católica.

Dentro dessa perspectiva, a proposta da presente seção é investigar como Felte Bezerra, Thetis Nunes, Silvério Leite Fontes, Cabral Machado e Bonifácio Fortes ingressaram na docência, primeiro no ensino secundário e depois como pioneiros professores do ensino superior sergipano. Dialogo com as explicações de Sirinelli (2003, p. 247), quando o teórico francês afirma que “[...] a extrema diversidade das situações individuais impede que se chegue a situações globalizantes. O que não dispensa [...] localizar os campos magnéticos [...], que num determinado período, atraíram os intelectuais”.

Vislumbro a docência como um “campo magnético” que uniu os jovens graduados, Silvério Leite, Felte Bezerra, Thetis Nunes, Cabral Machado e Bonifácio Fortes, em torno do magistério secundário logo após retornarem às terras sergipanas. Na FCFS, “os laços se atam” no convívio diário, nas distintas cadeiras lecionadas e nos projetos maiores liderados pelo diretor da instituição, Luciano José Cabral Duarte.

Entender as nuances da atuação profissional desses pioneiros docentes do ensino superior, antes mesmo do ingresso deles como professores nessa modalidade de ensino, permite compreender quem eram os sujeitos formadores das primeiras turmas de graduados em Sergipe e quais experiências na docência traziam em suas bagagens. Mais que isso, os acontecimentos que, aos poucos, tangenciaram seus itinerários para a docência universitária, pois: “A identidade não se faz em linha reta. O percurso profissional deriva de opções, escolhas, mudanças de rumo. Passa por então, metamorfoses” (MIGNOT, 2002, p.20). As metamorfoses permearam as vidas desses sujeitos e seus percursos profissionais foram

delineados por diferentes caminhos que, paulatinamente, formaram os professores que chegaram ao ensino superior.

Com esse entendimento, é possível depreender que a sociabilidade existente entre aqueles professores nas diferentes instituições das quais fizeram parte são indicativos da atuação desse grupo no magistério sergipano. O ensino empreendido, em primeiro lugar nas escolas de ensino secundário, e a *posteriori* na FCFS, indicam “laços de sociabilidade” construídos, bem como suas atuações na formação de jovens nos bancos escolares e acadêmicos de Sergipe.

5.1 - “PROFESSOR POR VOCAÇÃO”: TRAÇOS DA PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE NO ENSINO SECUNDÁRIO SERGIPANO

Escola Normal Rui Barbosa, Atheneu Sergipense, Escola de Comércio Conselheiro Orlando e os colégios: Patrocínio São José, Tobias Barreto, Jackson de Figueiredo e Nossa Senhora de Lourdes constituíram-se como significativas instituições educacionais de Sergipe nas quais os professores estudados iniciaram seus passos no magistério secundário entre as décadas de 30 e 40 do século XX. Diante do quadro educacional em que Aracaju estava situada, nesse período, é fácil perceber que eles estiveram presentes no ensino de boa parte das instituições de ensino secundárias existentes à época, se não atuaram em todas, estiveram nas principais.

Cada um ao seu modo e com distintas finalidades, ingressaram na profissão docente. Felte atribui sua entrada na docência ao “gosto pelo magistério”, Thetis “uma subversiva vinda da Bahia” prestou concurso para a cátedra do Atheneu Sergipense. No tocante aos bacharéis em Direito, observa-se que Cabral Machado começou a atuar em um colégio interno católico, administrado por freiras sacramentinas; Silvério Leite deu seus primeiros passos no magistério na Escola de Comércio Conselheiro Orlando; e Bonifácio Fortes, na Escola Normal Rui Barbosa, mesmo antes de concluir o curso superior.

Ao tratar das memórias do início da sua atuação desse grupo, no âmbito da docência, lembro-me do que escreveu Mignot acerca de Armanda Alvaro Alberto:

Aprender a lógica do baú de memórias exigiu uma educação do olhar. Insistente exercício de deslocamento da “visibilidade para a legibilidade do mundo” recorrendo à memória, anotações, imaginação. Procurando o visível

no invisível, conferindo sentido às pequeninas coisas, tentando unir um certo “olhar à distância” com um “olhar empírico” (MIGNOT, 2002, p.115).

Busquei vasculhar o “baú de memórias” desses docentes, nos seus escritos, nas marcas deixadas nas instituições em que atuaram, nas homenagens e discursos a eles prestadas, no universo de possibilidades que podiam indicar algo desse fragmento das suas vidas. Na união entre esse olhar distante, articulado ao olhar empírico, em primeiro lugar, trato de “Felte Bezerra e a docência”.

5.1.1 “Tomei gosto pelo magistério”: Felte Bezerra e a docência

Felte Bezerra colou o grau na Faculdade de Medicina da Bahia em 20 de novembro de 1933. De lá, passou alguns dias no Rio de Janeiro e, no final de dezembro de 1933, voltou à terra natal. Ao retornar para Aracaju, comprou seu consultório a João Rezende e começou a atender seus primeiros pacientes (BEZERRA, 1988). Três anos depois, casou-se com Elza Resende Bezerra, com quem teve três filhos: Hélio Resende Bezerra, Suzana Resende Bezerra e Virgínia Resende Bezerra.

O odontólogo trazia na bagagem além do diploma, o destaque de ter sido um dos alunos com melhores notas na turma e amizades com outros conterrâneos que também voltavam para Sergipe a procura de inserção no mercado de trabalho; dentre os quais muitos colegas médicos com quem dividiu espaço nas pensões, ou estudos na Faculdade de Medicina. Entre eles, estava Garcia Moreno que escreveu sobre esse período:

[...] Chegamos juntos e fincamos ao mesmo tempo, nas areias de Aracaju, nossas tendas de trabalho. Os mesmos temores, e talvez, as mesmas ambições, multiplicaram e desenvolveram os nossos laços de amizade. A vossa odontologia e a minha medicina nada tinham de revolucionárias. Não apregoavam métodos milagreiros de cura nem trobeteavam mendazes de charlatão (MORENO, 1952, p.6).

Fica explícito que se tratava de mais dois jovens sergipanos saídos dos bancos universitários com sonhos e anseios, em meio a outros profissionais já estabelecidos na cidade de Aracaju. Ambos começaram a trabalhar nas suas profissões e ambos seguiram para o magistério.

Sobre o início da docência, Felte Bezerra afirmou: “Comecei a ensinar, no colégio estadual de Sergipe, turmas de Inglês. Em Salvador, havia recebido lições da esposa de um médico americano. O curso foi completado pelo hoje então médico Lourival Bonfim, nosso companheiro de pensão na Bahia” (BEZERRA, 1988, p. 6). Tal afirmação de Felte reforça o papel das pensões para a vida dos acadêmicos.

No que concerne à Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, Martins e Barbuy asseguram que:

Constituíam-se as repúblicas em estímulo permanente ao jovem estudante, mesmo aquele avesso aos livros, que se obrigava a percorrê-lo para aproximar-se do colega, integrar-se do convívio comum; local de intercâmbio literário, uma verdadeira *bolsa de livros*, conformando um público cativo à produção literária da época, ‘espécie de auditório ou conjunto permanente de leitores, cuja opinião formava pedestal para a evidência das obras na comunidade e eventualmente no país (MARTINS e BARBUY, 1998, p. 102).

As pensões foram fundamentais no processo formativo dos docentes, pois, conhecimentos como o de Inglês, adquiridos por Felte Bezerra naqueles espaços de convívio universitário contribuíram para seu aperfeiçoamento no domínio dessa língua e culminaram com o acesso à docência desse idioma no ensino secundário no Atheneu Sergipense,¹⁵⁷ seu primeiro passo que, em conjunto com uma série de ações e vínculos estabelecidos, culminou com sua aprovação para catedrático naquela “Casa de Educação Literária”, três anos depois.

Pelo livro de Atas da Congregação do Atheneu Sergipense (1916-1939), observa-se a sua constante disponibilidade para lecionar em turmas que não estavam previstas anteriormente e as atividades que a Congregação o nomeava para executar. Nas suas memórias, Felte Bezerra registra: “Comecei a estudar geografia, pela perspectiva de vaga de cátedra, com a aposentadoria de um professor” (BEZERRA, 1988, p. 7).

A afirmação denota que o seu ingresso como professor interino e o trabalho do seu pai na Congregação do Atheneu Sergipense trouxeram, no mínimo, informações privilegiadas acerca do cotidiano daquela escola e das necessidades futuras para compor o quadro docente. A memória de Felte ainda reitera: “Tomei gosto pelo magistério. Sentia vocação pela profissão de meu pai” (BEZERRA, 1988, p. 7). Pela análise das memórias de Bezerra, o sentir-se vocacionado merece problematizações, pois ao longo dos seus escritos reiteradamente sublinha as dificuldades enfrentadas pelo pai na profissão de professor, o que

¹⁵⁷ O ingresso de professor contratado no Atheneu Sergipense foi posteriormente regulado pelo Decreto nº 1.555 de 7 de abril de 1937, publicado no *Diário Oficial do Estado de Sergipe*, no dia 9 de junho de 1937.

pode ser exemplificado em não conseguir manter o filho mais velho em um curso superior no Estado da Bahia, fato que levou Felte a ficar cinco anos afastado da Academia e dedicando-se a atividades com uma remuneração mais rápida, período que resolveu “[...] estudar, à noite, escrituração mercantil, ser escriturário” (BEZERRA, 1988, p. 3).

A “vocação” pela profissão do pai, exposta nos escritos, contradiz-se com outros excertos que se referem à docência paterna com certa lamúria. Tal constatação pode ser observada no seu relato sobre a figura paterna: “Foi um mero professor de província e vivia dos seus minguados ganhos atingindo a paternidade de cinco filhos. Meu irmão Floro, do primeiro matrimônio e minhas irmãs Maria, Dulce e Hermínia, filhos da minha madrasta” (BEZERRA, 1998, p. 3).

Nesse sentido, cabe lembrar que os “escritos de si” também demarcam lugares e pessoas com a intenção de erigir uma memória para si e para os seus. Os seus escritos constituem como um documento e os “Documentos registram versões do tempo pretérito. Não podem funcionar como ‘prova’. Não são testemunhos incontestes. São pistas de formas de ver o mundo” (MIGNOT, 2002, p. 51).

Com esse pensamento, acompanhei seus primeiros passos na docência. Localizei que, em 18 de março de 1937, houve uma reunião da Congregação do Atheneu Sergipense da qual Felte participou em conjunto com seu pai, Abdias Bezerra. Na ocasião foram indicados compêndios para as cátedras e discutida a questão do curso complementar, que estava sendo implementado naquele estabelecimento de ensino secundário. Constam ainda na referida Ata os livros indicados para todas as cátedras, inclusive, as de Geografia (LIVRO DE ATAS DA CONGREGAÇÃO DO ATHENEU SERGIPENSE (1916-1939) – CEMAS).

No mês de maio daquele mesmo ano, Felte Bezerra esteve presente na sessão da Congregação que fez uma homenagem ao seu pai, como se pode ler: “Abdias Bezerra que completou 30 anos de efectivo exercício do magistério, sempre a altura do verdadeiro mestre com a dedicação e inteireza de caráter já de todos nós conhecidos não só do magistério como em todos os actos da sua vida” (LIVRO DE ATAS DA CONGREGAÇÃO DO ATHENEU SERGIPENSE (1916-1939) – Reunião de 12.5.1937 – CEMAS). As homenagens prosseguiram com o discurso de colegas da Congregação, de uma discente e do próprio Abdias.

Quase um ano depois, em 12 de março de 1938, o *Diário Oficial do Estado de Sergipe* publicou o edital para concurso de professores catedráticos para o Atheneu Sergipense de Português, História da Civilização, Geografia, Ciências Físicas Naturais e Desenho. No ato de inscrição, o candidato deveria apresentar: prova de que era brasileiro,

nato ou naturalizado; prova de sanidade e idoneidade moral; caderneta de reservista; prova de quitação com a justiça eleitoral; diploma profissional ou científico de instituto onde ministrava a disciplina em concurso ou o curso completo de humanidades. Além de 50 exemplares da tese em concurso e o recibo de pagamento da inscrição.

Ainda conforme a mesma publicação, o concurso contava com uma defesa de tese¹⁵⁸, uma prova escrita, prova prática ou experimental e prova didática ou oral. As provas, escrita e prática, estavam relacionadas a um ponto entre os 20 publicados trinta dias antes do certame; já a didática consistia no sorteio de um ponto entre os 30, vinte quatro horas antes da prova.

Na reunião da Congregação de 21 de setembro de 1938, na qual Felte Bezerra estava presente, foram designadas as comissões examinadoras para os concursos do edital publicado em 11 de março por meio de uma votação entre os pares da Congregação. Consta na Ata daquela reunião:

Verificou-se depois da votação o seguinte resultado: de Joaquim Fraga Lima, dez votos, Arthur Fortes, sete votos. Os professores: Juscendino Andrade, cinco votos, Manoel Franco Freire, cinco votos, Gentil Tavares da Mota, um voto. Foram eleitos os dois primeiros mais votados (LIVRO DE ATAS DA CONGREGAÇÃO DO ATHENEU SERGIPENSE (1916-1939) – Reunião de 21.9.938 – CEMAS).

Além de estar presente na reunião da Congregação, que escolheu a banca do seu concurso, Felte Bezerra também estava na reunião de 7 de novembro do mesmo ano, quando os pontos do concurso foram deliberados. Possivelmente, tais pontos foram elencados por alguns professores ou mesmo copiados de outro edital, até do próprio programa da cadeira ou de algum compêndio de Geografia, pois, não se observa nas atas, nenhum escrito relacionado a sugestões ou debates sobre os conteúdos. Um dia depois daquela reunião, a lista de pontos foi publicada no *Diário Oficial do Estado de Sergipe*:

¹⁵⁸ Dos professores analisados, três defenderam tese para o ingresso como catedráticos do ensino secundário, Felte Bezerra, a tese “Da Terra” em 1938 no concurso para a cátedra de Geografia do Atheneu Sergipense, Maria Thetis Nunes, “A civilização árabe e sua influência para a civilização ocidental” no ano de 1945 em concurso para a cadeira de História Geral também no Atheneu Sergipense e José Silvério Leite Fontes com uma tese sobre “Jacson de Figueiredo: sentido de sua obra” na disputa da cátedra de História do Brasil da Escola Normal Ruy Barbosa publicada em 1952 e uma segunda tese que versa sobre a “Formação do conceito de fato histórico na cultura ocidental” para a disputa da cadeira de História no Atheneu Sergipense, no ano de 1958. Todas as teses citadas encontram-se na Biblioteca do IHGSE e merecem um estudo pormenorizado do seu conteúdo, autores citados, correntes teóricas que embasam suas análises, concepções teóricas vigentes no período, entre outros aspectos da educação de determinado período que podem ser analisados a luz das teses para concursos de catedráticos. Os professores Bonifácio Fortes e Manoel Cabral como não prestaram concurso para catedráticos, mas realizaram Exames de Suficiência para o ingresso no magistério, não escreveram teses para concursos.

1- Estudo do Universo em geral e do sistema solar em particular; 2- Sol, Lua, Terra, Eclipses; 3- Relevo Terrestre e sua distribuição: agentes endógenos e exógenos; 4- Oceanos e mares. Estudos físicos, químico e biológico das águas do mar; 5- As águas do interior da Terra. Hidrografia. Limnografia. 6- Da atmosfera e sua influência em geografia física; 7- Estudos em geral dos climas. Climas do Brasil. 8- Império Britânico; 9- França e seus domínios colônias. 10- Alemanha: sua influência na Europa Central; 11- Itália: sua expansão colonial e pretensões; 12- Os Estados Unidos da América do Norte; 13- O homem e o meio; 14 – As habitações humanas e os centros urbanos; 15- A população do globo e os seus movimentos; 16- Fronteira. Fronteiras do Brasil. 17- Explorações minerais. Carvão. Petróleo. Ferro. 18. Estudo das populações do Brasil (grupos étnicos fundamentais); 19 – Riquezas naturais do Brasil; 20 – Influências do meio físico sobre a distribuição da vida no globo (DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE, 8 de novembro de 1938).

O ponto sorteado para a prova didática foi o Império Britânico, conforme a mesma fonte em publicação de 17 de dezembro de 1938. Como votado pela Congregação, a comissão examinadora foi composta pelos membros internos Joaquim Fraga Lima e Artur Fortes. Este foi, em outrora, professor de Felte Bezerra no Colégio Tobias Barreto e amigo do seu pai, Abdias Bezerra, desde o tempo do levante da Praia Vermelha. Na comissão externa, constavam também seus ex-professores do Colégio Tobias Barreto, José Augusto da Rocha Lima e Luiz Figueiredo Martins, além do seu amigo das pensões baianas ao longo dos anos de curso superior, João Batista Perez Garcia Moreno.

Felte Bezerra, que já fazia parte do Atheneu Sergipense como professor interino de Inglês, foi o único inscrito para o concurso da cátedra de Geografia sendo aprovado e nomeado catedrático pelo Decreto-Lei nº 157 de 29 de dezembro de 1938, publicado no *Diário Oficial* no último dia daquele ano. Sobre o concurso, Garcia Moreno afirmou:

Quando chegastes ao concurso, éreis já o mestre de quem ninguém duvidava, admirado da juventude, firmado no conceito de vossos pares [...]. A tese que escrevestes, sem a ajuda de abundante bibliografia especializada, recebeu mais louvores do que crítica. O que dela vos mandou dizer a autoridade de AROLDO DE AZEVEDO traduziu reconhecimento de seus méritos de grande sabedor da Geografia (MORENO, 1952, p. 5).

Dos comentários de Garcia Moreno, é possível problematizar alguns elementos: primeiro a questão do reconhecimento já angariado por Felte Bezerra dentro da Congregação do Atheneu Sergipense e mesmo com os discentes daquela escola, as “redes” construídas por ele e/ou herdadas do pai naquele “microclima” da educação sergipana, aliadas à sua formação com a vasta leitura e conhecimento da área possibilitaram tal aprovação. Vale ressaltar ainda que seu pai, Abdias Bezerra, ainda fazia parte da Congregação quando ocorreu o concurso de

Felte, inclusive, foi um dos presentes na sua defesa de tese, como também na sua prova didática e mesmo na reunião de 17 de dezembro de 1938, quando os pareceres da banca examinadora da cátedra de Geografia foram aprovados pela Congregação.

Outro ponto digno de nota concerne a “mais louvores do que crítica”, o que sinaliza para a existência de críticas no tocante ao trabalho de Felte. Os comentários positivos de Delgado de Carvalho, renomado professor da área do Colégio Pedro II e autor de compêndios de Geografia, acerca da obra do sergipano. Como ressalta Dantas (1998, p. 35), durante o Estado Novo, a Geografia exerceu “[...] um papel aglutinador em relação aos profissionais que atuavam em domínios científicos com fronteiras mal definidas, possibilitando participação em eventos e criando facilidades de publicação de trabalhos”. Conforme Manoel Cabral Machado:

Em 1938, [Felte] disputa cátedra de Geografia, defendendo, com brilho e erudição, a tese ‘Da Terra’, quando divulgava a nova ciência da geografia social da Vida de La Blache. Huntington, Brunnes, etc. Antes, a Geografia era o estudo Da Terra, agora, é a ciência que investiga as relações recíprocas entre o homem e a paisagem – o homem, o agente geográfico mais criativo (MACHADO, 1998b, p. 136).

Nomes de autores e teorias que possibilitaram a Felte Bezerra apontar certas inovações no trato com a Geografia naquele período. Já conhecia as facetas da Geografia trabalhadas naquele estabelecimento de ensino, os livros adotados, o perfil dos componentes da banca. Tais elementos, aliados a sua vasta leitura e domínio dos conteúdos necessário para o cargo de catedrático, proporcionaram sua aprovação. Nas suas memórias, Felte Bezerra assim registrou o ingresso como docente no Atheneu Sergipense:

Acontece que, também em março de 1934, comecei a ensinar, como contratado no Colégio Estadual de Sergipe, turma de inglês para principiantes da matéria na segunda série do currículo. [...]

Tomei gosto pelo magistério. Sentia vocação pela profissão do meu pai. Comecei a estudar Geografia, pela perspectiva de vaga na cátedra, com a aposentadoria de um professor.

Em 1936, troquei o inglês pela geografia. Em 1938, prestei concurso e fui nomeado catedrático de geografia no Colégio Estadual de Sergipe, então um cenáculo, pois [...] Aracaju não tinha ainda uma faculdade sequer (BEZERRA, 1988, p. 6–7, grifos meus).

Felte Bezerra já sabia da possibilidade de vaga na cátedra e aos poucos começou a se preparar para ocupar tal posto. Circulava entre os pares, ministrava aulas na escola, participava de reuniões e, de uma forma ou de outra, a presença do seu sobrenome já ecoava

naquele estabelecimento de ensino. De interino a catedrático, seu percurso foi permeado por trabalho e alianças na Congregação. À luz de Sirinelli (2003, p. 249), pode-se observar os espaços que esse intelectual ocupava paulatinamente e, dessa forma, como foi possível alterar as “estruturas de sociabilidades” na qual estava imerso.

Felte Bezerra afirmou nas suas memórias que “Sentia vocação pela profissão do pai”. A discussão acerca da ideia de vocação para o magistério permite pensar com Bontempi Júnior (2010) que, na carreira de professor, carregada de sentido missionário e ascético, parece ser preferível dar a entender que a escolha tenha-se dado em um passado do qual teria emergido essa vocação. No caso de Felte, ele situa temporalmente o “nascimento” da vocação docente, concomitantemente ao insucesso na carreira de dentista, da qual ele registrou nas suas memórias: “[...] naquele tempo, o dentista era também o protético, e disto não me ensinaram quase nada. Por outro lado senti que não tinha a necessária habilidade manual” (BEZERRA, 1988, p. 6).

A inserção na carreira docente de Felte Bezerra, ao contrário do que a primeira vista pode parecer, não seguiu uma perspectiva de “vocação” que foi assumida, mas foi permeada por uma série de acontecimentos que culminaram na sua entrada na cobiçada Congregação do Atheneu Sergipense. Outro ponto que merece ser ressaltado concerne à cadeira assumida, tendo iniciado com aulas de Inglês, migrou para a de Geografia, por conta do concurso e, dentro da Geografia, caminhou a *posteriori* para a Antropologia. Dentro dessa perspectiva, um teórico espanhol lembra que:

A disciplina é o elemento chave da profissionalização do docente, o que define conteúdo e o espaço acadêmico da sua profissionalização. Daí que não se pode estudar os separadamente, como se fossem dois campos sem relação alguma, a história das disciplinas escolares e a do processo de profissionalização dos docentes. Quer dizer, a história de sua formação e titulação, de sua seleção, das matérias que ensinam, dos temas sobre os quais trabalham ou investigam e do controle que exercem tanto sobre a formação e seleção dos futuros professores de seu campo disciplinar – ou outros campos – como sobre o trabalho profissional de quem já pertence ao mesmo (o quê e como ensinam, o quê e como investigam, com quem e como se relacionam profissionalmente em seu campo disciplinar ou fora do mesmo) (VIÑAO, 2008a, p. 205).

No caso de Felte Bezerra, os estudos no âmbito da Geografia com um viés humanístico, depois se acentuaram no diálogo com a nascente Antropologia no Brasil e marcou sua trajetória intelectual pelos caminhos da docência no ensino secundário até o trabalho no curso superior. Suas publicações e pesquisas seguiram conteúdos relacionados à

cátedra de Geografia ao longo da década de 30 e 40 do século XX, período em que participou de congressos dentro e fora do Brasil como professor de Geografia do Atheneu Sergipense.

Faz-se necessário salientar que, no retorno de Felte Bezerra a Sergipe, seu pai Abdias ainda fazia parte da Congregação e, possivelmente, exercia certa influência diante de alguns dos seus pares, estando há mais de duas décadas naquele “microcosmo”. Cotejando suas memórias sobre o retorno a Aracaju, o início da profissão de cirurgião dentista como também no magistério, é possível que o ingresso de Felte Bezerra na profissão docente tenha sido mais que uma “herança familiar”, como sublinhou Garcia Moreno em 1952, mas também um auxílio para pagar as prestações do consultório adquirido ao chegar a Sergipe (BEZERRA, 1988), e mesmo uma “porta” para entrar no universo intelectual da época, sendo a Congregação do Atheneu Sergipense uma significativa via de acesso ao posto de um “homem de cultura” na Aracaju da primeira metade do século XX.

Daquele ingresso como interino até a década de 1950, a profissão docente envolveu a vida de Felte Bezerra, que também tinha uma ativa participação na publicação em jornais, revistas e, mais tarde, com a publicação de livros, além de uma intensa correspondência com diferentes intelectuais do estado e do Brasil, como bem mostraram Dantas e Nunes (2009).

Com relação a Felte Bezerra, Maria Thetis Nunes (1992) rememorou: “Por sua mão, iniciei a carreira do magistério, recém-egressa dos bancos ginasianos, aceitando com orgulho o convite que me fez para ensinar História do Atheneu”. A ex-aluna e, depois, colega de magistério, tratou do professor Felte Bezerra como um:

Professor por vocação, Felte Bezerra aliava a vasta cultura humanística que era possuidor, o conhecimento da disciplina que lecionava – como demonstrou o concurso realizado, em 1938, para professor catedrático do Atheneu, então o posto mais cobiçado pelo intelectual sergipano – à capacidade didática para transmitir as aulas dentro das mais modernas técnicas pedagógicas (NUNES, 1992, p. 199, grifos meus).

O discurso feito após o falecimento do seu ex-professor e companheiro de docência por vários anos carece de relativizações; contudo serve como mais um “indício” sobre a forma como atuava o professor Felte Bezerra em suas aulas e mesmo para rever a questão do seu ingresso do magistério. Cabe ainda lembrar o que escreveu Miceli (2001, p. 83) acerca do trato com a ideia de “vocação”, quando ela aparece por não conseguir “[...] ocultar de todos os rastros que possibilitam reconstruir as determinações sociais de sua existência”. Felte buscou gravar na sua história pessoal a ideia do “vacionado”, memória reafirmada por Thetis

Nunes naquele momento de recordações do antigo professor, personagem crucial no ingresso na carreira docente e colega do magistério em diferentes instituições educacionais.

Ainda com relação à análise da citada fonte, outro elemento relevante reporta-se às chamadas “modernas técnicas pedagógicas” citadas por Thetis Nunes, talvez uma referência à “Escola Nova”, conhecida pelo pai de Felte, Abdias Bezerra, um dos entusiastas do movimento em Sergipe.

O filho do professor Abdias construiu a sua própria história no magistério. No Atheneu Sergipense ocupou a cátedra de José Magalhães Carneiro, que lecionava Geografia desde 1911. Coincidência, ou não, um cirurgião dentista que, após mais de vinte anos de docência, deixou seu lugar na Congregação, para outro sergipano com a mesma formação acadêmica. A partir da cátedra no Atheneu Sergipense, Felte Bezerra amplia suas “redes”, ao longo da década de 1940.

Dentro do Atheneu Sergipense, a relação entre antigos mestres e alunos e agora colegas pode ser visualizada nos escritos de Felte acerca de Artur Fortes, quanto ao convívio na instituição, como também de acontecimentos marcantes que afetaram o mundo na primeira metade do século XX:

No ocaso intempestivo da vida, Fortes consumia-se na desolação das derrotas aliadas nos primeiros tempos da IIª Grande Guerra. Acompanhava pressuroso, através dos noticiários do BBC de Londres e do Repórter Esso, em programas radiofônicos diários e constantes, os angustiantes primeiros anos de conflito. No Atheneu Sergipense, o grupo de intelectuais aliados sofríamos com os contínuos desastres: a queda de Paris, a retirada de Dunquerque, a defesa sobrehumana de Churchill na batalha de Londres. Juntávamo-nos aos mais velhos – Fortes, Abdias, Gentil, Jucundino, Donald, e os mais moços – Moreno, Calasans, Gonçalo, Felte, José Leite, Oscar Nascimento, amargurados com os efeitos das misérias hitlerianas... (BEZERRA, 1981b, p. 3)¹⁵⁹.

Nota-se a referência aos posicionamentos do antigo professor de História, Arthur Fortes, no tocante a II Guerra Mundial. Intelectual com intensa vinculação com as tradições francesas, pode-se entrever na análise da fonte, como Arthur Fortes tinha contato com o que acontecia no mundo e suas memórias apontam para as notícias que circulavam em Aracaju nesse período, ao mesmo em que mostra os meios de comunicação que alcançavam a capital sergipana.

¹⁵⁹ Sobre o cotidiano de Aracaju durante a II Guerra Mundial, ver a dissertação de Luís Antônio Pinto Cruz (2012), intitulada: “ ‘A Guerra já está entre nós!’ O cotidiano de Aracaju durante a guerra submarina (1942/1945)”.

Fica perceptível também como dentro da Congregação do Atheneu Sergipense existia um grupo de professores de uma geração anterior a de Felte: o próprio pai que, junto com Gentil Tavares, eram os catedráticos de Matemática; Arthur Fortes, Walter Cameron Donald, dono da cadeira de Inglês; e Jucundino Andrade, catedrático de Alemão – todos ingressaram no Atheneu Sergipense entre os anos de 1900 e 1920, são aqueles que classifico, de acordo com Sirinelli (2003), como “despertadores” de uma geração.

No grupo dos “mais moços”, estão os docentes que realizaram concurso na década de 1930, sendo o próprio Felte Bezerra, catedrático de Geografia Geral; Garcia Moreno, na área das Ciências Naturais; José Rollemberg Leite¹⁶⁰, no âmbito da Física e Matemática; José Calasans Brandão da Silva, professor contratado de História e Literatura¹⁶¹; e Oscar Nascimento, catedrático de História Natural.

Além da participação junto ao grupo de docentes daquela “Casa de Educação Literária”, Felte Bezerra inseriu-se em outros “microclimas” da intelectualidade sergipana desse período. Conforme Magalhães Carneiro (1940), Felte Bezerra fez parte da diretoria do IHGSE no biênio de 1939 – 1941 na Comissão de Geografia ao lado de Manuel Ferreira da Silva Neto e João de Araújo Monteiro.

Nesse período, foi indicado pelo Departamento do Estado para fazer parte do congresso de Geografia e, no Governo de Eronildes de Carvalho, foi nomeado diretor do Atheneu Sergipense por meio do Decreto de 14 de julho de 1941; entretanto, no ano seguinte, solicitou a exoneração do cargo, conforme Decreto de 25 de Julho de 1942, no qual consta a saída de Felte da direção e a posse no mesmo cargo de José Augusto da Rocha Lima.

Em suas memórias, Bezerra (1988) afirmou ainda que não tinha vocação para a política, por isso recusou convites tanto de Francisco Leite Neto quanto de Leandro Maynard Maciel. Memórias também registradas por sua filha: “Papai nunca foi dado à política. Tanto que Leandro Maciel e Arnaldo Garcez, partidos diferentes (UDN e PSD) o convidaram quando assumiram o governo para Secretário de Fazenda do Estado e ele declinou de ambos os convites. Dizia que não queria pedir demissão adiante, muito menos brigar com eles” (BEZERRA, 2015, s/p.).

¹⁶⁰ Sobre o concurso de José Rollemberg Leite para a cátedra de Ciências Físicas e Naturais, bem como a sua atuação como professor de Matemática no Atheneu Sergipense ver a dissertação de Souza (2011).

¹⁶¹ Conforme Costa (2011) José Calasans não realizou concurso para cátedra de História da Civilização no Atheneu Sergipense no ano 1938, por não conseguir atender todos os requisitos exigidos no edital, nesse caso o único candidato a cadeira foi Gonçalo Rollemberg Leite, aprovado, assumiu a cátedra logo depois. Contudo, no próprio Atheneu, como catedrático interino, José Calasans lecionou Literatura nas duas séries do curso complementar pré-jurídico no ano de 1938. Em 1942 realizou concurso para a História na Escola Normal. Sobre a atuação docente de Calasans no Atheneu Sergipense, ler Costa (2011).

Contudo, ao analisar os seus itinerários após seu retorno da Bahia, vê-se que conseguiu ser professor interino no Atheneu Sergipense, logo depois de formado, cargo que necessitava de aprovação no âmbito político. Permaneceu como interino até conseguir ser catedrático da instituição no lugar de Magalhães Carneiro. Após ingresso como catedrático, obteve indicações políticas para viagens nacionais tendo em vista a sua participação em eventos e assumiu posto de confiança do interventor do Estado, como a direção do Atheneu Sergipense.

Diante do exposto, é possível concluir que Felte Bezerra tinha certo envolvimento com as questões políticas da sua época, ao contrário do que afirmou nos seus escritos memorialísticos de 1988 e como ficou guardado na memória da sua filha, Suzana Bezerra. Tal fato não é reconhecido e seu ingresso na docência foi atribuído a uma “vocação” pelo “gosto do magistério”.

Felte Bezerra dedicou-se por mais de duas décadas à labuta da sala de aula. Somados a pesquisas, publicações de artigos e livros, já no final da década de 1940 e início de 1950, ocupou cargos em instituições culturais, a exemplo do IHGSE, participou de eventos em vários locais do Brasil e, assim, no início da década de 1950, havia se tornado um professor conhecido nos “microclimas” intelectuais de Sergipe, começando aí seu trabalho como docente do ensino superior na FCFS.

5.1.2 Maria Thetis Nunes: o ingresso da “subversiva” nos caminhos do magistério

Logo após concluir o curso pré-jurídico e o ensino secundário, no ano de 1941, Thetis Nunes foi convidada para lecionar no Atheneu Sergipense, pelo então diretor e seu ex-professor, Felte Bezerra, para ministrar aulas de História Geral e do Brasil como professora interina ao longo do ano de 1942. Thetis aceitou o convite e lecionou por um ano; em 1943, seguiu para o curso superior em Salvador.

O convite realizado por Felte Bezerra à jovem Thetis Nunes para ser interina, é mais um “indício” dos caminhos cruzados entre esse grupo de professores, sendo eles depois colegas da docência, tanto no Atheneu Sergipense, como na FCFS. Após um período como professora interina e ainda na condição de acadêmica da FFB, Thetis buscou um lugar na Congregação do Atheneu Sergipense ao se candidatar ao concurso cujo Edital de número 8 foi publicado no dia 20 de julho de 1944 no *Diário Oficial da União*.

O referido edital abria vagas para professor de: História Geral, Geografia Geral e Ciências Naturais. A instrução normativa estava baseada no Decreto Lei 4.244 de abril de 1942, tais normas eram semelhantes ao concurso ao qual Felte Bezerra se submeteu seis anos antes. Maria Thetis Nunes, ainda estudante do segundo ano do curso superior na cidade de Salvador, enviou ofício ao Diretor da Faculdade de Filosofia da Bahia:

Para fins de concurso à cadeira de História Geral do Colégio Estadual de Sergipe, a infra firmada aluna da 2ª série curso de Geografia e História, vem requerer a V. Excia. os seguintes atestados:

- 1) Do exame vestibular à 1ª série do curso de Geografia e História realizado no ano de 1943, discriminando as notas e classificação obtida;
- 2) Da aprovação da 1ª série no ano de 1943 com as respectivas notas e classificação;
- 3) Identicamente da 2ª série feita no ano de 1944.

N. termos
P. Deferimento

Bahia, 6 de dezembro de 1944

Maria Thetis Nunes

(OFÍCIO DE MARIA THETIS NUNES A FFB, Pasta da discente Maria Thetis Nunes, Arquivo da FFCH/UFBA).

O pleito foi atendido e Thetis Nunes efetuou sua inscrição para concorrer à cátedra de História Geral em 13 de Janeiro de 1945. Conforme o Termo de Abertura de Inscrição para Concurso (1913-1948), localizado no CEMAS, a itabaianense apresentou os seguintes documentos: certidão de idade, atestado de saúde, cinquenta exemplares da tese “A Civilização Árabe sua influência na Civilização Ocidental”¹⁶², certificado da primeira e segunda série do pré-jurídico.

Além da documentação relativa à sua vida de acadêmica, contando: certificado de atestado de frequência ao curso sobre o Método Histórico Crítico; documentação referente à obtenção do primeiro lugar no concurso de monografia da FFB, sendo esse um trabalho apresentado na cadeira de Antropologia daquela Faculdade; como também uma aula lida no curso de História Moderna da FFB e, ainda, atestado de desempenho de cargo no Centro de Estudos da FFB. Das suas vinculações com outros órgãos na cidade de Salvador, além da FFB, lista-se um diploma do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

Depreendo que a jovem Thetis Nunes juntou documentos não exigidos no edital, mas demonstrou por meio deles sua dedicação à graduação; aos cursos complementares e ao movimento estudantil. Tal documentação mostra como o “engajamento” e a atenção aos

¹⁶² Embora os editais para concurso ao cargo de catedrático do Atheneu Sergipense exigisse a entrega de cinquenta exemplares de uma tese, no CEMAS, não se encontra nenhuma das centenas de teses apresentadas pelos professores que ali ingressaram via concurso público.

estudos de Thetis Nunes na Bahia se fizeram presentes no seu ingresso na docência, não só os conhecimentos angariados dentro e fora da sala de aula, bem como as distinções, serviram na disputa pelo concurso na parte da prova de títulos – o que reforça a importância do debruçar-se nos caminhos percorridos pelos intelectuais até o momento que alcançam determinados postos.

Na lista que trata da documentação entregue pela graduanda em Geografia e História, localiza-se ainda “[...] atestado de ter lecionado na Cadeira de História Geral e do Brasil no Colégio Estadual de Sergipe (cópia do contrato)” e, por fim, recortes de jornais de uma conferência realizada na Capitania dos Portos em Sergipe (LIVRO TERMO DE ABERTURA DE INSCRIÇÃO PARA CONCURSO (1913-1948) – CEMAS)¹⁶³. O atestado de professora contratada do Atheneu Sergipense, antes de 1945, reforça os escritos de Thetis Nunes sobre Felte Bezerra como aquele que a convidou para lecionar naquela escola. Tal fonte também aponta que tanto Felte, quanto Thetis e a *posteriori* Silvério Leite foram contratados como interinos das cadeiras, as quais, mais tarde prestariam concurso e se tornariam catedráticos daquela Congregação.

O concurso contou com dois inscritos, Thetis Nunes e o bacharel Manuel Ribeiro. Nascimento (2003b), ao analisar tal concurso, vislumbra uma disputa entre os partidos do PSD e da UDN, sendo Manuel Ribeiro um prestigiado político pessedebista e Thetis, diante da sua vida acadêmica na Bahia, contava com a simpatia dos udenistas. Na banca examinadora, estavam presentes: os professores Virgílio Santana e Gonçalo Rollemberg Leite como efetivos; e como suplentes: Carlos Wandemar Rollemberg, Procurador da República; Manoel Cabral Machado, professor da Escola Técnica de Comércio; Padre José Soares, Professor da Escola Normal Rui Barbosa; João de Araújo Monteiro, Professor da Escola Técnica de Comércio; Carlos Costa, Diretor da Biblioteca do Estado e José Calasans Brandão da Silva (DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE, 17 de junho de 1945). O registro das notas atribuídas pela banca pode ser observado a seguir:

¹⁶³ Na mesma fonte, consta a documentação entregue pelo seu concorrente, Manoel Ribeiro: “Aos vinte e seis dias do mês de dezembro de 1944, compareceu a secretaria desse colégio o bacharel em ciências jurídicas e sociais Manuel Ribeiro, dando entrada a seu requerimento solicitando inscrição para o concurso da cadeira de História Geral, aberto a 19 de Julho do corrente ano, de acordo com edital de nº 8, desta secretaria, juntando os documentos seguintes: certidão de idade; título de nomeação interina da referida disciplina; folha corrida; caderneta de reservista sob nº 73.758; certificado de conclusão da 5ª série ginásial fornecida pelo colégio Antônio Vieira com sede da cidade de Salvador; atestado de saúde; atestado do diretor deste estabelecimento provando ter o candidato idoneidade intelectual e moral; atestado do inspetor federal do estabelecimento no mesmo sentido; idem do diretor da Escola Normal de Pênedo, Estado de Alagoas, provando ter o candidato lecionado naquele estabelecimento as cadeiras de Psicologia, Pedagogia e Didática; diploma de sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe; dois artigos de jornais; dois fascículos de sua autoria; diploma de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Bahia e cinquenta exemplares da sua tese” (LIVRO TERMO DE ABERTURA DE INSCRIÇÃO PARA CONCURSO (1913-1948), p. 20/21 – CEMAS).

Quadro 15: Notas do concurso para a cátedra de História Geral no Atheneu Sergipense em 1945

Examinadores	Título		Tese		Escrita		Didática	
	Manuel Ribeiro	Maria Thetis						
Manoel Cabral Machado	10,0	9,0	10,0	9,0	10,0	10,0	10,0	10,0
Carlos Valdemar	7,0	8,0	9,0	10,0	10,0	10,0	8,0	8,0
João Araújo Monteiro	10,0	9,0	10,0	8,0	10,0	10,0	9,0	9,0
Gonçalo Rollemberg Leite	7,0	7,0	8,0	8,0	6,0	9,0	9,0	10,0
Virgínio Santana	9,0	9,0	10,0	9,0	10,0	10,0	9,0	9,0
Média Geral	8,6	8,4	9,4	8,8	9,2	9,8	9,0	9,2

Fonte: Santos (1999, p. 108).

Ao analisar o quadro geral de notas observa-se que no quesito “título”, o bacharel esteve pouco à frente da graduanda em formação; apesar da lista de títulos entregues, nota-se como Manuel Ribeiro possuía maior experiência do que Thetis no âmbito do ensino, contudo a itabaianense apresentou outras atividades vinculadas à participação em eventos e agremiações estudantis. Com relação à tese, a banca de uma forma geral julgou o trabalho de Ribeiro com maiores méritos do que o de Thetis Nunes, exceto Carlos Valdemar.

As notas positivas na prova escrita, com uma vantagem de seis décimos na média geral, bem como a prova didática levaram Thetis Nunes a conseguir reverter a situação desfavorável, até então. O resultado foi um empate de notas resolvido com a nomeação de ambos, mas não de forma tão simples.

Na tentativa de entender melhor os pormenores que permeou o concurso, busquei a imprensa da época. No jornal *Correio de Aracaju* de 25 de julho de 1945, localizei a manchete: “Homenagem a memória de três grandes sergipanos: professores Artur Fortes e Abdias Bezerra e Almirante Amintas Jorge”, a matéria divide-se ao tratar das homenagens realizadas no IHGSE e no Atheneu Sergipense. Nesse último, o jornal faz uma síntese da reunião que ali ocorreu, ao tratar da fala do diretor Joaquim Vieira Sobral, da presença do representante interventor do Estado, o discurso do professor Manoel Franco Freire, que

provocou as palmas dos presentes, bem como uma poesia feita por Avany Torres intitulada “Versos a um poeta que morreu”. Além desses, descreveu a fala de Maria Thetis Nunes:

Oração vibrante e oportuna foi a da acadêmica de Filosofia Srta. Maria Tetis, que falou sobre os pseudo concursos, aos quais os protegidos do Poder se submetem por desfaçatês, sabendo de antemão, que eles, - bem ou mal sucedidos nos exames – é que são nomeados e não os seus concorrentes que não tem pistolões na ditadura (JORNAL CORREIO DE ARACAJU, 25 de julho de 1945, p. 4).

O fragmento do citado jornal, que já traduz uma leitura do seu editor acerca da fala de Thetis Nunes, expõe uma jovem graduada que circulava no meio intelectual de Sergipe e proferia discursos, assim como foi sublinhado, tanto na sua época de estudante do Atheneu Sergipense como na Bahia, além de tratar de “pseudo concursos” na própria Congregação do Atheneu Sergipense a qual almejava conseguir um lugar. Os “pistolões” podem ser visualizados como os vínculos políticos que o seu concorrente possuía a ponto de ser nomeado para o cargo que ambos pleiteavam.

Diante da circulação que os jornais impressos possuíam no meio intelectual sergipano e mesmo a representatividade da Congregação do Atheneu Sergipense, pode-se induzir que tal discurso não ficou restrito àquela reunião. Assim, alguns meses depois da publicação, mais precisamente em 10 de outubro de 1945, foi publicado no *Diário Oficial do Estado de Sergipe* um decreto nomeando o bacharel Manuel Ribeiro para exercer o cargo de catedrático de História Geral, no Atheneu Sergipense, padrão O, com base no processo nº 9 209/45 passando a fazer parte do quadro permanente do Estado. Contudo, já no dia 25 de outubro do mesmo ano, o Interventor do Estado, naquele momento, Francisco Leite Neto, em substituição a Marcos Ferreira, nomeou Maria Thetis Nunes como professora substituta do catedrático de História Geral, enquanto durasse o impedimento para com o titular efetivo (DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE, 28 de outubro de 1945).

Em 12 de março de 1946, consta um ofício no Livro de Recortes de Jornais do Atheneu Sergipense que informa:

[...] em face de telegrama do Sr. Ministro da Educação, de 7 de março do ano fluente, que não contraria a indicação por parte dêste Colégio, da professora Maria Thétis Nunes para reger, em caráter efetivo, a cadeira de Geografia Geral, reafirmar o júbilo com que se receberia a concretização dêsse ato pelo Governo de Vossa Excelência (LIVRO DE RECORTES DE JORNAIS DO ATHENEU SERGIPENSE-CEMAS).

Tal notícia é confirmada na consulta ao *Diário Oficial do Estado de Sergipe* de 17 março de 1946, no qual consta um decreto com a nomeação de Thetis Nunes para professora catedrática com base no processo nº 2 030/46. A partir de então, Manuel Riberio assumiu História Geral e Thetis Nunes Geografia Geral no Atheneu Sergipense¹⁶⁴.

A existência de um processo fundamentando a nomeação de Thetis Nunes com um número diferente do que nomeou Manuel Riberio – 9 209/45, atrelada ao que havia sido publicado na imprensa sobre os concursos com a fala daquela jovem graduanda, somados a outros elementos aqui apontados, mostram como o ingresso de Thetis Nunes, no Atheneu Sergipense, esteve permeado por uma série de querelas e embates políticos e intelectuais.

As relações estabelecidas pela itabaianense dentro e fora do Atheneu Sergipense fizeram com que aquele lugar de disputa pelos intelectuais sergipanos fosse adquirido pela jovem, ao retornar do ensino superior na Bahia, assumindo então a área da Geografia Geral e não a de História Geral para a qual fez o concurso. Vale ressaltar que Thetis Nunes realizou sua formação superior no curso de Geografia e História da FFB, tendo habilitação para as duas áreas do conhecimento.

Barreto (2004, p. 10), ao tratar do concurso de Thetis à cátedra do Atheneu Sergipense, escreveu: “A professora, atravessando o corredor dos interesses, dividindo sua própria vitória com o contendor, o eminente Manoel Ribeiro, fez do magistério da Geografia e da História uma experiência original de vida”. Ainda com relação ao concurso de Thetis Nunes, Maria Nely Santos (1999) afirmou que: “A vitória de Maria Thetis Nunes representou a vitória do elemento feminino. ‘O feudo masculino’ instalado na congregação do Atheneu foi invadido com mérito” (SANTOS, 1999, p. 108). As informações da pesquisadora necessitam ser relativizadas, uma vez que a Congregação do Atheneu Sergipense, anos antes do ingresso de Thetis, já contava com a participação feminina, Maria Rita Soares de Almeida¹⁶⁵, nas reuniões das quais fez parte, propôs ações, discordou e se posicionou junto aos professores presentes, como observado na Ata de março de 1937, quando sugeriu um voto de louvor ao

¹⁶⁴ Vale ressaltar que o mesmo edital de nº 8, aberto em 18 de julho de 1944, também abriu concurso para a cátedra de Geografia Geral, tendo como único candidato inscrito Severino Pessoa Uchôa em 8.12.1944 (LIVRO TERMO DE ABERTURA DE INSCRIÇÃO PARA CONCURSO, p. 21 (1913-1948) – CEMAS). Não foi possível localizar os desdobramentos desse concurso, contudo em 7 de Janeiro de 1946, o *Diário Oficial do Estado de Sergipe* publica um novo edital para professor do Atheneu Sergipense, dessa vez com vagas para a cátedra de Geografia e Latim, após essa data não localizei notícias no tocante a cátedra de Geografia até a nomeação de Maria Thetis Nunes para a mesma em 12 de março de 1946.

¹⁶⁵ Sobre a atuação de Maria Rita Soares de Almeida como Livre Docente no Atheneu Sergipense, ver Freitas (2003b). A referida pesquisadora acentua que no ato de nomeação de Maria Rita Soares, também foi nomeada Maria Valdete Melo.

Governo do Estado e ao diretor da escola pelas obras de Reforma, sendo contestada por Gentil Tavares, em relação ao primeiro, pois as reformas fariam parte dos deveres do seu cargo.

O embate entre Maria Rita e Gentil Tavares parece ter sido tamanho que, na reunião seguinte, a professora pediu para retificar a ata anterior, a fim de deixar claro o seu posicionamento (LIVRO DE ATAS DA CONGREGAÇÃO DO ATHENEU SERGIPENSE (1916-1939) – CEMAS).

Outro ponto digno de nota é que a Congregação não foi “invadida” por Thetis Nunes, seria mais lógico pensar que foi “conquistada” paulatinamente, pela aluna que proferia discursos, participante de agremiações estudantis, com destaque nas notas a ponto de receber um convite para ser professora interina da cátedra que depois concorreria em concurso público. As “redes” construídas, juntamente com o conhecimento angariado nos anos de formação escolar e acadêmica, somados às disputas políticas com a qual o concurso condensava e às mudanças sociais que emergiam no período após a segunda guerra mundial, formaram um conjunto sólido que culminou com a nomeação de Thetis Nunes para a cátedra de Geografia Geral. Por isso, não considero legítimo pensar em “feudo masculino [...] invadido”.

Já Freitas (2007) lança o olhar sobre a tese apresentada por Thetis Nunes naquele concurso e problematiza as características essenciais da jovem graduanda e o tipo de trabalho abonado com nota nove pela banca examinadora. O citado pesquisador tenta extrair algumas indicações da forma como a autora vislumbrava conceitos como o de civilização e mesmo a filosofia professada, destacando que Thetis Nunes, naquele momento de escrita, estava fincada no universalismo ilustrado do século XVIII, bem como em sua aproximação com as ideias majoritárias de João Ribeiro naquele período, segundo as quais a civilização europeia tinha um “caudal” de contribuições para a civilização humana. O autor conclui por lançar a hipótese de que “Civilização Árabe: sua influência na civilização ocidental” seria um tipo de tese compêndio, elaborada de forma semelhante aos livros didáticos de História Universal até o início da década de 1940.

No seu discurso de posse transcrito na íntegra no jornal *Correio de Aracaju*, entre vários elementos da sua trajetória até aquele momento, ela destacou a figura de Arthur Fortes sendo que sua posse ocorreu justamente no dia do aniversário do mestre de História e sublinhou “Grande foi a sua influência na minha formação intelectual” (NUNES, 1946, p. 2). A jovem Thetis Nunes, que cursava o ensino superior na Bahia, tinha fama de “subversiva”, como afirmou em entrevista realizada no ano de 2007. Tal “fama” advinha de sua participação nos movimentos estudantis e do envolvimento com nomes de esquerda do meio acadêmico na

Bahia. Mesmo adjetivada de tal forma e enfrentando o desafio de integrar um dos ápices da intelectualidade sergipana, em um concurso com intensa conotação política, Thetis Nunes, de “subversiva” na Bahia, chegou à cátedra de Geografia Geral no Atheneu Sergipense.

5.1.3 Da Faculdade de Direito na Bahia à sala de aula em Sergipe: itinerários de bacharéis sergipanos

[...] em 1945, sou professor do Ateneu. O Ateneu crescera as turmas. O velho prédio [...] já não mais comportava o aumento das matrículas. E já nesse tempo, o Prof. Felte Bezerra reclamava a queda do nível dos novos professores da casa. Estaria eu entre esses? Certamente, assim permaneci, até o concurso que prestei, examinando, na Comissão de Concurso, os candidatos à cátedra de História: - Manuel Ribeiro e Maria Thetis Nunes. A minha argüição, creio, assegurou-me um destaque na vida intelectual sergipana, tal fora a repercussão desse certame de cultura (MACHADO, 2005b, p. 207).

Da fase inicial de docente de Manoel Cabral Machado, localizei no *Diário Oficial do Estado de Sergipe* de maio de 1945 uma resposta positiva de Abgar Renault a uma solicitação do diretor do Atheneu Sergipense, Joaquim Vieira Sobral, no tocante à contratação dos professores Padre José Félix, José Bezerra e Manoel Cabral Machado. Seu contrato teve duração de um ano, período marcado nas suas memórias pela participação no concurso ao qual se submeteram Thetis Nunes e Manuel Ribeiro.

Quando Thetis assumiu a cátedra de Geografia no Atheneu Sergipense, o seu lugar de interina em História Geral ficou vago, sendo então novamente nomeado Cabral Machado para reger temporariamente aquela cadeira. Tais contratações, além de marcarem o ingresso de Cabral Machado na docência no Atheneu Sergipense, assinalam também os vínculos que o bacharel possuía com o universo político da época.

Ao observarmos seus itinerários, a partir de 1942, conforme Machado (2003), localiza-se que o recém formado integrou a administração municipal da cidade de Aracaju como secretário do prefeito José Garcez Vieira (1942-1945), ao mesmo tempo em que assumiu o cargo de Diretor do Serviço Público ao lado do secretário Francisco Leite Neto na interventoria de Augusto Maynard Gomes (1942-1945)¹⁶⁶. Nesse sentido, fica explícita a ligação de Cabral Machado com o grupo do Partido Social Democrático (PSD), no qual Leite Neto figurava como maior liderança, sendo o secretário geral do interventor Augusto

¹⁶⁶ Dentro dessa perspectiva, é lúcida a análise de Nascimento (2003b), acerca da presença de Cabral Machado como uma das figuras representativas do Partido Social Democrático na banca do concurso de Thetis Nunes à cátedra do Atheneu Sergipense, em meados da década de 1940.

Maynard (DANTAS, 2004). Mesmo envolvido nas questões da administração do Estado, Cabral Machado também buscou a docência para atuação. Sobre o ingresso no magistério, escreveu:

Após formado bacharel em Direito pela Bahia, vim a Sergipe. Sem carta de doutor registrada no Ministério da Educação, não consegui inscrever-me na Ordem dos Advogados. Começo, então, a fazer magistério, ensinando História do Brasil. Como sou um devorador de livros, passei a formar uma “Brasileira”, preparando as aulas, tentando firmar-me como jovem professor do Atheneu Sergipense. Assim, a rica historiografia de Pedro Calmon estava na minha estante e leitura constante (MACHADO, 2002, p. 77 – 78).

As memórias de Cabral Machado apontam para os primeiros passos na profissão docente algum tempo depois da conclusão do bacharelado e os motivos que o levaram a tal caminho. Além disso, é possível observar como as vivências da sua época de estudante foram trazidas para a docência.

Pedro Calmon nomeou o Grêmio Literário do qual Cabral fez parte no Ginásio da Bahia. Cabral admirava Calmon na condição de estudante da Faculdade de Direito, desde o momento em que esteve naquela instituição para participar da banca de um concurso, além de sublinhar o fato dos seus livros para serem utilizados ao longo da sua graduação na Bahia (MACHADO, 2002). Quando ingressou na docência, como professor interino, recorreu ao autor “conhecido” para preparar suas aulas e, conseqüentemente, ensinar uma versão da História do Brasil para seus alunos do Atheneu Sergipense.

Cabral Machado lecionava também Sociologia Educacional no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, desde 1943 – colégio particular vinculado à Igreja Católica; e ainda trabalhava na Escola de Comércio de Sergipe. *A posteriori* foi novamente nomeado como interino pelo decreto de 28 de março de 1946 para a cadeira de História Geral. Sobre o início da carreira docente, afirmou em entrevista:

Aqui inicialmente comecei a ensinar Sociologia Educacional no Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Sociologia propriamente dita não ensinei em ginásio nessa época. Só depois, com a criação da Faculdade de Filosofia, é que eu fui professor de sociologia. Naquele tempo era uma cadeira de formação geral (MACHADO, 1998a, p. 17).

O rosarense Cabral Machado, diante de poucos anos do retorno à Bahia, dividia-se entre o trabalho na administração pública e o exercício da docência na cidade de Aracaju. Além da vida profissional, no âmbito particular, casou-se com a prima Maria de Lourdes, em

“Ao retornarmos a Sergipe, formados, nos encontraríamos no magistério”

1944, com quem teve seis filhos: Nina Maria, Odilon, Manoel Félix, Maria de Fátima, Ascendina Maria e Antonia Lúcia. Casamento registrado na imagem a seguir:

Figura 22 - Casamento de Manoel Cabral Machado com Lourdes Maria – 1944



Fonte: Acervo do Palácio Museu Olímpio Campos
Autoria: Desconhecida

Após o casamento, no ano de 1945 até o final dessa década, lecionou em três escolas aracajuanas, entre elas: o Atheneu Sergipense. Nesse período, trabalharam juntos nessa “Casa de Educação Literária”: Felte Bezerra, Thetis Nunes e Manoel Cabral Machado. Cabral Machado também lecionava na Escola de Comércio de Sergipe juntamente com outros professores, entre eles: Silvério Leite¹⁶⁷. Do retorno de Silvério Leite Fontes do ensino superior na Bahia para Sergipe, sua mãe assim escreveu:

[...] a sua chegada houve um farto almoço com muita festa e alegria dos nossos dedicados parentes e numerosos amigos. Neste mesmo dia, foi ele convidado por 2 partidos políticos para deputado estadual aos quais respondeu que a Igreja precisava dele, [ilegível] a política para defender os seus direitos e fez parte integrante da “Liga Católica” ocupando inumeros cargos e trabalhou com afinco infrentando faca e revolver, em companhia de seus companheiros que faziam parte de um ‘Grupo de Ação Social’ criado

¹⁶⁷ Ver no Apêndice A as instituições nas quais os caminhos dos professores em estudo se cruzaram.

por ele e que era em numero de vinte e poucos, porem rapazes verdadeiramente religiosos e bons e que muito me aprazia em recebe-los e contava com o meu apoio para tudo. Depois, o José Silvério por desejo do clero, passou os rapazes que faziam parte do ‘Grupo de Ação Social’ para a ‘Juventude Católica’ de que ele era Presidente [...] (FONTES, 1923-s/d, s/p).

Com relação a Silvério Leite Fontes, os primeiros passos da sua carreira no magistério sucederam logo depois do seu retorno da Faculdade de Direito da Bahia, quando assumiu, em 22 de abril de 1947, o ensino de Economia Política na Escola de Comércio de Sergipe Conselheiro Orlando, dali em diante, a docência permaneceu em sua vida. Sua mãe, Iracema Leite Fontes, também escreveu no “livro de família” (1923-s/d) sobre o retorno de Silvério Leite a Aracaju e o ingresso na docência: “Passemos ao emprego que lhe agradou entre alguns que lhe foram oferecidos como Diretor da Cidade de Menores, ou do Diário Oficial, ou da Penitenciária, ou Professor de Economia Política da ‘Escola de Comércio’. Sendo que escolheu a última, por ser de sua vocação ensinar, o trabalho que mais lhe apraz” (FONTES, 1923-s/d, s/p, grifos meus).

A referência à vocação, mais uma vez, é ressaltada no trato com as memórias dos docentes estudados. A busca por demarcar as opções de emprego que circundaram a volta do filho para Aracaju mostra elementos que podem ser atribuído às “redes” das quais a família Fontes fazia parte. Lecionar na Escola de Comércio foi uma das “opções” nesse processo de metamorfose ao qual se referiu Mignot (2002), ou seja, foi um caminho que o levou para o magistério e, possibilitou a Silvério Leite o contato com outros “homens de cultura” e até mesmo sua inserção em “redes” e “microclimas” da Aracaju do final dos anos 1940.

Silvério Fontes lecionou História Universal no Atheneu Sergipense, assim como História do Brasil e História Universal na Escola Normal Rui Barbosa. No ano de 1948, Silvério Leite se inscreveu para os Exames de Suficiência pelo Edital nº 8 do Departamento de Educação de Sergipe. Tais avaliações concediam o registro definitivo de professor, conforme deliberava o artigo 4º do Decreto Lei 8 777 de 22 de janeiro de 1946. Os exames constavam de provas escritas e eliminatórias de Português e Matemática, além de provas orais de História e Geografia (DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE, 22 de janeiro de 1946)¹⁶⁸.

Além de Silvério Leite, os candidatos inscritos para aquela seleção foram: Hercílio Aranda, Lauro Pacheco de Oliveira e José Andrade de Souza. Silvério Fontes contou, na sua

¹⁶⁸ Assim como José Silvério Leite Fontes, José Bonifácio Fortes Neto e Manoel Cabral Machado, todos bacharéis, se submeteram a exames de suficiência para obter tal certificado que os habilitava ao trabalho no magistério. Silvério a *posteriori* prestou concurso para a Escola Normal Rui Barbosa e para o Atheneu Sergipense, os outros dois professores não prestaram concurso para o magistério secundário, mas por várias décadas trabalharam na docência, tanto do ensino secundário, quanto no superior.

banca de História Geral e do Brasil, com a sua antiga colega do curso pré-jurídico e, depois, de passeios na cidade de Salvador, Maria Thetis Nunes; além de José Augusto da Rocha Lima e Gonçalo Rollemberg Leite (DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE, 9 de abril de 1949).

Com a aprovação, Silvério Leite obteve a autorização para lecionar e continuou na labuta da sala de aula – aquilo que já fazia mesmo antes do exame. Na inscrição para catedrático de História Geral do Atheneu Sergipense, em 1958, consta, entre os documentos apresentados pelo candidato à cátedra, o certificado emitido pelo Ministério da Educação e Saúde Pública de 1949 como professor de História do Brasil com o nº 11.479.

No referido concurso, Silvério Fontes realizou sua inscrição em 14 de julho de 1958. Além dos documentos exigidos, conforme o edital nº 1 de 2 de janeiro de 1958, apresentou uma série de registros que, mesmo extrapolando o recorte temporal da tese, fornecem uma dimensão da sua carreira no magistério no final da década de 1940 e início de 1950. Conforme o Livro de inscrição para concursos do Atheneu Sergipense (CEMAS), além de comprovações como o certificado de registro de professor obtido no aludido exame de suficiência, a documentação listada expõe suas experiências na docência como: certificado emitido pelo presidente da Sociedade Sergipana de Cultura, Dom Fernando Gomes, ratificando o exercício das cadeiras de: História da Filosofia, Ética, História do Brasil e Didática Geral na FCFS, além de confirmar que fazia parte do Conselho Técnico e Administrativo da citada Faculdade. Já com relação à ESSS, também vinculada à Igreja Católica, apresentou atestado de exercício das cadeiras de Economia Social e Psicologia da Criança e do Adolescente.

A atuação de Silvério Leite Fontes em duas instituições de ensino superior católicas, somadas ao trabalho no ensino secundário no Colégio Patrocínio São José, também mantido sob os auspícios da Igreja Católica, aponta para os fortes vínculos entre Silvério e o catolicismo. Seu trabalho, em ambas as Faculdades, perdurou mais de uma década, desdobrando-se para ensinar diferentes cadeiras, inclusive, conhecimentos da área de Didática e da Psicologia pouco conhecidos pelos estudiosos da historiografia sergipana que analisam Silvério Leite somente no âmbito da atuação no ensino de História e Direito.

Referente às atividades profissionais no ensino secundário, apresentou certidão de exercício das cadeiras de Sociologia, História do Brasil, História Geral e do Brasil no Colégio Patrocínio São José e o comprovante de catedrático substituto de História do Brasil do Instituto de Educação Rui Barbosa, no primeiro semestre de 1948. No segundo semestre do mesmo ano, consta sua nomeação para professor catedrático de História do Brasil do referido

Instituto, cópia da sessão do concurso ao qual se submeteu, bem como a designação do diretor, datada de 1949, para lecionar História Geral, ao invés de História do Brasil.

A única concorrente de Silvério Leite Fontes naquele concurso, a professora Maria Augusta Lobão Moreira, também entregou a sua documentação um dia após a inscrição de Silvério. Com um currículo mais sintético, ela trazia a experiência de professora interina do Instituto de Educação Rui Barbosa, além de alguns poucos trabalhos publicados. Diante da disputa, Silvério Leite conseguiu ser aprovado para catedrático do Atheneu Sergipense. No início da década de 1950, Iracema Fontes registrou uma síntese da atuação profissional do seu filho mais velho:

Estamos em novembro de 1951 e presentemente ele exerce o cargo de Secretario Particular do Governo do Estado de Professor de História do Brasil do ‘Instituto Ruy Barbosa’ de [espaço em branco] no ‘Instituto São José’, de Presidente da ‘Casa do Trabalhador Menor’ de Vice Presidente da Legião Brasileira contra a seca do Nordeste, nomeado por D. Darci Vargas e continua a frente do seu querido Grupo de Ação Social que embora pequeno não morreu, tendo angariado intelectuais o que lhe faz acreditar na Esperança do porvir (FONTES, 1923-s/d, s/p).

Os vários âmbitos de atuação de Silvério, no ano de 1951, fornecem uma imagem do trabalho do intelectual tanto em várias instituições educacionais, além do trabalho na FCFS, não citado na fonte, mas com início em 1951, bem como os diferentes postos de comando ligados à política sergipana, como também a Igreja Católica.

Para Miceli (2001, p. 95), “[...] o envolvimento dos intelectuais com os grupos dirigentes, não se manifestam apenas em termos de adesão a alguma facção partidária [...]”. Thetis Nunes, Bonifácio Fortes e Felte Bezerra não tiveram uma adesão direta à determinada “facção partidária” com candidaturas, entretanto, caminharam lado a lado com a política sergipana ao longo do recorte temporal proposto na tese.

No caso de Silvério e Cabral Machado, ambos assumiram um partido e foram candidatos – o primeiro, na eleição de 1951; e, o segundo, em várias eleições, ocupando o cargo de deputado estadual e, até mesmo, vice governador do Estado de Sergipe em um período posterior ao recorte temporal da tese¹⁶⁹. Ainda no final dos anos de 1940, Silvério Leite já atuava em ações da Igreja e com propostas para o trabalho na política, como consta no “livro de família” de Iracema Fontes (1923-s/d).

¹⁶⁹ A partir dos escritos de Dantas (2009) foi possível constatar que Manoel Cabral Machado foi eleito deputado estadual três vezes consecutivas entre 1951 e 1964. Assumiu ainda o cargo de vice-governador de Sergipe por meio de eleição indireta na administração de Lourival Batista (1967-1970), tendo ambos, renunciado, antes da finalização do mandato.

Dantas (2004) informa que desde a campanha eleitoral para governo do Estado de José Rollemberg Leite, em 1950, ele contou com o apoio da Igreja Católica, com forte campanha contra o comunismo; e demais grupos que representavam uma reação conservadora. O mesmo José Rollemberg foi responsável por doações à Igreja para instalação da FCFS, onde se tornou professor, ao lado do irmão Gonçalo Rollemberg Leite, por mais de uma década.

O referido autor situa o governo de José Rolemberg Leite (1947-1951) e do seu sucessor Arnaldo Rolemberg Garcez (1951-1955) no domínio da aliança do PSD e Partido Republicano, ratificando que o engenheiro foi “[...] eleito por uma coalizão conservadora, através de uma campanha radicalizada, com o apoio da Igreja Católica em ostensiva propaganda anticomunista” (DANTAS, 2004, p. 122).

O católico militante Silvério Leite Fontes esteve ligado a tal grupo, a ponto de ser convidado para ocupar o cargo de Secretário da Fazenda e, mesmo tendo rejeitado, na eleição seguinte, candidatou-se como membro do Partido Republicano a deputado estadual, tendo obtido apenas oitenta votos; não obstante, com a eleição do correligionário Arnaldo Garcez para governador, recebeu um convite para ser secretário dele. A eleição de José Rollemberg Leite merece uma digressão, tendo em vista os embates que a Igreja Católica enfrentou para apoiá-lo e o papel que o governador José Rollemberg Leite teve na criação da FCFS.

Os jornais que circulavam em Sergipe, em 1947, a exemplo do *A Cruzada e Diário de Sergipe*, trazem intenso debate acerca do pleito eleitoral daquele ano. Após várias polêmicas com indicações para os católicos não votarem nos candidatos apoiados pelo Partido Comunista; no caso de Sergipe, o apoio do “comunismo” seria ao candidato fruto da aliança do PSD com a UDN, o advogado Luiz Garcia, em um período em que a Igreja incentivava a eleição de José R. Leite e seus correligionários, entre eles, o candidato a deputado estadual Manoel Cabral Machado¹⁷⁰ que, apesar de não ganhar, nessa eleição, assumiu os cargos de Secretário da Fazenda e chefe da Casa Civil no primeiro governo de José Rolemberg (MACHADO, 2003).

A Liga Eleitoral Católica (LEC), presidida por Hélio José Ribeiro e com a secretaria de José Amado Nascimento¹⁷¹ e do assistente eclesiástico Cônego Manoel Soares, criou um

¹⁷⁰ Segundo o jornal *Diário de Sergipe* de 14.1.1947 os candidatos do PSD aos postos representativos para Governador: José Rolemberg Leite; Senador: Augusto Maynard Gomes, tendo como suplente Marcos Ferreira de Jesus, Arquibaldo Ribeiro da Silveira e Edélsio Vieira de Melo; Deputados Federais: Carlos Waldemar Accioli Rolemberg, Godofredo Diniz Gonçalves, Tenente Dulcelino Carvalho Tavares, Renato Cantidiano Vieira Ribeiro; Entre os candidatos a deputado estadual estava “Manoel Cabral Machado, advogado, funcionário público, residente nesta capital” (JORNAL DIÁRIO DE SERGIPE, 14 de janeiro de 1947).

¹⁷¹ Segundo Cruz (2014) José Amado Nascimento, nasceu em 1917, e bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Sergipe. Exerceu a docência em várias instituições de ensino, entre elas a FCFS, Faculdade de

“Compromisso de Honra”, em que tanto Maurício Gaccho Cardoso, quanto Luiz Garcia se comprometiam “[...] a defender as tradições democráticas e cristãs do povo brasileiro contra os princípios totalitário, materialistas e ateus do comunismo” (JORNAL A CRUZADA, 8 de janeiro de 1947). No entanto, dez dias depois, o mesmo jornal católico trouxe uma nota de capa que anulava a decisão anteriormente tomada pela LEC, tendo em vista que os próprios envolvidos no “Compromisso de Honra” desfizeram aquele acordo.

Portanto, utilizou, entre outros argumentos, a consideração de que a “[...] desobediência a essa proibição importa em um pecado mortal”, a LEC declarou: “Os candidatos do Partido Trabalhista Nacional, Secção de Sergipe não podem receber o voto dos católicos. Em resumo: os católicos não podem votar nos candidatos seja do Partido Comunista do Brasil, seja da União Democrática Nacional, seja do Partido Trabalhista Nacional” (JORNAL A CRUZADA, 18 de janeiro de 1947)¹⁷². Diante de uma luta contra o comunismo da Igreja Católica, somada à força do político experiente Francisco Leite Neto e da expressão política das famílias Rolemberg e Leite, o resultado foi a eleição de José Rolemberg Leite para governar Sergipe.

A digressão para tratar de tal pleito eleitoral é necessária para o entendimento de que, ainda no governo de José Rolemberg Leite, foi criada a FCFS em 1950 com o início das atividades em 1951, e na gestão do seu sucessor a ESSS, em 1954 – ambas sob os auspícios da Igreja Católica. Além disso, entre os governos da coligação de José Rollemberg Leite e Arnaldo Garcez, Thetis Nunes¹⁷³ assumiu a direção do Atheneu Sergipense de 1951 a 1955; e

Ciências Econômicas e da Faculdade de Direito da UFS. Foi diretor do jornal católico *A Cruzada* em meados da década de cinquenta do século XX e possui uma série de publicações em diferentes áreas do conhecimento.

¹⁷² Sobre a campanha para a eleição do membro da família Rollemberg Leite, Jackson da Silva Lima, assim analisa: “Terminada a guerra, retornam os radicalismos ideológicos, procurando a Igreja Católica intervir publicamente na defesa intransigente da sua fé. É o caso da ‘Liga Eleitoral Católica’ (1945-1946), monitorada por Hélio Ribeiro e dom Avelar Brandão Vilela, então simples padre, com participação ativa de militantes do ‘Centro D. Vital de Aracaju’ e de outras figuras do clero local, com o Padre João Moreira Lima (depois Monsenhor). O ‘Centro D. Vital de Aracaju’ promove a publicação da obra *A posição da Igreja no Momento Atual* (1945), na qual são reproduzidas a ‘Mensagem de Natal’ de S. S. Pio XII (1944), sobre a democracia, e a ‘Carta Pastoral’ do Episcopado Brasileiro (1945), subscrita por D. Jaime, Arcebispo do Rio de Janeiro, com apresentação do então Cônego Avelar Brandão Vilela. Volta, portanto, a Igreja a se defender do comunismo ateu, agora empalmando algumas de suas reivindicações junto às massas oboeiras, e se proclamando ‘defensora da verdadeira dignidade e liberdade humana’. Na referida Pastoral, são veiculados momentosos assuntos como a questão social, participação operária nos lucros das empresas, o trabalho, a família e, finalmente o ensino religioso” (LIMA, 1995, p. 134–135).

¹⁷³ Os itinerários de Thetis Nunes no universo político merece um estudo pormenorizado. Embora não filiada a um partido específico, ao longo das décadas de 1940 e 1950, Thetis foi nomeada para significativos cargos por indicação política. No caso da direção do Atheneu Sergipense era um posto exercido por um membro da Congregação da instituição, mas com fortes vinculações políticas. No governo de Arnaldo Rolemberg Garcez (1951-1955), Thetis Nunes assumiu a direção daquela escola de ensino secundário, anos depois com a eleição do seu opositor Leandro Maciel (1955-1959), em 1956, ela foi indicada para a realização de um curso no ISEB. Sem contar a forte conotação política que permeou seu concurso para ingresso no Atheneu Sergipense, em meados dos anos quarenta do século XX, na administração do interventor Augusto Maynard Gomes (1942-

Felto Bezerra conseguiu afastar-se das funções de professor do ensino secundário para dedicar-se ao ensino superior na FCFS, como também às pesquisas no âmbito da Etnologia e Etnografia. Cabral Machado e Silvério Leite candidataram-se a deputado estadual na administração de Arnaldo Garcez, sendo eleito o primeiro deles.

Diante da derrota, o segundo assumiu a secretaria particular de Arnaldo Garcez. Ressalto, conforme Fontes (1923-s/d) Silvério foi convidado a candidatar-se nas eleições de 1947, tendo recuado em prol do seu trabalho na Igreja; Bonifácio Fortes, juntamente com Silvério Leite, também assumiu funções burocráticas no governo de Garcez, como apontou Fontes (1981).

Ao analisar a tese apresentada para o concurso à cátedra de História do Brasil na Escola Normal Rui Barbosa, intitulada: “Jackson de Figueiredo: sentido de sua obra”, observei que Silvério Leite Fontes (1952) dedicou seu estudo à: “A memória de Helio José Ribeiro grande apóstolo de Cristo em terras de Sergipe”. Nos seus agradecimentos, fez menção ao governador do Estado, Arnaldo Garcez, seu padrinho Garcia Rosa, colegas de militância na Igreja Católica, como: Luiz Rabelo Leite, José Amado Nascimento e Antônio Fagundes Costa, entre outros. Destaco ainda à referência às contribuições de José Bonifácio Fortes Neto, seu companheiro do magistério na Escola Normal Rui Barbosa no final dos anos 1940, amizade que se estreitou a ponto de Bonifácio Fortes ter sido um dos padrinhos do casamento de Silvério Leite, em 1954.

Por meio da entrevista de Silvério Leite Fontes, concedida a Menezes (1998), sublinho que a escolha por tratar a figura de Jackson de Figueiredo ocorreu pelo fato de o mesmo ser sergipano e possuir uma personalidade incomum ao ponto de merecer uma análise. A vinculação de Silvério Leite com o objeto da sua tese pode ser localizada desde o início da década de 1940 quando atuou na JUC em Salvador e, depois do seu retorno a Sergipe, com o envolvimento nas questões da Igreja em paralelo à docência.

A temática da tese para concorrer à cátedra frutificou das suas experiências na Igreja Católica na década de 1940, na Bahia ou em Sergipe. A dedicatória a Hélio Riberio e às pessoas citadas nos seus agradecimentos reforçam a ideia de que seus caminhos na militância católica ressoaram nos seus escritos, na busca por uma aprovação em concurso público para a docência. Ao contrapor os nomes e o título da tese com a descrição do Monsenhor José

1945). As análises desses meandros efetuadas por Santos (1999) de forma alguma dão conta das “redes” nas quais Thetis Nunes esteve inserida e as estratégias utilizadas pela intelectual para ocupar postos de comando e destaque na educação sergipana.

Carvalho de Souza (2006) na obra “Presença participativa da Igreja Católica na história dos 150 anos de Aracaju”, visualiza-se:

Fundado pelo eminente sergipano, Jackson de Figueiredo, um dos mais atuantes católicos no Rio de Janeiro, o Centro Dom Vital tinha como objetivo recrutar e preparar líderes leigos para, com a palavra e o testemunho da vida, levarem o fermento do evangelho à política e à cultura, a fim de que os políticos e intelectuais, imbuídos dos sadios princípios da fé, da justiça, da verdade, da solidariedade e da liberdade, dessem a sua contribuição positiva na construção de uma sociedade justa, fraterna e próspera para todos.

Preciosas foram os frutos dessas instituições Ação Católica e Centro Dom Vital, aqui, em Aracaju.

Dentre muitos outros nomes de real valor, cito: Dr. Helio Ribeiro, Desmb. Luiz Rabelo Leite, Fernando Duarte, José Ludovice, Dr. Silvério Leite Fontes, Dr. José Amado Nascimento e Dr. Manoel Cabral Machado, ex-vice-governador do Estado. Esses leigos tornaram-se notáveis por sua atuação especialmente pelo jornal ‘A Cruzada’, levando à comunidade os ensinamentos obtidos na Ação Católica e no Centro Dom Vital (SOUZA, 2006, p. 32–33, grifos meus)¹⁷⁴.

Os nomes sublinhados estiveram, lado a lado, com Silvério Leite nos movimentos da Igreja Católica na década de 1940. As marcas desse período descritas no seu Diário (1945-1946), como reuniões, embates em prol de causas anticomunistas, entre outras, nas quais os amigos citados figuravam na lista de pessoas que Silvério Fontes dialogava, podem ser visualizadas tempos depois no concurso para a Escola Normal Rui Barbosa. Tais laços não se desataram e, em certa medida, chegaram até o magistério. Sua amizade e apreço por Hélio José Ribeiro aparecem em vários dos seus agradecimentos e, até mesmo, no nome de um dos seus sete filhos, Hélio José¹⁷⁵.

O grupo político, com o qual os cinco professores em tela possuíam vinculações, perdeu o poder nas eleições de 1955 para o candidato Leandro Maciel, representante da União Democrática Nacional, com exceção de Maria Thetis Nunes que foi indicada pelo udenista para um curso no ISEB no Rio de Janeiro em 1956¹⁷⁶. No caso de Cabral Machado e Silvério

¹⁷⁴ Com uma percepção, a partir da Igreja Católica, o Monsenhor José Carvalho, Sergio Miceli (2001) situa a criação do Centro Dom Vital (1922), como também da revista A Ordem (1921), como duas instituições de enquadramento ideológico da Igreja Católica que tinham a incumbência congregar o núcleo de intelectuais leigos. Tais instituições conseguiram organizar a Ação Universitária Católica, que mobilizava os estudantes das grandes cidades, o Instituto Católico de Estudos Superiores, embrião da Pontifícia Universidade Católica, editoras, várias vocações religiosas e ainda influenciou no campo literário.

¹⁷⁵ Silvério Leite Fontes casou-se com Elze de Silveira Fontes em 1954, sua ex aluna da Escola Normal, juntos tiveram sete filhos, sendo eles respectivamente: Luiz Carlos, Maria Ângela, Paulo Henrique, Ana Letícia, Rosa Myrian, Hélio José e Mônica Maria.

¹⁷⁶ Thetis Nunes representou Sergipe no ISEB entre os anos de 1956 e 1960, logo depois, em 1961, seguiu para a cidade de Rosário, na Argentina, para assumir a direção do Centro de Estudos Brasileiros ficando ao todo nove anos fora de sua terra natal. Marcos Cezar de Freitas (2004) analisa a “Historiografia de Maria Thetis Nunes e o

Leite Fontes, eles foram demitidos da FCES e da ESSS, respectivamente. A primeira era administrada diretamente pelo Estado e a segunda contava com subvenções consideráveis do governo estadual.

Entre os laços que uniam os intelectuais, cabe salientar a política, sendo que entre os finais dos anos 1940 e início dos anos 1950, os professores analisados estiveram diretamente ligados à política sergipana em conjunto com o exercício da docência – fosse para conseguir benefícios como professor, fosse para exercer cargos como secretário ou deputado do Estado na administração de José Rolemberg Leite e Arnaldo Garcez.

Tal conclusão dialoga com o trabalho de Miceli (2001), ao tratar dos intelectuais e classes dirigentes no Brasil entre os anos de 1920 e 1945. O autor mostra como as mudanças nas organizações políticas, bem como nas instâncias de produção cultural se fizeram acompanhar por transformações no acesso às carreiras dirigentes do país. Tornou-se quase inviável passar de estudante, mesmo da Faculdade de Direito, para membro por inteiro da classe dirigente só por possuir um diploma, fez-se necessário envolver-se na concorrência política e intelectual, tanto em jornais partidários, como também nas organizações políticas e instituições culturais, para assim garantir seu lugar nas carreiras de comando do povo.

Dessa forma, os três jovens bacharéis em Ciências Jurídicas e Sociais: Silvério Leite, Bonifácio Fortes e Cabral Machado, ao voltarem da Bahia ou mesmo quando já estavam próximo à finalização dos seus cursos superiores, começaram a investir em espaços de atuação que pudessem lhes legitimar, para além do diploma. Assim, atuaram no âmbito do direito, da política e do magistério, sendo a docência, em diferentes escolas de ensino secundário de Aracaju, uma passagem obrigatória para o trio de sergipanos.

Diante do término do ensino superior, o retorno a Sergipe e o ingresso na docência, foram aspectos sublinhados ao longo da análise. Cada um dos cinco professores investigados de forma particular atuou no magistério secundário, através do qual esteve inserido em “redes” de amizades e inimizades, unidos ou não por laços de sensibilidade e ideológicos, que lhes permitiram almejar ingressar em outros “microclimas”: confrarias, clubes, partidos políticos, instituições culturais – tudo isso diante das “estruturas de sociabilidades” que se

ISEB”, o autor destaca as contribuições dos *isebianos* Alberto Guerreiro Ramos, Álvaro Vieira Pinto, Ignácio Rangel e Nelson Werneck Sodré a escrita da História de Thetis Nunes. Analisa ainda o diálogo da sergipana com a obra de Fernando de Azevedo e aponta elementos para a reflexão das filiações teóricas da aluna do ISEB para além de conclusões estanques e aligeiradas. Em uma das suas conclusões afirma: “Maria Thetis Nunes não nega suas filiações teóricas e políticas, mas não lança mão de seus repertórios categoriais movida por dogmatismo ou ortodoxia. O método lhe serve como fiança com a qual assegura a si mesma estar fazendo história pensando nos homens em sua materialidade, fazendo história em circunstâncias dadas” (FREITAS, 2004, p. 22).

apresentavam aos intelectuais de Sergipe nesse período. A *posteriori*, Manoel Cabral Machado, Silvério Leite Fontes, Maria Thetis Nunes, Felte Bezerra e Bonifácio Fortes fizeram parte da FCFS, como pioneiros professores do ensino superior em Sergipe.

5.2 DE DOCENTE DO ENSINO SECUNDÁRIO A PROFESSOR DO ENSINO SUPERIOR: O “MICROCLIMA” DA FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE

O ingresso como professor da nascente Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe no início de 1950 esteve ligado a diferentes fatores, mas de uma forma ou de outra, passava pelo crivo do então Padre Luciano José Cabral Duarte. Os requisitos necessários para o convite deste ou daquele intelectual sergipano para lecionar naquela Faculdade estava intimamente ligado a uma formação superior, aliada à experiência docente além de disponibilidade para ensinar à noite no centro da cidade de Aracaju, como também a algumas relações e posicionamentos políticos.

Arelado a tais critérios, certamente, alguns elementos dos itinerários percorridos pelos cinco intelectuais investigados corroboraram para que compusessem o corpo docente da instituição: a atuação no âmbito da luta católica, como foi o caso de José Silvério Leite Fontes e Manoel Cabral Machado; ou nomes cujos currículos se destacavam nas áreas necessárias para o ensino na FCFS, como: Felte Bezerra, no âmbito da Etnologia, Etnografia e a *posteriori* Antropologia, sendo que o catedrático do Atheneu Sergipense, já contava com diferentes publicações nessas áreas, com veiculação de artigos, em jornais e revistas, além do lançamento do livro “Etnias Sergipanas”, em 1950.

Assim como Felte Bezerra, Maria Thetis Nunes era catedrática do Atheneu Sergipense, então diretora da instituição de ensino secundário (1952-1955), e, inicialmente, a única licenciada a compor o quadro docente de uma faculdade voltada para a formação de professores. Bonifácio Fortes já contava com atuação no magistério da Escola Normal Rui Barbosa e vinculação no universo intelectual sergipano desde as publicações de estudante secundarista.

Sobre esse período, Cabral Machado rememora: “No tempo da Faculdade de Filosofia, nós mandávamos nosso currículo vitae para o MEC e, com sua aprovação, nós – professores e

suplentes – passávamos a ser integrados” (MACHADO, 1998a, p. 20). Conforme Suzana Bezerra, o pai dela, ao atender ao convite do Padre Luciano Cabral, prontamente enviou o currículo para o Rio de Janeiro, como também seu livro “Etnias Sergipanas”, cuja resposta foi: “[...] um homem com um livro desse porte é catedrático nato” (BEZERRA, 2015, s/p.).

Ilustra-se assim um dos itens necessários para ser professor da FCFS: ter um currículo aprovado pelo Ministério da Educação. Currículo que todos os docentes analisados conseguiram atender às exigências solicitadas. Vale ressaltar ainda que “[...] o magistério superior era a única atividade que não constituía empecilho ao desempenho legal de outras funções públicas remuneradas, privilégio de que se valeram diversos intelectuais” (MICELI, 2001, p. 214).

Ser professor da FCFS à noite, não significava abrir mão das outras funções que desempenhavam ao longo do dia. Assim, todos eles continuaram seus trabalhos no ensino secundário, na administração pública, publicavam em jornais e se posicionavam com relação aos eventos ocorridos a nível local e nacional.

Além disso, era necessário estar disposto a trabalhar para um projeto maior que envolvia a melhoria da sociedade sergipana, bem como posicionamentos políticos de acordo com o grupo de José Rollemberg Leite, governador de Sergipe, no período de criação da FCFS, sendo o estado responsável pela maior parte das subvenções que sustentavam a nascente instituição. Manoel Cabral Machado, ao tratar de Dom Luciano Duarte, destaca a sua luta pela conversão da intelectualidade sergipana ao catolicismo:

E, se após mais de 20 anos, neste pastoreio, não houve a plena conversão da intelectualidade sergipana, ao catolicismo, porquanto continuam a existir os ateus, os agnósticos, os indiferentes, pelo menos, afirmaríamos, a fé passou a ser respeitada pela inteligência e o valor do pensamento cristão. Até nessa quadra, antes de D. Luciano, o cientificismo e os preconceitos do século XIX, mantinham preconceito intelectual preservado pelos professores do Atheneu Sergipense – os mestres da intelectualidade até 1951 quando da fundação dos cursos superiores no Estado (MACHADO, 1975, p. 98).

O primo da tradicional família Cabral de Capela/SE foi o responsável por recepcionar Dom Luciano Duarte na ASL que, por essa época, contava com mais de vinte anos de atuação na Igreja Católica sergipana, como também em outros tentáculos da instituição, principalmente na educação e na imprensa. No tocante à educação, destaque para seu trabalho na FCFS, na ESSS, e em períodos posteriores, seu envolvimento nos embates pela implantação da UFS e sua passagem pelo Conselho Nacional de Educação, na década de 1960.

Dos escritos de Cabral Machado, explicita-se como a fé cristã esteve presente no trabalho realizado por Luciano Duarte, que dirigiu a FCFS durante mais de uma década. Cabral Machado ressaltou o significado do respeito pela “inteligência e o valor do pensamento cristão”. Entende-se assim que mesmo a fé cristã não sendo propagada naquela instituição católica, certamente era cuidada de forma demasiada para não ser questionada.

Manoel Cabral Machado ainda compara a FCFS, uma instituição do ensino superior, com o Atheneu Sergipense e aponta a diferença quanto ao “preconceito intelectual” dessa “Casa de Educação Literária”, que ele foi aluno, professor interino e com participação ativa a ponto de ser convidado para bancas de concursos. O rosarense demarca uma mudança no trato com a fé cristã na Congregação do Atheneu Sergipense e o “grupo” da antiga FAFI. Ali, no ensino superior, as questões da fé eram vislumbradas de outra forma, eram “respeitadas”.

Pelo escrito, observa-se também como Cabral Machado atribui “para si” e “para os seus” uma nova fase na “intelectualidade” sergipana, pois até 1951 o ensino secundário concentrava tal extrato da sociedade de Sergipe, a partir de então mudou a instituição responsável por essa aglomeração. Certamente, essa alteração não foi abrupta como apontada pelo intelectual, mas paulatina, até porque boa parte dos docentes da FCFS eram catedráticos do Atheneu Sergipense; além disso, as Faculdades sergipanas criadas no final da década de 1940 e início de 1950, levaram algum tempo para formar suas primeiras turmas e se firmarem no cenário da intelectualidade sergipana.

Nos escritos de Cabral Machado, visualiza-se mais um exemplo da “caixa de ressonância”, da qual escreve Sirinelli (2003), ao tratar dos cuidados com a “elite cultural”, que tem o domínio de uma série de meios para fazer ecoar seus feitos e gravar sua memória na escrita da História. Ele se considera um “fundador” (MACHADO, 1998a) do ensino superior sergipano. Dessa forma, compreende-se que, no discurso para recepção de Luciano Duarte Cabral na ASL, estava em jogo também o lugar de Cabral Machado, juntamente com o primo do alto escalão da Igreja Católica em Sergipe, nos itinerários do ensino superior sergipano, bem como no âmbito da intelectualidade local.

De uma distinta perspectiva, é possível observar a ligação entre Felte Bezerra e a Igreja Católica. Sobre este aspecto, a filha ressalta:

Papai não fez primeira comunhão, segundo ele, por não ter tido mãe. Já morando aqui no Rio de Janeiro, foi uma vez confessar com um beneditino para comungar e teve apoio do Dom, com quem confessou. Luciano Duarte, papai o via como um Padre sério, bem intencionado, depois Dom. Mas o chamava em casa de Luciano. Era grato por ter sido convidado para a Faculdade Católica de Filosofia, foi professor desde a Fundação. A primeira

turma, Maria Isabel Barreto, Josefina Leite e mais duas que não lembro o nome (BEZERRA, 2015, s/p.).

Observa-se que Felte Bezerra, embora não se enquadrasse nos movimentos ligados à Igreja Católica, ou mesmo, não fosse um frequentador da missa dominical, vislumbrava o padre Luciano Cabral como “bem intencionado”, além da gratidão por poder fazer parte da pioneira Faculdade de Filosofia em Sergipe. Deste modo, sob o comando de Luciano Cabral, os primeiros passos para o funcionamento da FCFS iniciou-se antes de 1951: a tentativa para organizar a instituição, a procura por espaço para abrigar as aulas e professores para lecionar as cadeiras dos cursos a serem ofertados e, até mesmo, exemplos de outras instituições congêneres que deveriam embasar o processo de montagem da Faculdade para encaminhar a solicitação ao Ministério da Educação.

Sérgio Miceli situa a criação das Faculdades de Filosofia no Brasil da seguinte forma:

[...] o projeto do poder central de assumir a formação escolar e ideológica das novas frações intelectuais levou à criação das faculdades de filosofia, ciências e letras, dando ensejo à introdução de novas disciplinas (sociologia, antropologia e etnografia, geografia humana, economia política, ciência política etc.) e ao recrutamento de especialistas brasileiros e estrangeiros que dispunham de remuneração equivalente àquela auferida pelos docentes dos ramos tradicionais. As faculdades de filosofia abrigaram não apenas os especialistas das ciências humanas e exatas, mas também serviram de estímulo à atividade crítica e erudita nas diversas cátedras em que o ensino literário foi segmentado (MICELI, 2001, p. 214).

No caso de Sergipe, a FCFS representou o início do debate de nível acadêmico dessas novas áreas do saber com o recrutamento de intelectuais dentro de determinadas “redes” com certa notoriedade nos “microclimas” da capital Sergipana. Para o funcionamento da nascente instituição, ainda no final dos anos 1950, o padre Luciano Duarte escreveu uma matéria “explicativa” no jornal *A Cruzada*, de 19 de novembro de 1950, sobre o significado de uma Faculdade de Filosofia para o povo sergipano, numa tentativa de legitimar um projeto do qual ele era uma dos principais membros.

Somadas à citada matéria, atrelavam-se notícias sobre a instalação da instituição de ensino superior quase semanalmente, quando em 11 de março 1951, o jornal *A Cruzada* trazia, em uma de suas manchetes, a notícia de autorização para o início das atividades na FCFS e transcrevia o decreto publicado no Diário Oficial da Capital Federal, de nº 29.311, de 28 de fevereiro de 1951, concedendo “autorização para funcionamento de cursos na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe”.

Segundo Morais (2008), em maio de 1950, o Padre Luciano Duarte visitou as Faculdades de Filosofia de Recife, ouviu também as experiências de D. Carlos Camélio de Vasconcelos Mota, cardeal arcebispo de São Paulo, e de D. Antônio dos Santos Cabral. Percebe-se assim que a FCFS obteve contribuições de outras instituições congêneres, que funcionavam sob os cuidados da Igreja Católica. Logo depois das visitas e conversas, começou a estruturação da Faculdade com a ativação de uma “rede” de professores para a nascente instituição educacional, um novo “microclima” intelectual de Sergipe.

Dessa forma, a FCFS configurou como um novo espaço liderado principalmente pelo padre Luciano Duarte, convidando professores de porta em porta, pedalando sua bicicleta¹⁷⁷, ou mesmo contando com a participação de outros docentes, já anteriormente empenhados na criação da instituição, como foi o caso de Felte Bezerra.

No início do ano de 1949, Felte Bezerra entrou em contato com Emílio Willems¹⁷⁸ para solicitar o guia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Pela resposta da carta de Willems, apreende-se que o interesse de Felte consistia em um “modelo” para uma possível Faculdade relacionada à área das ciências humanas em Sergipe. A seguir, um fragmento da resposta do professor da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo:

Segue hoje, pelo correio marítimo, um exemplar do guia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras assim como o anuário de 1947, da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Espero que ambos sirvam. Creio que a dificuldade principal na fundação de novas Faculdades de Filosofia é evitar que se tornem escolas normais de nível um pouco mais elevado. É precisamente isso que tem acontecido com todas as faculdades particulares que se fundaram aqui no sul (Carta de Emílio Willems para Felte Bezerra *apud* DANTAS; NUNES, 2009, p. 160).

Os guias e anuários das faculdades paulistas enviados para Felte Bezerra serviram como base para a criação da FCFS, um projeto no qual Felte já estava envolvido anos antes da sua execução (DANTAS; NUNES, 2009). O trecho da carta também aponta para a preocupação com o ensino nas nascentes instituições de ensino superior voltadas para a formação docente, um constante problema nas instituições criadas a partir da década de 1930.

Dessa forma, o embrião inicial FCFS foi formado somando-se os contatos estabelecidos por Felte Bezerra com professores do ensino superior de outros estados, as

¹⁷⁷ Segundo Nunes (2007).

¹⁷⁸ Segundo da Dantas e Nunes (2009) Emílio Williems nasceu na Alemanha e diplomou-se em Economia pela Universidade de Berlim. No Brasil lecionou disciplinas relacionadas à área de Antropologia na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, com participação crucial formação das Ciências Sociais no Brasil. Em 1949, mudou-se para os Estados Unidos da América.

vinculações do padre Luciano Duarte com outros dirigentes de Faculdades Católicas pelo país e as visitas a algumas dessas instituições. A organização dos primeiros passos contou ainda com a experiência de Maria Thetis Nunes, ex-aluna da FFB, e de outros intelectuais inseridos nas suas “redes”. O projeto da FCFS esteve ligado à Sociedade Sergipana de Cultura, fundada em 1950, mantida e administrada pela Igreja Católica, com o objetivo de congregar instituições culturais, a exemplo da Faculdade de Filosofia.

Logo após a publicação da portaria de autorização de funcionamento dos cursos da FCFS, a saber: Geografia e História, Matemática e Filosofia¹⁷⁹, fazia-se necessário cumprir os próximos passos para o início das aulas, entre eles: a organização e a divulgação do concurso de habilitação para a instituição e o exemplo da Faculdade Nacional de Filosofia, instituição padrão para todo o país, deveria se formar uma Congregação e um Conselho Técnico Administrativo (CTA) na instituição. Assim, em 12 de março de 1951, um dia depois da publicação com o anúncio do funcionamento da FCFS, ocorreu a primeira reunião dos membros da instituição e foi eleita sua Congregação composta por:

Dom Fernando Gomes – Presidente de Honra, Padre Euvaldo Andrade, Padre Artur Pereira, Dr. José Barreto Fontes, Dr. Lauro Barreto Fontes, Dr. Manuel Cabral Machado, Dr. Gentil Tavares da Mota, Dr. José Silvério Leite Fontes, Dr. Gonçalo Rollemberg Leite, Padre José de Araújo Machado, Dr. Petru Stefan, Dr. Valter Cardoso e Maria Thetis Nunes. Além do Padre Luciano Duarte, Dr. José Olineo de Lima Neto, Dr. João Bosco de Andrade Lima, Dr. Manuel Ribeiro (RELATÓRIO DA FCFS, 1951, Arquivo do CCHS/UFS, grifos meus).

Em uma primeira análise, chama atenção a denominação de “Dr.” para todos os bacharéis em Direito, Medicina e Engenharia que compunham a congregação, exceto para a única mulher do quadro, que possuía bacharelado em Geografia e História e a licenciatura no curso de Didática. Outro ponto digno de nota refere-se aos “escolhidos” para compor a Congregação da FCFS. São nomes de destaque da intelectualidade sergipana de outrora. Professores do Atheneu Sergipense, da Escola Normal Rui Barbosa, pessoas vinculadas à ASL e/ou ao IHGSE que poderiam contribuir naquele projeto da Igreja Católica em parceria com o estado de Sergipe.

Ainda naquele mesmo dia, possivelmente em uma mesma reunião, decidiu-se quem faria parte da congregação e do conselho, elegeu-se seis membros do corpo docente para o

¹⁷⁹ Inicialmente, a FCFS ofertou, o curso de Geografia e História, como também os cursos de Matemática e Filosofia, que deixaram de funcionar em 1957. Em 1952 começaram as atividades do curso de Letras Neo-Latinas e no ano seguinte de Letras Anglo-Germânicas.

CTA: Pe. Euvaldo Andrade, Dr. Gonçalo Rolemberg Leite, **Dr. Felte Bezerra**, Dr. Manuel Ribeiro, Dr. Lucilo da Costa Pinto, Dr. José Barreto Fontes e o diretor Luciano Cabral. A *posteriori* o Conselho ganhou a participação de José Bonifácio Fortes Neto, a partir de 1953, quando ele passou a integrar o corpo docente do curso de Geografia e História.

O CTA tinha a função de um órgão deliberativo e estava subordinado à Congregação da instituição; por conseguinte, na FCFS, essa relação era muito intrínseca e boa parte dos professores lecionava na Faculdade a convite do Padre Luciano Duarte que presidia a reunião de ambos os órgãos administrativos, o CTA e a Congregação. Pela figura de diretor, sacerdote e amigo dos docentes ali reunidos, dos quais alguns estavam em ambos os órgãos, depreende-se, pela análise das atas, que a maioria das decisões ficava centralizada no diretor. Nas reuniões, poucos embates eram travados – ou não eram registrados nas atas –, exceto quando os alunos do Diretório Acadêmico Jackson de Figueiredo da FCFS entravam em pauta. Nesse ínterim, vale salientar as memórias de Cabral Machado acerca do trabalho na FCFS:

Era uma Faculdade a que nós professores prestávamos um serviço público, com um ensino quase gratuito, visto que a Escola não tinha recursos para pagar sequer o salário mínimo. Então, o ensino era feito a título de colaboração para a educação em Sergipe (MACHADO, 1998a, p. 18/19, grifos meus).

Indubitavelmente, aquele grupo de professores não lecionava apenas como prestação de serviço público. Ao questionar a fonte à luz do pensamento de Jean-François Sirinelli (2003), pode-se entender esse trabalho quase gratuito como parte da constituição e consagração de um intelectual em Sergipe em meados do século XX, pois ao “colaborar com a educação em Sergipe”, observa-se seu “[...] engajamento na vida da cidade como ator [...] sua notoriedade eventual ou sua ‘especialização’, reconhecida pela sociedade em que ele vive – especialização esta que legitima e mesmo privilegia sua intervenção no debate da cidade –, que o intelectual põe a serviço da causa que defende” (SIRINELLI, 2003, p. 243).

Nesse sentido, é possível afirmar que o trabalho na FCFS aparentemente colaborativo e sem interesse apontado por Cabral Machado nas suas memórias, possui um significado maior na sua constituição de “homem de cultura”, sendo ele um “mediador cultural” (SIRINELLI, 1998, p. 261). Dessa mesma forma, pode-se ampliar a lupa e entender o que aconteceu com Felte Bezerra, Thetis Nunes, Bonifácio Fortes e Silvério Leite na atuação como professores da FCFS. Sobre o último, vale expor os escritos de Thetis Nunes acerca do seu trabalho no ensino superior:

(Silvério Leite Fontes) Foi um dos pioneiros do ensino superior em Sergipe, participando da Fundação da Faculdade Católica pelo então padre Luciano Cabral Duarte, e da sua consolidação pela coragem e abnegação do seu fundador enfrentando as dificuldades existentes, principalmente a falta de recursos financeiros necessários ao pagamento dos salários dos professores, o que levariam alguns deles a não continuarem ensinando. José Silvério, abnegadamente, permaneceu lecionando além de suas disciplinas, outras que ficavam sem professor, atendendo ao pedido do seu Diretor. Também lecionara na Faculdade de Serviço Social fundada em 1954 (NUNES, 2005, s/p, grifos meus).

Silvério Leite é classificado por Thetis Nunes como “um dos pioneiros no ensino superior em Sergipe”, um “abnegado” que enfrentou as várias dificuldades para fazer as Faculdades nascentes funcionarem. O “abnegado”, citado por Thetis, pode ser melhor entendido como “mediador cultural” que fez da FCFS um espaço de influência para ventilar suas ideias e expor suas concepções de mundo com forte lastro na religião, como também nos diferentes autores no âmbito da História, da Filosofia e do Direito, entre outras áreas de domínio do docente.

Com a finalidade de ministrar aulas na FCFS, em algumas noites da semana, Silvério Fontes juntamente com Cabral Machado, Thetis Nunes, Bonifácio Fortes e Felte Bezerra se deslocavam das suas residências para o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, sede da FCFS. De início, um reduzido corpo docente que se desdobrava para lecionar os conhecimentos que compunham os cursos ofertados pela instituição de ensino superior. Segue o quadro com a atuação dos docentes nos anos de formação das primeiras turmas de licenciados em Sergipe pela FCFS, 1951 a 1954, conforme Quadro 16:

Quadro 16: Atuação do grupo de pioneiros professores do ensino superior sergipano na FCFS (1951-1954)

Ano	Docente	Cadeira	Curso
1951	Felte Bezerra	Geografia Humana	Geografia e História
	Manoel Cabral Machado	História da Filosofia	Filosofia
	Maria Thetis Nunes	Geografia Física	Geografia e História
1952	Felte Bezerra	Etnologia	Geografia e História
		Geografia Humana	Geografia e História
	José Silvério Leite Fontes	História da Filosofia	Filosofia
	Manoel Cabral Machado	Sociologia	Filosofia
	Maria Thetis Nunes	História do Brasil	Geografia e História
1953	Felte Bezerra	Etnografia	Geografia e História
	José Bonifácio Fortes Neto	Geografia Humana	Geografia e História
		Estética	Filosofia
	José Silvério Leite Fontes	Ética	Filosofia
	Manoel Cabral Machado	História da Filosofia	Filosofia
Maria Thetis Nunes	História do Brasil	Geografia e História	
1954	Felte Bezerra	Didática Especial da Geografia	Geografia e História
	José Bonifácio Fortes Neto	Geografia Humana	Geografia e História
	José Silvério Leite Fontes	Didática Especial da Filosofia	Didática
		Didática Geral	Didática
	Manoel Cabral Machado	Fundamentos Sociológicos da Educação	Didática
Maria Thetis Nunes	Administração Escolar	Didática	

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base nos relatórios anuais da FCFS – Arquivo do CCHS/UFS; Cadernetas das Cadeiras citadas e Folhas de pagamento dos professores da FCFS - Arquivo da Universidade Federal de Sergipe; além das memórias dos professores apresentadas na tese.

Diante da documentação analisada, a saber: atas, cadernetas dos cursos da FCFS, ofícios, relatórios enviados semestralmente ao Ministério da Educação, correspondências localizadas no Arquivo Central da Universidade Federal de Sergipe e no CCHS/UFS, além

das entrevistas, considero esse grupo de professores pioneiro do ensino superior em Sergipe, entre tantos outros que ali atuaram.

Entendo como “pioneiros docentes do ensino superior sergipano” aqueles que atuaram diretamente na formação da primeira turma de graduados na FCFS, nos cursos de Filosofia, Geografia e História, Didática e Matemática, estudantes no período de 1951 a 1954, que foram professores de uma ou mais cadeiras ao longo dos quatro anos de formação do bacharelado e licenciatura. Naquela Faculdade, esse grupo lecionou aos primeiros graduados, de mais de uma centena de professores do ensino secundário e normal formados por aquela instituição Católica, um dos embriões da Universidade Federal de Sergipe, criada somente no final da década de 1960.

Tais intelectuais, além de atuarem na docência da FCFS, ensinando em diversas áreas do saber e nos distintos cursos ofertados, estiveram presentes no projeto de criação da instituição, nas bancas de seus concursos de habilitação, no CTA, na Congregação, além de publicarem em jornais e angariarem alunos para compor as turmas de uma nascente faculdade que funcionava no período noturno com foco na formação docente. São nomes que marcaram as memórias dos alunos que estudaram durante as décadas de 1950 e 1960, além de terem participado de diferentes eventos em Sergipe e no Brasil, fizeram-se presentes em bancas de concursos e ensinaram em outras instituições de ensino superior.

No âmbito da FCFS, observa-se um grupo que se unia para defender “os seus” quando ameaçado pelo “outro”. Embora situado em um recorte temporal posterior à presente tese, vale a análise do embate travado na imprensa contra Felte Bezerra¹⁸⁰ no ano de 1959, cujos

¹⁸⁰ Os embates contra Felte Bezerra vinham do jornal *O Nordeste* que em uma das suas colunas intitulada “Flechadas na Aldeia”, escrita possivelmente pelo professor Nunes Mendonça, o redator chefe daquele jornal, sob o pseudônimo de “Baepeba”, atingiam diretamente Felte Bezerra. A primeira matéria localizada no âmbito dessa discussão data de 8 de julho de 1959. No número seguinte, o citado jornal estampa na capa: “CARTA A BAEPEBA A mediocridade de Felte Bezerra”. A carta assinada por Caribé Monteiro desqualifica Felte Bezerra. Em um dos trechos pode-se ler: “Algumas pessoas leitoras da atraente ‘FLECHADAS NA ALDEIA’, tem-me perguntado se de fato o sr. Felte Bezerra é mesmo a mediocridade que está sendo posta em foco por sua pena causticamente e verdadeira. A pergunta tem alguma coisa de inocência pois ninguém que tenha alguma leitura e raciocínio leva a sério a suposta cultura desse *cavalheiro*, dentista fracassado, professor de escassos recursos propedêuticos e banqueiro extorcionista na cobrança de juros judaicos” (JORNAL O NORDESTE, 15 de julho de 1959, p. 1). A carta seguiu nesse tom até as últimas linhas, inclusive com críticas ao seu livro “Etnias Sergipanas” e a sua atuação como professor. No número seguinte, *O Nordeste* de 22 de julho de 1959, a mesma seção traz o título “Passe bem, Dr. Felte Bezerra” com ironias em detrimento de pedidos para que cessassem as “flechadas contra o Felte”. No número de 25 de julho de 1959, o citado jornal publica uma carta de Eunaldo Costa em defesa das acusações que Nunes Mendonça estava recebendo na imprensa. Poucos dias depois a seção “Flechadas da Aldeia” anunciou que deixaria de circular por alguns dias, mas “Baepeba sente-se satisfeito em ter flechado alguns dos falsos valores intelectuais e morais que pululam nessa Aldeia” (JORNAL O NORDESTE, 29 DE JULHO DE 1959, p. 2). Em 5 de agosto daquele ano, *O Nordeste* publicou matéria referente a tentativa de assassinato de Nunes Mendonça, pelos cunhados de Felte Bezerra, Geraldo Rezende e José Rezende, sendo acusados de buscar matar o professor Nunes Mendonça no centro da cidade de Aracaju, por conta das notas publicadas pelo jornal do qual ele era o redator chefe contra Felte Bezerra. As diferentes repercussões de tal

professores da FCFS assinam nota de solidariedade publicada no jornal *A Cruzada*. Segue a transcrição:

Ilmo. Senhor. O Diretor e os professores da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe abaixo assinados, tem a satisfação de exprimir a V. Sia. a sua solidariedade à nota publicada no último número de “A Cruzada”, datado de 29 de agosto, sob o título “Dr. Felte Bezerra”.

A nota em apreço reflete em traços justos o sentir dos que subscrevem esta, que têm no Dr. Felte Bezerra, um colega que honra por todos os títulos a cátedra que proficientemente ocupa nesta Faculdade.

Assinam: Mons. Luciano Duarte, diretor da F.C.F.S.; Pe. Claudionor de Brito Fontes; Luiz Rabelo Leite; Gonçalo Rollemberg Leite; James U. Lawy; Paulo Almeida Machado; José Rollemberg Leite; José Bonifácio Fortes Neto; Manuel Cabral Machado; Carmélia Alves de Oliveira; Monique Rolland; Josefina Leite Campos; Frei Edgar Stanikowski, ofm.; Fernando Figueiredo Pôrto; José Olino de Lima Neto; Manuel Cândido Santos Pereira; João Cardoso Nascimento Júnior; José Silvério Leite Fontes; José Meneses Santana (JORNAL A CRUZADA, 1 de setembro de 1959, grifos meus).

Compreendo que, mesmo com “afinidades distintas”, quando se trata de defender um membro do “grupo” do qual faziam parte, os intelectuais se uniram em prol de determinado fim. No caso da nota em apreço, para apoio de Felte Bezerra, Cabral Machado, Bonifácio Fortes e Silvério Leite fizeram coro à defesa do colega de docência na FCFS. Vale ressaltar que, nesse momento, Thetis Nunes estava fora de Sergipe para estudos no ISEB.

A nota em defesa do professor da FCFS pelos seus pares faz lembrar os escritos de Sirinelli (2003) acerca dos manifestos e abaixo-assinados, nos quais o autor questiona como se formam os grupos de apoio e os abaixo assinados e que esse tipo de manifesto é um sinalizador da consciência nacional, seus abalos e estremecimentos.

No caso em tela, a convergência tinha o propósito de defender um membro daquele grupo que compunha a FCFS. Mesmo com suas singularidades e divergências, na ocasião em que outros grupos se posicionaram contra um membro daquele “microclima”, os “laços de afetividade e sensibilidades” se ataram em prol de um único fim. No tocante às convergências e divergências, vale destacar o que escreveu Cabral Machado sobre Silvério Leite:

Com estes companheiros das nossas relações necessárias temos convergências e divergências. Mas divergências, basicamente resultantes de interesses, compreensões filosóficas, convicções políticas, ideológicas ou religiosas e que provocam até separações e mesmo, lamentavelmente, agressões e conflitos, quando inexistente tolerância. Creio que as divergências

embate entre diferentes grupos de intelectuais fogem ao recorte temporal da tese, mas carece de estudos pormenorizados. Por ora aponto tamanha querela como a possível causa da emigração de Felte Bezerra para o Rio de Janeiro, onde residiu até os últimos dias da sua vida. Vale destacar ainda que o professor não cita tais acontecimentos nas suas memórias escritas em 1988. Ainda sobre Nunes Mendonça, ver Souza (2003).

políticas ou religiosas são as que mais separam. Mas também são as que mais aproximam e unem (MACHADO, 2002, p. VII, grifos meus).

Os escritos de Cabral aludem às suas “convergências e divergências” com Silvério Leite. Tal fonte demonstra que o fato de pertencer a um grupo não significa uma anulação da forma de pensar em detrimento aos seus pares; pelo contrário, as “convergências e divergências” são próprias dos “homens de cultura”, que lidam com as disputas, desavenças, amizades, ódio e necessidade de reconhecimento entre os seus pares.

A análise dos escritos de Cabral Machado em contraposição à nota de solidariedade a Felte Bezerra, exposta no texto, aponta que o grupo se unia quando considerava necessário atender um determinado fim, alcançar algum propósito; em outras palavras, o que Jean François-Sirinelli (2006, p. 248) denominou de uma “sensibilidade ideológica e cultural comum e de afinidades mais difusas”. São sujeitos com interesses e vontades, construtores dos seus itinerários em conjuntos com o meio aos quais estiveram inseridos em dada época e espaço. Entre as instituições que possibilitaram a esses distintos sujeitos estarem em torno de um projeto comum, estava a FCFS, um espaço da intelectualidade sergipana que lhes permitia projeção e outros ganhos nas “redes” das quais faziam parte.

Sobre o trabalho como docente na FCFS, afirma Cabral Machado: “Fui professor da Faculdade de Filosofia, sendo minhas cadeiras Sociologia e Filosofia [...] Fui professor de Sociologia nessa Faculdade onde eu fiquei até ser criada a Universidade Federal de Sergipe” (MACHADO, 1998a, p. 18). Em outro fragmento da mesma entrevista que focava a história do ensino da Sociologia em Sergipe, Cabral rememorou seus primeiros anos de docente na FCFS e o que ensinava:

Os primeiros pontos eram matéria de conceitos, de introdução, fixação, a natureza da Sociologia como ciência, que tipo de ciência é, se ciência da cultura, ou ciência da natureza, ciência como as outras, etc. O grande debate era saber se a Sociologia era uma ciência experimental, ou se um ciência cultural ou ciência que estudava a realidade completa ou a ciência de uma criação humana, da cultura. Eu debatia esse ponto. Depois vinham os métodos da Sociologia. Mais tarde, estudávamos os detalhes dos grupos sociais, os tipos de classificação de grupos, os tipos de grupos, dando destaque, por exemplo, à família, ao Estado, ao grupo profissional, à sociologia global, enfim, aos grupos fundamentais. Esse era o conteúdo da Sociologia naquele tempo. Essa nossa sociologia era uma sociologia mais teórica. Naquele tempo não havia uma preocupação com a pesquisa de campo, com a investigação mais concreta das coisas (MACHADO, 1998a, p. 19).

Cabral Machado lecionou Sociologia por quase duas décadas na FCFS. Ao lado de Manuel Ribeiro, podem ser considerados os pioneiros docentes que se aventuraram nessa área

do saber, em nível superior, nas terras sergipanas. O rosarense assistiu às aulas dessa cadeira com Florentino Teles de Meneses, ainda como estudante do Atheneu Sergipense, mesmo sem ser aluno daquele professor, e, logo depois, compartilhou dos conhecimentos de Herbert Parent Fortes, no Ginásio da Bahia, acerca da Sociologia. Esses itinerários contribuíram no processo formativo do bacharel que lecionou inicialmente Sociologia, para as alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, ao longo da década de 1940, e depois passou a ensinar tal cadeira para os primeiros professores graduados em Sergipe.

O professor Cabral Machado, que iniciou sua alfabetização no interior de Sergipe, teve na mãe uma das primeiras incentivadoras do hábito de ler e escrever. Aos poucos, com Adelina Vieira, ou com o tio José da Mota Cabral e mesmo com os professores do Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, o jovem de família abastada se aproximou do universo das letras. Seus tempos de aluno no Atheneu Sergipense e no Ginásio da Bahia contribuíram ainda mais para sua participação em movimentos estudantis, escritos em jornais e o início do pronunciamento dos discursos – uma marca registrada do professor e político sergipano. Tais itinerários, somados à formação em bacharel na Bahia, o ingresso nos bastidores da política sergipana *pari passu* com o magistério na década de 1940, contribuíram para sua notoriedade como um “homem de cultura”, na acepção de Sirinelli (1998).

Dentro dessa perspectiva, Manoel Cabral Machado, que assumiu a cátedra de Sociologia na FCFS, trazia no seu currículo, além do sobrenome reconhecido, o magistério no ensino secundário, o pertencimento ao IHGSE como sócio efetivo desde 1945, aliado à participação ativa em partidos políticos e nos projetos da Igreja Católica. O rosarense, que nasceu “raqúitico” em 1916, chegou à FCFS, em 1951, “robusto”, de notoriedade angariada em “microclimas”, que congregava parcelas significativas da “elite cultural” de Sergipe. Assim, ingressou na docência das pioneiras instituições de ensino superior de Aracaju, tanto na FCFS, como também na FDS, na ESSS e, ainda, a FCES¹⁸¹.

Da mesma forma, Silvério Leite, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, que lecionou inicialmente no curso de Filosofia, da FCFS, tanto a cadeira de História da Filosofia, quanto Ética e Didática Especial da Filosofia. Anos depois, assumiu as cadeiras relacionadas à História, área do conhecimento que ensinou, pesquisou, publicou e indubitavelmente contribuiu para a consolidação da História acadêmica em Sergipe. Além da FCFS, ao longo da década de 1950, lecionou ainda na FDS e na ESSS, e continuou a trabalhar no ensino secundário.

¹⁸¹ Ver Apêndice A com a atuação dos professores do grupo em análise em diferentes instituições sergipanas.

As várias cadeiras lecionadas por Silvério Leite Fontes, citado por Thetis Nunes (2005) e visualizadas nas Cadernetas, Atas e Relatórios FCFS (Arquivos do CCHS e Central da UFS) dizem respeito a um jovem professor de vinte e sete anos que fez parte do projeto de criação da instituição católica, bem como da sua primeira Congregação. Por essa época, Silvério Fontes tinha além do título de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, na Faculdade de Direito da Bahia, o registro de professor de História do Brasil e de História Geral, expedido pelo Ministério da Educação e Cultura, no documento 11-472, aliado à cátedra de História do Brasil da Escola Normal Rui Barbosa e anos de ensino no Colégio Patrocínio São José.

Ademais, fazia parte de movimentos vinculados à Igreja Católica, com uma atuação conjunta a Hélio José Ribeiro, traços de um católico atuante que militou na Bahia ao longo dos anos universitários e trouxe vários dos seus aprendizados nesse âmbito para Sergipe, o que pode ser analisado a partir do seu Diário datado entre os anos de 1945 e 1946. Tais fatos somados à influência política do seu tio, Aristides Fontes, e à sua atuação junto ao governo de Sergipe de Arnaldo Garcez (1951-1955) lhe conferiram um espaço nos círculos intelectuais de Sergipe.

No tocante ao ensino na FCFS, no âmbito da Filosofia e da História, pode-se afirmar que suas primeiras aproximações dessas áreas do conhecimento, ocorreram tanto com os professores do Colégio Tobias Barreto e do Atheneu Sergipense, com destaque para a figura de Arthur Fortes, como também nas aulas do mestre Herbert Parent Fortes, no Ginásio da Bahia. Silvério Leite Fontes o situa como uma das suas principais influências nas suas concepções filosóficas no início da década de 1940. As aulas daquele professor, tido como integralista, e mesmo as leituras das obras por ele escritas foram flagradas nos registros do seu Diário, em meados da década de 1940.

As várias leituras efetuadas por Silvério Leite Fontes, o ingresso no magistério secundário diante do retorno do ensino superior na Bahia em conjunto com as “redes” das quais fazia parte, com destaque para seus vínculos com uma ala da Igreja Católica, são traços dos seus itinerários que conferiram a Silvério Fontes a possibilidade de compor o grupo de professores pioneiros no ensino superior em Sergipe.

Além desses elementos, a carência de docentes para atuar na FCFS devido, entre outros fatores, à baixa remuneração, fez com que alguns professores, a exemplo de Silvério Leite, desdobrassem-se para o ensino em diferentes cadeiras como: Didática Geral e Psicologia Educacional para todos os alunos dos cursos que a FCFS aportava, inclusive, para

os discentes de Matemática. Ele trabalhou também com o ensino de Psicologia da Criança e do Adolescente, na ESSS, e com Direito Internacional, entre outras cadeiras, na FDS.

Observados esses elementos dos seus itinerários, destaco o fato de Silvério Leite Fontes ter publicado intensamente na imprensa sergipana, principalmente, no jornal *A Cruzada*, proferia discursos e aulas inaugurais na FCFS, como também cursos promovidos pelo Centro Acadêmico Jackson de Figueiredo. Lima (1995) destaca, por exemplo, um Seminário sobre Arte, no qual Silvério Fontes tratou sobre a “Arte e a Moral”¹⁸².

Dentro dessa perspectiva, a partir das fontes analisadas, pode-se entender que o menino Silvério, nascido no Bairro Santo Antônio da cidade de Aracaju, filho de um salineiro e funcionário público e de uma mãe dedicada à sua frágil saúde, percorreu diferentes caminhos desde a sua alfabetização em casa, as primeiras aulas particulares acontecidas naquele bairro, até o ingresso no Colégio Tobias Barreto. Nesta instituição educacional, de regime militarizado, deu os primeiros passos como aluno, dali seguiu para o ensino secundário no Atheneu Sergipense, depois para o Ginásio da Bahia e para a Faculdade de Direito.

Na Faculdade, a questão religiosa o afligiu, especialmente, quanto a alguns professores e colegas, que o apelidaram de “bispo”. Naqueles anos de formação, apareceu o problema do diabetes – o que apressou seu retorno para Sergipe. Na terra natal, o envolvimento nos projetos da Igreja Católica e com os meandros da política, além do magistério secundário, constituíram-se como peças fundamentais para o entendimento dos itinerários do professor Silvério Leite Fontes como um dos pioneiros docentes do ensino superior.

Um “homem de cultura” que já participava de centros estudantis, no ensino secundário e superior, publicava em jornais e lecionava em escolas renomadas de Aracaju, antes mesmo do ingresso na FCFS. Nesta faculdade, ficou responsável por diferentes áreas do saber, lembrado pelos discentes como um professor culto, de extrema cultura humanística, metódico e exigente. Nesses espaços da capital sergipana, muitas vezes, seus caminhos se cruzaram com os de Felte Bezerra.

O lugar de Felte Bezerra como um professor pioneiro no tocante ao trabalho na cadeira de Geografia, no ensino superior, estava atrelado à sua atuação, há mais de uma década, nessa cátedra, no Atheneu Sergipense. Desde meados da década de 1930, Felte ministrava a cadeira que o levou para o caminho da Geografia Humana e acabou chegando até a Antropologia. Nas

¹⁸² Ainda no tocante ao mesmo Seminário, Lima (1995) acentua a participação de Bonifácio Fortes, com a discussão sobre a “Arte Moderna”, Felte Bezerra acerca da “Arte dos Primitivos” e Cabral Machado da “Arte Romântica”.

suas memórias, ele assim registra: “Apaixonei-me pela Antropologia desde 1942, quando li The Study of Man, de Ralph Linton” (BEZERRA, 1988, p. 7, grifos do autor).

O contato com a obra do antropólogo americano despertou a necessidade de conhecer mais sobre a temática que dedicou boa parte da sua vida. Os caminhos para o entendimento do homem, em diferentes perspectivas, direcionaram as pesquisas de Felte Bezerra na FCFS, a ponto de deixar continuadores dos seus trabalhos na instituição, a exemplo de Josefina Leite Campos e a *posteriori* Beatriz Góis Dantas (OLIVEIRA, 2011). Felte Bezerra constituiu-se não só como um odontólogo que enveredou pelo magistério secundário e superior em Sergipe, mas também como um dos precursores da pesquisa nas ciências humanas no Estado, com intenso contato com os principais nomes da intelectualidade brasileira no âmbito das ciências sociais do período¹⁸³.

Diante disso, é possível assegurar que Felte Bezerra fez parte do grupo de pioneiros professores do ensino superior, com o diferencial de efetuar ensino e pesquisa na FCFS. Seus trabalhos publicados, a participação em eventos e comissões, aliados ao ensino no Atheneu Sergipense, na FCFS e em outras instituições educacionais permitem entendê-lo como um intelectual reconhecido pelo meio que o cercava.

Notoriedade alcançada desde a influência de seu pai, Abdias Bezerra, aos estudos no colégio Tobias Barreto, na Escola Anexa de Odontologia, com a distinção de ser um dos seus melhores alunos e o ingresso como catedrático no Atheneu Sergipense, posto angariado aos poucos, desde a condição de interino até a conquista da cadeira por concurso, sendo ele o único inscrito.

São esses diferentes aspectos elencados ao longo da tese que permitem vislumbrar o desenho de uma vida repleta de desafios, intrigas e posições ocupadas ou perdidas. Embates no meio intelectual e problemas pessoais o levaram a deixar Sergipe no final da década de 1950 – antes disso, Felte Bezerra deixou gravada na História da Educação sergipana as marcas de um intelectual, no sentido estrito de Sirinelli (1998), um “criador” e “mediador” da cultura sergipana ao longo de algumas décadas do século XX, cujos itinerários da docência dialogam com os escritos de Mignot acerca da identidade do professor:

Identidade socialmente produzida se revela não apenas no âmbito dos discursos. Expressa-se por meio de ‘valores, imagens, sentimentos, aspirações, projetos, crenças, mitos, artes, trabalhos, rituais, regras visíveis e invisíveis de convívio social, formas simbólicas de dominação e resistência, leis, instituições, ideologia, tradição’ (MIGNOT, 2002, p.92-93).

¹⁸³ Ver a esse respeito Dantas e Nunes (2009).

Da identidade do docente Felte Bezerra, foram evidenciados aspectos da sua formação: professores registrados nas suas memórias como “mestres de tudo”, ou mesmo aqueles que lhe decepcionaram ao longo da sua graduação na Escola Anexa de Odontologia, na Faculdade de Medicina da Bahia. Seu ingresso no Atheneu Sergipense, sua atuação na cátedra de Geografia e o curto período na direção da instituição foram cruciais nos itinerários de Maria Thetis Nunes.

A itabaianense, alfabetizada naquela cidade do interior de Sergipe pela professora Izabel Esteves de Freitas e com o auxílio da mãe e avó no incentivo à escolarização, teve no Atheneu Sergipense os primeiros passos da sua formação intelectual. Naquela “Casa de Educação Literária”, Thetis Nunes participou do Grêmio Literário Clodomir Silva, escreveu em jornais, proferiu discursos em solenidades e conseguiu se sobressair com boas notas nas cadeiras frequentadas. Dos professores rememorados, Arthur Fortes, Mario Vilas Boas, Joaquim Sobral, Felte Bezerra, entre outros, constam nas suas memórias como aqueles que lhe conferiram uma formação humanística.

Além disso, Felte Bezerra, na direção daquele estabelecimento de ensino secundário a convidou para ser professora interina de História do Brasil, cargo que ocupou até o ingresso no ensino superior, na cidade de Salvador.

Na FFB, Thetis Nunes viveu a fase de acadêmica com ativa participação nas associações estudantis, assistindo a palestras, publicando em jornais e revistas e, mais uma vez, sendo destaque com as notas, em comparação aos colegas da primeira turma de formados na instituição. Ainda como acadêmica, ingressou na Congregação do Atheneu Sergipense.

Da Bahia, a jovem professora Maria Thetis Nunes retornou com um diploma que lhe licenciava para o ensino de Geografia e História, como também com o grau de bacharel nessas áreas do conhecimento. Além de professora catedrática do Atheneu Sergipense, assumiu a direção daquele estabelecimento de ensino no início da década de 1950, mesmo período que integrou o pioneiro grupo de professores do ensino superior a trabalhar na FCFS. Iniciou suas aulas na antiga FAFI, nos caminhos da Geografia Física; logo no ano seguinte, com a cadeira de História do Brasil, passou a ser a catedrática dessa área do conhecimento (RELATÓRIOS SEMESTRAIS DA FCFS—Arquivo do CCHS/UFS).

Na FCFS, a itabaianense também lecionou Administração Escolar, cadeira que havia estudado no curso de Didática da FFB com as professoras Célia de Paula Ferreira e Maria Luiza Magnavita. Sobre tal curso, Thetis afirmou: “Era um curso a parte. As matérias

pedagógicas” (NUNES, 2007). Esse curso, com duração de um ano, configurou como elemento fundamental na obtenção do título de licenciado, após os três anos de bacharelado.

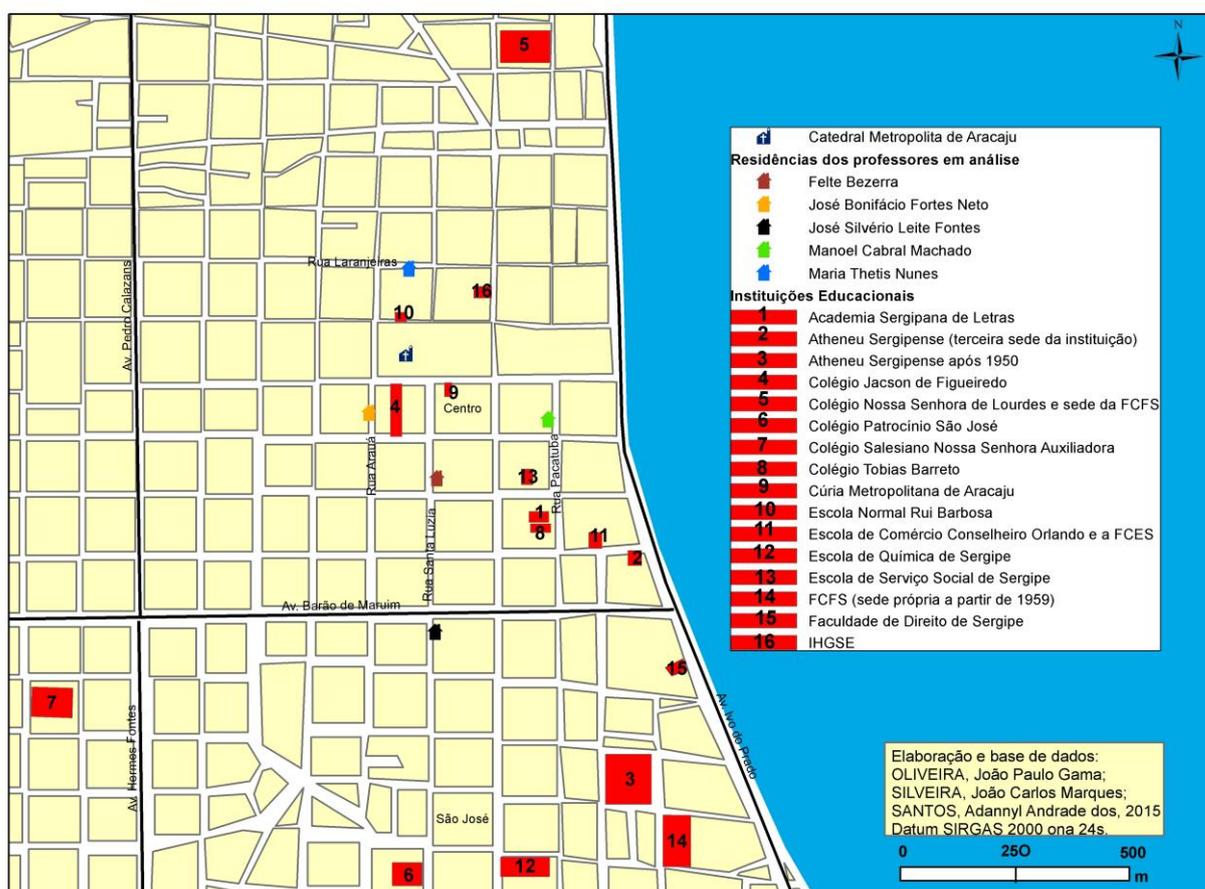
Nessa ocasião, Thetis Nunes conciliava as funções de professora e diretora do Atheneu Sergipense, docente do ensino superior na FCFS e na ESSS; mesmo assim, buscava outros espaços para atuar no Brasil e fora dele. Conforme ofício enviado ao Diretor da FFB, em 14 de abril de 1953, Thetis afirmou que concluiu o curso de Bacharel em Geografia e História naquela Faculdade em 1945 e necessitava: “[...] do seu currículo escolar para se candidatar a uma bolsa de estudos nos Estados Unidos, requer a V. Excia. Que se digne fornecer-lhe o seu histórico escolar incluindo as médias de aprovação nas diferentes matérias” (MARIA THETIS NUNES, 7 de Abril de 1953, pasta da FFB, p. 10 – Arquivo da FFCH/UFBA).

A viagem para os Estados Unidos da América, não se concretizou e não apareceu nos escritos de Maria Thetis Nunes. Ela não registrou seus planos frustrados, mas constantemente salientou as suas performances de pioneirismo. Por isso, vale o cuidado com as “pistas” e como ensina Sirinelli (1998, p. 279): “Mesmo na pista que concedem aos historiadores, as elites culturais possuem, pois a faculdade de os induzir em erro, como complexos jogos de espelhos deformantes e com representações indissociáveis”.

“Jogos de espelhos deformantes” são constantes no trato com as memórias, ou todo e qualquer “indício” do passado, o jogo torna-se ainda mais complexo quando se trata da lida com pessoas que se configuraram como membros de uma “elite cultural” de dada época e espaço e que produziram uma imagem social a ser gravada nas suas memórias.

Sobre a pesquisa com os itinerários individuais de cinco professores do ensino superior sergipano implica um esforço metodológico e de análise que procurou reunir e organizar as informações, a fim de estabelecer uma rede de relações que considere o procedimento investigativo de identificar as “miudezas” (GINZBURG, 1989), do objeto da tese e assim se aproximar um pouco mais do passado vivido pelos intelectuais investigados. Ainda, com esse mesmo propósito, segue um Mapa com as residências dos cinco professores do ensino superior analisado na pesquisa, bem como as instituições que contaram com a atuação deles.

Mapa 2 – Residências e instituições de formação e/ou atuação dos professores da FCFS na cidade de Aracaju



Fonte: As informações fornecidas pelo autor da presente tese para construção do mapa têm como base as Revistas da ASL, os documentos pessoais dos acervos de Elze Fontes e Marinalva Fortes, entrevistas realizadas pelo autor e demais trabalhos sobre os professores citados nas referências.

Nas ruas do centro de Aracaju e no seu entorno, esse grupo de intelectuais fez variados percursos para lecionar em diferentes instituições de ensino secundário e nascentes Faculdades em meados do século XX. Muitas vezes, cruzou os mesmos caminhos, a exemplo da descrição de Manoel Cabral Machado sobre sua amizade com Felte Bezerra: “[...] amizade que mais crescera quando todas as noites íamos, juntos, ensinar na Faculdade Católica de Filosofia” (MACHADO, 1998, p. 135).

A caminho do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, onde funcionou inicialmente a FCFS, dois professores – um, morador da rua Pacatuba; outro, da rua Arauá – encontravam-se para prosseguir o mesmo trajeto de ida e volta naquelas ruas centrais da cidade. Caminho permeado por questões familiares, debates acerca do mundo dos livros, discussões políticas,

questiúnculas das aulas e alunos da FCFS, entre tantos outros assuntos que possivelmente eram debatidos entre esses dois “homens de cultura”.

Das suas residências, os intelectuais em tela perfaziam trajetos para o trabalho nas diferentes instituições que ministravam aula, ou mesmo, presenciavam reuniões no IHGSE e até passeios e compras no centro da cidade. A mesma Aracaju, que abrigou os jovens Silvério Leite, Cabral Machado, Thetis Nunes, Bonifácio Fortes e Felte Bezerra, nos colégios Tobias Barreto, Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora e Atheneu Sergipense, como pode ser visualizado no mapa, foi a cidade que ofereceu a esses intelectuais a possibilidade de trabalharem no ensino nas instituições em que estudaram, ou em outras escolas secundárias de outrora – instituições como o Colégio Patrocínio São José, Colégio Jackson de Figueiredo, Escola de Comércio de Sergipe, Escola Normal Rui Barbosa e Atheneu Sergipense foram as responsáveis pelas primeiras aulas daqueles que a *posteriori* se tornaram professores da FCFS, FDS, ESSS e FCES.

O mapa exposto auxilia na visualização dos desdobramentos de tais percursos e como a cidade de Aracaju serviu como espaço crucial nos itinerários desse grupo dos pioneiros docentes do ensino superior em Sergipe. As imagens que eles projetaram no registro das suas memórias demarcam não só os trajetos percorridos nas ruas e bairros de Aracaju, mas também os cargos ocupados, as instituições frequentadas e mesmo as direções seguidas nos tortuosos caminhos das suas vidas. Suas imagens, fotografadas em meados do século XX, permitem conhecer um pouco mais desses cinco professores sergipanos:

Figura 23 – Professores da FCFS – Pioneiros docentes do ensino superior em Sergipe



Fonte: A montagem fotográfica foi realizada com base nas imagens localizadas nos seguintes acervos particulares: Silvério Leite, acervo de Elze Fontes; Bonifácio Fortes, acervo de Marinalva Fortes e Thetis Nunes, Felte Bezerra e Cabral Machado, do álbum de formatura de Olga Andrade Barreto, graduada em Matemática pela FCFS em 1954.

Na parte frontal da imagem, da esquerda para direita, vê-se: Manoel Cabral, Felte Bezerra e Silvério Leite; ao fundo, Bonifácio Fortes e Thetis Nunes. As fotografias, todas capturadas no início da década de 1950, expõem quatro homens e uma mulher reconhecidos no meio intelectual de Sergipe em meados do século XX. Com origens diferentes, famílias com capital econômico distinto, esses intelectuais tiveram seus caminhos cruzados em alguns momentos da vida.

Todos trilharam o magistério ao longo de décadas do século XX. Seus itinerários perpassam instituições que lhe possibilitaram atuar na docência secundária e superior, bem como participar de forma ativa na vida intelectual da cidade de Aracaju. O ingresso deles na docência foi permeado por singularidades da vida de cada um, seja por conta do insucesso na profissão escolhida no ensino superior, ou por necessidades financeiras, e ainda por vislumbrar o magistério como um espaço propenso para a divulgação de suas ideias; todavia, todos eles, ao terminarem a graduação na Bahia, atuaram em alguma escola de ensino secundário, antes de chegarem à docência no ensino superior. Elementos que podem ser

entendidos, de forma mais precisa, ao analisarmos a seguinte exposição de Maria Thetis Nunes sobre sua amizade com Silvério Leite Fontes:

Ao retornarmos a Sergipe, formados, nos encontraríamos no magistério no Atheneu, no Colégio São José, na Faculdade Católica de Filosofia, que fomos fundadores, na Universidade Federal de Sergipe, no Instituto Histórico e Geográfico. A este por ele fui levada ao retornar a Aracaju após nove anos de ausência, fazendo-me aceitar sua presidência, ante a situação de decadência em que o Instituto se encontrava, na qual permaneceria por 30 anos... A esta academia também ele contribuiu para me convencer ingressar em 1983, recebendo-me com o discurso de posse (NUNES, 2005, s/p, grifos meus).

As palavras de Thetis, na homenagem póstuma a Silvério Fontes, podem ser transpostas para os outros intelectuais estudados; tendo em vista que todos, ao terminarem a graduação, pouco tempo depois ingressaram na profissão docente e foram fundadores da FCFS. A expressão “fomos fundadores” é repleta de sentido e refere-se, mais uma vez, à tentativa de demarcar um lugar de destaque nas suas vidas como professores do ensino superior; mais que isso, ressaltar que foram pioneiros nessa obra.

Na docência, constatam-se “laços que se atam” em torno do ideal de melhorar a vida de Sergipe, contribuir culturalmente com a formação do Estado, ou também o fato de estarem inseridos em mais um projeto atrelado à Igreja Católica, na qual já possuíam ligações anteriores à FCFS. Tais ideias consubstanciam a discussão teórica em diálogo com Sirinelli (1998), na qual vislumbro os intelectuais em tela como “criadores” e “mediadores culturais”.

Pelo exposto, a FCFS constituiu-se como um “microclima” da intelectualidade sergipana de meados do século XX, um “microcosmo intelectual particular” (SIRINELLI, 2003, p. 253), que congregou os itinerários individuais de cinco intelectuais, cujos caminhos já haviam se cruzado em diferentes instituições educacionais, como alunos e/ou professores. A Faculdade de Filosofia de Sergipe constituiu-se como mais um posto de prestígio para os intelectuais em tela, diante dos espaços almejados pelas “elites culturais” sergipanas de meados do século XX.

Laços construídos na docência como um “campo magnético” (Sirinelli, 2003) atraíram os diferentes bacharéis e uma licenciada no retorno da Bahia. Em Sergipe, profissionalizaram-se como docentes, iniciaram seus trabalhos no ensino secundário e, paulatinamente, angariaram uma notoriedade nas “redes” das quais faziam parte para assim comporem um grupo de intelectuais que, pioneiramente, atuou no ensino superior.

“MUITOS FORAM OS CAMINHOS POR MIM PERCORRIDOS”: “POSSO DIZER MENINOS EU VI...”

Larga já vai a caminhada desde o dia em que, modesta criança vinda de Itabaiana, graças a coragem e à abnegação de sua mãe, transpunha os portões do velho Atheneu da rua da Frente para iniciar o curso ginásial [...] Muitos foram os caminhos por mim percorridos; muitas foram as experiências vividas; conheci muitas terras, com muita gente convivi. Como o velho Timbira de Gonçalves Dias, posso dizer Meninos eu vi... Mas, na professora que já vive o outono da vida, permanecem o mesmo idealismo, a mesma capacidade de luta, a mesma crença no futuro que animavam a criança de outrora (Maria Thetis Nunes, 1990, p. 88–89, grifos meus).

“Larga já vai a caminhada”, desde os primeiros passos para a problematização da presente tese. As trilhas percorridas levaram a distintos espaços, sujeitos, vivências e práticas educativas. De Itabaiana a Rosário do Catete, de Aracaju a Salvador, os intelectuais investigados perfizeram estradas tortuosas que culminaram como nomes reconhecidos no universo intelectual de Sergipe.

Ao discorrer sobre quais os caminhos percorridos ao longo da vida estudantil e da atuação docente desse grupo de professores do ensino superior sergipano, evidenciei que todos esses sujeitos, ao longo das suas vidas, ocuparam diferentes posições, com distintos grupos e em várias instituições. A opção foi analisar algumas das trilhas percorridas diante do objetivo da tese, sem pretensão de abarcar a imensidade de fazeres que envolveu a vida de cada um deles.

Indubitavelmente, a escolha por pesquisar as primeiras etapas de formação cultural e intelectual desses sujeitos é uma das chaves para entrar na conjuntura que plasmou a configuração dos nomes reconhecidos *a posteriori*, além de possibilitar identificar práticas educacionais específicas do período em foco e desvelar instituições, professores e elementos do cotidiano que perfizeram dado passado do qual eles fizeram parte.

Diante do grupo dos cinco intelectuais, a pesquisa constatou que as famílias desses sujeitos investiram esforços na educação dos seus filhos – na alfabetização em casa, ou com professores particulares, o acesso ao mundo das letras foi incentivado desde muito cedo nas casas desses intelectuais. O contato com livros, revistas e a inserção em um universo de experiências culturais de dados grupos sociais possibilitaram o ingresso nas instituições educacionais já munidos de certa bagagem cultural.

Pode-se concluir que o Atheneu Sergipense, o Colégio Tobias Barreto, o Ginásio da Bahia, as Faculdades de Direito, Filosofia e Medicina da Bahia podem ser entendidas como “fornecedoras de elites culturais”. Escolas de ensino secundário e faculdades que legaram à sociedade “homens de cultura”, formados nas suas salas de aula, como também em outros espaços vividos naqueles períodos, entre os quais: redação de jornais, agremiações estudantis, pensões e círculos de debates para além das aulas assistidas ou não.

Das aulas lembradas, nas memórias escritas ou registradas por meio de entrevistas, crônicas, emergem nomes de professores que contribuíram na formação desse grupo. São docentes formados no final do século XIX e início do século XX, rememorados pelo domínio do assunto, paixão pelo humanismo, riqueza de detalhes na exposição de conteúdos, ou mesmo, aspectos negativos e decepcionantes de algum trajeto do período formativo.

Lembranças de professores de um passado distante também emergiram no trato com os escritos autobiográficos de Felte Bezerra, Cabral Machado, Silvério Leite e Bonifácio Fortes. Alguns professores contribuíram para aproximar esses sujeitos à profissão docente e mesmo ao ingresso no magistério. Outros funcionaram como interlocutores para o início da profissionalização.

Os contatos estabelecidos anteriormente, certamente “inflacionaram” o nome de Thetis Nunes e Felte Bezerra diante da Banca examinadora dos seus concursos para a cátedra. O “estoque de relações”, angariado por Bonifácio Fortes, Cabral Machado e Silvério Leite também possibilitaram o ingresso na política e no magistério sergipano, após a conclusão do curso superior, ou mesmo, ainda na condição de acadêmico no estado da Bahia.

O trato com as memórias dos “professores que já viviam o outono da vida” como escreveu Thetis Nunes, pode-se aplicar a todos que registraram elementos do seu passado, não é uma tarefa fácil, ainda mais ao tratar das memórias de uma parcela da “elite cultural” sergipana do século XX. Em toda a tese, fiz uso dessa fonte, ciente do seu risco como qualquer documento, e procurei o constante cotejar entre “vestígios” do passado na busca incessante por me aproximar o máximo possível do efetivamente vivido por aqueles sujeitos, com a certeza de que nunca reconstruirei seus itinerários em total plenitude.

Além disso, os caminhos cruzados desses cinco professores também descortinam a formação de cinco intelectuais responsáveis pela implantação e/ou consolidação das pesquisas no âmbito das ciências humanas em Sergipe. Felte Bezerra e os estudos Antropológicos, além da própria Geografia e História; José Bonifácio Fortes Neto, a área da Geografia; Manoel Cabral Machado, a Sociologia; Maria Thetis Nunes e José Silvério Leite Fontes, no âmbito da História; além dos trabalhos de Cabral Machado, Bonifácio Fortes e Silvério Leite nas diferentes áreas do Direito.

Pode-se afirmar que bem antes do surgimento da Universidade Federal de Sergipe, no final da década de 1960, já em meados da década de 1940 e início dos anos de 1950, os cinco professores estudados faziam cursos no Brasil e no exterior, apresentavam trabalhos em eventos, buscavam se aperfeiçoar – como no caso de Bonifácio Fortes, no curso de especialização na Universidade do Brasil; Thetis Nunes, no ISEB; e Silvério Leite, no início do doutorado na cidade de Paris. Felte Bezerra publicava obras, mantinha contato com os principais nomes da Antropologia no Brasil, compartilhava suas publicações e se colocava para o debate teórico nas temáticas de pesquisa, além de efetuar trabalho de campo. Tudo isso ocorreu ao longo dos 1940 e 1950.

Agora tenho outros caminhos a percorrer – seja no tocante às práticas de alfabetização das elites sergipanas nas primeiras décadas do século XX, seja no que concerne às aulas no interior do Estado, como foi o caso de Thetis Nunes e Cabral Machado, como também na cidade de Aracaju, no bairro Santo Antônio com uma professora particular, ou em escolas como o Tobias Barreto. Tais investigações merecem outros estudos que objetivem conhecer quem eram esses professores que não figuravam na lista dos grandes intelectuais sergipanos, mas foram os responsáveis pela introdução de vários alunos no mundo das letras. Escolas, professores e mesmo familiares que trouxeram a leitura e a escrita para o cotidiano daqueles que não mais a deixariam ao longo das suas vidas.

Os nomes dos professores que não figuram somente no corpo docente de uma escola, mas que compunham várias instituições educacionais também merecem outras investigações. Figuras como Arthur Fortes, Abdias Bezerra, Florentino Menezes, entre outros constantemente citados nas memórias dos sujeitos investigados, são intelectuais que participaram de diferentes “microcosmos” na cidade de Aracaju e mesmo fora do Estado e são necessários estudos sobre os mesmos e as suas várias áreas de atuação.

Nos trabalhos futuros, pretende-se estudar as vinculações da educação entre Sergipe e Bahia, a formação dos bacharéis sergipanos nas faculdades baianas desde o século XIX até a primeira metade do século XX, e mesmo os estudos secundários realizados em escolas como Ginásio da Bahia, o Ginásio Antônio Vieira ou o Colégio dos Maristas. Além de trabalhos que analisem as representações sobre a educação dos sergipanos que lá viveram e retornaram a Sergipe, ou mesmo dos que ficaram nas terras baianas, como José Calasans, que retornou a Sergipe depois de graduado e após alguns anos fixou residência em Salvador, Mário Cabral, Lauro Fontes, só para citar alguns.

As publicações nos jornais dos professores investigados, a produção divulgada em eventos em meados do século XX, os livros publicados, os cursos realizados fora do estado de Sergipe, as palestras proferidas nesse período, a participação em diferentes instituições – a exemplo de Thetis Nunes, no ISEB; ou Bonifácio Fortes, na Faculdade Nacional de Filosofia – como também as concepções teóricas que perpassaram seus escritos e a maneira de se situarem no mundo podem ter desdobramentos da presente tese.

As “escritas ordinárias” desses professores carecem de outros trabalhos com focos distintos, mas que utilizem dessa massa documental para compreender elementos do cotidiano dos intelectuais sergipanos. Os registros de Silvério Fontes na sua viagem a Paris, seu diário,

assim como os escritos da sua mãe, Iracema Fontes, podem em muito contribuir para o conhecimento de um dos principais nomes da historiografia sergipana.

Outro foco de análise futura são as vinculações políticas de cada um dos sujeitos e a atuação deles no universo intelectual sergipano e brasileiro na segunda metade do século XX. Thetis Nunes, como docente da FCFS e da UFS; os bacharéis Cabral Machado e Bonifácio Fortes, na Faculdade de Filosofia e no âmbito da Faculdade de Direito; Silvério Leite, nos ramos da História e do Direito; a ainda não completamente explicada migração de Felte Bezerra para o Rio de Janeiro, podem fornecer significativas contribuições para a História da Educação.

Como afirmou Thetis Nunes (1990, p. 88–89): “Muitos foram os caminhos por mim percorridos; muitas foram as experiências vividas; conheci muitas terras, com muita gente convivi”, o mesmo posso assegurar no tocante à presente tese que encerro nessas páginas.

“Dos caminhos que percorri”, concluo que os itinerários dos pioneiros professores do ensino superior sergipano se cruzaram por diferentes vezes e lugares, mas a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe pode ser situada como um ponto de encontro de itinerários individuais que se uniram em prol de um objetivo comum. Em outras palavras, a FCFS configurou-se como um ponto de intersecção de cinco intelectuais sergipanos cujos caminhos já haviam se encontrado em diferentes espaços de formação e atuação – como estudantes, professores, ou membros de diferentes confrarias da sociedade sergipana.

Nesse sentido, concluo que a FCFS funcionou como um lócus de reconhecimento intelectual, social e político que permitiu aos professores ampliarem seus “laços de sociabilidade” e angariarem outros espaços nas “redes” das quais faziam parte ou que almejavam pertencer. Dessa forma, a pesquisa mostrou como esses atores buscaram deixar marcado na história do ensino superior sergipano seu trabalho por um “salário simbólico”, ou mesmo como um “um grupo de professores abnegados”. Um “esforço” que contribuiu tanto para a legitimação desses docentes como intelectuais no sentido definido por Sirinelli (2003).

Como “mediadores” e “criadores culturais”, esses cinco professores encontraram na possibilidade de trabalho na FCFS uma forma de alteração na sociedade em que viviam. Eram intelectuais “engajados” que acreditavam ser a formação de professores um caminho para as mudanças sociais que Sergipe e o Brasil ansiavam no pós II Guerra Mundial. O que Jean François-Sirinelli (2006, p. 248) denominou de uma “sensibilidade ideológica e cultural comum e de afinidades mais difusas”, pode ser constatado nas pesquisas empreendidas na tese. As análises mostram que existia uma sensibilidade ideológica e cultural comum, no

tocante ao magistério, a atuação como professor do ensino secundário e superior, ao pertencimento a instituições culturais, o que não impede de ocorrer “afinidades mais difusas” no tocante à religião, por exemplo, com as divergências na forma de pensar, ou mesmo com relação a determinados partidos políticos.

“Muitas foram as experiências vividas” no amadurecimento das ideias, no caminhar metodológico, nas teorias escolhidas para o diálogo efetivo, nos estudos realizados ao longo do doutorado, no escrutinar das fontes investigadas, no vislumbrar de um passado que deixou marcas capazes de estimular uma problematização sobre o objeto investigado.

“Conheci muitas terras, com muita gente convivi” tanto que muitas vezes me vi nas salas do velho Atheneu Sergipense, nos desfiles cívicos do Colégio Tobias Barreto, no internato do Colégio Salesiano, ou mesmo nas ladeiras de Salvador a caminho da Faculdade de Direito para aula com Aloysio Carvalho, ou no curso de Odontologia com Euvaldo Diniz e, quiçá, em um diálogo com Thales de Azevedo na Faculdade de Filosofia.

O convívio pode se estender ainda às aulas de Bonifácio Fortes, Cabral Machado, Felte Bezerra, Silvério Leite e Thetis Nunes ministradas no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, passando pelo Jackson de Figueiredo, Patrocínio São José, Atheneu Sergipense, Tobias Barreto, Escola de Comércio de Sergipe, até os trabalhos no ensino superior. Ali seria possível conviver na Escola de Serviço Social de Sergipe, na Faculdade de Ciências Econômicas, na Faculdade de Direito e na Faculdade de Filosofia.

Na FCFS, poderia encontrá-los na administração da instituição, nas aulas de Sociologia, Etnografia, Etnologia, História do Brasil, Didática do Ensino de Geografia, Didática Geral, História da Filosofia, entre outras cadeiras que se desdobravam para lecionar, ou mesmo na sala dos professores a conversar com o diretor, padre Luciano Cabral Duarte, ou, quem sabe, até um diálogo inflamado a respeito da política sergipana de outrora.

Além do cotidiano nas instituições educacionais, a tese possibilitou entrever suas vivências na cidade de Aracaju, no centro comercial, na praça Olímpio Campos, nas ruas que interligavam suas casas, as escolas e as Faculdades que trabalhavam. Nessas ruas, circularam, criaram sua prole, viram as mudanças da cidade e assistiram de perto às trajetórias de alguns de seus alunos. Muitos deles, por alguns anos, seus discentes na FCFS; logo depois, professores do ensino secundário e normal de Sergipe.

Assim, sublinho também a contribuição que as análises da presente tese fornecem para a história da profissão docente em Sergipe. Desde o processo formativo dos pioneiros docentes do ensino superior, ao trato com os “despertadores” de uma geração, ou seja, os

professores dos intelectuais estudados. A investigação descortina também cinco docentes que formaram gerações de jovens sergipanos nos bancos escolares e acadêmicos. No tocante ao ensino superior, a tese mostrou cinco formadores dos licenciados na FCFS, que compunham o quadro dos primeiros professores com formação específica para docência.

Diante do percurso transcrito, afirmo “Como o velho Timbira de Gonçalves Dias, posso dizer Meninos eu vi...”. Vi os meninos Thetis, Silvério, Cabral, Felte e Bonifácio nas suas casas, com suas famílias, amigos e nas mais diferentes peripécias. Vi jovens nos bancos ginasiais e no ensino superior e pude desvelar os seus primeiros passos no magistério secundário até o ingresso como docente no ensino superior no Estado de Sergipe, ao longo de quatro décadas do século XX.

Os itinerários desses cinco professores tiveram seus caminhos cruzados que extrapolam a vida de Felte Bezerra, José Bonifácio Fortes Neto, José Silvério Leite Fontes, Manoel Cabral Machado e Maria Thetis Nunes e se interligam a aspectos mais amplos da educação sergipana e brasileira, da história de Sergipe e do Brasil, como tramas que entrelaçam as vidas dos sujeitos investigados ao tempo e aos espaços vividos.

Diante do exposto, confirmo a tese de que os pioneiros professores do ensino superior em Sergipe eram intelectuais reconhecidos entre os seus contemporâneos, com uma notoriedade angariada pelas “redes” das quais seus familiares já faziam parte, exceto Maria Thetis Nunes, como também ao longo da vida estudantil, no trabalho como professores do ensino secundário e como membros de diferentes instituições da cidade de Aracaju. Seus caminhos já haviam se cruzado em diferentes espaços de formação e atuação, sendo a FCFS mais um ponto de encontro dos itinerários individuais da intelectualidade sergipana de meados do século XX.

Dessa forma, caminhos foram percorridos, itinerários revelados, memórias problematizadas, fontes escrutinadas; todavia, fica a certeza de que ainda existem outras trilhas a desbravar, muitas estradas a descobrir e a convicção de que o conhecimento histórico está por ser reinterpretado diante das questões que orientam a pesquisa. Por ora, fica registrado que certamente existiram “Caminhos cruzados”, no tocante aos “itinerários de pioneiros professores do ensino superior em Sergipe”, entre os anos de 1915 e 1954.

REFERÊNCIAS

ABREU, Ricardo Nascimento. **Os oficiais do exército brasileiro e a formação da elite intelectual sergipana no século XIX (1822-1889)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE, 2006; 133 p.

ADORNO, Sérgio. **Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros; SANTOS, Magno Francisco de; SANTOS, Ane Luíse Silva Mecnas (Organizadores). **História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe: os 100 anos do IHGSE**. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe: 2014.

ALMEIDA, Sayonara do Espírito Santo. **A Reforma Gustavo Capanema: vislumbrada no currículo do Atheneu Sergipense (1940-1944)**. Monografia de Conclusão de Curso (História). Departamento da História da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE, 2009; 65 p.

ALMEIDA, Stela Borges de. **Educação, história e imagem: um estudo do Colégio Antonio Vieira através de uma coleção de negativos em vidro dos anos 20/30**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia. Salvador/BA, 1999; 284 p.

ALVES, Eva Maria Siqueira. **O Atheneu Sergipense: uma Casa de Educação Literária examinada segundo os Planos de Estudos (1870/1908)**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política e Sociedade, PUC/SP. 2005. 318 p.

ALVES, Eva Maria Siqueira. O Ensino Secundário em Sergipe (1931-1961). In: DALLABRIDA, Noberto; SOUZA, Rosa Fátima de (Organizadores). **Entre o ginásio de elite e o colégio popular: estudos sobre o ensino secundário no Brasil (1931-1961)**. Uberlândia: EDUFU, 2014. p. 283-312.

ALVES, Eva Maria Siqueira (Org.). **Entre papéis e lembranças: o Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense e as contribuições para a História da Educação**. Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe – Edise, 2015.

ALVES, Eva Maria Siqueira; COSTA, Patrícia Rosalba Salvador Moura. Aspectos históricos da cadeira de Sociologia nos estudos secundários (1892-1925). In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas/SP: Editora Autores Associados. v. 12. 2006. p. 31-52.

ALVES, Francisco José. **Mestre José Silvério Leite Fontes – 45 anos de Magistério**. Discurso proferido em 30.04.1992, na UFS, na homenagem pelos 45 anos de magistério do Prof. Silvério Leite Fontes. (s. n. t.).

AMADO, Genolino. **Um menino sergipano: memórias**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. Brasileira: INEP, 1977

AMARAL, Emanuel D'Able do. Discurso de posse na Cadeira nº 47 da Academia de Letras da Bahia. In: **Revista da Academia de Letras da Bahia**. nº 51. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2013.p. 365-374

AMBROSINI, Diego Rafael. **Contextos de Nestor Duarte – Política, Sociologia e Direito**. Tese (Doutorado em Ciência Política) da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011; 155 p.

ANDRADE, Adênia Santos e BRITO FILHO, José de Oliveira. **O Ir e Vir das ruas João Pessoa e Laranjeiras (1920-1940)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

ARTIÈRES, Phillipe. Arquivar a Própria Vida. In: **Revista Estudos Históricos**. Tradução: Dora Rocha. nº 21. 1998. p. 9-33.

BARRETO, Luís Antônio. **Lauro Porto: médico e humanista**. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=105813&titulo=Luis_Antonio_Barreto>. Acesso em 19 de setembro de 2014.

BARRETO, Luís Antônio. **Bonifácio Fortes**. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=29077&titulo=Luis_Antonio_Barreto>. Acesso em 20 de janeiro de 2013.

BARRETO, Raylane Andrade Dias Navarro. **Os Padres de D. José: O Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1948)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE, 2004. 130p.

BARROSO, Cristina de Almeida Valença Cunha. **Reformas Educacionais e a Pedagogia Moderna: mudanças no pensar e fazer pedagógico da Escola Normal (1911-1931)**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador/BA, 2011. 263 p.

BASTOS, Maria Helena Camara; ERMEL, Tatiane de Freitas. Ritos de passagem, classificação e mérito: os exames de admissão ao Ginásio (1930-1961). In: DALLABRIDA, Noberto; SOUZA, Rosa Fátima de (Organizadores). **Entre o ginásio de elite e o colégio popular: estudos sobre o ensino secundário no Brasil (1931-1961)**. Uberlândia: EDUFU, 2014. p. 115-159.

BEZERRA, Felte. **Abdias Bezerra: traços psicológicos de um educador**. Aracaju: (s.n.t.), 1947.

BISPO JUNIOR, Jorge Santana. **Construindo a masculinidade na escola: o Colégio Antonio Vieira (1911-1949)**. 2004. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador/BA; 2004. 263 p.

BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. Os significados da vida estudantil e da escola nos memoriais dos candidatos à docência na FEUSP (1988-2005). In: MORAES, Dislane Zerbinatti. LUGLI, Rosario Silvana Genta. **Docência, pesquisa e aprendizagem: (auto) biografias como espaços de formação/investigação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 165-178.

BOMENY, Helena M. B.. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). **REPENSANDO o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999; p. 137-166.

BRASIL. Reforma João Luiz Alves (conhecida por Lei Rocha Vaz). Decreto nº 16.782- 13 de Janeiro de 1925. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 13, n. 28 p. 253-290, Maio/Ago 2009. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>. Acesso em 18 de outubro de 2014.

BRASIL. Decreto 19.890 de 18 de abril de 1931 (conhecida por Reforma Francisco Campos). Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/5_Gov_Vargas/decreto%2019.890-%201931%20reforma%20francisco%20campos.htm. Acesso em 23 de outubro de 2014.

BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. Lei Orgânica de Ensino Secundário. Decreto-lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 23 de outubro de 2014.

BRASIL. Municípios do Estado de Sergipe. In: **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. 19º vol. Gráfica do IBGE: DF, 1959.

BRETAS, Silvana Aparecida. **A criação da Universidade Federal de Sergipe: história, política e formação da comunidade acadêmica (1950-1970)**. São Cristóvão: Editora UFS. 2014.

CABRAL, Mario. **Roteiro de Aracaju**. Livraria Regina: Aracaju, 1948.

CABRAL, Mario. Folclore infantil na cidade de Aracaju. In: **Revista de Aracaju**. Ano 4, nº 4, 1951. p. 183-234.

CARDOSO, Gustavo Aragão. Felte Bezerra. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju: A Academia. nº 35, 2005, p. 441-443.

CARNEIRO, Magalhães. **Panorama intelectual de Sergipe**. Aracaju: Imprensa Oficial. 1940.

CARVALHO, José Murilo de. As forças armadas na Primeira República: o poder desestabilizador. In: FAUSTO, Boris (Org.). **História da Civilização Brasileira**. 2ª ed. São Paulo, Rio de Janeiro: DIFEL, 1978, v. 9; p. 181-234.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**. O Rio de Janeiro e a República que não foi. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CARVALHO, José Murilo de. Euclides da Cunha e o Exército. In: **Revista Brasileira da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro. Prosa 3, 2010; p. 133-158. Disponível em: <http://academia.org.br/abl/media/REVISTA%20BRASILEIRA%2063-prosa-03.pdf>. Acesso em 12 de agosto de 2012.

CARVALHO, Vladimir de Souza. **Santas Almas de Itabaiana Grande**. Itabaiana: Editora Serrano, 1973.

CARVALHO, Vladimir de Souza. **A República Velha em Itabaiana**. Aracaju (SE): Fundação Oviedo Teixeira. 2000.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. 2. edição. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. In: **Teoria & Educação**. Porto Alegre/RS. n.º. 2, 1990, p. 177-229.

CHERVEL, André, COMPÈRE, Marie-Madeleine. As humanidades do ensino. In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo. v. 25. n. 2. jul/dez. 1999. p. 149-170. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97021999000200012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 25 de março de 2015.

CONCEIÇÃO, Claudileuza Oliveira da. **A Escola de Química de Sergipe**: a formação de um campo de profissionais. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE, 2010; 156 p.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **Internar para Educar**: colégios-internatos no Brasil (1840-1950). 2012. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia/UFBA, 2012. 323 p.

COSTA, Rosimeire Marcedo. **Fé, civilidade e ilustração**: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973). Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE, 2003; 129 p.

COSTA, Sylvania Santana. **Espaços construídos, posições ocupadas**: história docente de José Calasans Brandão da Silva em Sergipe. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE. 2011. 191 p.

CRUZ, José Vieira da. **Da autonomia à resistência democrática**: movimento estudantil, ensino superior e a sociedade em Sergipe, 1950-1985. 2012. Salvador: Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia/UFBA, 2012. 527 p.

CRUZ, Luiz Antonio Pinto. **"A Guerra já está entre nós"!** O cotidiano de Aracaju durante a guerra submarina (1942/1945). 2012. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia/UFBA, 2012. 232 p.

CRUZ, Márcia Terezinha Jerônimo Oliveira. **Ritos, símbolos e prática de formativas**: a Faculdade de Direitos de Sergipe e sua cultura acadêmica (1950-1968). Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014; 525p.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade temporã**. 3. edição. [revista]. São Paulo: Editora UNESP, 2007a.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade crítica: o ensino superior na república populista**. 3. Ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2007b.

CUNHA, Maria Teresa. Diários Pessoais: territórios abertos para a História. IN: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 251-279.

DALLABRIDA, Norberto. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário. In: **Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 2, maio/ago. 2009; p. 185-191.

DALLABRIDA, Norberto. Formação escolar e perfil sociológico do corpo docente do Colégio Estadual Dias Velho (1950-1964). In: **Educação**. Porto Alegre (impresso), v. 37, n. 1, jan./abr. 2014; p. 110-117.

DALLABRIDA, Norberto; SOUZA, Rosa Fátima de. “O todo poderoso império do meio”: transformações do ensino secundário entre a Reforma Francisco Campos e a primeira LDBEN (à guisa de apresentação). IN: DALLABRIDA, Norberto; SOUZA, Rosa Fátima de (Organizadores). **Entre o ginásio de elite e o colégio popular: estudos sobre o ensino secundário no Brasil (1931-1961)**. Uberlândia: EDUFU, 2014. p. 11-30.

DANTAS, Beatriz Góis. Felte Bezerra: um homem fascinado pela antropologia. In: **Revista Tomo**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, nº 1, 1998a; p. 31-46.

DANTAS, Beatriz Góis. Felte Bezerra e a fase heroica da antropologia em Sergipe. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju: IHGSE. v. 39, 2009; p. 227-258.

DANTAS, Beatriz Góis; NUNES, Verônica Maria M. **Destinatário - Felte Bezerra: cartas a um antropólogo sergipano 1947-59 e 1973-85**. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

DANTAS, Ibarê. “Bonifácio Fortes, pioneiro nos estudos de Ciência Política em Sergipe”. **Revista Tomo**. Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe. V. 1. Nº 1. São Cristóvão – SE: CIMPE, 1998b. p. 47-60.

DANTAS, Ibarê. **Os Partidos Políticos em Sergipe (1889-1964)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe, República (1889-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

DANTAS, Ibarê. “José Silvério Leite Fontes”. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. nº 35, 2006. p. 297-308.

DANTAS, Ibarê. **Florentino Teles de Menezes: o sociólogo pioneiro**. Aracaju: Casa Digital, 2009a.

DANTAS, Ibarê. **Leandro de Ribeira de Siqueira Maciel (1825/1909)**. O patriarca da Serra Negra e a política oitocentista em Sergipe. Aracaju: Criação, 2009b.

DANTAS, Ibarê. Maria Thetis Nunes (06.01.1923 a 25.10. 2009). . In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju: IHGSE. v. 39, 2009c. p. 13-22.

DANTAS, Ibarê. **História da Casa de Sergipe: os 100 anos do IHGSE 1912-21012**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2012 (Coleção Biblioteca Casa de Sergipe, 15).

DINIZ, Dora Neuza Leal. **Aracaju: a Construção da Imagem da Cidade**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo: SP, 2009; 270 p.

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 81-95.

DÓREA, Epifânio. Aracaju de outrora. In: **Revista de Aracaju**. Aracaju. Ano V. 1954 p. 109-117

FALCÓN, Gustavo. **Um caminho brasileiro para o Socialismo: a trajetória política de Mário Alves (1923-1970)**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia/UFBA. Salvador/BA, 2012; 207 p.

FERNANDES, Rogério. Contributo para a história da profissão docente em Portugal. In: FELGUEIRAS, Margarida Louros; MENEZES, Maria Cristina (orgs.). **Rogério Fernandes. Questionar a Sociedade, interrogar a História, (re) pensar a Educação**. Porto: Edições Afrontamento, 2004. p. 731-744

FERREIRA, Laís Mônica Reis. **Integralismo na Bahia: Gênero, Educação e Assistência Social em *O Imparcial* (1933-1937)**. Salvador: EDUFBA, 2009.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **História Política de Sergipe**. 1º volume. Aracaju. 1986

FONSECA, Domingos Fonseca. Aracaju e Eckner. In: **Revista de Aracajú**. Aracaju. Ano VI, n. 6, 1957; p. 51-56.

FONTES, Silvério Leite. Aracaju a cidade cristã. In: **Revista de Aracajú**. Aracaju. Ano VI, n. 6, 1957; p. 9-19.

FREIRE, Lucineide Nunes et al. **Uma breve história de Felte Bezerra e seus artigos jornalísticos (1959-1988)**. Monografia. (Graduação em História). Curso de História da Universidade Tiradentes. Aracaju, 2009; 73 p.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de azul e branco: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950)**. São Cristóvão/SE: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED/UFS, 2003a.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, Trabalho e Ação Política: sergipanas no início do século XX**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Campinas. Campinas/SP, 2003b; 289 p.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. A produção dos estudos biográficos em Sergipe e as principais contribuições para a História da Educação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre; Salvador: EPIPUCRS; UNEB, 2006, v. 1, p. 145-160.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de et. al. O ensino secundário em Sergipe, as reformas educacionais (1931-1961) e o Instituto de Educação Rui Barbosa. In: DALLABRIDA, Noberto; SOUZA, Rosa Fátima de (Organizadores). **Entre o ginásio de elite e o colégio popular: estudos sobre o ensino secundário no Brasil (1931-1961)**. Uberlândia: EDUFU, 2014. p. 313-342.

FREITAS, Itamar. **Historiografia Sergipana**. São Cristóvão: Editora UFS, 2007.

FREITAS, Itamar. **A pedagogia histórica de Jonathas Serrano: uma teoria para o ensino de história para a escola secundária brasileira (1913-1935)**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Oviêdo Teixeira, 2008.

FREITAS, Marcos Cezar de. A historiografia de Maria Thetis Nunes e o ISEB: a historiadora diante das metáforas do tempo. In: **Revista do Mestrado em Educação da UFS**. São Cristóvão/SE. v. 9. jul./dez. 2004, p. 17-24.

GALLY, Christianne de Menezes. **Brício Cardoso no cenário de Humanidades do Atheneu Sergipense (1870-1874)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão/SE, 2004; 194 p.

GARCIA, Eduardo Conde. Discurso pronunciado por Ocasão da sua posse na Academia Sergipana de Letras, ao Assumir a Cadeira nº 2, Patroneada por Silvio Romero. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju: A Academia. nº 32, 1997, p. 179-209.

GASPARELLO, Arlete Medeiros. VILELLA, Heloisa de Oliveira Santos. Identidade em formação no século XIX brasileiro. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas/SP: Autores Associados. Nº 21, 2009. p. 39-59.

GIDI, Antonio. **Anotações para uma história da Faculdade de Direito da Bahia**. Salvador: Faculdade de Direito da UFBA, 1991.

GILFRANCISCO. **Flor em Rochedo Rubro: o poeta Enoch Santiago Filho**. Aracaju: Secretaria do Estado e da Cultura, 2005.

GINZBURG, Carlo. **A Micro-História e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOMES, Ângela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: NOVAIS, Fernando A. **História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras: 1998. (História da Vida Privada no Brasil – Vol. 4).

GOMES, Angela de Castro. Nas Malhas do Feitiço: o Historiador e os Encantos dos Arquivos Privados. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. v. 11, n. 21. 1998. p. 121-127.

GOMES, Angela de Castro. **História e Historiadores**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GONTIJO, Rebeca. O intelectual como símbolo da brasilidade: o caso Capistrano de Abreu. ABREU, Marta; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (orgs.). **Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2007. p. 309-328.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. **Pés de anjo e letreiros de neon: ginásianos na Aracaju dos anos dourados**. São Cristóvão: Editora UFS, 2002.

GUARANÁ, Armindo. **Dicionário biobibliográfico sergipano**. Rio de Janeiro: Pongetti. 1925.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro et al. (Orgs). **Faculdade de Medicina da Bahia: mais de 200 ano de pioneirismo**. Salvador: EDUFBA, 2015.

KONDER, Leandro. História dos intelectuais nos anos cinqüenta. In: FREITAS, Marcos Cézár de (Org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 355-374.

LEAL, Rita de Cássia Dias. **O Primeiro Jardim de Infância de Sergipe: contribuição ao estudo da Educação Infantil (1932-1942)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão/SE, 2004. 112 p.

LIMA, Débora Kelman de. **"O banquete espiritual da instrução" - Ginásio da Bahia, Salvador: 1895 - 1942**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador/BA, 2003. 174 p.

LIMA, Fernanda Maria Vieira de Andrade. **Contribuições de Dom Luciano José Cabral Duarte ao Ensino Superior Sergipano (1950-1968)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão/SE, 2009. 92 p.

LIMA, Jackson da Silva. **Os estudos antropológicos, etnográficos e folclóricos em Sergipe**. Aracaju: Secretaria de Educação e Cultura/ Subsecretaria de Cultura e Arte, 1984.

LIMA, Jackson da Silva. **Os estudos filosóficos em Sergipe**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1995.

LIMA, Luís Eduardo Pina. **Ideologias e Utopias na História da Educação** (o processo de criação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe – 1950/51). Monografia (Especialização em Ciências Sociais). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 1993; 129 p.

LOPES, Marcos Antônio. Pena e Espada: sobre o nascimento dos intelectuais. In: LOPES, Marcos Antônio (Org.). **Grandes Nomes da História Intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 15-24.

LOUREIRO, Kátia Afonso S.. **A trajetória urbana de Aracaju em tempo de interferir**. Aracaju, Instituto de Economia e Pesquisa – INEP, 1983.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

MACHADO, Manoel Cabral. “Discurso de Saudação ao Acadêmico DOM LUCIANO CABRAL DUARTE” pronunciado pelo letrista Manoel Cabral Machado. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju: A Academia. nº 25. 1975; p.82-108.

MANGUEIRA, Francisco Igor de Oliveira. **Colegio Tobias Barreto: escola ou quartel?** (1909-1946). Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão/SE, 2003; 151 p.

MARTINS; Ana Luiza; BARBUY; Heloisa. **Arcadas**. História da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. São Paulo: Alternativa, 1998.

MATOS, Mariângela Silva de. et. al.. Faculdade de Odontologia – Histórico. In: TOUTAIN, Lídia Maria Brandão. SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves (Organizadores). **UFBA: do século XIX ao século XXI/ Universidade Federal da Bahia**. Instituto de Ciência da Informação. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 497-510.

MELINS, Murilo. **Aracaju romântica que vi e vivi**. 4 ed. Aracaju: Unit, 2007.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol: violência e banditismo no nordeste do Brasil**. São Paulo: A Girafa Editora, 2004.

MELO, Jucá Adriano Silva. **Leituras de Maria Thetis Nunes**. Monografia (Conclusão de Curso em História). Graduação em Licenciatura em História da Universidade Tiradentes (Unit). Aracaju/SE, 2006; 55p.

MELLO, Juliana Topanotti dos Santos de. **Herdeiros da Escola: trajetórias sociais de egressos do Colégio Catarinense (1951-1960)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Florianópolis/SC, 2012; 154 p.

MENEZES, Ademir Pinto de. **José Silvério Leite Fontes**: uma contribuição à Historiografia de Sergipe. Monografia (Licenciatura em História). Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão, 1998; 82 p.

MENEZES, Rony Cleber. **O grupo do Almanaque Literário de São Paulo**: paradigmas da sociedade republicana nos tempos da *propaganda* (1876-1885). Dissertação. (Mestrado em Educação). Programa Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, 2006; 238 p.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Baú de memórias, bastidores de histórias**: o legado pioneiro de Armanda Alvaro Alberto. Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco, 2002.

MODESTO, George Fragoso. **Bacharéis, Mestres e Doutores em Direito**. 2 ed. Salvador: Faculdade de Direito da Universidade da Bahia, 1996.

MONARCHA, Carlos Roberto da Silva. Notas sobre educação na Era Getuliana. **História da Educação** (UFPel). Pelotas, v. 1, n.6, p. 57-68, 1999.

MORAIS, Gizelda. **D. Luciano José Cabral Duarte**: relato biográfico. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2008.

MORAIS, Roselusia Teresa Pereira de; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Lições de Literatura do Professor Passos Cabral na Escola Normal Rui Barbosa (1930). BERGER, Miguel André e NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do (Org.). In: **Imprensa, impressos e práticas educativas**: estudos em História da Educação. Fortaleza: Edições UFC, 2012. p. 215-230.

MUNHOZ, Fabiana Garcia. **Experiência docente no final do século XIX**: trajetórias de Professores de Primeiras Letras da 5ª Comarca da Província de São Paulo e da Província do Paraná. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2012; 215 p.

NASCIMENTO, Cecília Vieira do. **Caminhos da Docência**: trajetória de mulheres professoras em Sabará – Minas Gerais (1830 – 1904). Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação de Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: MG, 2011; 231 p.

NASCIMENTO, Gilvan Félix. **Análise historiográfica da obra Etnias Sergipanas**. Monografia (Graduação em História). Departamento de História. Universidade Federal de Sergipe. 2015. 45 p.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. **José Calasans**: a História Reconstruída. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 2004; 154 p.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Historiografia educacional sergipana: uma crítica aos estudos de História da Educação.** São Cristóvão, Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED/UFS. 2003a.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. PSD X UDN na Congregação do Atheneu: o concurso de Maria Thétis Nunes. In: **Jornal Cinform**, Aracaju/SE, v. 1081, p. 4 - 4, 29 dez. 2003b.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. A viagem de Abdias Bezerra. In: **Educação e História.** 31 de Agosto de 2010. Disponível em: <http://jorge-educahist.blogspot.com.br/2010/08/viagem-de-abdias-bezerra.html> Acesso em 22 de novembro de 2013.

NASCIMENTO, José Amado. Três Sergipanos I: Hélio Ribeiro seu apostolado e sua morte. In: **Revista de Aracajú.** Aracaju. Ano VI, n. 6, 1957. p. 209-219.

NUNES, Clarice. História da Educação Brasileira: novas abordagens de velhos objetos. In: **Teoria e Educação.** Rio de Janeiro, n. 6, 1992; p.151-182.

NUNES, Antonieta D'Aguiar. A formação universitária na Bahia desde os tempos coloniais. IN: TOUTAIN, Lídia Maria Brandão. SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves (Organizadores). **UFBA: do século XIX ao século XXI/** Universidade Federal da Bahia. Instituto de Ciência da Informação. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 21-57.

NUNES, Maria Thetis. **Ensino Secundário e Sociedade Brasileira.** 2 ed. São Cristóvão/SE: Editora UFS, 1999.

NUNES, Maria Thetis. **História da Educação em Sergipe.** 2. ed. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

OLIVA, Luiz Eduardo. **O processo de gestão de uma universidade do nordeste: o caso Sergipe.** Dissertação (Mestrado em Administração). Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria/RS. 2003. 136 p.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. **O Curso de Geografia e História da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: entre alunas, docentes e disciplinas – uma história.** Monografia (Licenciatura em História). Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão. 2008. 95 p.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. **Disciplinas, docentes e conteúdos: itinerários da História na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1962).** Dissertação (Mestrado em Educação). Núcleo de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão – SE, 2011a. 213 p.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. A Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: das aulas no Colégio Nossa Senhora de Lourdes ao cotidiano do "Prédio da Rua de Campos". In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.** Aracaju: IHGSE. v. 41, 2011b. p. 101-130.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. **A formação do professor de História na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe: entre disciplinas, docentes e conteúdos (1951-1962)**. São Cristóvão: Editora UFS. 2013.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. A Casa de Sergipe e a escrita da História da Educação Sergipana. In: Albuquerque, Samuel Barros de Medeiros; Santos, Magno Francisco de Jesus; SANTOS, Ane Luíse Silva Mecnas (Organizadores). **História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe**. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. 2014. p. 229-268.

OLIVEIRA, João Paulo Gama, ALVES, Eva Maria Siqueira. As aulas de Maria Thétis Nunes na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1956). In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA: Espaço (auto) biográfico: artes de viver, conhecer e formar. **Anais do IV Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica**. São Paulo – SP. 2010.

OLIVEIRA, Norberto de. **Maria Thétis Nunes: uma contribuição à historiografia sergipana**. Monografia (Graduação em História). Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão/SE, 1997; 44 p.

PANSERA, Tiago. **Historiografia crítica: breve estudo do pensamento marxista sobre o Brasil de 1500 a 1822**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo/RS, 2011; 126 p.

PASSOS, Elizete Silva. **Palcos e Plateias: as representações de gênero na Faculdade de Filosofia**. Salvador: UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1999.

PEREIRA GUIMARÃES, Archimedes. **Dois sertanejos baianos do século XX**. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 91 p., 1982. Disponível em: <http://www.bvanisoteixeira.ufba.br/index.html>. Acessado em 23 de outubro de 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy (Org.) **História e História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PIMENTEL, Carmen Regina de Carvalho. **Instruir e Educar: práticas de formação no Colégio Jacson de Figueiredo (1938-1980)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Sergipe. São Cristóvão/SE. 2014. 213 p.

PINA, Paula Priscila Gomes do Nascimento. **A relação entre o ensino e o uso do livro didático de Geografia**. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa/PB. 2009. 104 p.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. In: **Revista Estudos Históricos**. Vol .5, n. 10. Rio de Janeiro, 1992, p. 200-2012.

PONTE, Heloisa. **Destinos Mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo 1940-1968**. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.

PORTO, Fernando de Figueiredo. **Alguns nomes antigos do Aracaju**. 2 ed. Aracaju: Gráfica e Editora J. Andrade Ltda.. 2011. Bahia: Tipografia Naval. 1942.

RIBEIRO, Alves. **Mestres do meu tempo**. Conferência na Faculdade de Direito da Bahia.

RIBEIRO, Freire. Xácara e Palavra em louvor ao Acadêmico Silvério Leite Fontes. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju: Imprensa Oficial. nº 24. Maio de 1974. p. 19-32.

RIBEIRO, Wagner. “José Bonifácio Fortes Neto”. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju. nº 34, 2003-2005. p. 247-251.

ROCHA, Júlio César de Sá da. **Faculdade de Direito da Bahia**: processo histórico e agentes de criação da Faculdade Livre de Direito no final do século XIX. Salvador: Fundação Faculdade de Direito da Bahia, 2015.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alan François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Simone Paixão. **Com a palavra, os alunos**: associativismo discente no Grêmio Literário Clodomir Silva (1934-1956). 2015. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão – SE, 2015; 337 p.

ROIZ, Diogo da Silva (Org.). **A história intelectual**: entre instituições e letrados na historiografia brasileira. Jundiaí: Paco, 2015.

ROSA, Garcia. Rio da minha terra. In: **Revista de Aracaju**. Aracaju. Ano XIX. nº 7. 1962, s/p.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. Felte Bezerra e a historiografia sergipana. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju: IHGSE. v. 39, 2009. p. 259-272.

SALLES, João Carlos. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas: breve nota sobre o sentido de sua história. . IN: TOUTAIN, Lídia Maria Brandão. SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves (Organizadores). **UFBA**: do século XIX ao século XXI/ Universidade Federal da Bahia. Instituto de Ciência da Informação. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 343-347.

SANTANA, Antônio Samarone de et. al.. **Dicionário biográfico de médicos de Sergipe**: século XIX e XX. Aracaju: Academia Sergipana de Medicina, 2009.

SANTOS, Ana Márcia Barbosa dos. **Sob a lente do discurso**: aspectos do ensino de Retórica e Poética no Atheneu Sergipense (1874-1891). 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/ SE, 2010; 118 p.

SANTOS, Elias Souza dos. **Educação musical escolar em Sergipe**: uma análise das práticas da disciplina Canto-Orfeônico na Escola Normal de Aracaju (1934-1971). 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), 2012; 274 p.

SANTOS, Elissandra Silva. **Livraria Regina: notas sobre a aventura do livro em Aracaju (1918-1976)**. 2004. Monografia (Licenciatura em História). Departamento de História. CCHS. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE, 2004; 91 p.

SANTOS, Fábio Alves. **Olhares de Clio sobre o universo educacional: um estudo das monografias sobre educação do Departamento de História da UFS (1996-2002)**. São Cristóvão: FAP-SE, 2003.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **Ecos da Modernidade: a arquitetura dos grupos escolares sergipanos (1911-1926)**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão. 2009. 228 p.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **O prefácio dos tempos: caminhos da Romaria do Senhor dos Passos em Sergipe (Séculos XIX e XX)**. 2015. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Rio de Janeiro, 2015; 320 p.

SANTOS, Maria Nely. **Professora Thétis: uma vida**. Aracaju: Gráfica Pontual, 1999.

SANTOS, Maria Nely. A era Thetis no IHGSE. In: ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros; SANTOS, Magno Francisco de Jesus; SANTOS, Ane Luíse Silva Mecenas (Organizadores). **História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe**. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. 2014a. p. 359-366.

SANTOS, Milton. Entrevista. In: **Revista PADÊ: estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos**. UniCEUB, FACJS, Vol.2,N.1/0. p. 120-140 2010b. Disponível em: <http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/pade/article/viewFile/151/140>. Acesso em 9.9.2014b.

SANTOS, Nivalda Menezes. **O celibato pedagógico em Sergipe nas três primeiras décadas do século XX: uma análise a partir da trajetória de Leonor Teles de Menezes**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão/SE, 2006; 135 p.

SANTOS, Osmário. Bonifácio Fortes: um intelectual de peso. In: **Jornal da Cidade**, Aracaju/SE, 11 out. 1992, p. 9.

SANTOS, Osmário. Manoel Cabral Machado. In: SANTOS, Osmário. **Memória de Políticos de Sergipe do século XX**. Organização Afonso Nascimento. Aracaju: Gráfica Editora J Andrade Ltda. 2002. p. 580-585.

SANTOS, Pedrinho. **Instituições Culturais de Sergipe**. Aracaju. 1984. (s/n.t)

SETTON, Maria da Graça Jacinto. **Rotary Club: habitus, estilo de vida e sociabilidade**. São Paulo: Annablume, 2004.

SCHWARTZ, Cleonara; PERES, Eliane T.; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (Org.). **Estudos de história da alfabetização e da leitura na escola**. Vitória: Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, 2010.

SCHUELER, Alessandra Frota M.. Professores Primários como Intelectuais da cidade: um estudo sobre produção escrita e sociabilidade intelectual (Corte Imperial, 1860-1889). In: **Revista de Educação Pública**. Universidade Federal do Mato Grosso, n. 17, 2008. p. 1-7.

SIMÕES, Ricardo Torres. **Paula Ferreira**: memórias de uma família. 2014.

SILVA, Adriana Elias Magno da. **Florentino Menezes**: um Sociólogo Brasileiro, esquecido. (Dissertação). Mestrado em Sociologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). São Paulo. 1997. 167 p.

SILVA, Alberto Costa. **Depoimento sobre Herbert Parent Fortes**. gravado em 2013. Disponível em: <http://eherbertparentesfortes.blogspot.com.br/2007/06/herbert-euclides-e-nina.html>. Acesso em 9 de julho de 2014.

SILVA, Ana Karla Melo. **Felte Bezerra**: um quartel de atividades literárias. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão/SE, 2014; 112 p.

SILVA, Antenor de Andrade. **Os Salesianos e a educação na Bahia e em Sergipe – Brasil (1897-1970)**. Roma: Istituto Storico Salesiano, 2000.

SILVA, Clodomir de S.. **Album de Sergipe (1820-1920)**. 2 ed. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2012 (Coleção Biblioteca Casa de Sergipe, No prelo).

SILVA, Eugênia Andrade Vieira da. **A formação intelectual da elite sergipana (1882-1889)**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão/SE, 2004. 103 p.

SILVA, Helenice Rodrigues da. A História Intelectual. In: LOPES, Marcos Antônio (Org.). **Grandes Nomes da História Intelectual**. São Paulo: Contexto. 2003. p. 15-24.

SILVA, Jandisson Moura da. **Maria Thetis Nunes**: um olhar sobre a Revolta de Santo Amaro. 2015. Monografia (Conclusão de Curso em História). Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão/SE, 2015. 74 p.

SILVA, José Calasans Brandão da. **Aracaju e outros temas sergipanos**. 2 ed. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2013. (Coleção Biblioteca Casa de Sergipe; 14).

SILVA, Patricia de Sousa Nunes. **Antonio Garcia Filho (1941-1999), um intelectual engajado**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Diretoria de Pesquisa e Extensão, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Tiradentes (Unit). Aracaju/SE. 2012. 184 p.

SILVA, Vanessa Magalhães da. **No embalo das redes**: intelectualidade, política e sociabilidade na Bahia (1941-1950). Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador – BA: 2010. 256 p.

SIRINELLI, Jean-François. Le hasard ou la nécessité: une histoire en chantier: L'histoire des intellectuels. **Vingtième Siècle: Revue d'Histoire**. Vol. 9, n° 1. jan./maio 1986. p. 97-108.

SIRINELLI, Jean-François. **Génération intellectuell**: Khâgneux et Normaliens dans l'entre-deux-guerres. 1ª reedição. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1988.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIUX, Jean Pierre e SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. p. 259-279.

SIRINELLI, Jean-François. Ideologia, tempo e história. In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. (Orgs.). **Questões para a história do presente**. Tradução Ilka Stern Cohen. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 73-92.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. 2. ed. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269.

SIRINELLI, Jean-François. A Geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Organizadoras). 8. ed. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 167-182.

SIRINELLI, Jean-François. **Abrir a história**: novos olhares sobre o século XX francês. DUTRA, Eliana de Freitas (Coord.). Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Coleção História e Historiografia).

SOBRAL, Maria Neide. **José Augusto da Rocha Lima**: uma biografia. São Cristóvão: Editora UFS, 2010.

SOUTELO, Luis Ribeiro. Artur Fortes. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju. n° 30. 1990. p. 15-18.

SOUTO, Paulo Heimar. A Forma (ação) da Casa da Criança. In: **Gazeta de Sergipe**, Aracaju-SE, p. A-6, 16 mar. 2003a.

SOUTO, Paulo Heimar. Froebel e o "Kindergarten" sergipano. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju-SE, p. A-2, 17 maio 2003b.

SOUZA, Antônio Loureiro. **Baianos Ilustres**. 3 ed. São Paulo e Brasília: Ibrasa e INL, 1979.

SOUZA, Cristiane Vitória. **A "República das Letras" em Sergipe**: (1889-1930). 2001. Monografia (Conclusão de Curso em História). Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão, 2001. 183 p.

SOUZA, José Carvalho. **Presença Participativa da Igreja Católica n História dos 150 anos de Aracaju**. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 2006.

SOUZA, Josefa Eliana. **Nunes Mendonça um escolanovista sergipano**. São Cristóvão: Editora da UFS, 2003.

SOUZA, Josefa Eliana. **História e Memória:** Universidade Federal de Sergipe (1968-2012). São Cristóvão: Editora UFS, 2015.

SOUZA, Roberto Acízelo. **O Império da Eloquência:** retórica e poética no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro: EdUERJ: EdUFF, 1999.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX** (ensino primário e secundário no Brasil). São Paulo: Cortez: 2008. (Biblioteca básica de História da Educação Brasileira, v. 2)

SOUZA, Rosa Fátima de. **Alicerces da pátria:** História da escola primária no Estado de São Paulo (1890-1976). Campinas: Mercado das Letras, 2009.

SOUZA, Suely Cristina Silva. **Uma História da Disciplina Matemática no Atheneu Sergipense durante a ação da Reforma Francisco Campos (1938-1943).** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão/SE, 2011. 252 p.

SOUZA, Terezinha Oliva de. **Impasses do Federalismo Brasileiro:** Sergipe e a Revolta Fausto Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1985.

SOUZA, Terezinha Oliva de. **O Professor Silvério e a Pesquisa Histórica.** Aracaju, 24 de julho de 1998. (s.n.t.)

STONE, Lawrence. Prosopografia. In: **Revista Sociologia e Política.** Curitiba, v. 19, n. 39, jun. 2011. p. 115-137.

TEIXEIRA, Rodolfo dos Santos. O Caminho. . IN: TOUTIAN, Lídia Maria Brandão. SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves (Organizadores). **UFBA: do século XIX ao século XXI/** Universidade Federal da Bahia. Instituto de Ciência da Informação. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 60-92.

THOMAZ, Alice Ângela. **Os Amados intelectuais de Sergipe e suas contribuições para a educação brasileira.** 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Tiradentes (Unit). Aracaju/Se. 2012. 221 p.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história:** Foucault revoluciona a história. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Editora da UNB, 1982.

VIDAL, Diana Gonçalves. A docência como experiência coletiva: questões para debate. In: ALBEN, Angela; DINIZ, Julio; LEAL, Leiva; SANTOS, Lucíola (Orgs.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente:** didática, formação de professores e trabalho docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 711-731.

VIDAL, Valdevânia Freitas dos Santos. **O Necyadalus:** um jornal estudantil do Atheneu Sergipense (1909-1911). 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão/SE, 2009. 224 p.

VIEIRA, Carlos Eduardo. O Movimento pela Escola Nova no Paraná: trajetória e idéias educativas de Erasmo Pilotto. In: **Educar**. Curitiba: Editora da UFPR. n.18, 2001. p. 53-73.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelectuais e Educação. In: **Pensar a Educação em Revista**. Curitiba. v. 1, p. 3-21, 2015. Disponível em: <http://pensaraeducacaoemrevista.com.br/>. Acesso em 12 de junho de 2015.

VILAS-BOAS, Ester Fraga. **Origens da educação protestante em Sergipe: (1884-1913)**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Sergipe. 2001. 156 p.

VIÑAO, Antonio. "Las autobiografias, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos". In: **Teias**. Rio de Janeiro, UERJ, (1), junho de 2000. p. 82-97.

VIÑAO, Antonio. "A história das disciplinas escolares". In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Trad. Marina Fernandes Braga. nº 18, set/dez. 2008a. p. 173-214.

VIÑAO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. IN: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008b. p. 15-33.

VOLDMAN, Danièle. Definições e usos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Organizadoras). 8. ed. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 33-42.

WARDE, Mirian Jorge. O itinerário de formação de Lourenço Filho por descomparação. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Autores Associados. Jan/Jul/ 2003. Nº 5. p. 125-168.

XERRI, Eliana Gasparini; BASTOS, Maria Helena Câmara. Docência: uma tradição familiar. In: **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 2, n.2, ago./dez. 2009. p. 66-81.

FONTES

1- Textos “autobiográficos”

BEZERRA, Felte. **Notícias sobre minha vida** (anotações autobiográficas) Cópia digital no MUHSE/UFS, Aracaju. 1988.

FONTES, Silvério Leite. **Diário (1945-1946)**. (s. n. t).

FORTES, Bonifácio. **Zepelim**: contos, crônicas e reportagens. Aracaju, 1998.

MACHADO, Manoel Cabral. **Aproximações Críticas**. Aracaju: Gráfica e Editora J. Andrade, 2002.

MACHADO, Manoel Cabral. **O Aprendiz de Oboé**. Aracaju: Gráfica e Editora J. Andrade, 2005.

SILVEIRA, Joel. **Florentino Menezes**: ensaio. Aracaju: Casa Ávila. 1934.

SILVEIRA, Joel. **Na fogueira**: memórias. Rio de Janeiro: Mauad. 1998.

2- Discursos na Academia Sergipana de Letras

BEZERRA, Felte. Discurso de Posse na Academia Sergipana de Letras na Cadeira nº 2. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju, nº 16, 1952. p. 17-35.

FONTES, José Silvério Leite. Discurso de Posse na Academia Sergipana de Letras na cadeira nº 5 em 7 de Julho de 1969. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju, nº 24. Maio de 1974. p. 33-50

FORTES NETO. José Bonifácio. Discurso de Posse na Academia Sergipana de Letras na cadeira nº 28. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju, nº 28. 1981. p. 65-82.

MACHADO, Manoel Cabral Machado. Discurso de Posse na Academia Sergipana de Letras na cadeira nº 25. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju, nº 23. 1969. p. 5-32.

NUNES, Maria Thetis. Discurso de Posse na Academia Sergipana de Letras na cadeira nº 39. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju, nº 30. 1990. p. 81-94

NUNES, Maria Thetis. Discurso de Maria Thetis Nunes em agradecimento a comemoração do seu 80º aniversário. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju. nº 35. 2005. p. 233-239.

3- Discursos de Recepção na Academia Sergipana de Letras

FONTES, Silvério Leite. Discurso de saudação a José Bonifácio Fortes. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju, nº 28. 1981. p. 33-54.

MELO, Luiz Pereira de. Saudação ao Dr. M. Cabral Machado. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju: A Academia. nº 23. 1969. p. 33-62

MORENO, João Batista Perez Garcia. Saudação ao Dr. Felte Bezerra. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju: Imprensa Oficial. nº 16. 1952; p. 3-15.

RIBEIRO, Freire. Xácara e Palavra em louvor ao Acadêmico Silvério Leite Fontes. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju: Imprensa Oficial. nº 24. Maio de 1974. p. 19-32.

4- Teses defendidas para ingresso no magistério secundário localizadas no Arquivo do IHGSE

BEZERRA, Felte. **Da Terra**. Aracaju. 1938. [S. l. : s. n.] (Tese apresentada a Congregação do Atheneu Sergipense).

FONTES, José Silvério Leite. **Jackson de Figueiredo**. 1952. (Tese apresentada a Congregação da Escola Normal Ruy Barbosa).

FONTES, José Silvério Leite. **Formação do fato histórico na cultura ocidental**. 1958. (Tese apresentada a Congregação do Atheneu Sergipense).

NUNES, Maria Thétis. **Refazendo a História** – Os Árabes, sua contribuição à civilização ocidental. 1945. (Tese apresentada a Congregação do Atheneu Sergipense).

5- Escritos dos professores pesquisados que apresentam fragmentos dos seus itinerários

FORTES NETO, José Bonifácio. *Jornal O Nordeste*. Aracaju/SE. 22 de outubro de 1941, p. 3. Hemeroteca do IHGSE.

FORTES NETO, José Bonifácio. *Jornal O Nordeste*. Aracaju/SE. 22 de outubro de 1941, p. 4. Hemeroteca do IHGSE.

BEZERRA, Felte. Artur Fortes. In: **Gazeta de Sergipe**. Aracaju/SE. 1 a 4 de março. de 1981a. p. 3. Hemeroteca do IHGSE.

BEZERRA, Felte. Evocações. In: **Gazeta de Sergipe**. Aracaju/SE. 19 e 20 de Agosto de 1981b. Hemeroteca do IHGSE.

MACHADO, Manoel Cabral. Zumbi. In: **Jornal O Estudante**. Aracaju/SE. Maio de 1935, N. 1, Ano 1, p. 2. Hemeroteca do IHGSE.

MACHADO, Manoel Cabral. Cônego José da Mota Cabral (Padre Juca). In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju, nº 33. 1997a, p. 147-150.

MACHADO, Manoel Cabral. História do Avô (1) e (2). In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju, nº 33. 1997b, p. 120-127.

MACHADO, Manoel Cabral. **Brava gente sergipana e outros bravos**. UFS: Aracaju/SE, 1998b.

MACHADO, Manoel Cabral. O Homem de Mármore Róseo. In: FONTES, José Silvério Leite. **Prefácio de Ser Mundo e Esperança**. Aracaju, 2003a. p. V a XI.

MACHADO, Manoel Cabral. **Baladas de bem-querer à Bahia**. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2003b.

MACHADO, Manoel Cabral. **Capela meu chão de infância**. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2005a.

MACHADO, Manoel Cabral. **O Aprendiz de Oboé**. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade. 2005b.

NUNES, Maria Thetis. **Discurso de Inauguração do Centro Estudantil de Sergipe**. 21 de agosto de 1938. Aracaju/SE. Acervo particular da autora doado ao IHGSE (FMT. S5. CX 520. Doc. 001).

NUNES, Maria Thetis. Discurso de posse na Congregação do Atheneu Sergipense. In: **Jornal Correio de Aracaju**. 30 de julho de 1946. p. 2. Hemeroteca do IHGSE.

NUNES, Maria Thetis. Dom Mario: o Professor. In: **A Cruzada**. Aracaju/SE. 16 de Março de 1968. p. 2. Hemeroteca do IHGSE.

NUNES, Maria Thetis. Uma sergipana sob a Acrópole: In: **Gazeta de Sergipe**. Aracaju/SE. 4 de setembro de 1973. p. 2. Hemeroteca do IHGSE.

NUNES, Maria Thetis. Viena, onde a História e a Arte se confundem. In: **Gazeta de Sergipe**. Aracaju/SE. 14 de setembro de 1977. p. 3. Hemeroteca do IHGSE.

NUNES, Maria Thetis. Joaquim Sobral, o Pioneiro da Assistência ao Estudante Pobre. In: **Gazeta de Sergipe**. Aracaju/SE. 10 de outubro de 1980. p. 3. Hemeroteca do IHGSE.

NUNES, Maria Thetis. O centenário de Florentino Teles de Menezes. In: **Gazeta de Sergipe**. Aracaju/SE. 7 de novembro de 1986. p. 3. Hemeroteca do IHGSE.

NUNES, Maria Thetis. Professor Felte (1909-1900). In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju, n° 31, XXVI, 1992. p. 197-200.

6- Entrevistas

Entrevistas concedidas ao autor:

Docentes

MACHADO, Manuel Cabral. Professor da FCFS. Entrevista concedida ao autor em 30 de agosto de 2007. Aracaju/SE.

NUNES, Maria Thetis. Professora da FCFS. Entrevista concedida ao autor em 15 de agosto de 2007. Aracaju/SE.

Familiares dos docentes

BEZERRA, Suzana Resende. Filha de Felte Bezerra. Questionário respondido ao autor via e-mail em 16 de julho de 2015. Rio de Janeiro/RJ.

FONTES, Elze. Esposa de José Silvério Leite Fontes. Entrevista concedida ao autor em 13 de dezembro de 2013. Aracaju/SE.

Entrevistas concedidas a outros pesquisadores

FONTES, José Silvério Leite. Entrevista concedida a Hunald de Alencar. In: **Jornal da Cidade**. Aracaju/SE. 4 e 5 de Junho de 1972.

FONTES, José Silvério Leite. Entrevista. In: **Jornal da Manhã**. Aracaju/SE. 29 de Agosto de 1993.

FONTES, José Silvério Leite. Entrevista concedida a Ademir Menezes Pintos. In: MENEZES, Ademir Pinto de. **José Silvério Leite Fontes: uma contribuição à Historiografia de Sergipe**. 1998. Monografia (Licenciatura em História). Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão, 1998; 82 p.

FORTES NETO, José Bonifácio Fortes. Entrevista concedida a Osmário Santos. In: **Jornal da Cidade**. 11 de outubro de 1992. Aracaju.

MACHADO, Manoel Cabral Machado. Entrevista concedida ao professor Afonso Nascimento em 12 de outubro de 1997. In: **Revista Tomo**. Nº 1. São Cristóvão - SE: CIMPE, 1998a. p. 15-28.

NUNES, Maria Thetis. Entrevista concedida a Osmário Santos. **Jornal da Cidade**. Aracaju. 3 de Janeiro de 1992.

NUNES, Maria Thetis. Entrevista concedida a Adriana Evangelista Magno da Silva. In: SILVA, Adriana Elias Magno da. **Florentino Menezes: um Sociólogo Brasileiro, esquecido**. (Dissertação). Mestrado em Sociologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). São Paulo. 1997. 167 p.

NUNES, Maria Thetis. Entrevista concedida a Jucá Melo. In: MELO, Jucá Adriano Silva. **Leituras de Maria Thetis Nunes**. Monografia (Conclusão de Curso em História). Curso de História da Universidade Tiradentes (Unit). Aracaju/SE. 2006. 55p.

Entrevistas com alunos que estudaram na FCFS

BARRETO, Olga Andrade. Ex-aluna do curso de Matemática da FCFS. Entrevista concedida ao autor em 12 de fevereiro de 2007. Aracaju-SE.

DANTAS, Beatriz Góis Dantas. Ex-aluna do curso de Geografia e História da FCFS. Entrevista concedida ao autor em 3 de junho de 2010. Aracaju-SE.

DINIZ, José Alexandre Felizola. Ex-aluno do curso de Geografia e História da FCFS. Entrevista concedida ao autor em 1º de junho de 2010. Aracaju-SE.

GONÇALVES, Maria de Matos. Ex-aluna do curso de Geografia e História da FCFS. Entrevista concedida ao autor em 29 de maio de 2010. Aracaju-SE.

MACIEL, Maria de Lourdes Amaral. Ex-aluna do curso de Geografia e História da FCFS. Entrevista concedida ao autor em 19 de julho de 2010. Aracaju-SE.

MAGNO, Magnória de Nazareth Magno. Aluna do curso de Geografia e História da FCFS. Entrevista concedida ao autor em 19 de maio de 2008. Aracaju-SE.

SANTOS, Adelci Figueiredo. Ex-aluna do curso de Geografia e História da FCFS. Entrevista concedida ao autor em 10 de Junho de 2010. Aracaju-SE.

PINA, Maria Lígia Madureira Pina. Ex-aluna do curso de Geografia e História da FCFS. Entrevista concedida ao autor em 08 de Junho de 2010. Aracaju-SE.

7- Documentação do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS) – Aracaju/SE

CEMAS, Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense. Certificados de Exames de Admissão (1934-1946). Ref. 428FASS06. Cx. 107.

CEMAS, Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense. Livro de Atas da Congregação do Atheneu Sergipense (1916-1939). Ref. 496FASS01.

CEMAS, Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense. Livro de Atas da Congregação do Atheneu Sergipense (1945-1962). Ref. 120FASS01.

CEMAS, Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense. Livro de Atas de Exames do Curso Complementar (1937-1943). Ref. 106FASS01.

CEMAS, Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense. Livro de Contrato de Funcionários. (1941-1942). Ref. 329FASS09.

CEMAS, Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense. Livro de Cópias de Ofícios Expedidos. (1940). Ref. 49FASS05.

CEMAS, Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense. Termo de Abertura de Inscrição para Concurso (1913-1948). Ref. 417FASS06.

CEMAS, Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense. Livro de Matrículas. (1937-1944). Ref. 208FASS10.

CEMAS, Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense. Livro de Registro de Títulos. (1941-1947). Ref. 402FASS09.

CEMAS, Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense. Livro de Atas do Grêmio Clodomir Silva. (1944-1945). 1013FASS01.

CEMAS, Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense. Livro com o quadro de funcionários docentes, disciplinas e séries (1926-1953). 480FASS09.

CEMAS, Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense. Recortes de Jornais. (Décadas de 1930). 419FASS07.

8- Documentação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe – Arquivos do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe (CCHS/UFS) e Arquivo Central da UFS em São Cristóvão/SE

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Atas das Reuniões da Congregação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Realizadas entre 1951 e 1967. CCHS/UFS.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Cadernetas das disciplinas ministradas pelos professores que fazem parte do grupo investigado. 1951-1967. CCHS/UFS.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Regimento interno. s/d. Arquivo Central da UFS.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. Relatórios Semestrais. 1951-1967 CCHS/UFS.

FACULDADE CATÓLICA DE FILOSOFIA DE SERGIPE. – Currículos de 1951-1977. Arquivo Central da UFS.

9- Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE) – Aracaju/SE

ÁLBUM DE FORMATURA DE MARIA THÉTIS NUNES - 1945

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE. Aracaju/SE. 8 de novembro de 1938.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE. Aracaju/SE. 17 de dezembro de 1938.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE. Aracaju/SE. Decreto nº 1.555 de 7 de abril de 1937.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE. Aracaju/SE. 26 de julho de 1945.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE. Aracaju/SE. 28 de outubro de 1945.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE. Aracaju/SE. 17 março de 1946.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE. Aracaju/SE. 22 de janeiro de 1946.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE. Aracaju/SE. 9 de abril de 1949.

JORNAL A CRUZADA. Aracaju/SE. 8 de janeiro de 1947.

JORNAL A CRUZADA. Aracaju/SE. 19 de novembro de 1950.

JORNAL A CRUZADA. Aracaju/SE. 11 de março 1951.

JORNAL A CRUZADA. Aracaju/SE. 30 de setembro de 1951.

JORNAL A CRUZADA. Aracaju/SE. 1 de setembro de 1959.

JORNAL A TARDE DA BAHIA. Aracaju/SE. 14 de abril de 1945.

JORNAL A TARDE DA BAHIA. Aracaju/SE. 06 de dezembro de 1945.

JORNAL A VOZ DO ATHENEU. Aracaju/SE. 1943-1944

JORNAL A VOZ DO ESTUDANTE. Aracaju/SE. 1935.

JORNAL CORREIO DE ARACAJU. Aracaju/SE. 25 de julho de 1945.

JORNAL CORREIO DE ARACAJU. Aracaju/SE. 30 de julho de 1946.

JORNAL DA CIDADE. Aracaju/SE. 11 de outubro de 1992.

JORNAL DIÁRIO DA BAHIA. Salvador/BA. Maio de 1943.

JORNAL DIÁRIO DE SERGIPE. Aracaju/SE. 14 de janeiro de 1947.

JORNAL DIÁRIO DE SERGIPE. Aracaju/SE. 28 de setembro de 1951.

JORNAL ESTADO DA BAHIA. Salvador/BA. 11 de dezembro de 1943.

JORNAL FOLHA DA MANHÃ. Aracaju/SE. 6 de Dezembro de 1939.

JORNAL O IMPARCIAL DA BAHIA. Salvador/BA. Março de 1943.

JORNAL O NORDESTE. Aracaju/SE. 8 de julho de 1959,

JORNAL O NORDESTE. Aracaju/SE. 15 de julho de 1959.

JORNAL O NORDESTE. Aracaju/SE. 22 de julho de 1959.

JORNAL O NORDESTE. Aracaju/SE. 25 de julho de 1959.

JORNAL O NORDESTE. Aracaju/SE. 29 de julho de 1959.

JORNAL O NORDESTE. Aracaju/SE. 5 de agosto de 1959.

SERGIPE JORNAL. Aracaju/SE. 13 de junho de 1942.

10-Palácio Museu Olímpio Campos – Biblioteca Manoel Cabral Machado – Aracaju/SE

Carta de Dona Nina para Cabral Machado – 1945 – Acervo do Palácio Museu Olímpio Campos.

Fotografia de Manoel Cabral Machado – 1918

Fotografia da formatura de Cabral Machado na Faculdade de Direito da Bahia- 1942

11- Divisão de Inspeção Escolar (DIESP-SEED/SE) – Aracaju/SE

DIESP/SEED. Contrato de Felte Bezerra para a cadeira de Inglês – 1936

DIESP/SEED. Estatuto do Colégio Tobias Barreto – 1936

DIESP/SEED. Livro de Atas – 1942

DIESPP/SEED. Lista dos Professores do Tobias Barreto – 1944

DIESP/SEED. Livro de Notas de Alunos do Tobias Barreto – 1933-1941

12- Arquivo da Faculdade de Direito da Bahia – Salvador/BA

Livro de Atas da Faculdade de Direito da Bahia – 1939-1945

Livro de Registros de Históricos da Faculdade de Direito da Bahia

Pasta do aluno José Bonifácio Fortes Neto – 1945-1950

Pasta do aluno José Silvério Leite Fontes – 1942-1946

Pasta do aluno Manoel Cabral Machado – 1938-1942

Cadernetas do Curso de Direito da Faculdade de Direito da Bahia – 1938-1950

*Direito Civil – 1946

*Direito Civil – 2º Ano – 1947

* Direito Civil – 4º Ano – 1949

* Direito Internacional – 5º Ano – 1946

* Direito Judiciário Civil – 4º Ano – 1949

*Direito Judiciário Civil – 5º Ano – 1946

* Ciências das Finanças – 2º Ano

* Direito Administrativo – 5º Ano

* Direito Civil – 4

-
- * Direito Civil – 2
 - * Direito Civil – 3
 - * Direito Industrial e Legislação do Trabalho – 5
 - *Direito Comercial – 3
 - * Direito Internacional Privado – 5
 - * Direito Penal – 2
 - * Direito Penal – 3
 - * Direito Penal – 5
 - * Direito Romano – 1
 - * Economia Política – 1
 - * Ciência das Finanças – 2
 - * Direito Civil – 2
 - * Direito Constitucional – 2
 - * Direito Penal – 2
 - * Direito Romano – 1
 - * Economia Política - 1

13- Arquivo da Faculdade de Filosofia de Ciências Humanas da UFBA – Salvador/BA

Atas da Congregação da Faculdade de Filosofia da Bahia – 1941-1949

Cadernetas do curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia da Bahia – 1943

- *Antropologia
- *Geografia Física
- *Geografia Humana
- *História da Antiguidade e Medieval

Cadernetas do curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia da Bahia – 1944

- * Etnografia
- *Geografia Humana
- *História do Brasil
- *História Moderna

Cadernetas do curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia da Bahia – 1945

- *Etnografia do Brasil
- *História Contemporânea
- *História da América
- * História do Brasil

Cadernetas do curso de Didática da Faculdade de Filosofia da Bahia – 1946

- *Administração Escolar
- *Didática Geral
- *Didática Especial da Geografia e História

- *Fundamentos Biológicos da Educação
- *Fundamentos Sociológicos da Educação
- *Psicologia Educacional

Livro de Matrícula de Alunos – 1943-1960

Livro de Matrícula – 1944-1952

Livro de Matrícula do Curso de Didática – 1946-1956

Livros Termos de Colação de Grau – 1946-1964

Pasta da aluna Maria Thetis Nunes – 1943-1946

14- Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB/UFBA) – Salvador/BA

Livro Termo de Colação de Grau de Dentistas, Parteiras e Sangradores (1922-1952)

15- Biblioteca Gonçalo Muniz (FAMEB/UFBA) – Salvador/BA

FORTUNA, Cristina Maria Mascarenhas. **Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia (1925-1941)**. Salvador-Brasil. 2013-2014.

16- Acervos particulares – Aracaju/SE

Elze Fontes

Diário de Silvério Leite Fontes (1945-1946)

Fotografia de Silvério Fontes e sua irmã mais velha Celuta – 1924

Fotografia de Silvério Leite Fontes – 1925

Fotografia de Silvério Leite Fontes na época de estudante do Colégio Tobias Barreto

Fotografia da colação de grau de José Silvério Leite Fontes - Faculdade de Direita da Bahia - 1946

Livro do Curso de Doutorado I - Paris 1957

“Livro de Família” de Iracema Leite Fontes (1923-s/d)

Marinalva Fortes

Fotografia da turma de Bacharéis da Faculdade de Direito da Bahia-1950

José Bonifácio Fortes Neto. **Breve Biografia de José Bonifácio Fortes Neto**. s/d. 13 p.

Jornal da Cidade. Bonifácio Fortes: um intelectual de peso. Memória. Aracaju. 11.10.1992. p. 9

Olga Andrade Barreto

Álbum de Formatura de Licenciada em Matemática pela FCFS – 1954.

ACERVOS DE PESQUISA

- ARACAJU/SE

Academia Sergipana de Letras.

Acervo particular da família de Bonifácio Fortes.

Acervo particular de Olga Andrade Barreto.

Acervo particular da família de Silvério Leite Fontes.

Arquivo do Colégio Tobias Barreto.

Arquivo do Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora.

Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES).

Biblioteca Pública Epifânio Dória.

Biblioteca Manoel Cabral Machado – Palácio Museu Olímpio Campos

Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS).

Diretoria de Inspeção Escolar da Secretaria do Estado da Educação de Sergipe (DIESP/SEED/SE).

Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE).

- SÃO CRISTÓVÃO/SE

Arquivo da Universidade Federal de Sergipe.

Arquivo do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe (CCHS/UFS).

Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe.

Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe.

Programa de Documentação e Pesquisa Histórica do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe – PDPH/UFS.

- SALVADOR/BA

Arquivo da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia.

Arquivo da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia.

Arquivo da Faculdade de Medicina (FAMED) da Universidade Federal da Bahia.

Biblioteca Gonçalo Muniz (FAMEB/BA).

Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

SITES DE PESQUISA

www.academia.org.br

www.aracaju.se.gov.br

www.capes.gov.br

hwww.scielo.org/php/index.php

www.escriptorasbaianas.ufba.br

www.irmadulce.org.br

www.famed.ufba.br

APÊNDICES

APÊNDICE A - CAMINHOS CRUZADOS: INSTITUIÇÕES DAS QUAIS PARTICIPARAM O GRUPO DE PIONEIROS PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR EM SERGIPE (1915-1954)

Instituições	Felte Bezerra	José Bonifácio Fortes Neto	José Silvério Leite Fontes	Manoel Cabral Machado	Maria Thetis Nunes
Academia Sergipana de Letras	<p>Cadeira n° 2</p> <ul style="list-style-type: none"> - Patrono Silvio Romero seguido por Magalhães Carneiro - Posse em 1952 - Recepção feita por Garcia Moreno. 	<p>Cadeira n° 19</p> <ul style="list-style-type: none"> - Patrono José Antônio Pereira Barreto, seguida por João Pires Wynne - Posse em 1978 - Recepção feita por Silvério Leite Fontes. 	<p>Cadeira n° 5</p> <ul style="list-style-type: none"> - Patrono Ivo do Prado seguido por Dom Antonio Cabral - Posse em 1969 - Recepção feita por J. Freire Ribeiro 	<p>Cadeira n° 25</p> <ul style="list-style-type: none"> - Patrono Dias de Barros, seguido de Carvalho Neto - Posse em 1969 - Recepção feita por Luís Pereira de Melo 	<p>Cadeira n° 39</p> <ul style="list-style-type: none"> - Patrono Joaquim Martins Fontes da Silva, seguida de Zózimo Lima e Orlando Dantas - Posse em 1990 - Recepção feita por Silvério Leite Fontes
Atheneu Sergipense	<p>Professor</p> <ul style="list-style-type: none"> - Contratado de Inglês (1934-1938) - Catedrático de Geografia – Posse em 1938 <p>Diretor (1941-1942)</p>	<p>Aluno</p> <p>Curso Clássico (1943-1944)</p> <p>Realização do Exame de Suficiência para lecionar História Geral e do Brasil em 1948 obtendo o primeiro lugar.</p> <p>Professor contratado de História do Brasil (1952)</p>	<p>Aluno</p> <p>1ª série do curso complementar pré-jurídico (1940)</p> <p>Realização do Exame de Suficiência para lecionar História Geral e do Brasil em 1948.</p> <p>Professor Catedrático de História – Posse em 1958</p>	<p>Aluno</p> <p>1ª série do curso complementar pré-jurídico (1935)</p> <p>Realização do Exame de Suficiência para lecionar História Geral e do Brasil.</p> <p>Professor contratado de História Geral e do Brasil (1945-1947)</p> <p>Participação na Banca do Concurso de Maria Thetis Nunes e Manuel Ribeiro (1945)</p>	<p>Aluna</p> <p>Curso secundário</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ensino fundamental (1935-1938) - Complementar pré-jurídica (1940-194) <p>Professora</p> <ul style="list-style-type: none"> - Contratada de História do Brasil – 1941 - Catedrática de Geografia Geral – Posse em 1946 - Diretora (1951-1954)

Colégio Jackson de Figueiredo		Professor contratado de História do Brasil (1952)			
Colégio Nossa Senhora de Lourdes				Professor de Sociologia da Educação e História do Brasil (1945-1952)	
Colégio Patrocínio São José		Professor	Professor de História do Brasil (1948-1956)		Professora
Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora				Aluno (1931-1934)	
Colégio Tobias Barreto	Aluno (1915-1924) Professor 1936 – ?	Aluno (1938-1942) Professor de História do Brasil – 1947 Professor de História do Brasil (1953-1954)	Aluno (1933-1939)	Professor de História Geral e do Brasil (1948-1949)	Professora
Escola Superior de Serviço Social		Professor Noções do Direito (1954-1961) Direito do Menor (1956-1961) Membro do Conselho Técnico Administrativo	Professor Economia Social Psicologia da Criança e do Adolescente	Professor Catedrático de Sociologia Lecionou por seis anos, com início em 1954. Demitido no governo de Leandro Maciel (1955-1959) por ser deputado de oposição.	Professora
Escola Técnica do Comércio Conselheiro Orlando		Professor	Professor 1947 - 1953	Professor de Elementos da Economia História Econômica e Administrativa do Brasil (1946-1947)	

Escola Normal Rui Barbosa		Professor Contratado de História do Brasil (1948 e 1952)	Professor Catedrático de História – Posse em 1953		
Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe	Professor Geografia Humana – 1951-1952 (Curso de Geografia e História) Enologia – 1952-1959 (Curso de Geografia e História) Etnografia do Brasil – 1953-1956 (Curso de Geografia e História) Antropologia – 1959 (Curso de Geografia e História) Didática Especial da Geografia – 1959 (Curso de Didática) Membro do primeiro Conselho Técnico e Administrativo da instituição.	Professor Estética – 1953-1955 (Curso de Filosofia) Geografia Humana I – 1954-1968 (Curso de Geografia e História) Geografia Humana II – (1954-1968) (Curso de Geografia e História) Professor substituto de História do Brasil – 1954-1956 (Curso de Geografia e História) Integrante da Banca do Concurso de Habilitação da FCFS do Curso de Geografia e História (1954-1959) Membro do Conselho Técnico e Administrativo da instituição.	Professor Didática Geral - 1954-1962 (Curso de Didática) Ética – 1953 (Curso de Filosofia) História do Brasil - 1956/2-1962 (Curso de Geografia e História) Introdução aos Estudos Históricos – 1963 - (Curso de História) História Contemporânea (Curso de História) Psicologia Educacional – 1957 (Curso de Didática). Membro da Congregação da FCFS no ato da sua fundação.	Professor Sociologia da Educação - 1954-1967 (Curso de Didática) História da Filosofia - 1953 (Curso de Filosofia) Membro da Congregação da FCFS no ato da sua fundação.	Professora Geografia Física – 1951-1952 (Curso de Geografia e História) História do Brasil – 1953-1956/1 (Curso de Geografia e História) Administração Escolar – 1954 (Curso de Didática) Prática de Ensino de História – 1967 (Curso de História) Geo-História – 1967 (Curso de História) Membro da Congregação da FCFS no ato da sua fundação.
Faculdade de Ciências Econômicas de	Professor		Professor de História do Brasil	Professor da Cadeira Valor e Formação de Preços (1951-1955)	Professora de Geografia

Sergipe					Econômica
Faculdade de Direito de Sergipe		Professor - Direito Constitucional (1957-1964) - Titular de Direito Administrativo (1961-1968) *Integrante da Banca do Concurso de Habilitação (História) (1958-1968)	Professor – 1956-? Direito Internacional Público	Professor Fundador – 1951 - ? Cadeira de Direito Civil	
Ginásio da Bahia			Aluno (1936-1937)	Aluno (1941)	
Governo de Arnaldo Rollemberg Garcez (1951-1955)	Afastado das funções de professor secundário para se dedicar as pesquisas e trabalho na FCFS	Funcionário contratado.	Secretario Particular do governador	Deputado Estadual pelo Partido Social Democrático – Líder do governo	Assumiu a direção do Atheneu Sergipense.
Instituto Brasileiro de Filosofia	Diretor de cursos e conferências (1956)	Fundador	Secretário-Geral (1956)	Bibliotecário (1956)	
Instituições de ensino superior na Bahia (discente)	Escola Anexa de Odontologia na Faculdade de Medicina da Bahia (1930-1933)	Faculdade de Direito da Bahia (1945-1950)	Faculdade de Direito da Bahia (1941-1945)	Faculdade de Direito da Bahia (1938-1942)	Curso de Geografia e História (1943-1945), aluna do curso de Didática (1946) na Faculdade de Filosofia da Bahia

Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe	Sócio efetivo em 1939 Presidente da Comissão de Geografia de 1939-1941 Secretario Geral na Gestão de Garcia Moreno (1947-1951) Presidente (1951-1953)	Presidente – 1967-1969	Sócio efetivo em 1951 Vice- Presidente na gestão de Garcez Dórea (1969-1972) Presidente (15.10.1972 a 27.11.1972)	Sócio efetivo em 1945 Orador na gestão de Bonifácio Fortes (1967-1969) Orador na gestão de Garcez Dórea (1969-1972)	Sócia efetiva em 1946 2ª Secretaria gestão de Garcia Moreno (1947-1951) Presidente (1972-2003)
--	--	------------------------	---	---	--

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base nos discursos localizados nas Pastas dos acadêmicos na ASL, bem como as Revistas da instituição; documentos pessoais dos acervos das famílias de Elze Fontes e Marinalva Fortes; acervos das escolas pesquisadas; Escritos “autobiográficos” de Felte Bezerra (1988), Machado (2005b), Fontes (1923-s/d), além dos trabalhos citados nas referências.

OBS: ? Não consegui identificar o ano final da atuação como professor.

APÊNDICE B – PUBLICAÇÕES DO GRUPO DE PIONEIROS PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR SERGIPANO

Felte Bezerra		José Bonifácio Fortes Neto		José Silvério Leite Fontes		Manoel Cabral Machado		Maria Thetis Nunes	
Obra	Ano	Obra	Ano	Obra	Ano	Obra	Ano	Obra	Ano
Meu primeiro Dentinho. Trabalho de conclusão de Curso da Faculdade de Odontologia.	1933	Felisbello Freire: o homem público, o escritor e o constitucionalista	1958	Dois depoimentos	1981	Clara imortalidade	1984	A civilização árabe e sua influência na civilização ocidental. Tese do concurso a cátedra do Atheneu Sergipense.	1945
Da Terra. Tese para o concurso de catedrático do Atheneu Sergipense	1938	Os cursos jurídicos e a realidade nacional	1958	Quatro diretrizes da Historiografia Brasileira Contemporânea	1976	Academia Sergipana de Letras: posse – 1988	1988	História de Sergipe a partir de 1820	1978
Unidade Étnica. Trabalho apresentado na 5ª sessão do 1º Congresso de Brasilidade em Sergipe.	1941	O Governo Inácio Barbosa	1959	Quatro estudos	1958	Brava Gente Sergipana e outros bravos	1999	História da educação em Sergipe	1984
Rio Branco: o vulto, a obra	1945	Gumersindo Bessa e o direito público	1959	Cidades e vilas de Sergipe no século XIX – Depoimentos	1974	O aprendiz de Oboé	2005	Sergipe colonial I	1989
Investigações histórico-geográficas de Sergipe	1952	Noções de cinema	1953	Marxismos na historiografia brasileira contemporânea	2000	Baladas de bem-querer à Bahia	2003	Sergipe no processo da independência do Brasil	1973
Problemas de antropologia do estruturalismo de	1976	Sergipe: democracia de poucos	1964	A história como ciência	S/D	Aproximações Críticas	2002	Sílvia Romero e Manoel Bonfim: pioneiros de uma ideologia nacional	1976

Lévi-Strauss									
Análises antropológicas: estudo teórico	1986	Zeppelin: Contos, crônicas e reportagens	1998	Ser, mundo e esperança	2003	Elegias a Elohim	2002	Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo Histórico Ultramarino	S/D
Antropologia sociocultural	1972	Evolução da paisagem humana da cidade do Aracaju	1955	A formação do povo sergipano	1992	Poemas à Mãe de Deus	2001	Geografia, antropologia e história em José Américo	1982
África Subsaariana, ontem e hoje	1988	O poder regulamentar	1961	Darcy Ribeiro	S/D	Capela meu chão de infância	2005	Prêmio "Grandes Educadores Brasileiros" - Anísio Teixeira, democrata da educação "Manuel Luís D'Araújo, educador da Ilustração"	1984
Etnias sergipanas	1950	Dois depoimentos	1981	Jackson de Figueiredo: sentido de sua obra - Tese de concurso à cadeira de História do Brasil do curso ginásial do Instituto de Educação Rui Barbosa	1952	Páginas de Fé e de Esperança	2007	A ocupação territorial da vila de Itabaiana e a disputa entre lavradores e criadores	1976
Discurso proferido no Colégio de Sergipe, pelo paraninfo da turma de concludentes do curso ginásial, em 1942	1943	Contribuição à história política de Sergipe (1933-1958)	1960	O pensamento jurídico sergipano: o ciclo de Recife	2003	<i>A Doce Terra Mãe e o Pai... No Azul dos Céus - Paraíso Perdido e Reencontrado</i> (2007)	2007	A Universidade e as transformações da sociedade	1977

				Coluna de jornal/Livro	1985			Anais da XIV reunião do poder Legislativo e a sociedade sergipana	1995
Falas na congregação	1947			Formação do conceito de fato histórico na cultura ocidental. Tese de concurso à cadeira de História Geral para o Atheneu Sergipense	1958	Candelabros de Múltiplos Braços	2008	As Câmaras municipais e sua atuação na Capitania de Sergipe Del Rey	1995
A última aula do paraninfo aos licenciados de 1955	1955			Como compreender o ofício de historiador (tradução)	S/D			A política educacional de Pombal e sua repercussão no Brasil-colônia	1983
Problemas e perspectivas em Antropologia	1980			Cadernos da UFS - Levantamento das fontes primárias da história de Sergipe e Labatut em Sergipe	1972			Sergipe colonial II	1996
Abdias Bezerra: traços psicológicos de um educador sergipano	1947			Aspectos geohistóricos do Nordeste. In: Anais do VIII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História - A propriedade rural, v.1	1976			A Educação na Colônia: os Jesuítas	1997
A cadeira n. 2:	1952			Centenário de	1981			O Significado do 8 de	1998

Academia Sergipana de Letras				Arthur Fortes				julho na História de Sergipe	
Aspectos antropológicos do simbolismo	1986							Inventário de documentos manuscritos avulsos referentes à capitania de Sergipe existentes no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa	1979
Aspectos da formação sergipana; doutrina possibilista em geografia humana	1941							Anais da XVIII Reunião SBPH: o bicentenário do Baiano Antônio Pereira Rebouças e sua passagem pela Província de Sergipe	1998
Falas na congregação	1947							Anais da XIV Reunião da SBPH	1995
Revista de sociologia (artigo). n.º 4/outubro	1950							Ensino secundário e sociedade brasileira	1999
								Súmula da história de Sergipe	1999
								Catálogo de documentos manuscritos avulsos da capitania de Sergipe (1619-1822)	1999
								A passagem do general Labatut pela Província de Sergipe e sua importância nas lutas da independência da Bahia	1999
								Anais da XVIII Reunião SBPH - Nelson Werneck Sodré: o historiador	2000

								Sergipe Provincial I (1820/1840) (Duplicata)	2000
								José Elói Pessoa da Silva (1792 - 1841)	S/D
								Contribuição de Gilberto Freyre à Historiografia Brasileira	2000
								Anais da XVIII Reunião SBPH - O Sesquicentenário de Sílvio Romero (1851/2001)	2001
								Manoel Bonfim (1868-1932)	1996
								A presidência de Manoel da Silveira e a repercussão, em Sergipe, da Confederação do Equador	1973
								Totalidade na história, A. Revista da Unipê. v. 1, n. 3	1997
								O historiador Nelson Werneck Sodré. Revista da literatura brasileira. n. 16	1999
								Revista de Cultura. Nº 1/ janeiro.	1945
								Sergipe Provincial II (1840/1889)	2006

Fonte: Quadro elaborado pelo autor com base nos discursos localizados nas Pastas dos acadêmicos na ASL, bem como as Revistas da instituição; documentos pessoais dos acervos das famílias de Elze Fontes e Marinalva Fortes; acervos das escolas pesquisadas; Escritos “autobiográficos” de Félte Bezerra (1988), Machado (2005b), Fontes (1923-s/d); Pesquisa nas bibliotecas do IHGSE; Epifânio Dória, Manoel Cabral Machado (Palácio Museu Olímpio Campos) e da Universidade Federal de Sergipe, além dos trabalhos citados nas referências.

OBS: No quadro não estão presentes as dezenas de artigos publicados pelos cinco intelectuais analisados na imprensa e em revistas locais com a do IHGSE, entre outras.